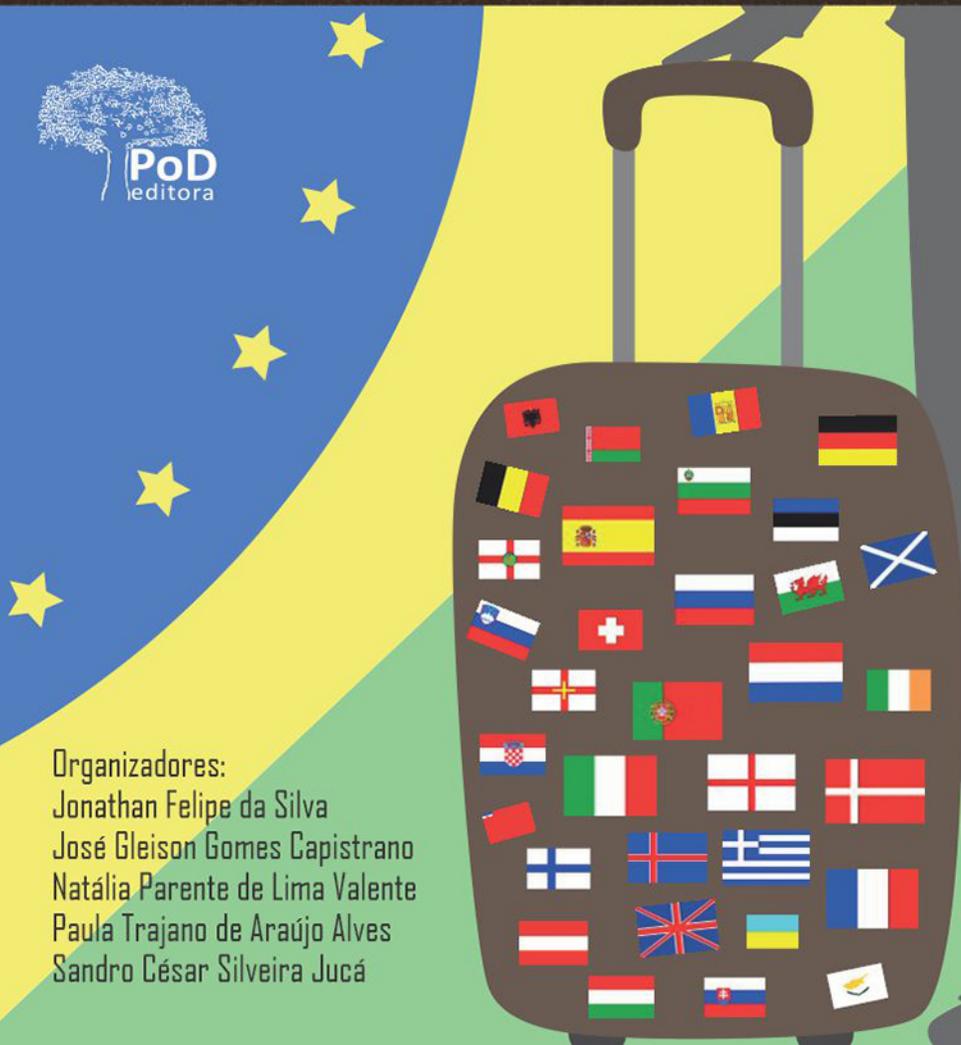


Experiências INUSITADAS de BRASILEIROS na EUROPA e EUROPEUS no BRASIL

Memórias e Aspectos Culturais

Volume 1



Organizadores:

Jonathan Felipe da Silva

José Gleison Gomes Capistrano

Natália Parente de Lima Valente

Paula Trajano de Araújo Alves

Sandro César Silveira Jucá

Experiências INUSITADAS de
BRASILEIROS na EUROPA
e EUROPEUS no BRASIL

Memórias e Aspectos Culturais

Volume 1

Organizadores:

Sandro César Silveira Jucá
José Gleison Gomes Capistrano
Jonathan Felipe da Silva
Natália Parente de Lima Valente
Paula Trajano de Araújo Alves

Experiências INUSITADAS de BRASILEIROS na EUROPA e EUROPEUS no BRASIL

Memórias e Aspectos Culturais

Volume 1



Rio de Janeiro

2022



OS AUTORES responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declaram sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Experiências inusitadas de Brasileiros na Europa e Europeus no Brasil: Memórias e Aspectos culturais

Copyright © 2022, Sandro César Silveira Jucá - Organizador
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 — Pça Tiradentes
Centro — 20060-030 — Rio de Janeiro

Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Revisão:

Pod Editora

Arte de capa:

Jonathan Felipe da Silva

Diagramação:

Pod Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E96

Experiências inusitadas de brasileiros na Europa e europeus no Brasil : memórias e aspectos culturais : vol. 1 / organização Sandro César Silveira Jucá ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2022.
352 p. : il. ; 21cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5947-112-6

1. Europa - Descrições e viagens. 2. Europa - História. 3. Brasil - Descrições e viagens. 4. Brasil - Histórias. I. Jucá, Sandro César Silveira.

22-77029

CDD: 914

CDU: 910.4(4+81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643 04/04/2022 07/04/2022

"Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua."

(Romanos 14:19)

Sobre os organizadores

Sandro César Silveira Jucá

Possui Nivelamento Universitário (Studienkolleg) na Technische Hochschule Köln - Alemanha (1996 a 1998) e Graduação em Tecnologia Mecatrônica pelo Instituto Federal do Ceará (2002). É Especialista em Automação Industrial (2003) e Licenciado em Física (2005) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre (2004) e Doutor em Engenharia Elétrica (2014) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pesquisa realizada na Universität Paderborn - Alemanha e Bolsa do programa de Doutorado Sanduíche do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Realizou também estágio de pesquisa pós-doutoral (2019) com Bolsa da Fundación Carolina na Universidad de Cádiz - Espanha, na qual é consultor da comissão de garantia de qualidade do Programa de Doutorado em Engenharia Energética e Sustentável. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa em Inovação de Recursos Didáticos, Produtos Educacionais e Tecnológicos (GREPET), membro fundador da Academia Cearense de Matemática (ACM), também do ambiente de produtos educacionais SanUSB.org e Editor-Chefe da Revista Conexões: Ciência e Tecnologia. Atualmente, é professor titular e pesquisador do IFCE, atuando como docente nos Mestrados ProfEPT (Educação Profissional e Tecnológica em rede nacional), PPGER (Mestrado Acadêmico em Energias Renováveis) e também do Doutorado Acadêmico da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) no IFCE. Pesquisa na área de Mecatrônica e Engenharia Elétrica, dentro dos seguintes temas: Energias Renováveis, Sistemas Embarcados, IoT, Robótica, Física experimental, EaD e Educação Profissional.

José Gleison Gomes Capistrano

Doutorando pelo IFCE / REDE NORDESTE DE ENSINO (RENOEN) - Doutorado em ensino. Mestre em Nutrição e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/2015). Especialista em Gestão, Controle, Avaliação, Auditoria e Regulação pela Escola de Saúde Pública (ESP/2012). Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/2012). Bacharel em Nutrição pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/2002). Licenciado Pleno no Programa Especial de Formação Pedagógica (UECE/2005). Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Inovação de Recursos Didáticos, Produtos Educacionais e Tecnológicos (GREPET) e no Grupo de Estudo e Pesquisa em Fisiologia do Exercício e Desempenho Esportivo (GEPFID) pelo Instituto Federal do Ceará. Parecerista ad hoc dos seguintes periódicos científicos: Revista Conexões (IFCE) e Revista Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento. Atualmente, professor de Área específica (Ciências) da Prefeitura Municipal de Fortaleza/CE.

Jonathan Felipe da Silva

Técnico em Edificações pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI, 2011) e graduado como Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Ceará (UFC, 2018). Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza (2021). Doutorando em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Atualmente, ocupa o cargo de Técnico de Laboratório - Edificações no Instituto Fede-

ral de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Morada Nova. Possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo, além de experiência como pesquisador das áreas de Práticas Pedagógicas no Ensino de Ciências e Matemática e aplicações de Realidade Aumentada e Realidade Virtual no Ensino.

Natália Parente de Lima Valente

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino- RENOEN/IFCE. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Inovação de Recursos Didáticos, Produtos Educacionais e Tecnológicos (GREPET). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - Campus Maracanaú.

Paula Trajano de Araújo Alves

Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino - RENOEN/IFCE. Mestre em Ensino e Formação Docente pela UNILAB/IFCE. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Graduada em Letras (Língua Vernácula) pela Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Inovação de Recursos Didáticos, Produtos Educacionais e Tecnológicos (GREPET/IFCE) e professora na rede estadual de ensino do Ceará.

Comitê Editorial

Marinilza Bruno Carvalho, UERJ – IME Doutora em Educação pela UFRJ, Mestra em Engenharia de Sistemas e Computação pela UFRJ.

Antonio Carlos Ritto, UERJ – IME Pós Doutor em História das Ciências das Técnicas e da Epistemologia da UFRJ, Doutor em Ciências Informáticas pela Pontifícia PUC-Rio.

Sérgio Sklar, UERJ – DESF Doutor em Filosofia (USP), Professor Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da UERJ.

Janáina Dória Líbano Soares, IFRJ Farmacêutica, Doutora em Ciências Biológicas.

Susana Engelhard Nogueira, IFRJ Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UERJ).

Diana Cristina Damasceno Lima Silva, Pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, PACC, UFRJ. Doutora em Letras, Mestra em Letras. Professora universitária em cursos de Graduação e Pós-graduação nas áreas de Comunicação Social e Letras.

Patricia A. S. Schettert, IFRJ, graduada em Enfermagem Obstétrica, Mestra em Sexologia e Doutora em Saúde Coletiva. Coordena o grupo de pesquisa (GIASEX) na Instituição Federal de Ensino Superior. Atual professora do IFRJ e tutora e pesquisadora com o PET: Sexualidade, educação sexual/MEC/SESU/IFRJ.)

Rachel Alexandre de Carvalho, UFRJ Pós-doutora no Depto de Entomologia do Museu Nacional em Ciências Biológicas (Zoologia) UFRJ.

Prefácio

Conhecer o mundo. Encontrar pessoas e se encontrar como pessoa. Se perceber como um ser que se faz no que é novo e no que já ficou guardado naquelas gavetas que abrimos muito de vez em quando. Vivências. Sabores. Encontros. É sobre isso que o livro “Experiências inusitadas de Brasileiros na Europa e Europeus no Brasil – Memórias e aspectos culturais” trata.

Dando continuidade à série de livros temáticos livres e gratuitos, em que foi abordado no primeiro livro, disponível gratuitamente em <https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Livro-Plataforma-Produtos-Educacionais-A5.pdf>, com capítulos curtos sobre recursos didáticos e produtos educacionais interdisciplinares e interinstitucionais, este primeiro volume surge como fruto do trabalho coletivo de diversos colaboradores de várias áreas de atuação, instituições e nacionalidades.

Em cada capítulo somos levados ao encontro de experiências fantásticas, inimagináveis, engraçadas, instrutivas, que nos comovem e que, como toda boa leitura, nos permitem viajar. Uma viagem para um destino desconhecido e desejado ou simplesmente aquela viagem para aquele destino já tão conhecido, mas apresentado em uma perspectiva tão diferente que pode até despertar o desejo de conhecê-lo novamente, agora a partir da experiência do outro.

Cada narrativa, cada memória, cada ponto de exclamação escolhido revelam a emoção de cada autor diante do inesperado. E viajar não seria isso? Buscar a emoção de cada passo, de cada parada, de cada palavra? Então, caro leitor(a), te convido a viajar aos mais diversos lugares que a emoção do outro pode nos levar.

Natália Parente de Lima Valente

Sumário

Sobre os organizadores	5
Comitê Editorial.....	8
Prefácio.....	9
Capítulo 1. Notas Introdutórias	13
Capítulo 2. Memórias entre Itália e Brasil	18
Capítulo 3. A Beleza de ser um Eterno Aprendiz de outras Culturas.....	45
Capítulo 4. A Alemanha aos Olhos de uma Criança	67
Capítulo 5. Eu, Mulher Negra, no Além Mar: em que Ponto sou Estrangeira?.....	73
Capítulo 6. O Ceará Além do Mar	87
Capítulo 7. Nossas Férias na Europa: um Rápido Aprendizado Cultural.....	105
Capítulo 8. Portugal, Qualidade de Vida	117
Capítulo 9. Quebrando um Coração Gelado	122
Capítulo 10. Intercâmbio em Dublin	127
Capítulo 11. Doutorado Sanduiche de uma Cearense na Alemanha.....	135
Capítulo 12. Do Ceará para o Mundo: Minha Primeira Viagem Internacional	144
Capítulo 13. Do Norte da Alemanha às Praias do Ceará	156

Capítulo 14. Descobrimo a Pérola do Atlântico e Resignificando o Descobrimo em mim (Jornada Afetiva)	164
Capítulo 15. Como não Planejar uma Viagem	190
Capítulo 16. Histórias de um Casal Cearense Morando na França.....	195
Capítulo 17. O Sonho de Ganhar o Mundo	199
Capítulo 18. Pela Estrada Amarela	207
Capítulo 19. Pelo Caminho de Santiago de Compostela: Desafios, Belezas e Descobertas	209
Capítulo 20. 700 Chambres: Les Riches Et Les Misérables.....	221
Capítulo 21. Alemanha – Uma Jornada em Busca de Inovações.....	236
Capítulo 22. Minha História na Europa.....	239
Capítulo 23. Jesus na Porta do Sol e Visita a Alcobaça, Portugal	241
Capítulo 24. Um Velho do Rio em Portugal: Estudos, Vinhos e um dos Invernos Mais Frios dos Últimos Cem Anos.....	246
Capítulo 25. Experiência Multicultural a Serviço da Universidade Federal do Ceará	254
Capítulo 26. De Jeri para os Lençóis Maranhenses.....	257
Capítulo 27. Semana do Dia dos Namorados em Lisboa.....	261
Capítulo 28. Um Encontro Multicultural para a Vida Toda.....	266
Capítulo 29. Lisboa para Estudar e para se (Re)Conhecer: A Experiência de uma Amazonense/Cearense em Portugal	270
Capítulo 30. Aprendendo Português de Portugal	278

Capítulo 31. Realizando Sonhos (e Perrengues).....	281
Capítulo 32. Diário de uma Estudante na Europa	285
Capítulo 33. Uma Trajetória de Imigração para a Holanda	295
Capítulo 34. Seres Humanos sem Bandeiras	299
Capítulo 35. Visitas à Holanda: Vacas, Placas e Baldeação....	305
Capítulo 36. A Falta do Cursinho de Inglês.....	313
Capítulo 37: Na Fila da Imigração.....	317
Capítulo 38. Sinônimos de Inusitado Devidamente Aplicados em Solo Europeu	320
Capítulo 39. Indo Logo Ali em Portugal.....	336
Considerações Finais.....	346
Referências.....	347

Capítulo 1. Notas Introdutórias

*Francineuma Guedes Candido
Sandro César Silveira Jucá*

Segundo o conhecimento comum ou popular, a memória é um conjunto de lembranças de momentos vividos no passado, que evocamos no presente. A memória é vista como uma propriedade que o ser humano possui de preservar as experiências vividas no passado. Mas, afinal, o que é memória? E qual sua função, para que serve a memória?

Muitos são os estudos que têm discorrido sobre o que é a memória, como ela se constrói, qual a sua relação com a história e como ela pode ser importante para a construção da identidade dos indivíduos. Para Le Goff (1990, p. 423), a memória enquanto propriedade de conservar certas informações reporta-nos a um “conjunto de funções psíquicas” que permitem ao homem atualizar informações ou impressões passadas, ou que ele entende como passadas.

Assim, a memória, como capacidade de preservar uma informação, que posteriormente poderá ser resgatada e narrada, pressupõe a existência de um acontecimento ou fato, vivenciado por um indivíduo que participou daquela situação. Para Bosi (1994),

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o

espaço de toda a consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 9).

Pollak (1992) defende que a memória é um fenômeno que se constrói social e individualmente e que esta é seletiva, pois nem tudo fica gravado ou registrado. Desse modo, a memória está sujeita ao momento em que está sendo expressa, podendo estar organizada em função de vivências pessoais e políticas de um dado momento demonstrando que “a memória é um fenômeno construído”, ou seja, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 203).

Nessa linha de pensamento, Bosi (1994, p. 54), defende que as memórias do indivíduo já não ficarão mais restritas ao seu mundo interior, mas passarão a depender da realidade interpessoal das instituições sociais a que ele pertence, isto é, a memória do indivíduo dependerá também dos seus grupos de referenciais próprios e de convívio, como família, escola, profissão.

Nesse sentido, os escritos que compõem essa obra apresentam, de forma leve e despreziosa, a experiência de pessoas que decidiram ultrapassar as fronteiras de seu país e se aventurar em terras desconhecidas. O que procuravam essas pessoas ao decidirem viajar para um país desconhecido? O que encontraram? De início, que dificuldades enfrentaram? Quais as vantagens e desvantagem de embarcar nessa experiência? Tais relatos trazem uma perspectiva detalhada desses sujeitos sobre diversas partes do mundo, além da visão que os estrangeiros possuem do Brasil, visto que há também relatos de impressões destes sobre o nosso país, unindo num mesmo texto o prazer pela escrita e pelas viagens.

O livro apresenta-se também como um grande préstimo a outros brasileiros que queiram visitar ou emigrar para tais países, uma vez que os relatos trazem informações sobre o processo de viagens, a adaptação aos novos países, as adversidades que precisaram ser superadas na tentativa de alcançar seu espaço num país desconhecido, tudo através de uma linguagem simples e com pitadas de humor, mostrando que esses percalços também renderam aprendizado e momentos memoráveis.

A idealização desta obra surgiu de forma coletiva e colaborativa. Considerando a dificuldade de encontrarmos obras sobre esse assunto específico, o livro foi pensado com a finalidade de disponibilizarmos um material gratuito que possa divulgar tais experiências reais visando facilitar a compreensão sobre o modo de vida em outros países, além de oferecer um material de entretenimento para aqueles que já conheceram ou desejam conhecer novas culturas e experiências de vida em outros contextos. Vale salientar que este trabalho está inserido no contexto da memória e da história de vida, não tendo, portanto, a pretensão de apresentar histórias de forma linear, mas de apresentar um material composto por narrativas de pessoas que passaram por variadas experiências de vida em diferentes culturas.

Nessa perspectiva, essa obra visa disponibilizar um material instrutivo e de entretenimento através de depoimentos reais de sujeitos que vivenciaram o cotidiano de outras culturas, mais especificamente, de brasileiros na Europa e de europeus no Brasil, ressaltando a importância das experiências inusitadas e choques culturais para o crescimento humano e interpessoal desses sujeitos. A opção por ouvir e ler as narrativas de sujeitos que presenciaram tais experiências resgatou memórias e histórias de vidas visando despertar o compartilhamento de conhecimentos e senti-

mentos por meio do empenho coletivo e colaborativo que culminou nessa obra.

Considera-se que tais discursos podem compor um importante subsídio sobre a história dos atores participantes da obra, além de levar-nos a refletir sobre a importância da formação pessoal e profissional oferecida por essa experiência. Por meio de relatos de suas experiências em formato de narrativas, os indivíduos trazem não somente suas vivências individuais, mas também os fenômenos sociais dos quais estes participaram. Para Bosi (1994), a história de vida é a narrativa da vida individual, expressa do modo como o próprio indivíduo a reconstrói.

Desse modo, a memória traz à tona as emoções vividas por esses sujeitos e sendo, assim, nos dá a oportunidade de conhecermos seu comportamento, suas ideias, suas experiências, pois quem relembra revela traços identitários que dialogam diretamente com sua individualidade e com as particularidades culturais da sociedade em que está inserido. E, nesse ponto, os textos, baseados nas histórias de vida, se tornam valiosos, pois é por meio dessas narrativas que se cruzam a vida individual e o contexto social desses sujeitos.

No ambiente acadêmico e escolar, os relatos desta obra poderão trazer significado a diversas aprendizagens, à medida que estes poderão ser usados em diferentes disciplinas, dada a diversidade de informações produzidas. Pode ainda significar um importante recurso pedagógico, na medida em que poderá instigar estudantes a conhecerem a história de outros países e culturas de modo diferente daquele apresentado nos livros ou documentos oficiais.

Conhecer a história, estilo de vida e cultura de outros países a partir de relatos e depoimentos de pessoas que viveram experi-

ências diversas em outras culturas pode representar um importante subsídio e referência para os mais diversos públicos leitores, pois estes poderão conhecer essas histórias, contadas pela voz dos protagonistas e seus testemunhos cheios de detalhes e peculiaridades.

Expressando suas histórias e memórias, atribuindo novos significados às suas experiências, os relatos desta obra trazem narrativas de vida, fragmentos de memória, de experiências individuais e coletivas vivenciadas por diferentes indivíduos em espaços e tempos diversos. Revelam suas experiências, permeadas de anseios, desafios, conquistas e dificuldades, pois “a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida” (BOSI, 1994, 49).

Capítulo 2. Memórias entre Itália e Brasil

Ottorino Bonvini
José Gleison Gomes Capistrano

Este registro da história de vida do Sr. Ottorino Bonvini, mais conhecido como padre Rino, nasceu de uma entrevista gentilmente cedida em 21 de janeiro de 2022, na qual ele falou um pouco sobre sua vida e sua caminhada como médico, psiquiatra, padre missionário Comboniano¹, artista, músico, entre outras vocações e chamados. Ele nasceu, na cidade de Senago, em Milão, Itália e veio para o Brasil onde se dedica ao serviço voltado a pessoas em vulnerabilidade social e/ou com distúrbios mentais, com enfoque no equilíbrio biopsicossocioespiritual². Em 2010 o padre Rino foi indicado³ e eleito cidadão planetário⁴. Esta entrevista ocorreu em meio à pandemia de covid-19 e suas inúmeras cepas, de forma remota, síncrona, como ilustrado na Figura 2.1.

¹ Daniel Comboni fundou em Verona, cidade da Itália, no dia 1 de Junho de 1867, a ordem do instituto para as missões da África. Os missionários combonianos possuem quatro dimensões: os povos, os pobres, o exterior (periferia) e uma doação por toda a vida. Disponível em: <<https://combonianos.org.br/>>.

² Movimento de Saúde Mental. Disponível em: <<http://movimentosaudefmental.org/padre-rino-bonvini/>>.

³ Disponível em: <<https://www.cearaenoticia.com.br/2010/11/hariadina-salveano-comunicacao-msmcbj.html?m=1>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.wcpc.org.br/2012/02/cidadaos-certificados-em-2010.html?m=1>>.

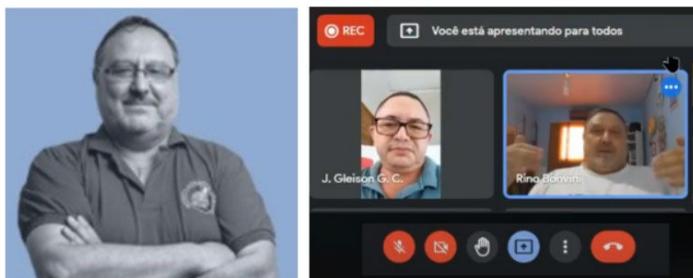


Figura 2.1: Respectivamente padre Rino e imagem da entrevista

Minhas raízes na Itália

Sobre a minha história, tem alguns pontos que eu acho que vale a pena partilhar para compreender como é que nasceu esta vocação, que é uma vocação missionária e a minha vinda para o Brasil. Em primeiro lugar, dentro desta perspectiva do ser-uir, para vir-a-ser, o melhor que podemos ser, “servir” é a palavra que de alguma forma vem me acompanhando desde criança. As minhas primeiras lembranças são de uma creche, na Itália, com irmãs. Eu vivi uma educação católica dentro de um ambiente caracterizado pela dimensão da caridade, dentro da preocupação com o próximo. Minha família tem raízes que vêm de uma experiência de convivência com as consequências da guerra.

O meu avô foi veterano da primeira guerra mundial, ficou ferido, foi condecorado. Ele contava ao redor da fogueira as aventuras da guerra, os horrores, a fome, o frio, as viúvas, os órfãos, a dor, o sofrimento de milhões de pessoas. Ele ficou prisioneiro por um tempo, depois que conseguiu voltar para casa. Enfim, tinha esta vertente de influências do meu avô e tinha a vertente de influências da minha mãe, sobre a Segunda Guerra Mundial.

A minha mãe nasceu em 1930. Durante a segunda guerra mundial, ela era uma criança e contava histórias, sobre como uma bomba caiu bem próximo da casa onde ela morava e como por

um milagre não explodiu. A bomba caiu no riacho perto da casa e quebrou todos os vidros da casa. Cenas de terror, de horror, de violência, de invasão com nazistas, a violência dos fascistas. Meu avô era socialista, então ele foi perseguido pelos fascistas, ele não tinha trabalho porque ele não assinava a carteira do partido.

Ele era veterano da primeira guerra mundial. Lembro muito bem de suas histórias sobre como era a guerra e de sua postura em relação ao bem comum. Isso, atrelado a uma vida na periferia da cidade de Milão, porque meu pai trabalhava na cidade e nós morávamos na periferia. Era um contexto peculiar, pois a cidade de Milão é uma das maiores cidades da Europa. Dentro desta cultura, eu tive o privilégio de ter acesso à vida do interior através das visitas aos meus avós.

Isso caracteriza profundamente a minha visão de mundo, a minha sensibilidade, a minha relação com o sagrado, com a espiritualidade porque a contemplação da natureza é uma coisa que sempre me alimentou. Eu passava horas observando formigas, passarinhos, pescando, nadando no rio, caçando, roubando fruta na horta dos avós (risos), buscando cogumelos, o cheiro da grama cortada, aquela neblina, a preparação da terra para semear.

Quando era criança, no inverno era muito frio com neve, gelo, formava aquelas estalactites, era muito frio e no verão era quente. Agora, nos últimos anos, o frio ficou menor, talvez pelo aquecimento global e no verão o calor ficou maior, talvez exatamente por causa do desmatamento, do aquecimento global. Também tem uma série de fenômenos que 50 anos atrás eram bem diferentes.

Um dos valores da Abordagem Sistêmica Comunitária é a ecofilia. O Papa Francisco recentemente levantou o contexto de

Ecologia integral na Carta Encíclica⁵ *Laudato si'* (Louvado Sejas), sobre o cuidado da casa comum, que é exatamente sair da perspectiva antropocêntrica, que considera a questão ecológica só a partir das necessidades do ser humano e estende essa preocupação à natureza como um todo. Um movimento da visão antropocêntrica para biocêntrica, integrando todos os seres, animais, vegetais, minerais, os recursos, em longo, médio e curto prazo, visando a auto sustentabilidade. Isto é a busca da “ecofilia”, e não só a “logia”, mas a *philia* (φιλία), “filos” é a amizade “com” a natureza, é “cuidado” para com a natureza, é prevenir que a natureza passe por um processo de extinção.

A nossa atitude deve ser exatamente de comunhão entre todos os seres, integrando todos os seres vivos. Quando se fala de sistemas, fala-se que tudo está interligado. Há a hipótese de Gaia, onde o planeta Terra seria um sistema vivo que é formado de infra sistemas, subsistemas e suas várias interações.

Eu vivi um conjunto de fatores que foram muito importantes para minha formação. O clima, o contato com a sociedade do campo, que agrega ao redor da fogueira, que agrega com o terço⁶, que agrega com os rituais, que agrega com as datas familiares. Uma família que se reunia, que tinha toda uma cultura, uma

⁵ Na encíclica “*Laudato Si'*” (“Louvado Sejas”), o Papa Francisco afirma “tudo está conectado”. Disponível em: [⁶ O terço ao qual o padre Rino refere-se aqui ao terço que consiste em um colar com cinquenta contas para rezar ave-marias e cinco para pai-nossos, uma representação do sagrado, da espiritualidade. Disponível em \[21\]\(https://www.scielo.br/j/rs/a/nLb3F5P79vv6GmwjD8zzndn/?format=pdf&lang=pt.>.”</p></div><div data-bbox=\)](https://www.oc.eco.br/a-enciclica-de-francisco-ponto-a-ponto/#:~:text=A%20mensagem%20central%20da%20enc%3%ADclica,partes%20de%20um%20mesmo%20todo.>.”</p></div><div data-bbox=)

cultura da partilha, cultura do apoio, da solidariedade, da reciprocidade.

Depois, gradualmente na vida urbanizada, isso se perdeu em parte, porque na vida urbanizada cada um tem a sua casa, depois vem a televisão, a fragmentação, pois a cultura do campo e a cultura da cidade são completamente diferentes. Isso gera um desenraizamento, gera um choque, gera uma diferença de convivência.

Escolhas alternativas

Eu cresci sempre dentro dessa perspectiva de evolução. Minha adolescência foi bem animada e um pouco transgressora. No colégio eu era uma pessoa questionadora. No ensino médio eu frequentei o colégio que possuía um certo nível social, elevado. Era um colégio público, mas considerado de boa qualidade. Neste contexto havia infelizmente uma formação fascista dos professores que achava que o acesso à universidade era apenas para pessoas de famílias ricas. “Você não vai ter condição de ir para faculdade. Você tem que pensar em uma escola técnica. Tem que pensar em trabalhar”. Havia o pensamento de que a universidade era só para ricos.

Exatamente naquela época nós questionamos isso. Eu estava no colégio nos anos setenta, pois eu sou da década de cinquenta, em 1972 estava no colégio, no ensino médio. Ocupávamos escolas, fazíamos passeatas. O objetivo era questionar o modelo retrógrado, fascista, repressor, opressor e paternalista, do patriarcado colonialista capitalista. Porque o processo era dentro desta visão de mundo e a Itália depois da segunda guerra mundial estava agregada aos Estados Unidos, então fazia parte da expansão imperialista.

Foi uma época de escolhas alternativas, de pensamentos alternativos, de leituras alternativas, de contato com pessoas que pensa-

vam diferente, inclusive artistas, poetas e músicos. Naquela época a música mudou a configuração, o rock, o blues, era revolucionário por muitos aspectos. Nós respiramos esta mudança, de quebra de paradigmas, de renovação. Isto inspirou toda a minha vida.

A sombra

Com tudo isso veio também a sombra, apareceram as drogas e infelizmente vários dos meus colegas e companheiros enveredaram por este caminho e vários morreram por causa da heroína que na Itália virou uma patologia gravíssima, com uma dependência química mortal. Eu enveredei para o caminho da natureza através do esqui. Eu estudava na semana e nos finais de semana eu ia esquiar. Havia um grupo de jovens que tinha organizado uma proposta de esporte na montanha, de esqui, de atividade física. Eu possuía a companhia de pessoas saudáveis que não usavam drogas. Passei com essa “ponte” esta fase autodestrutiva do grupo que eu pertencia, dos meus colegas e amigos de infância. Com isso eu me lancei para a experiência que foi determinante para eu me orientar na vida que foi exatamente de voluntariado nas ambulâncias, como motorista. Isso mudou a minha vida porque foi o contato com a morte, o sofrimento, com a dor, com o desespero e com aquilo que é a fase mais dolorosa da vida.

A vocação missionária

Dentro desta perspectiva de voluntariado, de *ser-vir, para vir-a-ser o melhor que eu poderia ser*, amadureceu, em primeiro lugar, a minha opção missionária, porque quando a gente percebe, quando a gente sente que é dando que se recebe, é servindo que você evolui, aí vira um “*forma mentis*” (forma mental), vira um “*modus operandi*”, vira uma atitude. Você internaliza uma

personalidade que já tem essa tendência de disponibilidade ao serviço, à partilha, à comunhão, à cooperação e solidariedade. Dentro dessa perspectiva do serviço, vem também a circularidade, vem também a cooperação, a transformação do esquema piramidal, autoritário, do “manda quem tem”, para uma corresponsabilidade para amar. É interação para uma circularidade do cuidado, inclusive dando cuidado e se abrindo para receber. Ter consciência que no círculo você sabe de muita coisa que os outros não sabem, mas você tem consciência de não saber coisas que os outros sabem. Isso também agiliza uma certa tendência à humildade, ao reconhecer a importância do outro, mesmo o outro sendo uma pessoa que têm menos oportunidades, mas que pode trazer uma palavra, uma frase, uma experiência, um conhecimento, um provérbio que de repente te ajuda a evoluir.

Missionário, médico e artista

Nesta atitude do serviço, amadureceu a vocação como missionário e como médico, porque eu fiquei muito impressionado com as habilidades da emergência, nas ações como motorista das ambulâncias, com pessoas em fim de vida ou já com parada cardíaca, então a equipe que chegava e ressuscitava pessoas, resolvia coisas graves, reduzia a dor, o sofrimento.

Eu fiquei fascinado com a medicina e a capacidade de fazer algo nesse sentido. Aí decidi que terminando o segundo grau eu ia fazer faculdade, mas eu tinha uma dúvida pois eu também sou artista, eu tocava e cantava.

Eu tinha esta vertente artística. Na cidade de Bolonha tinha uma faculdade chamada *Discipline delle Arti, della Música e*

dello Spettacolo (DAMS)⁷. Foi inspirado nela que nós fundamos aqui no Bom Jardim em Fortaleza a casa AME (Arte, Música e Espetáculo) e lá nessa faculdade trabalhava Umberto Eco⁸, famoso escritor, autor de “O nome da rosa”.

Umberto Eco era professor do DAMS, lá em Bolonha. Então tem todo aquele negócio, Bolonha, DAMS, Umberto Eco e a medicina. A medicina era aquilo que eu sentia, digamos, dentro da provocação da experiência como motorista das ambulâncias. E aí quando eu voltei para casa, fui lá em Bolonha, ver como era a faculdade, ver como era o programa, me empolguei bastante! Conversei com a minha família e eles disseram que se eu quisesse ir para Bolonha fazer “o artista” eu tinha que me virar, mas se eu quisesse fazer medicina então eles me apoiariam. E isso foi um dos determinantes que me trouxeram a escolha definitiva da Medicina.

O serviço militar

Dentro destas tomadas de decisões houve uma pausa que foi o serviço militar, por um ano. Preferi fazer logo porque a ideia era ser bombeiro, porque tinha a opção de serviço civil, como bombeiro, porque eu era motorista de ambulâncias.

Então eu fiz o pedido e tinha sido aceito do ponto de vista de todas as provas necessárias, mas quando foi o momento decisivo, pois se tivesse dado certo teria me dado a possibilidade de ficar na cidade e trabalhar um dia sim e outro daí não, e poder

⁷ Curso de Licenciatura DAMS - Disciplinas das Artes, Música e Entretenimento. Disponível em: <<https://corsi.unibo.it/laurea/DAMS>>.

⁸ Humberto Eco em 1971 tornou-se professor da Universidade de Bolonha. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/umberto_eco/>.

frequentar a faculdade regularmente (porque naquela época frequência não era obrigatório), acabaram me mandando numa tropa de choque do exército italiano, os Bersaglieri⁹! Ele é um tipo BOPE¹⁰, aqueles que vão abrindo o caminho para os outros. Eu acho que isso tinha a ver com o fato que naquela época tinha informações sobre os estudantes que estavam envolvidos com as greves.

Havia muita disciplina, autoritarismo. Passei um ano no contexto dessa loucura. O exército italiano ainda totalmente sintonizado com o fascismo, esta atitude agressiva, atitude de intervencionismo. Foi um ano de esforço para sobreviver. Mesmo assim consegui ser também motorista de ambulância e ganhei a carteira de caminhão e pude dirigir também as ambulâncias oficiais. Quando eu voltei estava exausto, psicologicamente exausto, por ter que lidar com essa experiência extremamente violenta, autoritária, difícil de conviver.

Trabalhar e estudar

Tive a ideia de alugar uma fazenda com um grupo de amigos. A ideia era trabalhar e estudar. Contudo, em um ano eu consegui fazer apenas um exame, uma prova. Eu disse “assim não dá certo”. Voltei para casa e fiz um acordo com a minha família para eles me ajudarem. Eu trabalhava e estudava, trabalhava como garçom, trabalhava como motorista, trabalhava dando aula de violão, dando aula de inglês. Enfim, me virava pra ter minhas coisas.

⁹ Os bersaglieri (atirador, artilheiro) é um corpo do exército italiano. Fonte: <https://www.italiani.it/pt/Bersaglieri/>.

¹⁰ Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro.

Comecei a trabalhar com 14 anos e quando eu terminei o ensino fundamental eu fui trabalhar no verão para ganhar o dinheiro para comprar minha primeira guitarra elétrica. A minha mãe não queria de jeito nenhum que eu fizesse parte de bandas porque ela achava que eu ia acabar tocando em uma banda de drogados (risos).

A minha família não era pobre, era uma família que tinha uma boa qualidade de vida, mas meu pai nunca esbanjou. Ele provia apenas o necessário. Quem queria mais tinha que se virar. Vendo a coisa agora do outro ponto de vista, realmente eu aprendi a me virar, em todos os sentidos! Eu fiquei muito autônomo, independente, assertivo. Porque ao ser independente poderia falar o que eu queria. Isso até hoje me acompanha, uma certa liberdade de expressão, uma tendência sempre a conquistar uma certa autonomia e independência, uma capacidade de lidar com a autoridade de uma forma mais tranquila e independente.

A minha vocação foi orientada como médico, como missionário, dentro desta perspectiva do serviço e que me levou, quando eu estava terminando a faculdade a cogitar ser médico sem fronteiras. Fazer parte dos médicos sem fronteiras era uma coisa que me chamava muito a atenção, porque seria dar continuidade à dimensão do serviço, do trabalho em situação de risco, em situação de emergência e de grande necessidade. Eu sempre me senti pronto nesse sentido.

Os combonianos

Então, “casualmente”, apareceram três noviços, missionários combonianos que estavam se preparando para ser padres. Eu estava pedindo carona pois havia perdido o trem. Eles me deram carona e começaram conversar sobre eles, sobre como é ser um

comboniano. Até então, eu tinha preconceito com pessoal da igreja católica, com os padres, porque eu tinha participado da igreja católica até a adolescência e depois por causa de um padre que era muito bitolado, muito conservador, muito quadrado, muito fora da realidade, esse povo que não têm nenhuma conexão com a vida, mas ficam só nas nuvens, só nos rituais, só na culpa, no medo do inferno... toda essa caracterização errônea do espiritual contribuiu muito para que os nossos amigos se perdessem.

Nós tínhamos uma conexão com o ambiente da igreja, com o futebol, tínhamos a oportunidade de nos encontrar, passear, estudar, brincar. Infelizmente, com este padre, que foi um representante da igreja mais conservadora, mais distante da realidade dos jovens, afastou todo mundo. Eu também me afastei. Quando eu retomei os contatos com esse povo, isso foi casualmente.

A partir deste encontro eles me falaram da igreja de uma maneira diferente! Falaram da igreja, dos missionários combonianos que trabalhavam na África, na América Latina, na Ásia e em alguns países da Europa, com esta perspectiva da opção preferencial pelos mais pobres, abandonados e excluídos, com uma união entre a fé e vida que não se limita a levar o evangelho, mas levava também a consciência do Reino de Deus que é um espaço de vida em abundância para todos, caracterizado pela justiça, pela partilha e não por desigualdade, com repressão e exclusão de milhões, privilegiando uma pequena elite.

Então, eles falavam essas coisas e eu perguntava “mas vocês são católicos mesmo?!” Eles diziam “sim, somos!” (risos). Eles me falaram que tinha uma revista comboniana chamada Nigrizia¹¹ a

¹¹ Em 1978 a revista Nigrizia destaca conexões e responsabilidades do governo italiano para com a África. Fonte: <https://www.nigrizia.it/chi-siamo>.

qual havia denunciado o Ministério da Defesa italiano, pois este estava vendendo armas na África, minas, em que as meninas, as crianças pulavam em cima e explodiam a perna, mutilando milhares. A Itália com uma mão dava ajuda e com outra dava as armas. Eu decidi não ficar mais na Itália. Eles me convidaram para participar, para visitar, e eu fui lá, curioso para saber como eram os combonianos. Não é que me empolguei! Aquilo reconectou a minha formação, a minha leitura da Bíblia, da palavra de Deus, da igreja, não como um espaço de alienação de povos, mas da igreja transformadora, revolucionária.

Época de repressões

Naquela época era tempo de ditaduras, de opressão, especialmente aqui na América Latina. Quando mataram Romero em Salvador¹² ficou toda esta dimensão da igreja libertadora que é diferente da igreja que eu conhecia até então. Comecei a me aproximar de uma possibilidade de formação. Eu sempre gostei de estudar. O Padre responsável pelo grupo me perguntou se eu já havia pensado em ser padre. Quando era criança pensei em entrar no seminário para ser padre, mas minha mãe não gostou da ideia, ela disse “esqueça isso! Primeiro você se forma, depois pode ser padre.” Entrei no seminário Florença, passei lá dois anos durante os quais tive experiências interessantes, uma no Equador com os índios Cayapas. Foi muito interessante!

¹² Entre 1980 e 1992, El Salvador viveu uma guerra civil. Em 24 de março de 1980, Arnulfo Romero foi assassinado com um disparo no coração, no momento em que oficiava a missa na capela do Hospital da Divina Providência por denunciar os abusos e a violência cometidos pelos organismos de segurança em todo o território. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/r/romero-monsenh-oroscar-arnulfo>>.

Nessa época, foi um desafio para mim ser médico e padre. A clínica é muito exigente. Então, surgiu a ideia da Psicologia. Sempre gostei de Psicologia. Na minha formação da Psicologia médica conheci o professor Massimini que estudava a cultura norte-americana dos índios norte-americanos Navajo. Então eu me empolguei com essa história indígena desde então. Os indígenas têm uma outra maneira de perceber a realidade. O hemisfério direito do cérebro é orientado para perceber o conjunto, o sistema, o todo. Já o esquerdo é o nosso lado analítico matemático, linguístico, que só percebe o detalhe, só percebe o exato, o cálculo. O fato da cultura indígena ter esta visão chamou muito a minha atenção. Eu me dei conta que eu tinha um hemisfério direito mais desenvolvido que o esquerdo. A contemplação da natureza leva a uma outra percepção.

Médico, comboniano, padre e psiquiatra

Eu fiz uma experiência nos Estados Unidos através dos combonianos que trabalharam em Cincinnati no Hospital Lewis Center, hospital psiquiátrico da cidade. Eu disse “esse é o caminho, é por aqui!”. Infelizmente, não existia ainda nenhum médico, comboniano, padre e psiquiatra. Todos os médicos padres são destinados para ficar como diretor em hospitais da África, isso era um problema.

Quando eu falei isso durante a minha formação com o superior do noviciado que era “quadrado”, “conservador”, ele disse para mim “não, não pense nessas coisas! Você já tem o seu lugar! Você vai para Uganda! você vai para um hospital que tem um padre que já é velho, ele vai morrer e você vai ter que pegar o lugar dele”, pois não é que o velho morreu mesmo! E aí me mandaram para Uganda fazer uma experiência de quase um ano.

Uma coisa muito legal dos combonianos é que não é só “teoria”, que não é só “espiritualidade”, é unir a fé com a vida! Então tem experiências práticas, essas três experiências que eu tive foram fundamentais para abrir a minha cabeça, que foi a experiência com índios Cayapas, a experiência no Hospital nos Estados Unidos na cidade de Cincinnati, porque é uma referência, e a experiência na África, em Uganda durante a guerra.

Um oásis na guerra

Nós trabalhamos no hospital que recebia feridos do povo, do exército regular e dos rebeldes. Nós éramos um oásis, um território neutro, onde todo mundo tinha acesso por uma questão de um pacto de não-agressão. Nós convivíamos com tiroteios, com rajadas de metralhadora, com bombas. Todo dia chegavam lá crianças com pernas mutiladas, militares feridos e mortos. Isso tudo dentro de uma epidemia de meningite, sarampo, de malária, inclusive de malária cerebral que havia em Uganda e que matava. Depois daquilo eu posso ir para qualquer lugar do mundo (risos). Foi aí que descobri que tinha medo de morrer. Eu achava que não tinha, mas aí eu peguei malária. Meu colega ficou doente de malária cerebral, ficou com o braço direito paralisado. Quando peguei malária, depois de dez dias de tratamento os sintomas não passavam, eu não melhorava. Administraram em mim o remédio para evitar que eu pegasse malária cerebral. Naquela noite eu achei que ia morrer. Eu achei mesmo que ia morrer naquele dia. Depois comecei a melhorar e fiquei bem.

Mantendo o foco

Quando eu voltei, eu mantive o foco da saúde mental. Através da presença de um colega, de um confrade, o padre Paulo,

uma pessoa iluminada, genial, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci, professor de teologia, professor de várias matérias, um gênio. Ele percebeu que eu estava falando algo que viria a ser, que ainda não dava nem para imaginar quarenta anos atrás, que era a questão da saúde mental no nível que é hoje. A depressão hoje chegou a ser o problema mais debilitante do mundo. Era uma coisa visionária. De fato, era uma coisa que eu não sabia bem como, nem porquê, nem como iria fazer, mas estava me movendo, estava me movimentando para chegar onde eu cheguei. É uma coisa que eu estava percebendo que era para ser. E aí aconteceu que tive o privilégio de ir para Chicago.

Estudei na Universidade de Chicago por três anos e lá foi uma experiência pedagógico-didática extraordinária, pois tive acesso a várias universidades concomitantemente. Você faz o seu plano de estudo, você pode pegar uma matéria aqui, uma matéria lá e costura o seu programa acadêmico dentro de uma orientação. Quando terminei a teologia, tive três experiências extraordinárias.

Experiências extraordinárias

Quando terminei a teologia, tive experiências extraordinárias. A primeira foi no Kovler Center (Marjorie Kovler Center | Heartland Alliance) que era o trabalho com sobreviventes de tortura. As pessoas vinham de várias regiões do mundo, da América Latina, do Afeganistão, da Camboja, da Guatemala e El Salvador. Pessoas de vários lugares do mundo que tinham passado pela experiência da tortura e que estavam se recuperando. Foi um choque grande entrar em contato com o nível de crueldade, violência e agressividade a que o ser humano pode chegar.

Depois trabalhei um ano no hospital Saint Elizabeth com os dependentes químicos e a terceira experiência foi com os imigran-

tes mexicanos. Cada experiência trouxe conhecimentos, informações, visões e a oportunidade de aprender duas línguas, o inglês e o espanhol, que foram também duas ferramentas que até hoje são importantes para minha aprendizagem e para minha capacidade de comunicação.

No seminário comboniano foi uma experiência extraordinária também, porque uma das características dos combonianos é a internacionalidade. Nós éramos mais ou menos uns vinte estudantes, éramos de quatorze nacionalidades diferentes. Imagina! Africanos, asiáticos e latino-americanos, europeus, todos juntos tentando conciliar as diferenças culturais, étnicas, os costumes. Toda semana o grupo preparava uma comida típica, então a gente conhecia comidas da Etiópia, das Filipinas, do México, que é a minha preferida até hoje. Tudo isso foi uma experiência cosmopolita, uma experiência internacional, de abertura, de preparação real para uma vida missionária.

Dentro dessa experiência, eu tive outro privilégio, porque eu tinha um formador que era muito inteligente, muito culto, o padre Guido. Quando eu falei dessa noção que estava rodeando a minha cabeça, de síntese entre padre e médico na questão da saúde mental, ele me apoiou, achou muito interessante.

O Congresso Mundial de psiquiatria no Brasil

Em 1993 houve o Congresso Mundial de psiquiatria do Rio de Janeiro¹³. A primeira vez que ocorreria no hemisfério sul. A sociedade brasileira de psiquiatria é a segunda maior do mundo, depois dos Estados Unidos. Ela é uma referência no mundo. Eu disse para os meus superiores que eu queria ir. Isso gerou uma

¹³ Disponível em: <https://www.polbr.med.br/ano14/wal1214.php>.

revolta do outro formador que era "micro crânio" (risos), ele questionou minha solicitação, dizendo "porque ele e os outros não...". Então o meu formador disse "porque ele é médico e porque ele vai fazer uma formação que serve para o futuro". Questionaram "porque ele é branco pode ir e nós que somos negros não podemos ir..." aquele negócio do racismo reverso, e não tinha nada a ver. Eu sou médico, quero fazer psiquiatria, vou participar do congresso no sul do Mundo, no Brasil.

A igreja no Brasil

Eu já vislumbrava o Brasil por causa das referências da igreja no Brasil. Eu já estava me alimentando com autores como Leonardo Boff, como o irmão dele, com o Sobrinho, Gutierrez, os teólogos da Teologia da libertação¹⁴. A igreja do Brasil era uma igreja que através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tinha contribuído muito para a produção de documentos da Igreja no Brasil e latino-americana em Medellín, Puebla, Santo Domingo, depois Aparecida, que foram documentos extraordinários em linha com o Concílio Vaticano segundo, de uma igreja Libertadora. É uma referência para o mundo. Nós tínhamos gigantes como Lorscheider, Helder Câmara, Dom Evaristo Arns, Casaldaliga, bispos que tinham uma visão da igreja que nós estamos querendo viver hoje. Então para mim era um sonho trabalhar no Brasil como missionário. Eu queria vir para cá.

¹⁴ A Teologia da Libertação é um movimento sócio-eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf>.

A Terapia comunitária

No Rio de Janeiro, no Congresso, encontrei o professor Adalberto Barreto, do projeto Quatro Varas, no Pirambu, apresentando a terapia comunitária. Eu disse “pronto! É isso aí!”. Terapia comunitária, na favela, pobres...uma terapia que não é uma tentativa de desviar a dor do sofrimento para integrarem uma coisa injusta, mas empoderar, resgatar raízes culturais, estima da cultura indígena... tudo o que a experiência do Quatro Varas realiza na terapia Comunitária. Eu me identifiquei na hora! Então fui conversar com o professor Adalberto. Ele me convidou para ir conhecer em Fortaleza. Aqui em Fortaleza, a casa onde eu moro até hoje era a casa pastoral dos missionários combonianos. Na época tinha o Padre Marcos e o padre Renato. O padre Renato tinha estudado em Chicago. Ele tinha a mente muito aberta para aquilo que eu estava falando. Ele disse “É isso mesmo! Venha! Nós precisamos! Vamos começar o trabalho! Termine os estudos e venha para cá”.

Os índios Lakota

Então eu voltei em 1993 para os Estados Unidos já com a ideia de voltar para o Brasil, seja pela questão da vibração da igreja que batia com a minha visão teológica e com a vibração dessa possibilidade de uma conexão entre saúde mental e religião. Queria traçar uma relação entre a psiquiatria e a religião. Isto depois foi o tema da minha especialização em étnopsiquiatria, psiquiatria cultural, com uma predileção para com a cultura indígena, porque inclusive nos Estados Unidos, depois eu tive a oportunidade de conhecer os índios Lakota Sioux¹⁵, através de um curso que

¹⁵ Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/87125>>.

foi uma freira Presbiteriana que tinha trabalhado na África do Sul e que durante o tempo do Apartheid foi presa, torturada e expulsa, e quando voltou para os Estados Unidos em estado pós-traumático de estresse por causa dessa experiência absurda, ela se curou através dos rituais dos índios Lakota. Então ela me convidou para visitar a aldeia. Quando eu fui lá na aldeia em que eu passei uma semana, o xamã da aldeia que me hospedou me convidou para voltar mais vezes. Eu disse “ótimo!”. Ele já tinha percebido alguma conexão, porque os Lakota têm sete rituais: o cachimbo, a busca da visão, entre outros. O sétimo ritual é a adoção de parentes. Quando eles percebem que alguém tem uma vibração que tem a ver com alguém da família, eles ficam de olho, ficam observando se a pessoa tem ou não tem essa ligação.

A pena de águia e a pedra vermelha

Quando eu voltei para a Itália, depois de ter terminado, antes de vir para o Brasil, passei um mês lá, e aí participei de outros rituais e começou esta conexão. Eu recebi objetos, uma pena de águia e uma pedrinha. Depois eu vim saber a importância que isso tinha. Na hora eu achei que era um presente, uma lembrança, um artesanato, coisa desse tipo, com o tempo eu soube a importância daquilo. A pena é como se fosse o reconhecimento da essência da pessoa e a sua ligação com a tribo. É como se você fosse chamado pelo Espírito a fazer parte daquela conexão. A pedrinha também tem um significado especial e uso até hoje nos rituais que realizamos aqui.

O meu irmão da tribo veio aqui várias vezes e o filho dele veio, meu sobrinho. Isso gerou uma ponte com os índios Pitaguary, uma conexão entre índios norte-americanos e brasileiros, uma troca de experiências, uma troca de conhecimento, sabedoria e espiritualidade. Até hoje criou-se um vínculo com o Pajé Barbo-

sa¹⁶ da tribo Pitaguary, com qual eu trabalho nessa perspectiva da etnopsiquiatria, unindo o saber acadêmico com o saber popular, o saber da cultura indígena, os rituais e conectar esse modelo com a abordagem clínica comunitária, de forma bio-psico-sócio-espiritual (Figura 2.2).



Figura 2.2 - Mitakuye Oyasin! Somos tod@s parentes

A experiência nos Estados Unidos foi fundamental, seja pela abertura teológica, pois eu tive acesso a textos e autores extraordinários. Conheci pessoalmente Paulo Freire, Leonardo Boff, Gutiérrez, teólogo que escreveu o primeiro texto da teologia da libertação peruano. Esta abertura é uma aprendizagem para o novo. Tudo isso foi extraordinário, fui abençoado em muitos aspectos.

Mitakuye Oyasin

Com a experiência dos Lakotas também veio a questão de me conectar com aquelas raízes da ecofilia. Os Lakotas têm a palavra “Mitakuye Oyasin” que significa “somos todos parentes”.

¹⁶ Disponível em: <<http://movimentosaudemental.org/tag/paje-barbosa/>>.

A visão de mundo deles é muito mais antiga que a cultura judaico-cristã. A cultura Lakota tem 12 mil anos de história. Vários elementos da cultura Lakota são muito parecidos com os rituais da cultura Cristã. Por exemplo, o cachimbo, é a eucaristia deles. No lugar de usar o vinho e o pão, eles usam a fumaça. Cachimbo é um instrumento que une os dois elementos, madeira e barro, nos dois pedaços do cachimbo.

Há uma pedra especial chamada “pipestone”, a pedra do cachimbo, uma pedra vermelha que eles dizem que é o sangue dos antepassados que desce na terra e vira pedra, uma pedra sagrada. Ela é manuseada apenas com a mão esquerda que é a mão do coração. Quando se junta os dois pedaços representa a união do masculino e feminino, o sol e a lua, os dois elementos dos opostos que quando se conectam com o elemento da espiritualidade, que é o terceiro pólo, permite uma conexão profunda na comunhão com o sagrado. É como se a fumaça entrasse no corpo para abençoá-lo e quando sai se eleva como oração para que isso agrade a Deus. E quando você está em comunhão com o sagrado aí você passa cachimbo para o seu vizinho, isso é a comunhão, a eucaristia, é o Cristo que se manifesta de uma forma diferente.

Há vários elementos que a gente fica estudando nas liturgias e vê que existe um mesmo núcleo de amor e de partilha, de sacrifício de oferenda do próprio corpo para o bem dos outros, como Cristo. Os Lakota fazem um ritual chamado “dança do sol”. Durante doze dias eles ficam quatro dias sem comer e sem beber e fazem um piercing. Oferecem um pedaço de carne para o bem comum, para cura de alguém, para a necessidade. É a atitude de Cristo que se oferece fisicamente para a redenção, para o bem comum. Ser alimento para os outros, ser energia para os outros, onde *ser-vir os outros, para vir a ser o melhor ser que você pode ser.*

Escuta e acolhimento

Então, nessa história toda, eu chego em Fortaleza com essa bagagem, uma bagagem cultural, uma bagagem teológica, uma bagagem clínica, técnica e começamos a escutar as pessoas, a acolher. Isso gerou uma certa “estranheza”, as pessoas achavam “estranho”. O pessoal estava acostumado com os padres que vem para celebrar a missa, para cuidar da paróquia. Naquela época tínhamos a área pastoral do Bom Jardim. Havia toda uma organização, uma comunidade em unidade, líderes, mas não deixava de ser o lugar de celebração de missa, de casamento, de funeral, de batizados. Nós administramos também a parte da pastoral que não era nossa especificamente, mas que era mais específica dos padres diocesanos que são formados para isso. A nossa missão era colocar a comunidade de pé, preparar e quando estivesse pronta, entregar para os diocesanos. Foram quatro anos, de 1996 a 2000, e depois nos dedicamos ao nosso objetivo específico. No meu caso, a saúde mental.

O movimento de saúde mental

Depois daqueles quatro anos, o pessoal estranhou porque eu não ia celebrar de manhã cedo na casa das freiras. Não foi fácil porque a questão da saúde mental gera uma certa desconfiança. Trabalhar com doidos... loucos... tarja preta... e tem outra coisa, era a questão do “padre psiquiatra”. Tem toda a questão da espiritualidade que está por trás da psiquiatria, porque as pessoas antes ir para o médico psiquiatra já foram na macumba, no candomblé, no terreiro, foram na casa espírita, foram na curandeira, foram na rezadeira, foram em todo canto para não admitir que tem um problema psiquiátrico. Havia toda uma rejeição desta questão.

A Abordagem Sistêmica Comunitária

Não foi fácil. Os primeiros anos foram muito difíceis. Mas o processo não era meu, estou apenas servindo um projeto, a providência divina que pensou o movimento. Eu só facilitei, eu sou um facilitador do processo. Vamos dizer que eu trouxe uma semente, mas o terreno já tinha sido preparado pelos meus confrades. Esses anos de preparação das comunidades, das lideranças era o terreno fértil. Eu plantei a semente, aí apareceram logo algumas lideranças, como por exemplo a Claudia, a Nice, a Lena, a Ritinha. Algumas pessoas inclusive se aproximaram primeiro para se cuidar porque estavam passando por dificuldades, mas depois voltaram para ser parte desse ciclo do movimento que é “acolher, escutar, cuidar, encaminhar para soluções de evolução que podem ser a clínica ou sócio-terapêutica, o trabalho, o estudo, ou a resolução de um conflito, de uma separação, de uma morte e finalmente terminado o processo de cura pode escolher voltar com uma corresponsabilidade de voltar e ajudar os outros a fazer o mesmo processo evolutivo”. Esses são os passos da Abordagem Sistêmica Comunitária que nós elaboramos teoricamente aplicando os princípios teóricos da terapia familiar ao contexto da comunidade. Ninguém havia feito isso até então. Refletindo sobre nossas ações expandimos e surgiu a Abordagem Sistêmica Comunitária.

A partir disso, a partir da escuta, nasceram os primeiros passos de solução. Sabe o que nós escutamos? Escutamos que o problema principal era a falta de autoestima, de acreditar que poderia ser melhor, diferente. Então vimos uma pobreza, uma miséria estabilizada, internalizada que bloqueava e paralisava. Uma crença que sempre foi assim e não mudaria, não adiantasse o que se fizesse, que era a vontade de Deus. Nós vimos que isso precisava ser mudado.

Trabalhando várias dimensões

Então nós começamos a trabalhar a autoestima das pessoas, o autoconhecimento, o que levou a autorrealização de milhares de pessoas. A partir disso, apareceram alguns eixos, como por exemplo, jovens que queriam estudar, mas não tinham oportunidade de ir para faculdade. Surgiu aí o pensamento de criar um “cursinho pré-vestibular”. Outro eixo que surgiu foram jovens que gostariam de trabalhar, mas não tem encaminhamento para a geração de emprego e renda. Nasceu então o “jovem aprendiz”. Uma grande parte das famílias tinham problemas de dependência química. Naquela época havia muitas crianças na rua, usando drogas como a “cola”. Muitos sinais de dependência química. Naquela época ainda não tinha craque, mas tinha a maconha, depois veio a cocaína. Como não tínhamos a condição de curar, trabalhamos na prevenção, buscando chegar antes com o projeto “Sim à Vida!”, em extensão com a Universidade Federal do Ceará.

Universidade Federal do Ceará (UFC) e projetos de extensão

Essa conexão com a universidade me lançou para a possibilidade de ser professor de Psiquiatria e foi outra experiência extraordinariamente importante para conectar a faculdade de medicina com a periferia. Os jovens em formação que vinham aqui no Bom Jardim e que tiveram a possibilidade de viver a realidade a partir do Bom Jardim (periferia da cidade), e não apenas a visão de sociedade elitizada a partir da Aldeota (bairro central da cidade de Fortaleza). Porque a maioria deles vivia dentro de uma bolha, um roteiro de vida fixo, de casa para a faculdade, shopping, igreja, aeroporto, praia. Não saíam deste círculo fechado, de uma bolha elitizada.

Ao ver a realidade daqui, muitos deles abriram a mente e viraram voluntários, inclusive do cursinho pré-vestibular. Nós tivemos aqui a Daniela, o Thiago, o Bruno, o Daniel, vários estudantes que foram voluntários do cursinho com vontade, com garra, porque entenderam o quanto era importante esta contribuição. Estudantes que cursavam uma universidade pública e que poderiam dar um retorno social para a comunidade carente da periferia. Uma contribuição de uma hora, duas aulas por semana, para ajudar outros jovens a ter esta oportunidade.

Então, resumindo, esse foi todo o começo, a minha história na Itália, a minha vida com os combonianos e nos Estados Unidos, o começo no Bom Jardim, a conexão com a cultura local, a formação das lideranças, a autopoiese comunitária, onde escutamos a comunidade e trouxemos soluções a partir da demanda. Não foi o padre Rino que veio implantar uma coisa do nada. Nós, juntos, criamos condições para que o processo autopoietico, através da comunicação intrapessoal e interpessoal e transpessoal do grupo, pudesse provocar o fenômeno chamado “sintrópico” da emergência de novas soluções. A emergência das soluções são típicas do sistema vivo em evolução.

Quando o sistema vivo entra em uma situação de caos e desordem de entropia excessiva, existe além da entropia, que é a tentativa de lidar com isso, nesta prova de força entre o caos e a nova ordem, vai surgindo “o novo”, a emergência de algo novo que de alguma forma contribui para restabelecer aquela harmonia, aquela homeostasia que é necessária para que o sistema possa continuar evoluindo. É isso que nós estamos observando há mais de 25 anos. Aqui não tinha nada que falasse de saúde mental e hoje temos um movimento de saúde mental que virou referência nacional e internacional, com prêmios e reconhecimentos. Então

surgiu o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) “comunitário” do Bom Jardim¹⁷ (Figura 2.3).



Figura 2.3 - Bloco de carnaval “Doido é tú!”, ação do CAPS comunitário do Bom Jardim

Este CAPS nasceu da comunidade do Bom Jardim e talvez seja o único nacionalmente que está com esse nome, oficial. Geralmente sempre tem nome de fulano ou de ciclano, de político, de doutor não sei o quê. O nosso é “Comunitário”, da comunidade do Bom Jardim, nasceu com a comunidade e é para a comunidade. Esse é o diferencial. Essa é a dimensão da política pública. O movimento saúde mental tem uma visão e transformação das causas que podem gerar problemas de saúde mental, não é só curar, mas também sarar e sanar os processos e fenômenos que podem favorecer o adoecimento. A abordagem biopsico-socioespiritual trabalha e transforma de acordo com um plano mais humano, a humanização do serviço, mais justo, mais solidá-

¹⁷ Fonte: <http://movimentosaudemental.org/2019/06/04/caps-comunitario-seis-anos-construindo-saude-e-cidadania-no-bom-jardim-2/>.

rio, com a opção preferencial pelos mais necessitados, pobres, abandonados e excluídos. Na imagem a seguir, tem-se um registro da visita feita no Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim (Figura 2.4).



Figura 2.4 – Respectivamente da esquerda para a direita Gleison Capistrano, Solonildo Almeida, padre Rino, Elizeu de Sousa e Sandro Jucá

Neste ponto finalizamos o momento e agradei ao sr. Ottonino Bonvini a oportunidade da entrevista. A todos que queiram conhecer mais sobre o Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim em Fortaleza, deixamos o convite para uma visita, para conhecer este local que tem transformado vidas e contribuído com uma abordagem biopsicossocioespiritual das pessoas e da comunidade em benefício da nossa sociedade.

Capítulo 3. A Beleza de ser um Eterno Aprendiz de outras Culturas

Sandro César Silveira Jucá

Durante o ensino fundamental no Colégio Redentorista, antigo colégio de padres da Irlanda do Norte, localizado antigamente no bairro Rodolfo Teófilo de Fortaleza, onde hoje funciona a Secretaria Municipal de Segurança Cidadã, que mantinha na época algumas tradições europeias e cristãs com ensinamentos inerentes dos padres Redentoristas, tomei conhecimento que minha tia Ana Mary que tinha e tem até hoje um espírito desbravador, cumpria sua missão como freira e agente comunitária de uma população carente em Guaraciaba do Norte, na Serra Grande no Ceará, estava desejando conhecer novas culturas e saiu da congregação, voltou para Fortaleza e resolveu estudar na Casa de Cultura Alemã (CCA) da UFC, que era cerca de 700 metros da casa dos seus pais, juntamente com uma amiga de infância chamada Isabel.

Em pouco tempo, cerca de dois anos depois, as duas amigas conseguiram a tão sonhada viagem para a Alemanha, através de um programa de intercâmbio apoiado pela CCA, para trabalharem como *Au pair Mädchen*, também conhecido aqui como babás. Pouco depois, fui aprovado para a Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE) em 1992.1, em um concurso muito concorrido na época de duas fases, inicialmente conhecimentos gerais e, na segunda fase, física, matemática e redação, o que foi um motivo de orgulho para o colégio, pois somente dois alunos do Redentorista conseguiram essa aprovação na época.

A partir do segundo semestre do curso técnico na ETFCE, ou seja, em 1992.2, por incentivo da minha tia Mary que estava na Alemanha, fiz seleção para a Casa de Cultura Alemã (CCA) da UFC. Na época existia reserva de vagas para universitários e, se não me engano, apenas 10% das vagas eram destinadas para pessoas que não eram universitárias, que era o meu caso, pois eu estudava o curso técnico integrado na ETFCE (Escola Técnica Federal do Ceará) na Avenida 13 de maio.

Mesmo assim, com 16 anos, fiz o teste de seleção com questões de português e conhecimentos gerais e o resultado foi dentro do esperado, fiquei no 46° (quadragésimo sexto) classificável, ou seja, fora das vagas, as quais na época eram muito concorridas por médicos, estudantes de medicina, estudantes de letras, etc.. Porém com muita fé em Deus e com curiosidade de aprender a língua, fui presencialmente para a chamada dos classificáveis na Casa de Cultura Alemã (CCA) da UFC, na esquina da Avenida da Universidade com a Avenida 13 de maio, cuja chamada dos classificáveis foi em um sábado pela manhã cedo. Parafraseando Caetano Veloso na composição de Sampa, “alguma coisa acontece em meu coração, que só quando cruzo a 13 de maio com a Avenida da Universidade”.

Neste sábado em questão e no dia anterior, do ano de 1992, caiu uma chuva torrencial em Fortaleza, daquelas que alagam tudo, guarda-chuva não protege e que os pingos d'água com vento causam dor quando batem na cabeça, e mesmo assim eu fui de ônibus na linha Campus do Pici-Unifor. Cheguei todo encharcado, com frio, e fiquei esperando minha vez, com fé, mesmo com poucas vagas disponíveis. Como choveu muito, existiam poucas pessoas corajosas, tossindo e molhadas na fila e, graças a Deus, chegou no número 46. Por isso, sempre afirmo, nunca menosprezem o dia dos classificáveis.

Então em 1992, entrei para estudar alemão concomitantemente ao curso técnico integrado de mecânica na ETFCE com o sonho e uma meta de vida de estudar graduação em Engenharia na Alemanha. A partir do semestre 1994.2, fiz um teste de seleção, juntamente com nove colegas de classe do curso técnico, para duas vagas de estágio na empresa Têxtil Bezerra de Menezes no intuito de cumprir o estágio obrigatório do curso. Fui aprovado e iniciei o estágio remunerado na área de manutenção onde tive suporte financeiro até o final do curso técnico. Graças a Deus, consegui concluir o curso técnico integrado em mecânica na ETFCE e o curso de sete semestres de língua alemã no mesmo semestre de 1995.2 sem nenhuma reprovação, mesmo estagiando seis horas por dia.

Mesmo planejando estudar engenharia de construção de máquinas (*Maschinenbau*) na Alemanha, com ajuda da minha tia Ana Mary, que visitou universidades tecnológicas (*Fachhochschule*) visando compreender os passos necessários no intuito de satisfazer a burocracia para que um rapaz estudante latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do Ceará, pudesse estudar na Alemanha naquela época, o que não era muito comum. Por esse motivo, também fiz o vestibular na UFC e fui aprovado para cursar Engenharia Mecânica, em 1996.1, sem perder o sonho de conhecer e vivenciar a cultura alemã.

Nesse contexto, é importante salientar também que na igreja Nossa Senhora das Dores ao lado da Av. Bezerra de Menezes, próximo ao Mercado São Sebastião e muito frequentada na época por nossa família e onde, muitos anos depois, em 2006, meu filho primogênito Adler Sebastian foi batizado, tendo minha tia Ana Mary como madrinha e como padrinho seu esposo alemão

Thomas Weidmann. Nessa época, era comum a presença e a amizade de padres e missionários franciscanos alemães, o que despertava em muitos fiéis a curiosidade em aprender aquela língua “forte”. Através de uma reunião com um padre alemão, querido pela comunidade, chamado Walter Schreiber, contei um pouco da minha história e tive a honra de receber uma carta de recomendação escrita a mão, a qual, para mim, valeu mais do que dinheiro. Na sequência dos fatos, explico melhor o porquê. A Foto da carta escrita a mão pelo Padre Walter Schreiber é mostrada na Figura 3.1.

Fr. Walter Schreiber

Fatalata, 31/12/1995

Lieber Pater Osmar,

der Student Sandro César Silveira Justa
wohnt in unserer Pfarre em Fatalata.
Er macht ein Deutschtest an der Fachhoch-
schule in Köln, um Maschinenbau
zu studieren.

Falls es notwendig ist, bitte ich Dich
ihm behilflich zu sein, einschließlich
einer Beratung, falls er den Test nicht
besteht hinsichtlich der Möglichkeit im
Methuen eine Vorbereitungszeit zu
absolvieren.

Vielen Dank für Deine Hilfe

Fremdliche Grüße

P. Walter Schreiber, OFM

Figura 3.1: Foto da carta de recomendação do Padre Walter Schreiber

Antes de chegar o tão sonhado dia D de viajar para estudar da Alemanha, eu precisava de um visto para estudar graduação na Alemanha e aí começou uma nova saga na época.

Para que eu pudesse estudar na Fachhochschule Köln com visto de estudante, hoje chamada de Technische Hochschule Köln, era necessário fazer anteriormente uma prova de proficiência de língua alemã na própria universidade tecnológica alemã e, para receber uma carta convite da universidade tecnológica alemã para fazer essa prova de proficiência em língua alemã, era necessário enviar anteriormente para a universidade alemã todos os documentos e históricos do ensino médio traduzidos em alemão. A Figura 3.2 mostra um dos documentos traduzido em 1995, por um tradutor juramentado de língua alemã, chamado Raimundo Benício Filho, com o carimbo pago e o aval necessário do Senhor Wichmann, antigo cônsul honorário da Alemanha em Fortaleza.

Na época, em 1995, só existia no Ceará um único (ou o mais conhecido) tradutor juramentado que era o senhor Raimundo Benício Filho, muito atencioso e simpático. Um pouco diferente do Senhor Wichmann que já era um alemão muito idoso, falava com expressão irritada, em voz alta e, após eu receber a carta convite da Universidade tecnológica alemã para fazer a prova de proficiência na Alemanha em 1996, me disse, com aparente má vontade, talvez pelo cansaço da idade avançada, que se eu quisesse tirar o visto de estudante para fazer a prova e estudar lá, que eu fosse para o Consulado em Recife. E assim eu o fiz. Saí do Ceará de ônibus pela primeira vez na vida em 1996.

Raimundo Benício Filho
TRADUTOR PÚBLICO COMPROVADO
ISRAEL BEZERRA, 1010 - APTº 302
FONE: (065) 227.0513 - FORTALEZA / CE

AMTLICHE ÜBERSETZUNG

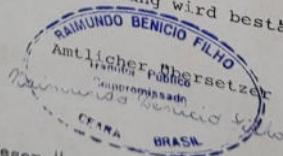
Bundesrepublik Brasilien. Ministerium für Kultur und Sport. Technische Bundesschule von Ceará (gegründet durch den Erlass Nr. 7.566 vom 23. September 1909)

BESTÄTIGUNG

Hiermit wird bestätigt, dass Sandro Cesar Silveira Jucá, Sohn von Flávio César Sales Jucá und Maria Dulce Silveira Jucá, geboren am 19. Mai 1975 in der Stadt Fortaleza, Bundesstaat Ceará, im 1. Schulsemester 1995 die VII Periode des Mechaniklehrgangs in dieser Schule abgeschlossen hat, die dem 4. Schuljahr der Sekundarstufe entspricht.

Fortaleza, den 11. Juli 1995
Unterschrift und Stempel der Koordinatorin der Schulleiterin und der Leiterin der Technischen Bundesschule von Ceará.

Die Richtigkeit dieser Übersetzung wird bestätigt



Nach Vorlage dieser Deklaration im Original wird hiermit diese offizielle Übersetzung beglaubigt.



Fortaleza, den 9.08.1995

Wichmann
Wichmann

Figura 3.2: Documentos traduzido pelo tradutor juramentado Raimundo Benício Filho com o carimbo do antigo cônsul honorário da Alemanha Wichmann

Após o recebimento da carta convite para fazer a prova de proficiência de língua alemã, eu tinha em mãos o “documento comprobatório sobre a finalidade da estadia” para solicitar o visto de estudante, conforme o item 1) do aviso do Consulado Geral da Alemanha em Recife, ilustrado na Figura 3.3.

CONSULADO GERAL
DA REPUBLICA FEDERAL DA ALEMANHA
RECIFE

Consulado Alemão
Fax: 00-55-0814242666
Tel.: (081) 424 34 88

AVISO PARA CANDIDATOS A VISTOS
DA REPUBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

Cidadãos brasileiros, que desejam visitar a República Federal da Alemanha, na qualidade de TURISTAS, podem permanecer no país por um período máximo de 90 dias (3 meses), sem necessidade de um Visto do Consulado.

Caso a estadia prevista ultrapasse esse período, ou visar outras finalidades (p.ex. estudo, curso de língua, casamento, estágio, trabalho como au-pair etc.), deve ser apresentado - antes do início da viagem - um pedido de Visto aqui no Consulado e a viagem só poderá ser realizada após a concessão do Visto.

Os documentos requeridos para o pedido do Visto variam de acordo com o objetivo da viagem, mas sempre são necessários:

- 1) documento comprobatório sobre a finalidade da estadia (p.ex. comprovante de matrícula ou declaração de vaga de uma instituição escolar alemã, comprovante de bolsa de estudo, carta-convite, contrato de trabalho, etc.);
- 2) comprovante ou demonstrativo sobre o sustento do requerente na República Federal da Alemanha;
ou seja, de quem são os custos alemães se responsável durante por meu sustento e estadia (Sustento Gástrico)
- 3) seguro de saúde, válido para o período integral da estadia na Alemanha.

O Consulado Geral se reserva o direito de solicitar documentos adicionais, caso a natureza do pedido o torne necessário.

Observação importante:

- 1) A tramitação do processo de Visto requer no mínimo 6 a 8 (seis a oito) semanas. Portanto, faça o pedido com a devida antecedência!
- 2) Não é possível, requerer o Visto após a entrada na República Federal da Alemanha.

Viajar sem o Visto acarreta uma estadia ilegal no país, que sofrerá as penalidades previstas na Lei de Estrangeiros vigente.

Figura 3.3: Aviso do Consulado Geral da Alemanha em Recife de 1996

Porém, esse “documento comprobatório sobre a finalidade da estadia” que foi a carta convite para fazer a prova de proficiência na Universidade em alemão deveria estar traduzida também para o português, como ilustrado na Figura 3.4. Nesse momento tive o prazer de conhecer o grande Professor poliglota Tito Lívio Cruz Romão, que na época, além de outras funções, era Coordenador do Núcleo de tradução da UFC e me atendeu com toda presteza e educação inerentes de agentes de transformação e seres humanos diferenciados.



Ministério da Educação e do Desporto
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
NÚCLEO DE TRADUÇÃO

1. uma foto
2. este ofício
3. a carta de aceitação da Comarca de Düsseldorf
4. o passaporte
5. o dicionário alemão monolíngüe **WAHRIG***
6. caneta (não será permitido levar papel ou livros além do dicionário).

O resultado da prova ser-lhe-á comunicado na segunda-feira, 2 de setembro de 1996. O horário, bem como outras informações, estará contido em uma folha em quatro idiomas, a ser distribuída no dia da prova. O Sr. deverá comparecer pessoalmente no dia que estiver marcado nesta folha! As aulas terão início um dia após a data supracitada, ou seja, no dia 3 de setembro de 1996.

Queira também prestar atenção às outras informações contidas na folha em quatro idiomas que será distribuída no dia da prova.

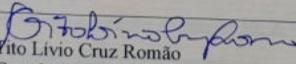
Desejamos-lhe sucesso na prova!

Cordiais saudações

assinatura

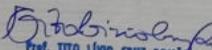
(H. Klingel, Diretor de Divisão)

Traduzido por:


Tito Lívio Cruz Romão

Coordenador do Núcleo de Tradução da UFC

Data: 01.07.96


Prof. TITO LÍVIO CRUZ ROMÃO
Subcoordenador de Intercâmbio Linguístico



* Caso o Sr. não leve nem este dicionário nem um outro, significa que terá de fazer a prova sem dicionário.

Figura 3.4: Última página da tradução em português da carta convite para a prova de proficiência em alemão na Fachhochschule Köln em 1996

Embora eu conhecesse o Professor Tito apenas em nível profissional e não em nível pessoal, eu já o admirava por ter assistido uma tradução simultânea de um palestrante alemão na CCA da

UFC ao vivo. Durante a tradução, embora o sotaque do palestrante fosse muito carregado e, por vezes, ele engolisse algumas palavras, a qualidade da tradução foi impressionante, com pausas que favoreciam a compreensão da mensagem do palestrante e com uma dicção impecável em português, o que favorecia a assimilação do assunto, tornando-o mais atrativo devido à empolgação e ao profissionalismo do Professor Tito marcantes durante toda a tradução simultânea.

Então, em 16 de julho de 1996, com 21 anos de idade, chegou o tão sonhado dia D de viagem para a Alemanha no Aeroporto Pinto Martins em um voo que acontecia uma vez por semana direto de Fortaleza para Bruxelas na Bélgica. Depois eu teria que ir de Bruxelas de trem para a cidade de Köln (Colônia) na Alemanha.

No momento do embarque aconteceu uma situação inusitada e quase impossível de acontecer hoje em dia, depois do atentado do dia 11 de setembro de 2001. Eu fui para o aeroporto com duas malas grandes e uma mochila e com muitos familiares e amigos para a despedida, típico do povo nordestino, quase uma comitiva. Entre muitos choros e abraços, o tempo foi passando, não me atentei ao horário de embarque, chamaram meu nome no aeroporto algumas vezes e ninguém ouviu, então aconteceu o inesperado. Você pode achar que esse fato não é verdade, mas acredite, aconteceu.

Depois de algum tempo com amigos e familiares, uma funcionária do aeroporto gritou perto de mim pelo meu nome, eu olhei e ela disse que o voo já estava saindo, ou seja, o avião já estava, na verdade, taxiando em movimento para decolar. Ela falou no rádio e o avião internacional de grande porte com mais de 200 pessoas parou na pista. Houve uma comunicação com a

cabine do piloto e eu sai da sala de embarque com duas malas grandes e uma mochila correndo a pé entre os aviões pela pista do aeroporto. A companhia aérea colocou uma escada na pista novamente, aproximou da porta de embarque do avião e entrei no avião com duas malas grandes e uma mochila, sem controle das malas, em um voo internacional para Bruxelas. Eu tinha que entrar naquele avião. Deus abençoou mais uma vez. Foi um voo inesquecível!

Continuando esse voo de 1996 para Bruxelas, embarcou junto comigo dentro da mala, cerca de um quilo de raízes secas de chá de pepaonha, para uma amiga brasileira que morava na Alemanha e o chá das raízes de pepaonha servia para a cura de algumas de suas enfermidades. Em 1996, não era muito claro ou muito divulgado, o que podia ou não transportar nas malas, em relação a produtos de natureza biológica, diferente de hoje que é muito divulgado e expressamente proibido. Como a minha mala foi montada praticamente por minha família, com as encomendas e presentes para amigos na Europa, eu aceitei levar tudo, sem questionar.

Como de rotina, quando cheguei no aeroporto de Bruxelas, aos 21 anos de idade, as minhas malas passaram pelas máquinas de controle e, de repente, um policial me chama no canto e pergunta “*parles-tu français?*”, ai eu disse “*hein???*”, ele repetiu “*do you speak french?*” ai eu disse “*no, german or spanish*”, ai ele falou alguma coisa em francês que eu entendi assim: “me acompanhe que eu vou chamar um caba bom pra fazer umas perguntas em alemão em relação às suas malas”. Eu gelei e segui o policial.

Quando chega outro policial com as mãos na cintura, e pede, em alemão, para eu abrir a mala. Eu procurei a chave do cadeado Pado, porque tranquei o zipper das minhas malas com o

cadeado mais caro e mais seguro na época, sem querer fazer propaganda. Quando abri a mala, lá estava o bendito saco azul grande cheio de raízes de pepaçonha e ele disse “abra esse saco”, eu abri e ele perguntou, de forma não muito gentil, algo assim “*what the hell is that?*”, escrevi em inglês porque em português é um palavrão.

Na verdade, nem eu mesmo sabia que o nome daquelas raízes era pepaçonha e nem qual o seu benefício medicinal, e na hora veio na ponta da língua “*Tee*”, ou seja, chá, o policial olhou pra mim pegou o saco, cheirou e disse “isso nao tem cheiro de chá”. Então, mesmo tímido, com a adrenalina no momento do interrogatório, foi a primeira vez na vida que eu falei alemão valendo, fora de um contexto didático ou de sala de aula com textos ensaiados, arremessando palavras sem pensar em gramática, nem concordância nominal e nem verbal, explicando que era uma remédio que curava muitas doenças e que tinha uma amiga enferma na Alemanha que precisava desse remédio urgente para se curar. Depois de muita conversa, ele pegou o saco azul, jogou no lixo e disse boa sorte na viagem!

Ao chegar na estação de trem de Bruxelas na Bélgica para ir para Colônia (Köln) na Alemanha, me encontrei nervoso pelo fato ocorrido com as raízes de pepaçonha e um pouco perdido no meio da multidão com o peso de duas malas de 32 quilos e uma mochila pesada. Vale salientar que na época praticamente ninguém tinha celular e muito menos internet móvel. A única mensagem que vinha de forma sem fio era a intuição pessoal ou mensagem divina. Ao perguntar na Informação do aeroporto o roteiro, eu teria que sair de ônibus do aeroporto até a estação de trem de Bruxelas com as malas e depois pegar um trem de Bruxelas para Colônia na Alemanha. Então me veio o pensamento, em

todo lugar da Europa existem brasileiros, então comecei a procurar algum(a) brasileiro(a) que pudesse me dar alguma sugestão.

Continuei parado no aeroporto procurando um estereótipo de algum(a) brasileiro(a), quando de mais ou menos 30 metros de distância avistei um senhor loiro alto e uma senhora de mais ou menos 1,50m, morena, rosto redondo e sorridente. E pensei, vou perguntar se aquela senhora é brasileira. Timidamente me aproximei do casal e perguntei, “com licença, vocês são brasileiros?” e então a senhora respondeu “somos sim e de Fortaleza, mínimo”, eu sorri e disse “eu também sou de Fortaleza” e continuei perguntando, ainda nervoso, vocês estão indo pra onde e ela disse “Colônia na Alemanha, a gente mora lá”. Nesse momento, eu chorei, peguei na mão dela e disse “Graças e Deus”.

Chegando em Colônia, em 1996, morei 13 dias na casa da minha tia Ana Mary, enquanto procurava uma casa de estudante próximo da universidade, foi quando me candidatei a uma vaga na casa de estudante católica *Papst-Johannes-Burse Köln*, um ambiente universitário com muitos eventos e regras, e com o valor do aluguel muito menor do que em locais residenciais. Além disso, morar nessa comunidade estimulava o aprendizado de outras línguas e culturas. Para ter direito a uma vaga de quarto nessa casa de estudante católica, era necessário se inscrever e fazer uma entrevista com o diretor da casa de estudante. Então marquei a entrevista.

Como essa casa de estudante tinha muitos eventos culturais, era extremamente recomendável ter algum dom artístico. Eu tocava violão desde os 13 anos e quando soube dessa exigência levei um violão e mais uma carta na manga, a bendita carta de recomendação do Padre Walter (Figura 2.1) para mostrar na entrevista. O Diretor da casa de estudante na época era um senhor idoso,

chamado de Herr Emonds, então ele pediu para me apresentar, falei um pouco e então eu mostrei a carta, e depois pediu que eu tocasse algo no violão e lembro que toquei a música mais complexa que eu sabia na época que era “A marcha do marinheiro”. Após a entrevista, recebi a informação que, depois de 13 dias na Europa, eu tinha sido aprovado para morar naquela comunidade católica, em um local central da cidade de Colônia. Foi uma das maiores alegrias da minha vida até aquele momento.

Então o Herr Emonds me chamou, em 1996, para apresentar minha moradia no sétimo andar (*siebte Etage*) de um bloco masculino de oito andares, pois existia um bloco feminino também separado. Ele me apresentou um quarto comum de estudante com mesa, guarda-roupa, cama e estante de 12 metros quadrados, a cozinha comunitária e o banheiro comunitário de 16 quartos de estudantes do mesmo andar. Lembro que nesse sétimo andar, tinha além de alemães, um indiano, um paquistanês, um bósnio e um americano dos Estados Unidos que queria aprender a falar alemão, algo muito raro de ver no período que estive na Alemanha. Foi uma experiência inesquecível porque meu vizinho de quarto, que era alemão, passava o dia ouvindo rock em volume alto e uma das bandas que ele ouvia com frequência e eu sempre ouvia quando passava pelo corredor era o “Led Zeppelin”, nesse vai e vem, eu aprendi a admirar a qualidade musical dessa banda e admiro até hoje. Algo também inesquecível era o cheiro da comida quando o indiano estava cozinhando, ela colocava uns temperos diferentes na comida e a “catanga” subia do fogão, dentro da cozinha e passava para os corredores. Pense numa comida fedorenta. Sempre que ele começava a cozinhar eu saía de casa. Entre os alemães, existia um deles que assumia abertamente que era xenofóbico e, por isso, um pouco agressivo com

estrangeiros e até com alemães. E outra vitória que marcou minha vida é que entre muitas festinhas, discussões e reuniões do sétimo andar, esse alemão xenofóbico assumido começou a falar comigo e me considerar como colega. Tínhamos até um bordão: “*Steh auf, wenn Ihr auf der siebte seid!*” que significava “levante se você for do sétimo andar”, isso era cantado principalmente no momento de brindar durante as festas. Ao mesmo tempo que eu estudava o nivelamento universitário na Fachhochschule Köln, eu procurava um emprego para pagar o aluguel e alimentação, pois as economias tinham acabado e minha família não tinha condições de pagar meus custos em marco alemão.

Nessa procura eu consegui um emprego em uma academia para limpar e organizar quadras de squash e de tênis. Foi nesse momento que eu também sofri a influência da Guerra da Bósnia (de 1992 a 1995), que foi marcada por muitos massacres, destruindo o país (BRASIL ESCOLA, 2020). Conto em seguida o porquê.

Em 1996, um ano após o fim da Guerra da Bósnia, a Alemanha tinha muitos refugiados de guerra e da crise econômica vivida pelo país nos anos anteriores, e um desses refugiados era o coordenador de organização e limpeza das quadras de tênis e *squash*. Como vieram outros refugiados de guerra da Bósnia, familiares do coordenador, tive que sair. Foi um período complicado, pois além de estudar na Fachhochschule Köln eu tinha que pagar aluguel e me manter durante os estudos trabalhando.

Como fiquei sem um *job* por algumas semanas e não queria incomodar meus familiares, eu fiz a dieta da maçã verde. Lembro que eu tinha cinco marcos alemães no bolso, passei em um supermercado e vi um saco de 100 maçãs verdes por 5 marcos. Eu olhei para o saco grande de maçãs e pensei “vou arriscar”. Então,

eu passei uma semana comendo praticamente só maçã verde, de manhã, à tarde e à noite. Foi um período complicado e, por isso, não gosto mais de maçã verde.

Pouco tempo depois, paralelamente ao estudo comecei a trabalhar à noite como recepcionista de um hotel chamado Panorama às margens do Rio Reno. Foi um trabalho muito agradável, pois a equipe era muito unida e aprendi bastante interagindo com turistas do mundo todo.

O diploma do nivelamento universitário (Studienkolleg) obtido na Universidade Tecnológica de Colônia (Fachhochschule Köln) na Alemanha que me habilitou como estrangeiro, ou ainda habilita como se fosse o nosso ENEM, a me candidatar em qualquer universidade tecnológica da Alemanha, é mostrado na Figura 3.5.

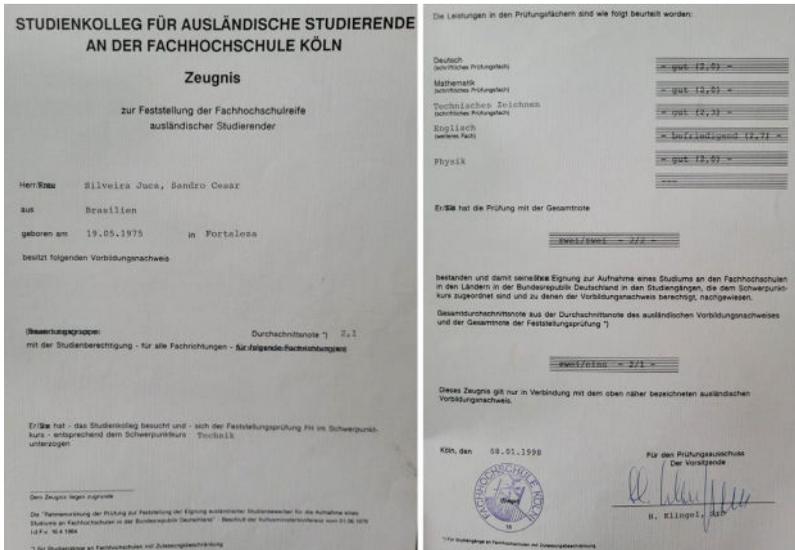


Figura 3.5: Foto do Diploma do nivelamento universitário (Studienkolleg) obtido na Universidade Tecnológica de Colônia (Fachhochschule Köln) na Alemanha

Após concluir um curso de alemão e o nivelamento universitário (*Studienkolleg*) na própria Fachhochschule Köln e ter iniciado o curso superior, decidi retornar ao Brasil em 1998, no intuito de voltar um dia para realizar pós-graduação na Alemanha. Retomei o nível de graduação na primeira turma de Tecnologia Mecatrônica no então CEFET-CE em 1999 e conclui em 2002, posteriormente, em 2005, entrei no Programa Especial de Formação Pedagógica na Universidade Estadual (UECE) e obtive o diploma de licenciado em física. Com interesse na área de automação e robótica desde o início da graduação, fiz especialização em automação industrial através de uma parceria entre SENAI e UECE, a qual foi concluída em 2003. Durante os anos de 2002 e 2004 realizei o mestrado também em Engenharia Elétrica na UFC. O mestrado foi realizado com bolsa da FUNCAP.

Já como professor efetivo do IFCE desde 2006, resolvi voltar à pesquisa *strito sensu* e cursar o Doutorado em Engenharia Elétrica, iniciando em março de 2009. Durante o período do doutorado fui aprovado, em 2010, em um processo seletivo para uma bolsa de 12 meses do DAAD (*Deutscher Akademischer Austausch Dienst*) no intuito de realizar a pesquisa de Universität Paderborn na Alemanha entre abril de 2011 e março de 2012, ou seja, 13 anos depois da minha primeira experiência na Alemanha, eu estava de volta agora como pesquisador visitante com bolsa do DAAD. Para concorrer no processo seletivo para a referida bolsa, que também fomentou a visita de meu orientador brasileiro, fiz um exame de proficiência em língua alemã, em que, na minha opinião, ter morado anteriormente na Alemanha, entre 1996 e 1998, foi decisivo para a aprovação.

A Figura 3.6 mostra uma foto do orientador brasileiro e o supervisor alemão da pesquisa de doutorado sanduíche no Labo-

ratório de Microeletrônica da Universität Paderborn, que não pode entrar poeira e é necessário vestir uma roupa de proteção e passar por uma câmara de vácuo para retirar impurezas antes de entrar.



Figura 3.6: foto do orientador brasileiro e o supervisor alemão da pesquisa de doutorado sanduíche no Laboratório de Microeletrônica da Universität Paderborn.

A bolsa também propiciou ajuda de custo para a família e eu viajei com a família e pude levar meu filho de cinco anos na época a conhecer um outro mundo. Nas férias fomos para Berlim e dentro do possível eu explicava um pouco sobre a história da cidade e do país. A figura 3.7 ilustra uma foto com meu filho e eu encostados no Muro de Berlin com um pé na antiga Alemanha Ocidental e outro pé na antiga Alemanha Oriental. Hoje em dia, essa parte do muro foi isolada e não é mais possível repetir essa posição.

Retornei da Alemanha para o Brasil em 2012, criamos a plataforma de produtos educacionais *sanusb.org* e, em 2019, após ser aprovado em um processo seletivo no programa de mobilidade de professores doutores da Fundación Carolina, com uma concorrência de mais de 3.000 candidatos para 12 vagas, realizei um estágio pós-doutoral de três meses no campus Algeciras da Universidad de Cádiz.



Figura 3.7: encostados no Muro de Berlin com um pé na antiga Alemanha Ocidental e outro pé na antiga Alemanha Oriental

Antes do retorno ao Brasil, em 2019, fui apresentar três trabalhos em um congresso internacional chamado ICREPQ em

Tenerife nas Ilhas Canárias no intuito de apresentar pesquisas desenvolvidas no estágio pós-doutoral com o grupo de pesquisa da Espanha e, novamente, aconteceu um fato inusitado. Infelizmente tem uma história que envolveu a polícia federal antibombas da Espanha. Quando fui para esse congresso, nas Ilhas Canárias, eu vinha do sul da Espanha fazendo conexão em Madri e, em Madri, eu teria que pegar um ônibus pra sair de um local do aeroporto, que é muito grande, para outro lado do aeroporto, para pegar outro voo para as Ilhas Canárias. Dentro do ônibus, eu estava com uma mochila nas costas e uma mala. Como a mochila nas costas estava um pouco pesada e eu tirei a mochila das costas e coloquei em um local no ônibus, que estava cheio de passageiros se espremendo e aí quando parou o ônibus do outro lado do aeroporto de Madri, para descer pra ir para o guichê das Ilhas Canárias, eu esqueci a mochila no ônibus!!! Sai a pé até o guichê da companhia aérea para as Ilhas Canárias lá dentro do aeroporto, que ficava a cerca de um quilômetro do ônibus. Quando eu cheguei no guichê só com a mala, me pediram o passaporte e eu lembrei que eu tinha esquecido a mochila lá atrás no ônibus. Aí eu saí correndo com a mala pra pegar a mochila, inclusive na mochila estava o meu passaporte de viagem! Ou seja, o passaporte é a credencial para poder transitar na Europa. Então eu saí correndo para o ônibus, por causa do passaporte, porque eu não tinha como embarcar sem passaporte.

Quando eu chego perto do ônibus, eu só vi aquelas fitas amarelas antiterroristas à altura de um metro que os policiais isolam a área em volta do ônibus! Estava tudo isolado um monte de policiais com metralhadoras! E aí eu quando eu olho aquilo ali e uns inspetores lá com luva, material antibomba, aqueles detectores antibomba, capacete com viseira anti-impacto, eu chego

perto e ele disse “quem é você?”. Eu respondi “A mochila que está no ônibus é minha!!!” Ele respondeu “Ah! a mochila é sua então, venha cá! Aí os policiais já apontaram as armas para mim!!! Aí perguntaram “o que é que tem dentro dessa mochila, diga detalhadamente?”

Eu disse “tem uma pasta azul, um passaporte, um boné, uma chave, roupas...” Então um inspetor pegou uma luva e foi abrindo a mochila com cuidado, pegou meu passaporte e perguntou “esse passaporte é seu?”, eu disse “sim”, e ele continuou “como é o seu nome completo?” Aí eu disse “Sandro César Silveira Jucá. Aí ele continuou “você nasceu em que cidade?” Eu respondi “Fortaleza”, “qual o nome completo da sua mãe?” Aí eu falei. Então ele fechou a mochila, os policiais baixaram as armas e disseram “tudo bem... Nunca mais faça isso!” Experiência inesquecível e traumática, eu mobilizei a polícia internacional antibombas lá do aeroporto em Madri!!! Um local que já ocorreu terrorismo. E eu quase levo um “sabacu” lá nesse lugar viu. Por isso, recomendo que nunca esqueçam mochilas em aeroportos. Foi tenso, mas, graças a Deus, deu tudo certo.

Capítulo 4. A Alemanha aos Olhos de uma Criança

Adler Sebastian Amorim Jucá

Nos meus primeiros quatro anos de vida, eu era uma criança cearense como qualquer outra, vivendo normalmente e coletando memórias; no entanto, ao entrar no ano de 2011, percebi que algumas coisas estavam mudando e minha família se organizava para algo. Pouco mais de três meses depois, minha vida mudou quase que totalmente: meu pai conseguiu uma oportunidade impressionante de pesquisa na Alemanha e eu, ele e minha mãe iríamos residir lá por um ano. No início, o processo de mudança foi confuso para mim, afinal eu não compreendia a troca repentina de nação, língua, clima e cultura. Chegar na Alemanha foi um pouco complicado, afinal tivemos que embarcar em quatro aviões e mais alguns transportes até chegar no nosso mais novo e precioso lar. Na quarta aeronave que pegamos, tive uma crise no tímpano extremamente dolorosa. O susto foi tanto que uma senhora sentada na poltrona ao lado chegou a lacrimejar - meus pais perguntaram a ela o que estava acontecendo e o motivo era pena do meu choro. Após algumas dores de cabeça e de ouvido em território alemão, chegamos no nosso apartamento, ilustrado na Figura 4.1, o qual eu iria residir pelo próximo ano da minha infância.

O cheiro de incenso era característico e a vista dos jardins da cidade de Paderborn pelas janelas da sala era adorável.



Figura 4.1: Foto da sala do apartamento em Paderborn

Ao ligar a TV para finalmente assistir a algo, a primeira barreira, claro, foi o idioma, até então totalmente desconhecido para mim. Fiquei muito frustrado, um combustível para que eu aprendesse alemão na raça e o mais rápido possível. O mesmo empecilho aconteceu para minha mãe, que ao contrário do meu pai, não sabia praticamente nada da língua e teria que se virar na comunicação. A síndica do pequeno prédio nos visitava sempre para auxiliar, mas como elas falavam e entendiam palavras completamente diferentes até então, sorrir uma para a outra por segundos foi a solução que encontraram para trocar simpatia. Minha mãe, então, decidiu ingressar em um curso básico de alemão lá mesmo. Na classe dela, havia pessoas das mais diversas nacionalidades, mas ninguém falava português, nem mesmo o professor. Ainda sim, ela conseguiu fazer alguns amigos e de alguma forma eles se entendiam, contribuindo para o aprendizado.

Sua amiga mais próxima era Fatima, uma egípcia que contava diversas histórias sobre seu país natal, uma delas é que ela con-

seguia ver as pirâmides da janela de sua casa. Ela e minha mãe compartilhavam uma história de vinda para a Alemanha muito similar, talvez por isso se deram tão bem. No local onde ela estudava, havia um jardim de infância para os filhos dos alunos, e lá não tinha aula, mas era um local onde eu passava horas do dia brincando e interagindo com outras crianças. Meu melhor amigo era Nil, curiosamente filho de Fatima, e minha professora falava espanhol, ou seja, eu conseguia entendê-la com facilidade. E, na hora do lanche, eu saboreava um iogurte de baunilha, que tinha um sabor muito marcante.

De alguma maneira, eu consegui aprender alemão apenas assistindo à TV, principalmente Bob Esponja, que eu amava, imergindo na língua pouco a pouco. Com alguns meses, eu já conseguia me comunicar naturalmente, algo que foi positivo para mim e para minha mãe; eu sempre ia com ela ao supermercado ou ao centro da cidade para auxiliá-la a perguntar quanto custava tal produto ou onde ficava tal local, isso com cinco anos de idade. As pessoas achavam isso engraçado, mas sempre funcionou. Os alemães são geralmente fechados e não costumam trocar muitas palavras, mas eu como um bom brasileiro, sociável, sempre dava um jeito de conversar com um nativo. Eu dizia “Gute Arbeit!” (“Bom trabalho!”) para motoristas de barco ou ônibus, coisa que eles não estavam acostumados a ouvir quase nunca.

Durante minha moradia na Alemanha, viajei muito e visitei inúmeras cidades, tantas que não me recordo de todas, mas algumas foram especiais. Uma delas é Hamelin, palco de um conto folclórico sobre um flautista que atraiu ratos e crianças para o fundo do Rio Reno no século XIII. É por isso que até hoje a cultura alemã é uma das minhas favoritas, pois grande parte dos aspectos como folclore e culinária são excepcionais e, claro, me

marcaram muito. Meus pais e eu também fomos convidados a passar o Natal de 2011 e ano novo num hotel de uma pequena cidade chamada Winterberg como ilustrado na Figura 4.2.



Figura 4.2: Foto na cidade de Winterberg no Natal de 2011

Foi lá onde tive o meu primeiro contato com a neve, além de várias outras experiências como ganhar presentes acreditando ser do Papai Noel e esquiar num trenó. Também viajavamos muito de carro com uma amiga próxima da família, nos hospedando no sótão da casa dela por alguns dias e, em certo ponto, atravessando a fronteira terrestre para os Países Baixos, onde iríamos visitar minha tia que reside lá. Passar por Amsterdã foi incrível, como já é de se esperar. Também visitamos o meu tio do coração, Roger, em Münster, no estado da Renânia do Norte-Vestfália, onde andei numa bicicleta de múltiplos lugares *Tandem*, no meio dos bosques. Viajamos também para Berlim, tiran-

do foto no Portão de Brandemburgo, ilustrado na Figura 4.3, e no muro de Berlim, com um pé na Alemanha Oriental e outro na Alemanha Ocidental.

Falando em Alemanha Oriental, visitamos algumas cidades ao leste do antigo muro, como Cottbus, percebendo a diferença arquitetônica muito peculiar. Parecia de verdade uma vizinhança do leste europeu, como a Chéquia, que ficava a poucos quilômetros dali.



Figura 4.3: Portão de Brandemburgo em Berlim

Cada vez que olho as fotos que recordam esses momentos, *flashes* rodam pela minha cabeça contendo os aromas e os meus sentimentos naquelas ocasiões. Voltamos para o Brasil um ano depois, outra mudança cultural brusca. Esqueci o alemão, voltei a estudar e continuar vivendo normalmente no país em que nasci, em que carrego o meu sangue. Mas é como se uma parte de mim ainda pertencesse àquele lugar, àquela cultura e àquelas lembranças de alguma maneira. Meu plano é voltar um dia e reviver grande parte disso.

Capítulo 5. Eu, Mulher Negra, no Além Mar: em que Ponto sou Estrangeira?

Natal Lânia Roque Fernandes

Prelúdio

Nasci na cidade de Itabaiana, interior da Paraíba, cidade do Mestre Sivuca e do poeta Zé da Luz!! Nascida em família mestiça, pobre, na década de 1960, precisamente, no ano do golpe militar, não tive acesso à televisão e nem a outro meio de comunicação, por algum tempo. O acesso à informação e ao conhecimento se deu a partir do momento que ingressei na escola. Desta forma, o livro e as aulas das professoras eram a minha comunicação com o “mundo de fora”! Sempre de olhar curioso e atento à vida, desde criança adoro “curiar” o mundo, para aprender, fazer e inventar o que fazer! Aquela menina vivia a escrever redação, fazer livrinhos com as folhas dos cadernos e sonhar com o que não sabia que existia!!

Naquela época, as aulas de catecismo estavam muito presentes no currículo das séries primárias, hoje ensino fundamental I, e, dessas aulas o que me comovia era a história da aparição de Nossa Senhora de Fátima para as três crianças. Como toda criança, a cada momento em que a história era contada, a cabeça viajava reconstruindo a narrativa, para assim concretizá-la. Para mim, a imagem da santa com as crianças parecia real e, de tanto reconstruí-la, essa imagem imaginária habitou meus pensamentos por muitos anos!

Nos últimos anos da década de 1970, com o acesso à mídia televisiva, às revistas trazidas por meu “Pai-dastro”, aos livros de

literatura apresentados por meu irmão mais velho, o meu horizonte ampliou-se para além dos metros quadrados da minha casa!! Além disso, as aulas de história antiga e medieval, história do Brasil, geografia e inglês me levaram novamente a imaginar um “mundo de fora”... Roma, Grécia e Egito, ainda estão em meu imaginário, graças a uma grande professora de História! Pela história do Brasil, conheci um pouco da história do meu povo, da história da escravização dos meus ancestrais, embora pelo viés da história vista de cima, contada pela concepção da cultura dominante. As aulas de língua inglesa eram para mim, literalmente, algo do outro mundo. Morando no interior da Paraíba, ao falar e cantarolar em inglês (pensando que estava tudo correto), eu me aproximava ao que não conhecia, ao que não fazia parte de minha vida.

O leitor pode achar estranho e perguntar: qual a relação de tudo isto que você narrou com a Europa? Posso responder com meu “paraíbês”: se avexe não, que você vai compreender!

Neste íterim, a vida passou, fiz faculdade, ensinei língua inglesa, casei, tive filhos e fiz minha pós-graduação. Mudei de cultura, por meio das experiências em residir em outras cidades e estados, devido ao trabalho, aos estudos e à família. Por enquanto, estou de passagem, há 16 anos em Fortaleza, cidade que aprendi a amar!

É de Fortaleza que inicia a minha história com a Europa!

Em 2008, fui aprovada no doutorado em educação da UFC. Foi um período meio conturbado em minha vida, pois perdi minha mãe, e, envolta à tristeza, ainda tive que fazer o doutorado trabalhando. À época, dava aulas nas licenciaturas do IFCE, Fortaleza. Enfim, fazer doutorado foi uma jornada.

Próximo à conclusão do doutoramento, tive informações sobre a possibilidade de realizar o doutorado sanduíche fora do país e minha alma cigana e curiosa ficou desejosa! Por ter me

tornado uma adulta muito regrada, prudente, responsável e com isso, medrosa para enfrentar aventuras, de imediato descartei a possibilidade. Com uma filha e um filho na universidade, marido trabalhando em outra cidade, como poderia viajar? Afinal, estes são alguns elementos que impedem muitas mulheres com a mesma realidade que eu de realizarem seus outros sonhos.

Meu coração me pedia para partir, meus estudos demandavam aprimorar meu referencial teórico, visto que não conhecia professores(as) que trabalhassem com minha temática. Minha orientadora, que também não pesquisava a temática sobre narrativas de vida e (auto) biografia, ao saber de minha intenção, apoiou minha decisão. Dias depois, encontrei com uma amiga que tinha chegado de seu doutorado sanduíche em Portugal e ela me adiantou que era tranquilo conseguir aprovação e que a CAPES tinha um calendário a ser cumprindo pelo doutorando. A conversa com a amiga recém-chegada me incentivou a tomar decisões e iniciei o processo para realizar o intercâmbio Portugal, uma vez que a barreira com a língua seria menor, pois a minha história de vida me distanciou da prática do inglês e o pouco que eu sabia não era suficiente para encarar um país de língua inglesa.

No país do colonizador!

Penso que meu processo de doutorado sanduíche teve início diferente do processo normal que a academia prevê. Foi um percurso independente, construído individualmente, sem intermediação direta da instituição. Fiz uma busca na produção dos professores de algumas universidades portuguesas e encontrei a professora Amélia Lopes com produções sobre narrativas docentes e, de pronto, decidi que era a Universidade do Porto, onde a professora trabalha, que eu queria ir. Entrei em contato por *email* com a professora, sem ter noção da resposta, por certo preconceito e

receio do como geralmente, os brasileiros são recebidos nos países estrangeiros. Para minha surpresa, a professora respondeu meu *email* de imediato, concordando em me receber. Comecei, então, a me preparar psicologicamente e materialmente para viajar!

Cada etapa era uma alegria e uma angústia: alegrias por conseguir a autorização da UFC, a autorização do IFCE, a aprovação da CAPES e fazer meu projeto de atividades para a Universidade do Porto. Angústia em organizar a vida familiar, deixar minha filha, que não conseguiu ir comigo devido à irresponsabilidade de um setor da UFC, que deixou passar o prazo para autorização do processo. Deixar meu filho e me aventurar sem ter noção de como seria enfrentar o país colonizador e escravista. Por tudo isso, decidi ficar em Portugal apenas seis meses.

Quando recebi o passaporte não acreditava que tudo tinha ocorrido bem e que aquela menina sonhadora iria conhecer o “mundo de fora” que estava em seu imaginário. A dificuldade enfrentada quando cheguei lá foi encontrar um lugar para morar. Fiz um contato com uma mulher jovem de Fortaleza, chamada Janaína, que estava fazendo mestrado em Porto, para ter uma referência, caso precisasse. Não tinha ideia de onde iria ficar, não cogitei a possibilidade de existir uma casa para estudante estrangeiro, pois aqui no Brasil, casa de estudante é apenas para graduandos. Reservei um hotel pelo *Booking* e fui, com fé em Deus e na minha coragem.

A viagem para Porto, me fez aderir às redes sociais, algo que até então eu resistia, mas pela possibilidade de acompanhar minha família e eles me acompanharem mesmo à distância, fiz uma conta no *facebook* e aprendi a usar o *Skype*. Valorizei e agradei a cada momento pela possibilidade de poder ver e conversar com todos, pois diminuía minha solidão e preocupação.

Em setembro de 2011 cheguei um pouco assustada em Porto e, para não passar maiores dificuldades, não peguei o metrô, preferi pegar um táxi. Esta decisão foi muito acertada, pois o motorista conversou comigo a viagem toda e isto me fez sentir menos apreensiva, uma vez que fui bem recebida por ele. Não fiquei à vontade no hotel, liguei o notebook e informei a minha família que tinha chegado e que estava tudo bem, mas minutos depois, tudo mudou. Ao ligar para a amiga cearense, e ela me chamar para casa dela, de imediato, senti que eu estava feita uma criança medrosa e fui morar temporariamente na casa de estudante onde ela estava. Fiquei duas semanas até encontrar outro lugar para morar.

Graças a essa menina Janaína (digo menina, pois tem idade de ser minha filha), eu conheci a cidade do Porto, que eu tanto queria conhecer e me senti muito acolhida. Nos bons papos regados a vinho, à beira do rio D'Ouro, pois a casa dela era próxima ao rio, ela me falava da vida das mulheres brasileiras que viviam em Porto, dos preconceitos e assédios que passavam por serem brasileiras. Este era o objeto de estudo dela, o qual tive o prazer de ler e contribuir discutindo com ela o trabalho, na véspera de sua defesa. O mestrado dela foi na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Assisti a defesa de dissertação e assisti sua instalação artística sobre as mulheres.

Encontrar uma estadia definitiva foi uma verdadeira saga porque eu não queria ficar em casa para estudantes estrangeiros e era muito difícil alugar um imóvel por seis meses, sem fiador e sem dinheiro para pagar caução, visto que os aluguéis são muitos caros na Europa. Decidi, então, dividir um lugar com alguém, pois lá é comum alugar quartos para estudantes. No entanto, para minha surpresa, nada foi fácil, pois ao ligar para pedir informações sobre os quartos, geralmente uma mulher atendia e ao reco-

nhecer que eu era uma mulher brasileira adulta, a voz respondia do outro lado da linha: “não temos vagas, nós alugamos apenas para “raparigas”! Sempre dava muitas gargalhadas com a Janaína, por causa de nosso preconceito linguístico, já que a forma dos portugueses se referirem às moças jovens para nós brasileiros é um insulto. Embora soubesse do uso da palavra, pois pesquisei algumas expressões portuguesas antes de viajar, foi muito estranho ouvir o uso natural da palavra. Dias depois, lembrei-me que quando fazia o primário e estudava palavras masculinas e femininas, constava que o feminino de rapaz era rapariga, e que eu morria de vergonha de repetir, quando a professora explicava. Aos poucos fui percebendo que nem tudo é estranho e que em algum lugar falávamos a mesma língua.

Graças a Deus, encontrei um lugar. Aluguei um quarto no apartamento de uma mulher portuguesa, pouco mais jovem do que eu, que morava só e residia na parte antiga de Porto onde eu queria ficar. Ela tinha mestrado em Arte. Era arte educadora, trabalhava na área da saúde e passava o dia trabalhando. Ela era muito solitária, esclarecida e receptiva, e acabamos sendo boas amigas de dividir casa. Conversávamos muito e algumas vezes ela me chamava para sair com ela. Infelizmente, presenciei o sofrimento e o pânico dela, como o de qualquer trabalhador prestes a perder o salário ou fracioná-lo, quando a crise econômica abateu o mundo em 2011 e principalmente Portugal que ficou numa situação muito delicada. Ao voltar para o Brasil, pensei bastante nela, em sua solidão. Sei que o tempo que passei com ela foi significativo. Às vezes no final de semana, quando ela ia visitar os pais em um sítio um pouco distante de Porto, ela trazia frutas e ervas para chá *in natura* para nós duas. Quando minha família foi se encontrar comigo, ela me propôs alugar o outro quarto do seu

apartamento para que ficássemos todos juntos. A minha tristeza foi grande quando soube que ela, após uns três meses que eu tinha voltado, cometeu suicídio. Pelo que presenciei do seu comportamento, provavelmente não resistiu aos efeitos da crise econômica em sua vida.

Com o problema de estadia resolvido, me apresentei à universidade, pois estava iniciando o semestre. A receptividade das secretárias foi impressionante. Deram-me toda informação e me encaminharam para falar com a professora, que também me recebeu muito educadamente e falou sobre o que iríamos fazer. Assim, realizei meu Doutorado Sanduíche no Programa Doutoral em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto-Portugal, no Núcleo de Investigação Escola Currículo e Formação de identidades, na Área FORSA – Formação, Saberes e Contextos de Trabalho e de Educação, sob a orientação da Professora Doutora Amélia Lopes.

Foi um momento de muito aprendizado, pois sem trabalho e família para cuidar cotidianamente, pude dedicar todo o tempo para fazer as leituras necessárias. Encontrei na biblioteca as referências que necessitava. Passei a maioria do tempo estudando.

Um das atividades mais emocionante foi dar uma aula para a turma de mestrado, sobre narrativas autobiográficas. Era uma turma diversificada com alunos de diversas áreas e diversos países, como Angola, México e Brasil. Tinha um casal de jovens do Rio de Janeiro, que estavam sempre reclamando do preconceito que sofriam, de jovens portugueses da universidade, por serem brasileiros.

Enfim, a aula foi um desafio, mas muito rica para mim. O que eu admirei na professora Amélia foi que a aula dela era dialógica, da qual todos participávamos, pois eu tinha por expectativa

a experiência de minha amiga em Lisboa, que não se encontrava com o orientador e sim com um monitor, e que na aula dele ninguém discutia, apenas os (as) brasileiras se colocavam e havia um estranhamento com isso. Senti o respeito por ela se colocar no lugar de igualdade com uma pessoa que é profissional, professora como ela e que tinha a idade próxima a dela. Nem sempre isto acontece quando você está no papel de orientanda.

Grande estranhamento, eu tive, quando fui à biblioteca estudar. Primeiro, ao saber que os alunos têm direito a um percentual de cópias por mês, gratuitamente, algo que não acontece no Brasil. Segundo, ao observar que os estudantes, ao saírem para lancha ou descansar, deixavam todo o material na mesa que estavam estudando, tudo: notebook, livro, etc. Com a minha mente acostumada com o sentimento de medo, pelos furtos e roubos em nosso país, foi muito estranho sentir a liberdade e a tranquilidade de saber que ninguém iria mexer nos nossos pertences. Em momentos como estes começamos a elencar as diferenças entre as culturas e desejar que nosso país pudesse ser assim.

Mais estranhamento e aprendizagem cultural eu tive ao participar de um seminário que o Núcleo realizou intitulado *Publishing research on teaching and teacher education: perspective from an editor of tate*, ministrado pela Dr^a Jean Clandinin. O seminário abordou o trabalho desenvolvido pelo *Journal Teaching and Teacher Education*. Foram três dias de atividades. O que me deixou intrigada foi o fato que a palestra da Dra. Clandinin não teve intérprete, afinal, estávamos em um país de língua portuguesa. Com a convivência, observei que o inglês é como uma segunda língua, no âmbito daquela universidade, mas refleti sobre o processo colonizador. Um país que foi nosso colonizador e de outros países, deixou-se colonizar pela língua inglesa!

Outra experiência engrandecedora para mim, como pedagoga formada pela pedagogia crítica e encantada pelo pensamento freiriano, foi conhecer a Escola da Ponte. O projeto da Escola da Ponte foi divulgado no Brasil a partir da experiência vivenciada pelo educador e escritor Rubem Alves¹⁸, devido ao projeto educacional inovador. O princípio da escola é desenvolver a autonomia do aluno, ensiná-lo a ser protagonista em sua aprendizagem e na vida. A Escola da Ponte fica em Vila das Aves, município de Santo Tirso, no distrito de Porto. É uma escola de ensino fundamental, na qual os alunos não são organizados por série, mas por nível de conhecimento.

Após contato com a supervisora da escola, eu e mais duas brasileiras que estavam também fazendo doutorado sanduíche na UPorto, marcamos a visita para conhecermos a instituição. Ao chegarmos fomos recebidas pela supervisora que nos apresentou a dois alunos que iriam nos mostrar a escola. Da mesma forma como aconteceu com o educador Rubem Alves, os alunos nos explicou toda a estrutura e organização pedagógica da escola. Foi impressionante perceber que os alunos conheciam e estavam envolvidos com o projeto educativo.

Assistimos à assembleia dos alunos, na qual discutiram sobre a posse da nova composição da equipe representante dos alunos e sobre as intervenções do Estado na escola. A equipe era composta por alunos representantes de todas as turmas, independentemente da idade das crianças e do nível de conhecimento. O acompanhamento da aprendizagem é individual e coletivo. Cada aluno se envolve em um projeto que queira realizar. Os estudos são reali-

¹⁸ No livro, *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, Rubem Alves relata seu encontro com a Escola da Ponte e a proposta da escola.

zados em grupo com alunos de faixa etária diferentes, nos quais os alunos que têm domínio em algum conteúdo se oferecem a ajudar outros que ainda não tenham apreendido o conteúdo. O professor é mediador, acompanha, organiza e intervém na medida que eles precisam.

Em todas as salas existiam tabelas com os conteúdos a serem estudados no ano letivo. Havia fichas onde os alunos informavam em qual conteúdo estavam com dificuldades e outras fichas onde os alunos que aprenderam o conteúdo colocavam o nome para ajudar ao outro que estava com dificuldade. Os alunos marcavam suas avaliações com o professor quando se sentiam seguro com o conteúdo, marcando numa ficha específica que estavam prontos para a avaliação. Enfim, na Escola da Ponte estudar é uma atividade individual e colaborativa em que todos são responsáveis.

Em conversa com um grupo de alunos, eles apontaram o papel do professor mediador como elemento chave, pois como afirmou um aluno de 10 anos, não ter o professor em período integral os incentiva a terem autonomia na aprendizagem, a saberem o que precisam e o que devem fazer, pois quando crescerem não terão quem diga o que devem fazer.

Tudo o que acompanhamos nas visitas à escola foi corroborado na conversa que tivemos com a supervisora, professora Ana que, à época, trabalhava na escola há 14 anos. Ela nos explicou sobre o sistema de avaliação da aprendizagem, o qual é integrado a todos os momentos do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação não é um processo em si mesmo, mas é resultado de todos os momentos formativos do ano letivo, com a vivência de elementos relatados acima, dentre outros.

A visita à Escola da Ponte acendeu a esperança de que é possível realizar um projeto educativo no qual todos os sujeitos são

protagonistas, podem participar das decisões da escola e são implicados com a sua aprendizagem e do outro.

O intercâmbio cultural deve ir além dos livros: conhecendo outros lugares

Após alguns meses em Porto, a ansiedade a cada dia aumentava, a saudade batia forte e a solidão doía. Evitava sair, pois a representação construída pela mídia brasileira de episódio com brasileiro em outros países era a pior possível. Por ser mulher, negra e estar só, todo tipo de situação perigosa passava em mente. Certo dia, tomei coragem, afinal o desejo de liberdade e a alma cigana ainda pulsava em mim. Consegui mapas com destino e horários dos trens e dos ônibus e vi que a cidade de Fátima era próxima e poderia ir e voltar no mesmo dia. Comprei minha passagem de ônibus e fui conhecer Fátima.

No ônibus, sentei numa poltrona ao lado de uma senhora portuguesa, que iniciou uma conversa comigo e fomos conversando até a cidade. Ela tinha 90 anos e viajava sempre para Fátima, mas devido à idade, os filhos não gostavam que ela viajasse sozinha, por isso, ela não tinha avisado aos filhos, se não eles não a deixariam. O meu encantamento por aquela mulher foi imediato: ter 90 anos, continuar ciente de si e continuar brigando por seus sonhos e desejos não tem preço! No entanto, fiquei preocupada com ela e me fiz sua companhia. Passamos o dia juntas, fomos à pousada onde ela ficaria para deixar seus objetos, pois ela iria pernoitar. Depois ela me apresentou a cidade, os locais mais visitados. No final, ela quem cuidou de mim!

Então, lembra-se do meu imaginário de criança com Nossa Senhora de Fátima?

Eu estava lá, diante do santuário, pisando no lugar que eu criava ao ouvir a história do aparecimento. Não era igual na es-

trutura, agora a paisagem é formada por concreto! No entanto, ao entrar naquele lugar, a emoção foi imensa, meu corpo foi levado para um outro lugar, a energia que irradiou em mim foi tão forte que me vi em lágrimas. Voltei àquela menina, do interior da Paraíba. Como o meu lado do cérebro predominante é o esquerdo, a razão deu sinal que eu poderia ter um mal estar por tanta emoção e eu estava sozinha, pois a senhora de 90 anos estava em outro lugar. Então, me recompus e continuei minha caminhada em Fátima.

É intrigante ver como parte das igrejas transformam a fé em comércio, às vezes em espetáculo, tomando aqui a ideia de Guy Debord (1997), sobre a sociedade do espetáculo. No entanto, o estar em Fátima era um estar outro, que superou qualquer outra forma de pensar!

A partir desta experiência, me animei para conhecer outras cidades. Desta vez acompanhada por pessoas que conheci nesse processo. A experiência de viajar e conhecer outras pessoas contribui para a expansão do nosso repertório cultural, pois enriquece a cultura acadêmica, pela troca de saberes e diálogos com pessoas de lugares ou áreas de estudos diferentes. Conheci pessoas da Alemanha, da Bélgica, da África, do Espírito Santo, de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Sergipe. Em alguns finais de semana, viajei para Madrid, Segóvia, Toledo, Aveiro, Lisboa e Almada. Ao chegar dezembro, minha família foi ao meu encontro. Após conclusão das minhas atividades acadêmicas, viajei com eles para Barcelona, a fim de conhecer parte da arte arquitetônica de Antoni Gaudí; para Salamanca, a fim de conhecer a universidade, sonho meu e de meu companheiro. Fomos à Londres e à Liverpool, para sentir a história dos Beatles, desejo dos filhos e por fim, voltamos a Portugal, onde conhecemos as cidades de Cintra, Lisboa e

Coimbra. É muito enriquecedor ter possibilidade de observar a diversidade de culturas que existem em um só universo!

A cidade de Porto fica no noroeste do país, conhecida dentre outros aspectos, pela produção de vinho do Porto e por ter um centro histórico considerado patrimônio mundial pela UNESCO. A universidade do Porto está no *rank* das cem melhores de Portugal. É uma cidade linda, aconchegante e nostálgica. Passear na Ribeira, em dias que não tem muitos turistas é sentir-se presente no mundo. Sentar à beira do rio D’ouro, apreciar a bela paisagem nostálgica, acompanhada por um bom vinho do Porto é uma experiência única. A paisagem do outono com as árvores de folhas coloridas em vermelho, amarelo e verde, às vezes só vermelhas. O chão pintado pelas folhas que caem, tornando-se um tapete amarelo, é um bálsamo para quem aprecia a natureza em sua diversidade. Comer castanhas assadas quentinhas, vendidas ao longo das ruas pelos vendedores ambulantes. Para mim, tudo isto era viver em “estado de poesia” como diz meu admirado poeta paraibano, Chico César.

Eu me adequei à cidade do Porto, de tal forma que me sentia em casa. Era algo espiritual, as falas, os cheiros, as expressões me remetiam a algo familiar. Será que a parte da minha ancestralidade portuguesa, herdada da minha bisavó, uma sinhazinha portuguesa que fugiu com um negro escravizado, aflorou em solo materno? Será que foi a herança biomolecular da primeira mulher empoderada da família, que temos notícia? O fato é que quem me visitava falava o quanto eu estava adaptada à cidade e quanto a conhecia, mas não era verdade, não conhecia nem a metade da cidade. Penso que no período que estive lá, poder andar pelas ruas, independentemente da localização e da hora, sem a sensação de que a qualquer momento poderia ser assaltada, como é em nos-

sa realidade brasileira, promoveu uma sensação de liberdade nunca sentida que parecia que eu era daquele lugar há algum tempo.

Voltei com uma bagagem cultural maior do que eu imaginava. Ninguém vive uma experiência de viagem sem ser tocada, como nos ensina Larrosa (2002), sem se deixar ser afetada por ela. Viver em um país colonizador, mesmo por apenas seis meses, é aprender a olhar por outro prisma, a história. Você entende com mais experiência que a história é um processo dinâmico.

Eu, mulher negra, estive na terra do colonizador do meu povo, não mais como as mulheres negras que fazem parte de minha ancestralidade, que lutaram para que eu estivesse aqui, livre e empoderada. Parti para Portugal com o pensamento de que estava preparada para enfrentar qualquer preconceito, afinal, nasci em país racista e violento com as pessoas negras, cujo grupo representava, no período em que viajei, 11% das vítimas de homicídio (FERRARI, 2020) e atualmente representa 77% (ACAYABA; ARCOVERDE, 2021) . Então, nada seria pior em um país estrangeiro, quando em meu país de origem já tinha aprendido como enfrentar o racismo.

Com um outro olhar que o conhecimento acumulado e a maturidade me proporcionaram, deixei-me ser tocada pela experiência e aproveitei tudo que Porto e Portugal poderiam me proporcionar e cada vez mais estou ciente de que eu posso ocupar o lugar que eu desejar ocupar! E, de Porto, só tenho boas lembranças do além mar e sou grata por toda aprendizagem que eu me permiti ter e aqui narrar, pois como afirma Estés (1994, p.50), “nossa função é a de mostrar que recebemos esse sopro – demonstrá-lo, divulgá-lo, cantá-lo, vivenciar no mundo aqui em cima o que recebemos através de percepções repentinas da história, do corpo, dos sonhos e das viagens de todos os tipos”.

Capítulo 6. O Ceará Além do Mar

*Jarinívia Siridó de Souza
Danielle Mayara Oliveira Pereira*

O ano de 2017 foi cheio de grandes acontecimentos. Casei-me e fui passar a lua de mel na Europa. Desde criança tinha a curiosidade de conhecer o velho mundo. Eu e minha companheira conhecemos três cidades lindas: Lisboa, Paris e Sardenha.

Quando retornamos da viagem surgiu a ideia de estudarmos fora do país. Parecia algo muito distante, mas decidimos tentar. Em agosto de 2017, despretensiosamente, nos inscrevemos na seleção de mestrado de uma importante universidade de Portugal. Somos professoras e formarmos em mestrado seria uma excelente oportunidade de crescimento profissional e pessoal. O resultado chegou em setembro do mesmo ano e fomos aceitas. E então foi correr em busca dos nossos sonhos.

Os primeiros passos para essa conquista foi a busca pelo visto de estudante e enviar os documentos para universidade. Tudo foi feito de forma online para a universidade. O visto foi retirado no consulado, que leva tempo e valores consideráveis. Como somos professoras do ensino público precisamos também organizar documentos para pedido de afastamento para estudo. Todos esses processos são demorados e leva muito de seu tempo para organização.

A mistura de emoção era assustadora. A felicidade de saber que fomos aprovadas em uma universidade internacional, de re-

solver os processos burocráticos da viagem, das incertezas sobre o tempo que teríamos para viagem e início das aulas¹⁹.

Devido à diferença de início de ano letivo entre Brasil e Portugal, tivemos nosso primeiro dissabor. As aulas iniciaram na última semana de setembro. Não tínhamos nem os visto nem o afastamento do trabalho.

Iniciamos a enviar e-mails para universidade para informar sobre a nossa situação. De pronto recebemos retorno e informações sobre como proceder diante dos fatos. Para iniciar a viagem vou acelerar um pouco os problemas e passar para fevereiro de 2018. Esse foi o mês que chegamos em Lisboa. Duas mulheres nordestinas, cheias de sonhos, esperanças e muito frio.

Sim! Chegamos em Lisboa no auge do inverno, 4º grau. As portas para chegada de passageiros abriram-se e nos deparamos com um nevoeiro de frio e fumaça de cigarro. Os europeus fumam muito, principalmente no inverno. Olhamos uma para outra e caminhamos para a saída em busca de um UBER. Detalhe: o carro não chegava nunca, porque na Europa existe o local apropriado para embarque e desembarque desses aplicativos de transporte nos aeroportos. Então resolvemos apanhar um táxi. Pagamos uma fortuna para o taxista, ele nos enganou. Hoje sabemos disso, porque vivemos lá por dois anos e já temos a experiência de deslocamento e valores.

Nos primeiros dias nos acomodamos em um hostel de indianos. A acomodação ficava em um bairro antigo chamado Arroio-

¹⁹ Na Europa o ano letivo inicia em setembro. O primeiro semestre é de setembro a dezembro. Em dezembro as duas últimas semanas são recessos para as festas de natal. O segundo semestre inicia em janeiro e em algumas instituições em fevereiro.

os. Esse bairro possui muitos moradores árabes, indianos e orientais. Nossa primeira morada não foi muito atrativa, pois o prédio era antigo e úmido. Os donos do hostel também não falavam português, somente inglês. Eu que me comunicava com eles, pois minha companheira não sabe falar inglês. Então já foram apresentadas algumas situações difíceis para recém-chegadas.

Deveríamos passar nesse hostel três dias até alugarmos um quarto. Isso mesmo, um quarto! Na Europa é muito comum dividir casas entre as pessoas. Alugamos quartos e não casas. A moradia é muito cara, por isso as pessoas alugam os quartos de suas casas e conseguem uma renda extra. Até mesmo os quartos têm valores altos. Conseguimos depois de sete dias um quarto por quatrocentos euros (mais de dois mil reais por mês), no bairro chamado de Alvalade. (Figura 6.1.)

Nossa felicidade foi imensa quando conseguimos, finalmente, um lugar para morar. Na casa morava um senhorio (dono da casa), e outro casal de brasileiros. Havia três quartos, dois banheiros²⁰, sala e cozinha. A Partir daquele momento deveríamos repartir os espaços de convivência e ganhamos um espaço para guardar alimentos no frigorífico²¹ e no armário.

Eu esperei ansiosamente em tomar meu primeiro banho confortavelmente no novo lar. Pode parecer simples, mas enquanto fiquei no hostel só tomava banho uma vez por dia e não lavei os cabelos por sete dias. Isso é um terror para quem é brasileiro. O banheiro do hostel era terrível, não conseguia ficar a vontade e sentia muito frio.

²⁰ Na Europa a maioria das casas só possui um banheiro, que deve ser compartilhado com todos da casa.

²¹ Geladeira em Portugal é chamado de frigorífico.



Figura 6.1 - Vista do nosso quarto em Alvalade. Em frente ao hospital de psiquiatria. Acervo particular

Uma das coisas que precisamos aprender quando se vive em um país com baixas temperaturas é se aquecer. Essa aprendizagem é muito importante para quem vai morar na Europa. Portugal não é considerado um país muito frio, como por exemplo Alemanha ou Rússia.

Além dos entraves com a temperatura, encontramos outras situações inusitadas, a culinária. Os pratos portugueses possuem nomes muito diferentes. Que tal comer um bitoque²² (Figura 6.2) e tomar um abatanado²³? Isso mesmo! Eram esses os nomes que deveríamos aprender para saber o que comer. Descobrimos muitos pratos deliciosos e o nosso tempero é muito semelhante ao deles. O vinho é uma iguaria. Todas as refeições podem ser

²² Bitoque é um prato típico muito apreciado pelos portugueses. É uma carne de porco em forma de bife com um ovo como gema mole por cima do bife, salada e batata frita. A salada ou a batata pode ser substituída por arroz branco.

²³ Abatanado é um café grande.

acompanhadas por vinho. Em Portugal não come-se só bacalhau. Os frutos do mar são bastante comuns na culinária e acessível para todos que apreciam. Mas também pode-se degustar borrego, pato, coelho e até caracóis. A culinária também segue um padrão das estações. As frutas, verduras e legumes são outras iguarias que temos à mão. Já imaginou comer um delicioso morango que tem o tamanho de sua palma da mão? Ou sentar em frente a tv com uma tigela de deliciosas e suculentas cerejas? Essas novidades tivemos o prazer de viver, mas também batia no peito a saudade de comer uma manga coité que só no nosso país tem. Ou fazer um sumo²⁴ de goiaba ou cajá.



Figura 6.2 - Prato tradicional português, bitoque, Acervo particular

²⁴ Em Portugal, o suco é chamado de sumo.

Algo que nos surpreendeu foi a oferta igualitária nos supermercados. Vou explicar melhor. Os supermercados oferecem os mesmos produtos com os mesmos preços em qualquer bairro que procurar. Ou seja, o supermercado A, tem os mesmos produtos e com a mesma qualidade onde quer que se encontre. Não existe essa separação de classes, o atendimento é igual. Lembro que em 2018 comprava leite de caixa sem lactose por noventa céntimos (menos de um euro), e em novembro de 2021 o leite continuava a custar os mesmos noventa céntimos.

Existe um incentivo muito grande para que as pessoas vivenciem a rua. Parques bem conservados e estruturados estão à mão de toda a gente. A mobilidade urbana é outro fator muito positivo. O cartão de transporte vale para autocarros, metro, comboios, elétricos²⁵, barcos. E uma família só paga até oitenta euros mensais para ter direito ao cartão de transporte, independente de quantas pessoas possua a casa, uma iniciativa do governo para apoiar as famílias menos desfavorecidas.

A cidade tem ciclofaixas por toda parte. O pedestre ao atravessar na passadeira²⁶, os motoristas são obrigados a parar. Na cidade de Lisboa existe um apoio à arrendamento (aluguel) de bicicletas, carros e motocicletas por aplicativos (Figura 6.3).

²⁵ Autocarro é o ônibus, metro é o metrò, comboio é trem, eléctrico é o bonde.

²⁶ Passadeira é a faixa de pedestre.

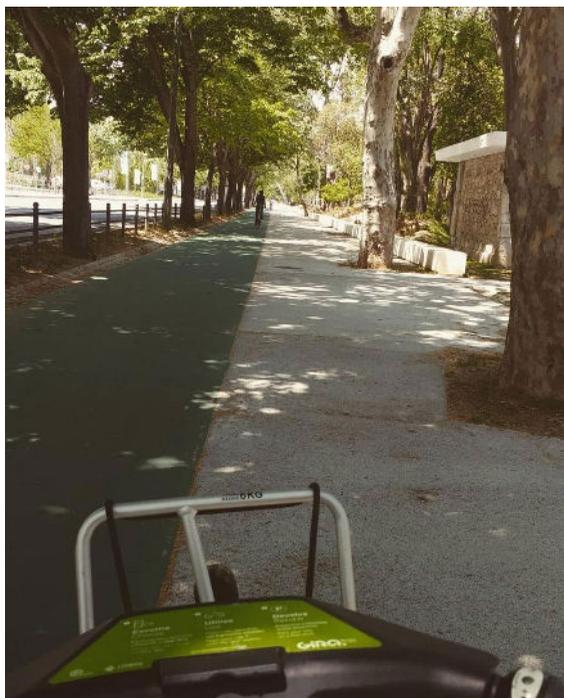


Figura 6.3 - Passeio de bicicleta pelo parque do Campo Grande. Acervo particular

Os portugueses não são muito abertos para fazer amizades. São discretos e formais. A informalidade brasileira gera algumas situações desconfortáveis. Em toda parte as palavras mágicas: por favor, obrigada, desculpe, com licença são utilizadas incansavelmente. Nós brasileiros não costumamos falar como eles. Nos transportes públicos, nos restaurantes, nas lojas, na universidade a todo momento falamos quando nos dirigimos a alguém. Mesmo ao levantar a mão para pedir a palavra pedimos desculpas para se dirigir à uma pessoa. Quando somos servidos nos restaurantes pedimos desculpas e obrigada quantas vezes ele for até a mesa.

Desapego também é importante. O quanto você está disposto? Chegar em uma cidade ou em um país desconhecido não é

tão glamoroso quanto se pensa. Enfrentamos o obstáculo do desconhecido. Os sentimentos de medo, a saudade dos nossos são movimentos singulares. Aprender sobre as legislações dos lugares é importante. Respeitar a cultura do outro sem perder sua identidade é uma tarefa árdua. Se abrir para o desconhecido é uma excelente forma de crescimento.

Tudo na Europa é pago, fato muito importante para ser discutido. A universidade pública, a saúde pública, o banheiro público são pagos. No Brasil, temos o privilégio do SUS. Na Europa toda e qualquer situação de emergência ou não você paga pela saúde. O Brasil tem um acordo para que nós brasileiros possamos ser atendidos pela saúde pública portuguesa, chamada PB4. Para ter direito a esse benefício, você deve fazer o pedido ao ministério de saúde do Brasil. E mesmo com o benefício, caso necessite de atendimento efetuará pagamentos. Todos os bairros existem os centros de saúde, que você pode se cadastrar e receber o número de utente²⁷.

As universidades têm prédios modernos, bibliotecas confortáveis para estudar (Figura 6.4). O acesso a grandes autores através de palestras é comum. Participamos de muitas aulas, seminários de autores renomados da França, Espanha e Estados Unidos. As barreiras linguísticas são também um enfrentamento para nós brasileiros. O inglês é um idioma comum para os europeus. Os putos e as raparigas²⁸ saem do ensino médio falando fluentemente o idioma inglês e até mesmo outros como francês e espanhol.

²⁷ O número de utente é o seu código de identificação como paciente.

²⁸ Putos e raparigas são formas usadas para falar dos jovens do sexo masculino e feminino, respectivamente.

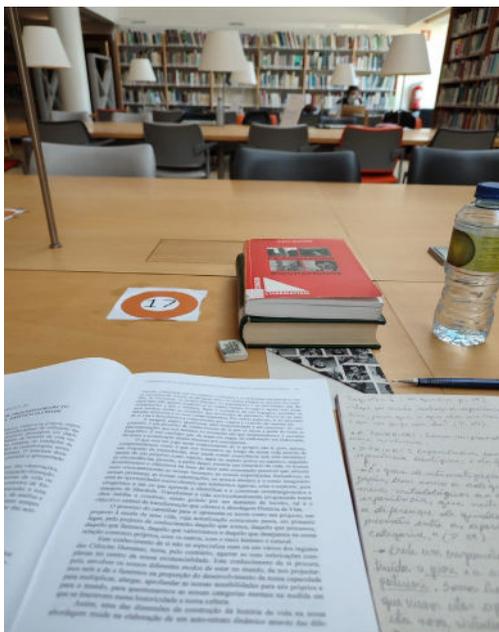


Figura 6.4 - Biblioteca do instituto de educação, Universidade de Lisboa. Acervo particular

A vida na Europa não tem limites linguísticos. Temos contato com pessoas do mundo todo, de todas as raças e religiões. A imigração é muito intensa. Estudamos com pessoas de países africanos, de outros países europeus, de países asiáticos e claro da América. Ser imigrante não é uma tarefa tão fácil, pois precisamos de tempo para descobrir sobre a cultura, conhecer os espaços e até mesmo nos defendermos do preconceito da xenofobia. Sim, xenofobia! Enfrentamos esse tipo de dissabor. Nosso português, por exemplo, é considerado errado por alguns portugueses. Nossa forma de ser não é vista com bons olhos. Alguns brasileiros têm dificuldade para alugar moradia, pois os portugueses não negociam conosco. Ser homossexual também é um impedimento para conseguir um quarto para viver. Mas sempre tendo em mente que não podemos generalizar esse tipo de situação.

A arquitetura europeia é de encher os olhos. Ter contato com as obras que estudamos nos livros de escola é um prazer maravilhoso. Fazer uma imersão cultural é algo indispensável. Caminhar pelas ruas estreitas dos centros antigos de Lisboa encanta os olhos e a alma. As calçadas são obras de artes de pessoas anónimas (Figura 6.5). Os calceteiros são homens que trabalham dando formas às calçadas.



Figura 6.5 - Arquitetura e arte das calçadas de pedrinhas da Praça de Camões. Acervo particular

Como disse anteriormente, sou professora. Lembro-me de um livro que li com meus alunos do 5ºano, chamado “Nuno descobre o Brasil”. Era a história de um miúdo²⁹ de 8 anos de idade que fica órfão e numa coincidência embarca em uma cara-

²⁹ Miúdo é a forma como se referem as crianças pequenas.

vela para o Brasil. Meus alunos amaram esse livro e nele vem o relato de onde e como foi a partida de Pedro Álvares Cabral de Lisboa ao Brasil. Mencionei esse livro para dizer que conhecemos onde saiu as embarcações. O Padrão do Descobrimento (Figura 6.6) como é conhecido me fez viajar a minha infância quando o professor de história nos deu a aula sobre esse assunto, mas principalmente quando eu, como professora, apresentei para meus alunos. Viver em Lisboa me traz um pouquinho para o Brasil.



Figura 6.6 - Padrão do Descobrimento. Acervo particular

Nós que vivemos no nordeste do Brasil não temos a experiência latente das estações do ano. Nós, cearenses, estamos acostumados com muito calor. Quando queremos viver o frio, subimos a serra. As estações do ano são manifestadas como momentos de mudança e costumes. As roupas vão se adequando às estações do ano. O inverno são roupas pesadas, mais escuras. A primavera não abre somente as flores, os ares sisudos dos rostos mudam. As pessoas começam a ficar mais tempo nas ruas, as roupas vão fi-

cando mais leves e coloridas. O perfume de lavanda vai invadindo o olfato por onde anda. O verão chega como um meteoro nos corações ansiosos por férias, sol e praia. As praias lotam de toalhas e corpos jogados sobre as areias quentes. Em Lisboa, as praias mais frequentadas são as de Cascais. Pode-se apanhar o comboio levando sua esteira, cesta de picnic. Os parques também lotam com famílias inteiras a fazer picnic. As tascas e esplanadas³⁰ lotam e as plaquinhas com “Há caracóis”, se multiplicam. Os amigos se encontram para tomar uma imperial³¹ e petiscar os famosos caracóis e caracoletas³² do verão. A Europa se transforma num grande palco cultural no verão (Figura 6.7). As ruas são tomadas por artistas e apresentações culturais. Isso não significa que no restante do ano, não aconteça, a mudança é no coração que se aquece com os raios de sol. Alguns estabelecimentos fecham as portas no verão e dão férias coletivas. O outono chega lentamente e as pessoas já começam a se preparar para o frio. Começam a tirar dos armários as primeiras peças de vestimentas mais quentes. As férias finalizam e as pessoas retornam ao ritmo de trabalho e estudo.

³⁰ Tascas são os pequenos bares portugueses e as esplanadas são mesas que ficam na área externa dos restaurantes. Geralmente reservada às pessoas fumantes.

³¹ A imperial é um chopp com cervejas tradicionais portuguesas.

³² Os caracóis são os animais pequeninos e caracoletas é o conhecido *escargot*, tem um tamanho maior.



Figura 6.7 - Apresentação da Orquestra Municipal no Vale do Silêncio, no verão de 2018. Acervo particular

Portugal tem seus símbolos tradicionais como o galo, o fado, as andorinhas. Entretanto o que mais me impressionou foi a dimensão do rio Tejo. Fernando Pessoa descreve perfeitamente o vislumbre do rio Tejo (Figura 6.8). Dois versos me faz refletir sobre a grandeza desse rio: “*Pelo Tejo vai-se para o mundo, Para além do Tejo há a América*”³³. Esses dois versos nos ligam ao Brasil e à Portugal.

³³ O Tejo é uma poesia de Fernando Pessoa com o pseudônimo de Alberto Caeiro.



Figura 6.8 - Vista do Tejo. Acervo particular

Durante o ano algumas datas importantes são esperadas com muita ansiedade. O dia 25 de abril, também conhecido como revolução dos cravos (Figura 6.9), comemora-se o fim do regime ditatorial e o início da democracia. Todos os anos essa data é festejada com desfiles de trabalhadores com suas baixas e distribuição de cravos ao longo da avenida da Liberdade. Outro evento muito semelhante ao nosso é a comemoração das festas de Santo Antônio. Nas festas juninas acontece um desfile muito parecido com as escolas de samba no Rio de Janeiro. Claro que bem mais modesto. Os bairros formam blocos organizados para os desfiles. Seguem padrões para votação do júri.



Figura 6.9 - Marcha pelo 25 de abril, distribuição de cravos, símbolo da liberdade. Acervo particular

No período de estudo do mestrado, vivemos em alguns bairros diferentes. Como narrei anteriormente, vivemos em Alvalade. Depois fomos morar com um casal de amigos aqui do Ceará no bairro chamado Moscavide. Esse bairro é muito tradicional. Ele fica muito próximo ao Parque das Nações, um bairro recém modelado para a Expo Mundial, por isso, nações. Ele fica às margens do rio Tejo e da ponte Vasco da Gama³⁴ (Figura 6.10). É uma área com muito verde e agradável para caminhar e apreciar o pôr-do-sol. Arrisco dizer que é um dos mais lindos que vi. Existe um

³⁴ A ponte Vasco da Gama tem mais de 12 km, é a ponte com maior extensão na Europa.

paradoxo entre a mão do homem e a mão de Deus. Do homem a perfeição da ponte e da mão de Deus a beleza generosa que contrasta as cores do céu e das águas tórridas do rio Tejo. Digo que tivemos sorte, pois nossa última morada foi em Barreiros. Um município metropolitano que fica do outro lado do Rio Tejo, ou seja, no outro extremo de Lisboa. Todos os dias andávamos nas grandes barcas, por 20 minutos de apreciação e deleite na viagem.

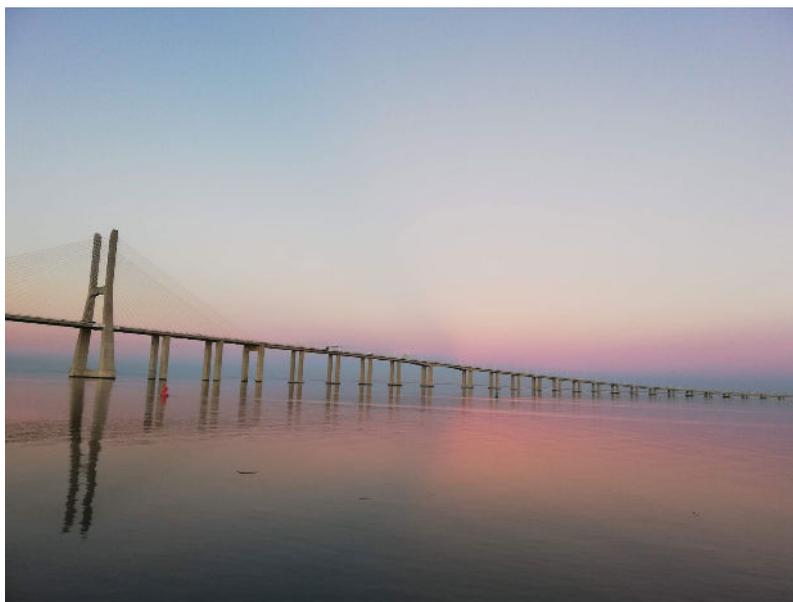


Figura 6.10 - Vista da Ponte Vasco da Gama e do rio Tejo, no Parque das Nações. Acervo particular

Alguns bairros de Lisboa carregam a história de seu povo com muita força. Falo de Alfama, Mouraria e Bairro Alto. Esses três sítios são surpreendentes. São compostos por ladeiras, ruas estreitas e ladrilhadas. As casas coloridas com varal de roupas nas janelas trazem a melancolia dos fados que descrevem as ruas e costumes desse povo que lá vive. A famosa fadista, Amália Rodri-

gues, exponha em uma de suas canções a poesia das ruas da Alfama (Figura 6.11). De uma pequenina estrofe pode-se sentir a cultura desse povo: *“Alfama não cheira a fado/ Cheira a povo, a solidão/ Cheira a silêncio magoadol/ Sabe a tristeza com pão/ Alfama não cheira a fado/ Mas não tem outra canção...”* Quem vai à Lisboa, uma das paradas é apreciar as ruas e os miradouros dos bairros antigos, onde ver-se o Tejo.



Figura 6.11 - Rua de Alfama. Acervo particular

O estudo de mestrado (Figura 6.12) não foi somente a vivência acadêmica. Ela nos ensinou a viver em grupo, compartilhar e viver com menos. Não tínhamos carro, uma casa só nossa.

Caminhávamos muito para descobrir os lugares, nos perdemos algumas vezes, mas o mais importante foi que enfrentamos os desafios e medos. Conhecemos pessoas que ficaram na nossa vida até hoje e outras ficaram como marcas que não fazem parte de nossas vidas, no entanto aprendemos a nos defender ou não. O melhor é esquecer e lembrar do que foi bom e que hoje você está fortalecida. Essa experiência nos deixa a certeza que a saudade nos acompanhará. Quando estamos lá sentimos falta dos nossos e quando estamos cá, as lembranças do que deixamos também bate forte.



Figura 6.12 - Nosso primeiro dia de aula, fevereiro de 2018. Acervo particular

Capítulo 7. Nossas Férias na Europa: um Rápido Aprendizado Cultural

Francisco José Alves de Aquino

Introdução breve – férias e presente da minha enteada

Em junho de 2019, com as passagens de ida e volta em mãos, tivemos a certeza que eu e minha esposa Joelma Aquino (Jô) iríamos conhecer um pouco da Europa. Essa viagem, durante as minhas férias de julho, quase três semanas inteiras, foi um presente da minha enteada Michele, a filha mais velha da Jô. Os preparativos foram relativamente tranquilos: providenciar o passaporte da Jô, imprimir uma carta convite (iríamos ficar hospedados da casa do namorado da Michele), concluir todos os detalhes burocráticos do semestre letivo de 2019.1 com alguma folga e preparar as malas que não poderiam exceder o peso máximo permitido. Essa seria a nossa primeira viagem internacional. A expectativa era grande: iríamos gostar dessa viagem? O longo voo seria tranquilo? Ficar hospedado tanto tempo na casa de um europeu traria algum tipo de atrito? Quanto dinheiro teríamos que levar? Estávamos mais que dispostos a tirar essas e outras dúvidas.

Viagem e carimbo aborrecido no passaporte

Nosso voo saiu de Fortaleza no dia 30 de junho em uma tarde de domingo. Foi um voo direto Fortaleza-Frankfurt (Alemanha). Foi um voo muito tranquilo e eu consegui dormir boa parte do tempo, mas a Jô não conseguiu. Ela estava preocupada se o avião iria ou não cair no meio do Oceano Atlântico. Eviden-

temente, o avião não caiu e chegamos no horário programado em um dos maiores aeroportos do mundo.

Logo após o desembarque nos dirigimos ao setor de imigração, levei os nossos passaportes e a carta convite em mãos. O guarda que recebeu os documentos não fez nenhuma pergunta (o que foi ótimo: não falo alemão e meu inglês não é tão fluente), não olhou para carta convite e carimbou nossos passaportes de forma muito burocrática e aborrecida. Foi um tanto decepcionante.

Seguimos para a saída e encontramos Michele e Geert, o holandês namorado dela. Eles já estavam nos aguardando. Foi um grande alívio! Chegar em um grande aeroporto, no estrangeiro, cheio de malas pequenas e grandes (ver Figura 7.1), sem conseguir se comunicar bem com as outras pessoas foi um tanto desafiador. Esse trecho inicial de nossa viagem foi concluído com sucesso e sem imprevistos.



Figura 7.1: Chegando no Aeroporto de Frankfurt com um bom volume de malas

Pelas autoestradas da Alemanha e chegando em Paris

Após chegarmos no carro do Geert (um Tesla bem confortável e com um excelente sistema de GPS) estacionado dentro do aeroporto, começamos nossa viagem rumo a Paris. Com um pouco de esforço, todas as nossas malas foram acomodadas no porta-malas. Teríamos quase 600 km de estrada pela frente. Não chegamos a conhecer a cidade Frankfurt, o aeroporto fica praticamente fora da cidade. Em pouco tempo já estávamos em uma das autoestradas da Alemanha.

Andar pelas autoestradas da Alemanha em um Tesla é bem interessante: podemos ir no limite de velocidade do carro, cerca de 210 km/h. Deixamos para trás carros que estavam a uns 180 km/h. Na pista “lenta” trafegavam caminhões a *lerdos* 110 km/h. Com curvas bem suaves e asfalto perfeito, era seguro viajar nessa velocidade. A cada 300 km ou 400 km aproximadamente, era necessário parar para abastecer o carro em postos de “*supercharge*”. Um detalhe importante: quando o motorista que estava na sua frente percebia que você se aproximava a uma velocidade mais alta, ele, automaticamente e sem nenhuma manifestação raivosa, mudava para uma faixa mais lenta, deixava você passar e depois voltava para faixa de alta velocidade.

Logo que chegamos em território francês, nosso limite de velocidade caiu bruscamente e a viagem seguiu um pouco mais lenta. Percebemos que estávamos perto de Paris quando o trânsito ficou mais pesado, lento e barulhento. Já era final da tarde, tivemos Sol o dia inteiro.

O trânsito dentro de Paris é ligeiramente caótico, até parecido com o de Fortaleza. Vi claramente vários carros que haviam sofrido “pequenos” esbarrões com outros carros. Acho que os

motoristas não estavam com tempo para levar esses carros para alguma oficina mecânica. Era bom manter a atenção no trânsito e nosso motorista já estava cansado. O nosso destino era um prédio antigo, sem elevadores, perto do centro de Paris, não muito longe da famosa Torre Eiffel. Michele e Geert haviam alugado um apartamento pelo Airbnb, era um apartamento de dois quartos, simples e perfeito para nossa curta estadia em Paris.

Depois de nos organizarmos dentro do apartamento, conseguimos ainda ter energia para fazer uma rápida caminhada à noite e fomos ver a Torre Eiffel. Ela estava bem iluminada (ver Figura 7.2), voltamos logo depois e tivemos uma boa e necessária noite de sono. Como estávamos em pleno verão europeu, os nossos dias foram quentes (mas não muito) e bastante ensolarados. A noite, entretanto, ficava muito frio para os nossos padrões nordestinos.



Figura 7.2. Respectivamente: Eu e a Jô em nossa primeira visita à Torre Eiffel; Michele e Geert que nos proporcionaram essa experiência inesquecível

Conhecendo um pouco de Paris

Começamos nosso primeiro dia em Paris indo comprar pão em uma padaria tipicamente francesa que ficava pertinho do nosso apartamento. Com um pouco de inglês e mímica não foi difícil nos comunicar. A atendente foi bastante simpática. Depois passamos o dia todo andando pelo centro histórico de Paris.

O centro histórico de Paris é praticamente um museu a céu aberto. Muitas coisas para ver e conhecer. Vale muito a pena visitar. Andamos pela famosa *Avenue des Champs-Élysées* e conhecemos um pouco de suas lojas. O trânsito é levemente caótico, é bom olhar para os dois lados antes de atravessar qualquer rua mais movimentada. Alguns pontos que conhecemos: o lado de fora do Museu de Louvre (não conseguimos os ingressos para entrar no museu!), o Arco do Triunfo, um pouco da parte externa da Catedral de *Notre-Dame* (estava em reforma depois de um grande incêndio) e, claro, uma visita mais demorada à Torre Eiffel, com direito a uma vista panorâmica da cidade do alto da Torre e a compra de algumas lembrancinhas dos vendedores ambulantes locais (ver Figura 7.3). Também conhecemos o moderno centro comercial e o Templo de Paris de A Igreja de Jesus Cristo do Santos dos Últimos Dias (que fica fora da cidade). Foram dois dias incríveis e intensos, mas já estava na hora de ir ao nosso destino “final” na Holanda.

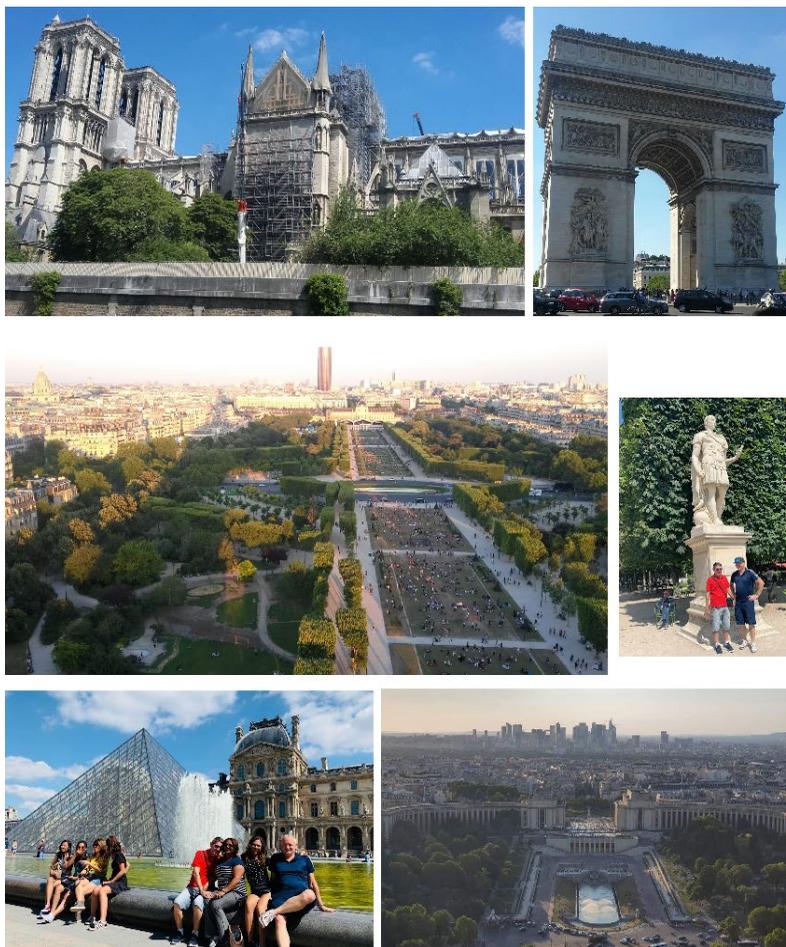


Figura 7.3. Conhecendo alguns pontos turísticos de Paris

De Paris a Rozendaal na Holanda

No segundo dia que tentamos conhecer o Museu de Louvre não conseguimos comprar os ingressos, foi uma pequena frustração. Dica: faça um pequeno planejamento se você quer conhecer esse museu, nem sempre ele estará aberto ou você conseguirá comprar os ingressos na hora. Passeamos pelos arredores do Mu-

seu de Louvre e também conhecemos o moderno centro financeiro de Paris. Na manhã do dia seguinte, seguimos viagem rumo a Rozendaal (mais uns 500 km de estrada), uma pequena cidade na Holanda perto da fronteira com a Alemanha. No meio do caminho tinha a Bélgica.

Deixamos o trânsito caótico do centro de Paris e seguimos em direção à Bélgica. Na Bélgica fizemos uma parada estratégica na bela cidade de Antuérpia, já bem perto da fronteira com a Holanda. Fizemos um lanche e andamos um pouco a pé para conhecer um pouco melhor a cidade (Ver Figura 7.4). Já era oficialmente noite, mas por causa do verão europeu, ainda podíamos contar com a luz do Sol.

Depois de mais umas duas horas de estrada e uma parada para abastecer o carro, finalmente chegamos em Rozendaal. Definitivamente, estávamos cansados e precisando dormir.



Figura 7.4. Uma parada estratégica em Antuérpia, Bélgica

Na Holanda

Ficamos hospedados na confortável casa de nosso amigo Gert, em Rozendaal. Rozendaal é uma pequena cidade vizinha de Velp e Arnhem, cidades que ficam no interior da Holanda e a menos de 50 km da fronteira com a Alemanha. Na verdade, de-

pois de uma pequena caminhada (uns 30 minutos), podemos chegar em Arnhem ou Velp saindo de Rozendaal.

Depois de alguns dias, eu e a Jô ficamos especialistas em perambular pelas redondezas de Rozendaal com a ajuda do Google Maps. Como as distâncias não eram muito grandes e a temperatura estava sempre agradável de manhã cedo, conhecemos os bosques próximos, Arnhem e Velp dessa forma (Figura 7.5). A maior dificuldade era entender as placas nas ruas (holandês é uma língua difícil) e conversar com as pessoas (tenho que melhorar meu inglês) (Figura 7.6). Em casa conversávamos uma mistura de português, espanhol e inglês.

Durante nossa estadia na Holanda tivemos a oportunidade de conhecer algumas cidades e diversos lugares: *Louwman Museum* (um dos melhores museus de automóveis do mundo – na cidade de Haia); *Burgers'zoo Park* - um dos maiores e melhores zoológicos da Europa que fica em Arnhem; *Koninklijk Paleis Amsterdam* (Royal Palace Amsterdam); *Openlucht Museum* - na cidade de Arnhem. Também conhecemos o que sobrou de uma grande cidade romana que fica na região de Colônia – Alemanha.

No *Louwman Museum* existem mais de trezentos carros, motos, carruagens e outros veículos, além de acessórios para automóveis, mostra de oficinas antigas e obras de arte relacionadas ao tema. São necessárias, no mínimo, duas horas para poder apreciar todo o acervo. Vale a pena a visita, mesmo para quem não é tão fã assim de carros. Durante a visita ao museu, relembramos também de alguns personagens históricos e seus carros.

O *Openlucht Museum* é bem diferente de outros museus. Ele tem dois ambientes: um fechado com muitos artefatos antigos mesclados com coisas futuristas e muita tecnologia; uma grande área aberta com muitas construções antigas que foram "transplan-

tadas" de seus lugares de origem para o parque do museu. Existe até um sistema de bonde elétrico (trem) que circula por toda a área aberta, os condutores são quase todos velhinhos bem simpáticos. Existe espaço para as crianças brincarem e até um local para treinar sua pontaria com arco e flecha. Uma visita a esse museu não leva menos que 4 horas para ser feita. Nas figuras 7.7, 7.8 e 7.9 temos uma amostra do que vimos no *Burgers' zoo Park*, *Openlucht Museum* e no *Louwman Museum*.



Figura 7.5. Entrada de Arnhem, Castelo de Rozendaal, na rua em que ficamos hospedados, uma casa típica de Rozendaal



Figura 7.6. Andando pelas ruas de Amsterdam

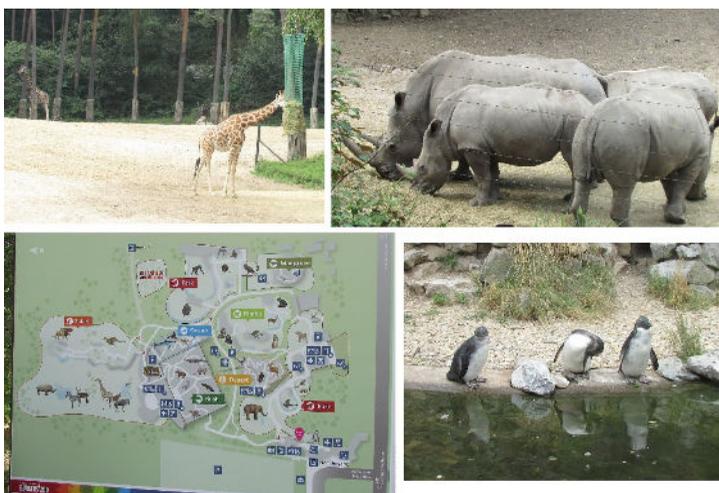


Figura 7.7. Burgers' zoo. Existe muito mais para ver e conhecer



Figura 7.8. *Openlucht Museum*. Uma pequena amostra do que vimos nesse museu



Figura 7.9. *Louwman Museum*. Alguns dos carros antigos que conhecemos no museu *Louwman*

O retorno

Depois de três semanas conhecendo um pouco da Europa, chegou a hora de voltar para casa. Acordamos muito cedo e pegamos a estrada rumo a Frankfurt. Desta vez seria uma viagem mais curta e direta, paramos somente para abastecer o carro e chegamos no aeroporto dentro do horário. Nos despedimos da Michele e do Geert e sem nenhum estresse ou imprevistos entramos no avião para mais um longo voo, sem escalas, direto a Fortaleza. Depois de um voo tranquilo, chegamos bem em Fortaleza.

Uma avaliação dessa experiência

Neste relato deixamos de fora vários detalhes prosaicos, mas acredito que conseguimos passar alguma coisa que seja de interesse do leitor. Viajar e conhecer outros lugares é fundamental para abrir nossa mente e alargar um pouco nossos horizontes. Ao final, depois desse tipo de experiência, alguns conceitos e preconceitos acabam caindo por terra. Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi em relação à segurança: podíamos sair a noite em qualquer horário sem medo de ser assaltado em Paris ou Amsterdam. Não havia o menor risco de usar o celular durante nossas caminhadas, mesmo porque todos tinham celulares bem melhores que os nossos. As pessoas também pouco se importavam como as outras pessoas estavam: você poderia andar usando qualquer roupa sem atrair muitos olhares. Claro, nem tudo são flores. Principalmente em Paris, vimos muitas pessoas (especialmente africanos) que viviam sem empregos formais vendendo lembrancinhas para sobreviverem. Na Holanda existe muita liberdade para o consumo de drogas, mas o nível de violência é muito baixo.

Capítulo 8. Portugal, Qualidade de Vida

*Ana Patrícia Sousa Santos
Antônio Palhares*

Conheci meu esposo português Antônio Palhares em 2014 no Brasil. Mal nos conhecemos ele disse que iria ter que levar alguém a Portugal. Achei que tudo era uma brincadeira. E nós nos apaixonamos e vivemos uma linda história no Brasil. Ele é uma pessoa super focada no trabalho e me ensinou muitas coisas na área da construção, pois ele na época era um investidor no projeto “minha casa minha vida do governo”. Fomos nos envolvendo mais e mais e em menos de um ano ele me trouxe a Portugal para conhecer a família dele (2015).

Foi radiante! Eu mal podia acreditar! Fomos passar o Natal e ano Novo com a família dele pela primeira vez! Eu não sentia meus pés, parecia que estava flutuando de tão leve, cheia de amor e sendo retribuída na mesma intensidade. Estivemos 20 dias em Portugal, foi tudo muito lindo. Ele que me mostrou tudo da Cidade dele. Ele é o melhor guia que possa imaginar. Não desgrudávamos um minuto um do outro. Foram dias muito felizes sendo tratada como uma verdadeira princesa, meu coração cheio de gratidão. Um lugar que eu amo é o Parque da Cidade, Porto. Onde encontro uma energia sobrenatural, dos passos, aves, árvores e todo o universo que Deus nos deu (Figura 8.1).



Figura 8.1 - Respectivamente momentos de caminhada, confraternização de Natal e Parque da Cidade no Porto

Costumávamos ir de férias para Portugal duas vezes, em agosto no verão e passar o Natal e ano Novo com a família do Antônio, pois ele não gostava de passar lá no Brasil. Quando vínhamos nesses períodos ele sempre gostou de me mostrar tudo nos mínimos detalhes, todos os dias me levava em sítios diferentes. Morar aqui como eu costumo dizer é um cantinho do céu, pois aqui é muito tranquilo.

No verão aqui há muito turismo, muita gente na rua porque aqui eles gostam muito do calor, as pessoas ficam bem-dispostas. As comidas aqui são um pouco diferentes da nossa cultura no Brasil, aqui o pão tem que ter sempre na mesa (tenho certeza que meu cunhado Gleison é descendente de português) café da manhã, almoço e jantar o pãozinho tem sempre que ter! Já me adaptei bem à comida, amo todos os peixes daqui, são os melhores do mundo. O “marisco” é fantástico. Os vinhos aqui também são os melhores. Geralmente o pessoal aqui tem o hábito de comer sempre com vinhos, pois em qualquer supermercado se encontra vinhos Alentejanos, Douro, entre outros de até de 1.50 €, é incrível.

Costumo dizer que não é fácil adaptar-se a um país longe da família, do trabalho e de toda uma vida conquistada com muito sacrifício. Saí do Brasil no dia 25 de dezembro de 2018 com o

meu coração apertado cheio de medos e, ao mesmo tempo, cheio de sonhos de ter uma vida melhor repleta de leveza e de paz.

Uma pessoa super motivadora e atenciosa, Antônio Palhares, meu esposo, sempre acreditou em mim, na minha garra e no meu trabalho. Com a minha vinda para Portugal, tínhamos negócios planejados e, no dia 28 de janeiro de 2019, já iniciei minhas atividades em estética dentro do melhor ginásio do Porto, Portugal "*Be In Balance*". Foi uma grande vitória para mim, graças a Deus e ao meu esposo Antônio, que fez tudo com muito amor e de tudo para que eu me sentisse em casa e confortável.

Por um lado, estava realizada por ter um trabalho e uma pessoa tão maravilhosa ao meu lado, entretanto, estava com um vazio enorme dentro de mim. Não foi fácil a adaptação, foi um ano muito difícil para mim sentimentalmente...Parecia que me faltava "tudo". Havia um vazio dentro de mim. Chorei talvez quase todos os dias de saudades da minha família, minhas irmãs...Eu lembro que chegava cedo na clínica e, quando olhávamos as nossas fotos juntas, chorava descontroladamente. Minha alma gritava e por muitas vezes achei que não iria suportar. Muitas vezes, tive que lavar o meu rosto com água gelada da torneira para acalmar meus olhos tão inchados que ficavam para poder ir atender aos clientes.

Comecei a ouvir louvores e palestras que me ajudassem a preencher um pouco deste vazio e a superá-lo. Os louvores e pregações me fortaleceram muito. As caminhadas que fazíamos juntos, eu e o Antônio, me ajudaram muito também. Eu não tinha essa segurança e nem tempo de fazer isso no meu país.

No dia 24/12/2019, renovei minhas forças: fui visitar minha família no Brasil e busquei outras visões, é uma sensação estranha. Este tipo de experiência, só quem vive é quem sabe realmen-

te como é. Quando cheguei ao Brasil, e saí de casa, tinha muito medo, como se alguém a qualquer momento fosse me assaltar. Parece que em nenhum canto fora de casa eu estaria segura no meu próprio país... Sim. Porque, em Portugal, eu caminho quase todos os dias, com telefones, documentos a qualquer hora nunca ninguém mexeu comigo.

Saí do Brasil no dia 07 de janeiro de 2020, com o meu peito cheio de gratidão a Deus por ter tido a oportunidade de conhecer esse país maravilhoso que é Portugal e, também por outro lado, com o meu coração apertado querendo trazer todos aqueles que amo para junto de mim... só assim teria a certeza que todos eles estariam seguros e bem aqui. Chorei, chorei e Deus mais uma vez deu-me consolo, paz e leveza para minha alma.

Depois de todas essas experiências de ir e vir, a gente vai percebendo muitas coisas, diferenças, mudanças, resistências e vê o quanto Deus é bom para mim e minha família o tempo todo. Ele cuidou e sempre cuidará daquilo que muitas vezes não está ao meu alcance e isso me fortalece.

Depois, no ano de 2020, já observando o infinito amor de Deus para comigo, Ele preparou “tudo” para que eu chegasse aqui e sentisse o que é realmente ser leve, ter paz, ter segurança, ter tudo aquilo que o universo (Deus) preparou para nos sentirmos e sermos felizes. Precisamos de tão pouco, ao caminhar, sentir a brisa e vento frio no rosto, andar sem medo ou preocupação de ser roubada, ter liberdade de ir e vir ao trabalho com segurança, enfim.

Fez exatamente agora em 25/12/2021 três anos que estou morando em Porto, em Portugal, mas eu posso confidenciar uma coisa íntima do meu coração: foi o melhor presente que Deus me deu e toda a minha Gratidão a Deus por ele ter preparado tudo

nos mínimos detalhes para mim, todos os dias eu agradeço a Deus. Eu digo assim: se me tirar daqui é tirar a minha própria vida, porque infelizmente, se eu pudesse, traria todas as pessoas que eu amo para cá. Deus sabe, e teria a certeza que todos iam ter essa sensação de leveza, segurança, praticidade e gratidão.

Eu hoje consigo trabalhar... a maioria das vezes vou e venho a pé porque me faz muito bem. Resolvo quase tudo a pé porque amo caminhar. Tenho tempo para atender na clínica, cuidar do nosso apartamento, cuidar da minha saúde mental, fazer exercícios e caminhar, que é o meu passatempo favorito. Nas minhas caminhadas eu converso muito com Deus e Ele sabe, somente Ele sabe, o tamanho da minha gratidão por ter chegado até aqui.

Quando atendo pessoas brasileiras que vieram só com a cara e a coragem, e há muitas aqui em Portugal, em busca não de enriquecer, mas por não ter o básico em nosso próprio país que é segurança, saúde, qualidade de vida, simplesmente “isso”. A gente vê cada coisa aqui que não é fácil para muitas delas, como pagar aluguéis caríssimos, trabalhar muitas vezes 10 vezes mais que no próprio país de origem para ter que sobreviver, submeter-se a certos trabalhos que seria incapazes de fazer no próprio país, deixar de ter coisas básicas de mulher que é cuidar de unha, fazer uma depilação, tudo isso a maioria tem que deixar como prioridade porque faz isso ou paga as contas e come.

É assim ou então não se consegue morar aqui. Tenho plena certeza do que eu estou falando. Mas para estas pessoas, só em ter o básico, que é o nosso “tudo” aqui, que é qualidade de vida, segurança e saúde, já é o suficiente. É assim, exatamente “isso”. Falo assim para finalizar minha experiência aqui, “infelizmente” porque nós temos um país rico que tem tudo, mas nos falta o básico que é saúde, segurança e qualidade de vida.

Capítulo 9. Quebrando um Coração Gelado

Felipe Bezerra Soares

Junho de 2018. Muitos vão à Europa para passear, bater fotos, postar nas redes sociais. Eu, particularmente, estava na Europa para me encontrar, pois, apesar de ter um trabalho estável, as dificuldades que enfrentei durante muitos anos me tornaram frio, cético e pessimista. Já havia viajado antes para outros países, mas dessa vez quis seguir sozinho pelos países da Europa Central, onde eu teria um tempo para mim, para conhecer as diferenças do mundo, poderia conversar com pessoas de culturas diferentes, aprender outras perspectivas e, com isso, eu pudesse ir me encontrando.

Após uma semana em Amsterdã, dias onde passei muito calor, rumei para a minha segunda casa, a Bélgica, para poder iniciar meu tour pela República Tcheca, um dos países mais animados do verão europeu.

Ao embarcar no aeroporto de Charleroi, já bem cedo pude perceber que a maioria das pessoas que estava indo à Praga eram jovens, muitos músicos, pois levavam seus instrumentos musicais, pude treinar bem meu inglês ao conversar com um britânico que me falou que iria tocar na abertura de um show no centro de Praga, num campo perto do Rio Moldava, como um bom morador de um país onde a moeda não vale nada, perguntei se a entrada do show era muito cara. Ele me disse que era aberto ao público, pois um jovem pianista pop iria tocar e ele estaria nessa apresentação.

Ao chegar em Praga, já sabia o que fazer, comprar coroas tchecas (moeda local), pegar um ônibus, o número 60, depois pegar um trem até o centro de Praga, onde iria para um albergue, um albergue que escolhi pois o *Hard Rock* estava cheio, segundo o Trivago, para depois descobrir que havia várias vagas e o próprio site da Trivago mandou mensagens avisando, porém, como já tinha fechado com o *Charles Bridge Hostel* pelo *Booking*, eu não iria perder o dinheiro da hospedagem de uma semana para ir pro *Hard Rock*.

Bem, a história fica boa agora. Eu entrei no ônibus, após comprar umas coroas tchecas, e o motorista me disse que eu teria que comprar o bilhete na máquina do lado de fora. Quando eu desci, o ônibus foi embora... enquanto eu tentava comprar um bilhete numa máquina que dava as instruções em tcheco, fiquei com uma cara de paspalho, até um casal ver a situação e me ajudar a comprar o ingresso, após eu aprender, consegui ensinar a um casal de idosos belgas a comprar o bilhete deles.

Dentro do ônibus, agradei ao casal que me ajudou, quando percebi uma garota olhando para mim e rindo, não sou muito de puxar conversa, mas o clima parecia tão bom que puxei assunto. Eu, particularmente, tenho esse sorriso até hoje na minha memória fotográfica. Ela estava com uma amiga, fisioterapeuta (Figura 9.1). As duas iam passar a semana em Praga (Figura 9.2), assim como eu, perguntei se elas tinham vindo nesse voo de Charleroi e elas disseram que sim.

Perguntei, então, quando elas iriam embora. Elas disseram que iriam no mesmo voo que eu por acaso também estava indo, coincidências das promoções da *Ryanair* (empresa da aviação *Low Cost*), provavelmente. Desta forma, o clima ficou mais agradável ainda e só foi melhorando quando elas disseram que são francesas

da cidade de Lille e eu falei que sou brasileiro. Nunca tinha visto uma reação daquelas, pois quando falei isso, a fisioterapeuta, de nome Julie, um típico nome francês, perguntou se não poderíamos passar a semana juntos, pois ela e sua amiga, Sophie (nome de francesa, não tem como negar), tinham adorado me conhecer.



Figura 9.1. O encontro.



Figura 9.2. Na cidade de Praga.

Chegando no centro de Praga, o dia não poderia estar mais perfeito: fazia um calor típico de verão e não havia nuvens, pessoas pelas ruas, a Ponte Carlos IV cheia de músicos, enquanto conversávamos sobre tudo que jovens inteligentes e estudados poderiam conversar, rir e aprender. A melhor parte veio quando cheguei no albergue, e elas me disseram que estariam no 2º andar, caso precisasse. Pera aí!! Elas estavam no mesmo voo, iam voltar no mesmo voo e ainda estavam no mesmo albergue!! Bem, se esse não foi um presente que o cara lá de cima guardou para mim, eu não sei o que é.

A verdade é que o primeiro sorriso que vi, o da Sophie, me fez dormir pensando sobre ela, sobre como ela pôde se interessar por mim, pois eu queria apenas me encontrar e ter boas conversas, talvez uma festa, mas o que estava acontecendo ali era diferente, a cada sorriso meu e dela, ficávamos mais felizes, caminhando pelas ruas durante a noite de Praga, tomando bons vinhos, absinto e muita cerveja.

No dia seguinte, pegamos um trem ao interior da República Tcheca, onde a Julie queria conhecer a cidade de Kutna Hora, a cidade onde há uma igreja feita de ossos humanos, eu ficava me perguntando onde é que eu tinha me metido, mas a verdade é que eu adorei o passeio, durante a noite decidimos ir a uma festa, em Kutna Hora. Passamos a noite dançando e bebendo e a única coisa que queria era ficar sozinho com a Sophie e apenas ficar olhando pra ela, como um artista fica admirando sua musa. No meio da noite, conseguimos entrar em um antigo vagão, que estava em ótimo estado, nele sentamos um de frente para o outro, quando eu perguntei pra ela, se ela já tinha sentido essa atração antes, pois eu não entendia. Eu já me considerava um homem vivido, militar, já havia conhecido várias mulheres, mas nada como essa atração que sentia por ela, me sentia um adolescente conhecendo o amor.

Ela ficou muito feliz, e nós nos entregamos, dentro do próprio vagão, provavelmente, um dos melhores momentos da minha vida.

A história continuou por mais 5 dias, onde nós 3 fizemos muito passeios, mas não nos beijávamos na frente da Julie, até o último dia, quando pedi a ela para ela ir comigo pra Bélgica (Figura 9.3), ela disse que não poderia e que tínhamos de ser adultos, pois vivíamos em mundos diferentes, eu prometi a ela aprender francês e que iria a cidade dela, para reencontrá-la.

Tive de resumir a história que mudou minha vida, pois lembro de cada detalhe, parece uma cópia do filme, “Antes do Amanhecer” do Linklater, onde o Ethan Hawk conhece uma bela francesa em Viena, Julie Delpy, e eles acabam se desconstruindo. No meu caso, nós não nos desconstruímos, nós fomos os caminhos um do outro para podermos nos desenvolver como pessoa, no final das contas, consegui o que queria, me encontrar, apesar de eu jamais acreditar que seria através de um amor por uma mulher.



Figura 9.3. Na Bélgica

Capítulo 10. Intercâmbio em Dublin

Laury Araujo Almeida

Minha primeira viagem para Europa foi em junho de 2018, estava indo fazer um intercâmbio de 8 meses, pretendia aprender inglês e conhecer novos lugares e pessoas. A única imagem que eu tinha da Europa era aquela que se via em filmes, livros e redes sociais. Meu destino era Dublin (Figura 10.1), a capital da Irlanda, uma cidade multicultural que reúne pessoas do mundo todo, seja em busca de emprego, seja para tomar uma boa cerveja em um dos famosos pubs que existem por lá.



Figura 10.1 - The Temple Bar

No dia 15 de junho desembarquei no aeroporto internacional de Dublin cheia de expectativas. Logo ao chegar, fui recepcionada por um brasileiro que me levou para minha acomodação temporária. Lá eu estava na companhia de mais 4 brasileiros e um mexicano, onde dividíamos um apartamento simples, com dois quartos, dois banheiros, cozinha e sala. Logo no primeiro dia eu pude caminhar pelo quarteirão onde eu estava hospedada e ver a simplicidade que era a cidade. Por mais que fosse uma capital, era uma cidade bem pequena, e eu conseguia ir a qualquer parte a pé.

Durante as primeiras semanas eu estava vivendo em um conto de fadas, estava encantada com os lindos parques localizados dentro da cidade, espaços onde as pessoas se encontram depois do expediente de trabalho ou se sentam para almoçar e tomar um café, sozinhas ou acompanhadas de amigos. Famílias passeiam com seus bebês, cachorros brincam, pessoas dançam ou jogam bola. Aquilo mudou completamente o meu ponto de vista sobre lazer. Era verão, então os parques estavam sempre lotados e animados, era maravilhoso poder pegar um pouco de sol, respirar ar puro sem sair da cidade e aproveitar a luz do dia que durava até as 22h.

Tudo naquela cidade me encantava, a arquitetura, as cores, as músicas, os pubs, tudo parecia ter saído de um filme e estava ali na minha frente. A região do *Temple Bar* era a mais turística possível, com as pessoas sempre festejando, comendo e bebendo. Era o auge do verão e todos os dias eram mais longos e as pessoas sabiam bem aproveitar isso. Além de ser verão, era também época de copa do mundo e pessoas do mundo todo que passavam por ali aproveitavam para assistir aos jogos e comemorar quando as seleções de seus respectivos países ganhavam um jogo. É mostrada na Figura 10.2, uma foto alimentando os cervos no Phoenix Park.



Figura 10.2 - Alimentando os cervos no Phoenix Park

Mas a vida de um intercambista na Irlanda não é só flores. Os dias foram passando e logo tive que iniciar uma busca por uma hospedagem fixa e descobri da forma mais chata a crise imobiliária que vive a capital da Ilha Esmeralda. Moradia é o item mais caro no orçamento do habitante de Dublin. Aluguéis absurdos e condições muitas vezes deploráveis de se viver, dividindo uma casa com cerca de 14 pessoas em algumas situações, como foi o meu caso. Me mudei para uma casa onde viviam mais 13 pessoas e eu. Eu dividia um quarto com meu namorado, os outros cômodos da casa eram divididos entre os outros morado-

res. Nessa casa moravam, 4 croatas, 2 espanhóis, 2 tailandeses, um boliviano, um francês e 4 brasileiros (incluindo eu). A diferença cultural era imensa, sem mencionar a dificuldade de comunicação algumas vezes devido aos idiomas.

Por mais que tivesse um quarto só para mim e meu namorado, não era possível ter muita privacidade naquela casa. Todos os compartimentos eram muito apertados e muitas vezes eu me sentia sufocada naquele lugar. Sempre que se cozinhava uma comida na cozinha parecia empestar a casa toda com o cheiro, e normalmente os croatas usavam muito tempero e faziam muita fritura, o que algumas vezes me deixava com dor de cabeça por conta do cheiro forte. Os croatas eram muito espaçosos, e muitas vezes andavam só de cuecas pela casa e me deixavam constrangida, visivelmente eu não conseguia me adaptar aos costumes deles.

Uma coisa que é bem desagradável quando se mora com pessoas de diferentes nacionalidades é quando você está entre algumas delas que falam um idioma que você não entende e eles começam a conversar nesse idioma. Isso sempre acontecia na casa e normalmente eu ficava imaginando se eles estariam reclamando ou falando mal de mim. Outra coisa muito peculiar era o horário de cada um na casa. Os meus *housemates* croatas acordavam as 5 da manhã para ir trabalhar, eles trabalhavam na construção civil e como o local da obra era longe do centro da cidade, eles tinham que sair bem cedo, e sempre que eles acordavam faziam questão de acordar todo mundo com seus tons de voz que faziam uma simples conversa parecer uma discussão. Os tailandeses trabalhavam a noite em um restaurante de comida tailandesa, chegavam de madrugada em casa e costumavam acordar as 11 da manhã, que era o horário que eles ligavam para os parentes que moravam na Tailândia e que devido ao fuso horário e ao trabalho puxado

que eles tinham, era o único momento do dia que eles conseguiam se comunicar com eles. Os espanhóis tinham horários de trabalho bem aleatórios, então qualquer hora eles poderiam estar em casa, como também poderiam estar no trabalho. Para o restante das pessoas da casa o dia começava as 10 da manhã, era o horário habitual por ali.

Minhas aulas de inglês eram no horário da tarde e os alunos da escola eram em sua grande maioria brasileiros, uns 90% de todos os alunos da escola, o que não contribuía muito com a evolução da língua, pois muitas vezes conversávamos em português. Mas ainda assim tive a oportunidade de estudar com gente vinda do México, Japão e brasileiros de todas as regiões do Brasil, o que foi muito enriquecedor para mim, fiz amizades e aprendi bastante sobre diferentes culturas.

Logo no segundo mês de intercâmbio eu consegui um emprego como *cleaner* em uma empresa que terceirizava serviços. Fui lotada em uma universidade que era quase do outro lado da cidade para trabalhar das 6 às 10 da manhã de segunda a sexta. O serviço era muito simples, eu tinha que limpar os banheiros de um prédio de 3 andares. No início você pode pensar que é muito, mas era uma limpeza bem superficial, não é uma lavagem de banheiro como nós brasileiros estamos acostumados a pensar que deve ser realizada a limpeza de um banheiro. Eu basicamente recolhia o lixo, trocava os sacos de lixo, abastecia com papel higiênico, usava um produto nas pias e vasos sanitários e passava o *mop* no chão. Trabalhavam lá comigo outros brasileiros, muitos outros, então o idioma no local de trabalho não foi um problema, dava para desenrolar tudo com os colegas de trabalho brasileiros. Era um trabalho bem simples de fazer que pagava mais do que eu podia esperar, a pior parte do trabalho era que eu tinha que acor-

dar as 4:45 da manhã para conseguir estar no ponto de trabalho antes das 6 da manhã, e isso fazia com que minhas semanas fossem bem cansativas já que saindo do trabalho eu tinha que ir para a escola do curso de inglês e só voltava para casa no final da tarde e já tinha que preparar as refeições do dia seguinte.

Devido ao cansaço do dia a dia nas semanas de trabalho, acabei que não aproveitei muito para conhecer mais a cidade, sair à noite e me divertir, e me arrependo muito disso. Mas trabalhar nesse período foi bom para que eu aprendesse a dar valor a muitas coisas, e me deu a oportunidade de fazer algumas pequenas viagens pela Europa, como por exemplo um final de semana em Londres, ou ir assistir um jogo da *Champions League* em Manchester, foram experiências incríveis. É muito em conta viajar de um país para outro na Europa, dessa forma é possível passar um fim de semana ou um feriado em um outro país facilmente com passagens de 15 euros. Nos fins de semana eu também tive a chance de conhecer algumas outras cidades dentro da Irlanda, visitar lugares que foram cenário de séries e filmes. Então, por mais que eu estivesse sempre cansada na semana, havia o final de semana para aproveitar um pouco.



Figura 10.3 - Assistindo um jogo da Champions League



Figura 10.4 - Palácio de Buckingham, Londres

No final das contas o intercâmbio não foi o mar de rosas que eu sonhava que seria, mas foi uma grande escola para eu aprender mais sobre a vida. No fim dos 6 meses de curso de inglês eu já estava tão esgotada de toda a rotina que eu estava levando lá em Dublin, dos apertos e desentendimento que a acomodação compartilhada gerava, que decidi voltar para o Brasil sem ficar os 2 meses extras que eu tinha direito (sim, me arrependo muito disso). Hoje em dia sinto muita vontade de voltar a Dublin, sinto que ainda tenho algumas coisas para fazer por lá, mas isso já será história para um outro livro.



Figura 10.5 - Calçada dos Gigantes, Irlanda do Norte

Capítulo 11. Doutorado Sanduiche de uma Cearense na Alemanha

*Renata Imaculada Soares Pereira
Felipe Costa de Oliveira*

Logo que ingressei no doutorado em Engenharia Elétrica na UFC, em 2014, meu orientador, Prof. Paulo C. M de Carvalho, e meu coorientador, Prof. Dr. Sandro C. S. Jucá (IFCE - Campus Maracanaú), já diziam que eu iria fazer um doutorado sanduíche em Colônia, na Alemanha. Mas como eles sabiam? Bem, não sei... Mas como esse era o nosso objetivo e poderia surgir a oportunidade de concorrer a uma bolsa, já comecei a aprender alemão em Fortaleza mesmo. Afinal, mesmo podendo usar a língua inglesa (que eu já dominava), queria um segundo idioma estrangeiro. Então, com a bolsa CAPES do doutorado, comecei a investir em aulas particulares com uma professora nativa. Em 2015 surgiu um edital conjunto CAPES/CNPq/DAAD e dentre 179 candidaturas, fui aprovada com uma das dez bolsas CAPES em parceria com o DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst* - Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), para realizar 12 meses de pesquisa na Universidade Técnica de Colônia (*Technische Hochschule Köln*). A única mulher, a única nordestina, a única da área de Engenharias dentre os selecionados pelo órgão. É de se orgulhar, não?

Era um período difícil no Brasil e metade das bolsas haviam sido cortadas. Já estávamos até pensando no plano B, caso não fosse aprovada. Para completar a nossa alegria, fui contemplada

com 6 meses de curso intensivo de alemão, a serem realizados antes da pesquisa. Portanto, ao todo seriam 18 meses na Alemanha, país referência na minha área, Energias Renováveis e Monitoramento Remoto.

Bem, chegou a hora de iniciar os preparativos para a viagem, que são muitos: documentações, visto, vida pessoal, familiares, estudo, etc. Para compartilhar esse desafio, Felipe e eu nos casamos em janeiro de 2016, três meses de viajar, para que ele pudesse ir comigo como cônjuge. Afinal, já estávamos juntos desde 2008 e já pagando o financiamento de uma casa (rsrs). Ao chegar lá, a escola onde eu fiz o curso de alemão havia encontrado um ambiente muito bom na casa de um casal de aposentados alemães. Era o terceiro andar da casa deles. Um quarto com cozinha, banheiro, ambiente de estudos e toda a mobília e eletrodomésticos necessários. Muito simpáticos, nos deixavam utilizar o quintal/jardim para estender roupas e tomar sol, bem como guardar as bicicletas. Tinha também um cachorro muito amigável. Porém, para que meu esposo ficasse no mesmo ambiente, teríamos que pagar 1.000 euros extras por mês, para nós um valor muito alto que não tínhamos como arcar, ainda mais durante todo o período de 18 meses.

Conversei com a senhora da casa, com a escola de alemão e expliquei a situação. Nesse momento, ter chegado com o nível B1 no idioma alemão me ajudou bastante! Ah, e não precisa ter vergonha de falar errado não, viu? Eles valorizam o seu esforço. Ela ficou surpresa com o alto valor cobrado, afinal, com a escola como intermediária nessa negociação, ela ficaria com um pequeno percentual apenas, indo a maior parte pra escola, tornando-se isso um meio de lucratividade alto com intercambistas. Chegar de fora em outro país, não conhecer as regras e a cultura, dificulta

muito a situação, fazendo com que muitos paguem pois não tem outra alternativa. Muitos colegas que foram com cônjuges, fizeram empréstimos no Brasil de quase 30.000,00 reais na época. Fiquei muito chateada com isso. Foi aí que decidi, por conta própria, procurar uma casa para alugar.

Decidimos ficar apenas um mês nesse local que a escola nos colocou e pagar os 1.000 euros. Na Alemanha, não se coloca placa de “Aluga-se” ou “Vende-se” na frente dos imóveis. Você tem que procurar no jornal, na internet ou através de imobiliárias. Foi o que fiz! Comecei a ler anúncios em alemão e tinha certeza que conseguiria alugar, afinal, sempre fui muito determinada. Também não é possível chegar no endereço a qualquer momento para conhecer o imóvel e falar com os responsáveis. São marcados dias e horários em que todos os interessados devem comparecer para conhecer e preencher uma lista de interesse. O locador é quem define o locatário com base no perfil pessoal e financeiro do interessado. Neste sentido fiquei um pouco preocupada, pois era uma estudante estrangeira. Após visitar uns quatro apartamentos, localizei um anúncio que inclusive era bem próximo de onde estávamos, dava para ir a pé. Fomos no fim da tarde e conversamos com o casal que estava alugando. Expliquei toda a minha história, deixei nome e telefone e fui embora. Dias depois, recebi um e-mail da imobiliária. Havíamos sido selecionados para alugar o apartamento. Que alegria! Como minha bolsa da CAPES era fixa e paga pontualmente, e como mostrei toda a minha documentação respaldada pelo DAAD, consegui comprovar renda e ficar com o local. Eram 550 euros para meu esposo e eu em um apartamento de um vão de 36 m². Dava para pagar com metade da bolsa. Maravilhoso! Perto da parada do trem e do ônibus, em uma avenida larga com supermercados e ciclofaixa. Porém, não tinha mobília nem eletrodomésticos.

Pedindo ajuda aos colegas do curso de alemão, nos sugeriram falar com os brasileiros residentes na Alemanha através de um grupo do Facebook. Eles têm o costume de doar móveis e eletrodomésticos, pois para descartar é preciso pagar um serviço da prefeitura, para dar o destino correto. Não é só jogar no lixo. Muitos também colocam as coisas na porta de casa com um aviso: “*Zu verschenken*”, ou seja, para doar. É só pegar e ser feliz. Foi assim que mobiliamos toda a casa (armários, roupas de cama, mesa, cadeiras, talheres, louça, cafeteira e outros utensílios e acessórios). Íamos pegar no endereço deles de bicicleta ou eles traziam de carro. Tivemos sorte, pois encontramos verdadeiros anjos! Ah, sem esquecer que fizemos nossa mudança com o carrinho de mão do casal alemão com o qual estávamos morando. Lembra que eu falei que era perto? Pois é, sorte mais uma vez! Se fosse muito longe, teríamos que fazer várias viagens de trem ou conseguir um frete (muito caro).

Como estávamos pagando o aluguel e a bolsa era para duas pessoas, foi aí que conversando com Felipe, decidimos que ele poderia trabalhar, para ter um salário fixo e inclusive para juntarmos uma reserva para quando voltássemos ao Brasil. Um dia, estávamos passeando na *Hohenzollernbrücke*, ponte principal de Colônia que fica em frente à catedral *Kölner Dom*, quando encontramos alguns brasileiros que moravam lá há 25 anos e conversando nos informaram que estrangeiros não têm permissão de trabalho no visto. Ficamos muito desanimados. Pegamos o contato desses brasileiros e fizemos amizade. Estávamos sempre em contato, afinal, eram os primeiros brasileiros experientes que havíamos encontrado e eles já tinham uma rede de amigos, com os quais sempre trocávamos informações. Nos falamos até hoje! Felipe por enquanto estava estudando alemão em uma escola da

prefeitura (furtaram a bicicleta do Felipe na praça onde ele deixava a bicicleta, com tranca, para ir à aula. Roubo na Alemanha? Sim! E tinham nos alertado, mas não acreditávamos. O que nos disseram é que era muito comum o furto de bicicletas; grupos de ladrões vêm numa van de outros países, furtam e voltam para seus países de origem. Dificilmente recuperam as bicicletas. Triste!

Felipe também estava fazendo pequenos serviços nas casas desses novos amigos que ganhamos. Sim, um pessoal muito legal, preocupado em ajudar, pois conhecem as dificuldades dos estrangeiros. O trabalho manual lá é muito valorizado e bem pago. Foi aí que começaram a entrar os primeiros euros com o suor do Felipe. Eles o indicavam para serviços de marcenaria e outros serviços manuais inclusive na casa de alemães.

Chegou então o dia de trocar o visto de turista pelo visto de estudante. Perguntamos ao rapaz que nos atendeu e o mesmo informou que Felipe poderia trabalhar sim, inclusive abrir empresa. Que alegria! E eu, mais uma vez, fiz o que? Fui agora ajudá-lo a procurar trabalho. Colocamos seu currículo em alguns sites que ofereciam vagas para estrangeiros e conseguimos duas oportunidades. Ele ficou o período todo empregado e conseguimos juntar um dinheirinho. Valorizo muito o esforço do Felipe, pois durante 40 dias trabalhou de madrugada, indo de bicicleta, que era muito longe, pois indo de ônibus ou trem, precisaria pegar em torno de três transportes e demoraria mais a chegar, além de aumentar as despesas. Era uma hora pedalando pra ir e mais uma hora para voltar. E isso, trabalhando de meia noite às 8h da manhã. E no frio. Para um cearense, até a primavera é fria lá, imagina no outono e no inverno. Chegava a congelar a barba, mesmo colocando um pano. Sempre saía todo protegido, de luvas, touca, casaco e no escuro. Pelo menos tinha segurança para fazer isso; coisa que

no Brasil não daria pra fazer. E ele adora pedalar. Quando me lembro, volta todo aquele sentimento de preocupação, mas de orgulho por seu esforço e determinação. Um outro detalhe: ele não se adaptou muito com a comida alemã, portanto, trabalhando muito, pedalando, sem dormir nem comer direito, acabou emagrecendo bastante; além disso lá não tem barraquinha de comida em todo lugar.

Nesse emprego, houve um momento em que não quiseram pagar seu adicional noturno. Foi aí que ele decidiu ir na sala do RH e disse, ainda no estágio inicial do idioma: “*Nachtschicht geld heute!*” Algo como: “Dinheiro Adicional Noturno Hoje!” Disseram que pagariam no mês seguinte. Repetiu três vezes, pois já estava atrasado o pagamento e não o estavam valorizando por ser estrangeiro. Até que a moça disse: Ok Ok, amanhã pagaremos. Final feliz! Mas apesar de tudo, ele não se arrepende. Conta que valeu a pena a experiência. E no outro local de trabalho, onde ficou mais de um ano trabalhando em um galpão de estoque de uma loja de departamentos todo automatizado, se destacou tanto por ser pró-ativo e dedicado, que ficou mesmo após um grande corte de funcionários.

Até hoje ele conversa com os amigos estrangeiros que ele fez lá. Alguns da Itália, outros do Curdistão, do Cazaquistão. De vez em quando me deparo com Felipe mandando áudios para eles em uma espécie de sotaque turco-alemão que só eles entendem (risos). Os alemães costumavam perguntar que idioma era esse que só eles compreendiam. E o alemão segue vivo na nossa casa! Às vezes soltamos algumas palavras, expressões e rimos lembrando essa experiência maravilhosa em outro país, tão diferente do nosso. Sem falar que agora conseguimos assistir vídeos e séries em alemão. Isso é importante para treinar e não esquecer a língua.

E para resumir esta história, cheia de emoções e novidades pra gente, iniciei a pesquisa de doutorado com o grupo alemão, sob supervisão do Prof. Dr. Ingo Stadler. Olha eu ali na entrada (Figura 11.1) da *Technische Hochschule Köln* (TH Köln), ou, em inglês, *Cologne University of Applied Sciences*, em um dos poucos dias que neveu em Colônia. Sim, nessa cidade neva menos.



Figura 11.1: Na entrada da TH Köln em um dia de neve

Tive a oportunidade de poder ir de bicicleta para a faculdade, andar de trem, vivenciar a cultura e falar 100% em alemão,

melhorando minhas habilidades ainda mais. Como foi bom! Realizei minha pesquisa, publiquei artigos³⁵. Só sucesso, graças a Deus! Visitei museus, participei de congressos (Figura 11.2), apresentei trabalhos, conheci cidades vizinhas e pessoas do mundo todo.



Figura 11.2: Participação em congressos

Fiz até acupuntura lá. (tensa com o doutorado, surgiram muitas dores nas costas). Comi coisas diferentes. Vocês sabiam que a Alemanha é o país europeu com a alimentação mais barata? Conheço uma suíça que viaja mais de uma hora para fazer supermercado na Alemanha! Tive também a oportunidade de viajar para outros países em voos de 10 euros. Isso mesmo! E um que atrasou cinco horas e quando fui registrar uma reclamação no site, recebemos 500 euros de indenização? Isso mesmo! 250 euros por pessoa! Na vida temos que conhecer nossos direitos e correr atrás! Lutar por aquilo que queremos e acreditamos! Ser determi-

³⁵ Publicações resultantes da pesquisa de doutorado sanduíche na Alemanha: <https://doi.org/10.1016/j.measurement.2019.04.085> e <https://ieeexplore.ieee.org/document/8896816>.

nado e seguir em frente mesmo em situações adversas. Levo isso comigo em mente sempre. Bem, foram muitas experiências. Boas e ruins, porém, todas contribuíram para a minha evolução como pessoa e como profissional.

Por fim, agradeço a vocês pela leitura e convido agora a conhecer um pouco mais da minha trajetória acadêmica, neste curto vídeo³⁶ feito em comemoração aos 10 anos do IFCE Maracanaú. A Figura 11.3 mostra o prédio da TH Köln, instituição onde realizei meu doutorado sanduíche e o sistema fotovoltaico onde implementei sensores para monitoramento remoto e em tempo real da temperatura dos painéis solares. Essa planta solar integrou outras da nossa rede de monitoramento no Brasil.



Figura 11.3: Prédio da TH Köln e módulos fotovoltaicos que utilizei na pesquisa

³⁶ Vídeo sobre a trajetória acadêmica de Renata I. S. Pereira: <https://www.youtube.com/watch?v=Uc1Ny63m5zE>.

Capítulo 12. Do Ceará para o Mundo: Minha Primeira Viagem Internacional

Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira

Introdução breve – a primeira viagem

Em maio de 2011, eu e, na época, meu marido tivemos um convite de uma prima dele para fazer uma viagem para Fortaleza/CE para irmos numa excursão de uma empresa de Santa Catarina, apenas eu cearense, imaginem! (e também era a mais nova do grupo) para uma viagem a vários países, Itália, Holanda, Alemanha, Suíça, França e Bélgica, que eu achava totalmente impossível, um sonho, nem passaporte eu tinha, mal tinha saído do Ceará; porém, a partir daquela conversa começamos a discutir como poderíamos pagar e a empolgação foi ficando maior, até que decidirmos começar a pagar, passamos um ano pagando, mais foi o dinheiro mais bem investido para nós. Além do conhecimento cultural, amizades foram conquistadas e fortalecidas (Figura 12.1), até hoje, nos comunicamos e já inclusive vieram a Fortaleza e se hospedaram na nossa casa.

Em maio de 2011, o sonho se transformou em realidade. Saímos de Fortaleza para São Paulo encontrar a turma. Foi um voo direto Guarulhos-Frankfurt (Alemanha), Frankfurt – Roma. Estava bastante ansiosa, não consegui dormir nada, preocupada com a questão do idioma, era a única na excursão que não sabia nada do alemão, pois a maioria dos colegas estava indo conhecer principalmente a Alemanha, onde seus pais e avós nasceram e entender a descendência, alguns nunca tinham nem viajado de

avião. O idioma não foi um problema durante a viagem, pois em alguns passeios recebíamos um fone tradutor.



Figura 12.1: Foto esperando o voo de Frankfurt para Roma, a prima (Rosa) que fez o convite da viagem

Chegamos em Roma muito cansados e a guia, Cibele, tinha orientado naquele dia pagar meia pensão, já que chegaríamos tarde e os restaurantes estariam fechados. Primeira refeição foi uma decepção! Um macarrão verde, um pedaço de frango duro, apenas um, não podia repetir, a bebida cara, mas vamos curtir e não vamos ficar convertendo a moeda, senão não fazemos nada.

Iríamos conhecer vários países num ônibus (Figura 12.2), superconfortável, a turma era bem animada e os grupos começavam a se formar, o bom de viajar de excursão, é que o guia da empresa resolvia tudo, e bastava colocar as malas na porta, para seguirmos viagem. O percurso era sair de Roma, visitando vários países e voltar para SP de Berlim, alguns locais só dormíamos, outras tínhamos tempo de conhecer, andar, comprar, etc.



Figura 12.2: Foto do nosso ônibus Europamundo

Em Roma

Queria muito conhecer o Vaticano, arrependo-me de não ter encarado a fila (Figura 12.3), para conhecer a Basílica, porém como tinha pouco tempo, tive que seguir a excursão, acho que somente eu era católica, os demais não priorizaram essa visita, voltarei um dia e conhecerei!



Figura 12.3: Foto da basílica de Roma

Conhecendo um pouco da ITÁLIA

Foi oferecido como passeio extra, que não estava incluso, a visita a Ilha de Capri (Figura 12.4), era um carro para nós e outro casal, tentamos um desconto ou tirar alguns itens para que ficasse mais acessível, mas sem sucesso, e o guia local (Ruan, brasileiro do RJ), disse que fosse pelo guia, que não iríamos nos arrepender/ e ele tinha razão foi o passeio mais lindo e como brinde tivemos um tenor na nossa gôndula em Veneza, conforme Figura 12.5. Fiquei um pouco decepcionada com Veneza, devido ao mal cheiro no passeio. Em Firenze fomos na Rua do Ouro, porém só olhávamos. Europa, não é uma viagem para compras, nem perfume comprei.



Foto 12.4: Foto do passeio para a Ilha de Capri



Figura 12.5: Foto do passeio em Veneza com nossos amigos

Visita a cidade de Pompeia (Figura 12.6), foi destruída durante uma grande erupção do vulcão Vesúvio, a 22 km de Nápoles, na Itália.



Figura 12.6 - Foto em Pompeia

Conhecendo um pouco de Paris

Em Paris, conhecemos os principais pontos turísticos. O lado de fora do Museu de Louvre (optamos por outro passeio), o Arco do Triunfo, Castelo de Versalhes, Catedral de Notre-Dame à Torre Eiffel, de dia (Figura 12.7) e noite, imagens totalmente diferentes, a maioria não saiu do hotel a noite e nós fomos conhecer, no caminho encontramos um restaurante brasileiro (Figura 12.8), felizes da vida, comer arroz, feijão e carne. Não realizamos a vista panorâmica da cidade do alto da Torre, pois já estava fechada. Visitamos também o famoso Moulin Rouge, que só podia tirar foto na entrada, eles ficavam com câmera/celulares, onde assistimos uma linda apresentação (Figura 12.9).



Figura 12.7 - Foto do passeio pela Torre



Figura 12.8 - Foto do restaurante brasileiro em Paris



Figura 12.9 – Foto do Moulin Rouge

Na Holanda

Conhecemos Volendam (Figura 12.10) uma pequena vila de pescadores, que mantém suas tradições. Este dique (Figura 12.11), o nível do lago IJsselmeer – um dia foi água salgada – é acima do nível da vila de pescadores. Ainda passamos por Amsterdã e fomos conhecer as famosas tulipas.



Figura 12.10 - Foto de Volendam



Figura 12.11 - Foto do dique em Volendam

A capital da Suíça (Berna)

Esse foi o país para mim mais encantador e como eu idealizava que seria a Europa, tenho muita vontade de voltar à Berna (Figura 12.12), ainda passamos por Zurique.



Figura 12.12 - Foto em Berna

E chegamos novamente à Alemanha, localizada no distrito de Goslar, estado de Baixa Saxônia (Figura 12.13).



Figura 12.13 -Foto da cidade de Goslar

Berlim

Muitos foram conhecer o local campo de concentração, porém optamos por realizar outro passeio (Figura 12.14), Primeiro ponto que deve ser visitado em seu roteiro turístico em Berlim é o portão de Brandemburgo, principal símbolo da capital alemã, que felizmente foi uma decisão acertada, pois muitos ficaram impressionados com energia e tristeza do local.



Figura 12.14: Foto do portão de Brandemburgo

O retorno

Depois de 20 dias bem intensos, todos muito cansados, porque foi bem corrido, mas muito satisfeitos e agradecidos pela excelente viagem realizada (Figura 12.15) e mais convencidos, que podemos sim acreditar nos nossos sonhos e que para Deus nada é impossível.



Figura 12.15: Aeroporto de Berlim

Uma avaliação dessa experiência

Essa experiência foi realizada há 11 anos e jamais esquecerei, muita história que tinha lido, assistido em filmes ou jornais, mas que presenciei e pude conhecer e entender mais. Escrevendo este capítulo, passou um filme, algumas pessoas nem fazem mais parte da minha vida agora ou já deixaram esse mundo, mas que pude conhecer, conviver e levarei para sempre comigo. Comecei a escrever sorrindo e finalizo chorando, mais de saudade e realização.

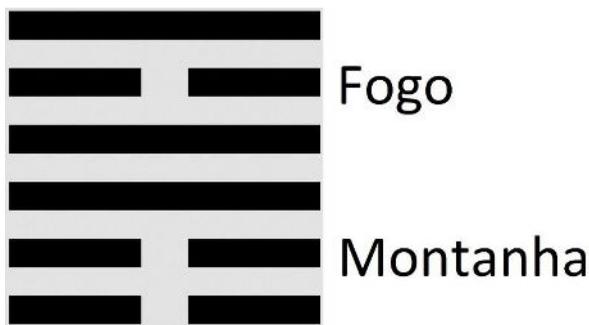
“Viajar é mudar a roupa da alma” (Mario Quintana).

Capítulo 13. Do Norte da Alemanha às Praias do Ceará

Jörn Seemann

O título deste capítulo dá a impressão de que se trata de uma viagem direta sem desvios ou complicações: é só embarcar no aeroporto de Hamburgo (*Fuhlsbüttel*), pegar conexões em Frankfurt e São Paulo e chegar ao Aeroporto Pinto Martins em Fortaleza. Muito fácil. Porém, minha trajetória incluía muitos caminhos tortos, momentos avessos, decepções e frustrações até chegar a um final razoavelmente feliz. Fui avisado sobre essas mudanças pessoais em meados de 1993 quando consultei o I Ching ou “Livro das Mutações”, um manual filosófico chinês muito antigo que é frequentemente usado como um oráculo para responder perguntas sobre a vida.

Depois de alguns meses como estagiário no Instituto Agrônomo de Campinas, comecei a me apaixonar pelo Brasil e também pela minha futura esposa que morava em Belém do Pará. Queria saber do I Ching se deveria ficar no país. Joguei duas vezes e obtive o mesmo resultado: hexagrama 56, Lü, o viajante (Figura 13.1).



Hexagrama 56: Lü - o viajante

Figura 13.1 - O hexagrama do viajante segundo o I Ching

O hexagrama é composto de dois trigramas: fogo sobre montanha. Enquanto a montanha fica imóvel, o fogo não permanece no mesmo lugar. O oráculo explicou que “o viajante não tem morada fixa, seu lar é a estrada. Por isso ele deve procurar se manter íntegro e firme, detendo-se apenas em lugares apropriados e tendo contato somente com boas pessoas. Ele, então, encontrará boa fortuna e poderá seguir seu caminho sem problemas” (WILHELM, Richard. *O livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 2006, p.172). Comecei uma vida de migrante: “Terras estranhas e separação, eis o destino do viajante” (p.172), ainda pior: “seja o que for aquilo em que a grandeza se esgote, uma coisa é certa: perde seu lar” (p.487). O I Ching também me avisou sobre como agir: seja modesto, moderado e humilde e não seja arrogante e rude. Isso é mais fácil de dizer do que fazer. Embora não tenha sido um modelo de comportamento (usando uma expressão cearense, “pisei na jaca” muitas vezes), aprendi bastante sobre etiqueta e tratamento de pessoas no Brasil, levando-se em conta que os códigos e convenções sociais na Alemanha são muito diferentes, começando com abraços e os dois beijinhos (três para

casar!) que geralmente não fazem parte do “repertório” cultural dos alemães.

Minha experiência educacional “para valer” se iniciou no começo de março de 1998. Havia passado mais de três anos no Brasil com pouco rumo e sem muita perspectiva, apenas com o diploma da Universidade de Hamburgo em mãos e algum dinheiro no bolso que raspei da minha poupança na Alemanha, mas que não valia muito no Brasil porque a taxa de câmbio estava abaixo de 80 centavos de um real para um dólar americano. Morei em vários lugares: Belém, Santa Cruz do Sul (RS), Benfica (PA), Santa Maria (RS) e Curitiba (PR). Desde setembro de 1997 estava trabalhando em uma empresa de engenharia em Fortaleza para georreferenciar fotografias aéreas e digitalizar mapas de cidades do Ceará. O escritório ficou no 19º andar da Torre Empresarial Quixadá, o prédio mais alto da cidade naquela época. Quando não estava concentrado nos mapas e imagens na tela do meu computador, olhava pela janela para ver a paisagem deslumbrante de Fortaleza, tendo o azul do Oceano Atlântico com pano de fundo no horizonte.

Naquele dia de março, quase 24 anos atrás, fui pegar um ônibus na Avenida Barão de Studart para ir ao Campus do Itaperi da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Por recomendação, tive uma conversa com o diretor do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Raimundo Santiago dos Santos, que me informou que o Curso de Geografia estava procurando alguém para dar aulas de cartografia. Eu entraria como “extensão tecnológica” no primeiro semestre de 1998. Tive menos de três semanas para me preparar. Tomei emprestado dois livros de cartografia e comecei a ler. Da Alemanha trouxe o título de mestre (meu diploma foi revalidado como mestrado no Brasil pela Universidade Federal de

Santa Maria), mas não tinha a mínima experiência como professor universitário e ainda lutava com “a nossa língua portuguesa”.

Para piorar a minha situação, fui escalado para ensinar topografia e métodos de levantamento, uma disciplina bastante técnica que englobava o uso de instrumentos como o teodolito (que nunca havia usado e apenas conhecia pelo nome) e cálculos trigonométricos bastante complexos. Sem exagero, posso dizer que provavelmente sabia apenas um pouco mais sobre topografia do que os meus alunos. Curiosamente, não me lembro de muitos detalhes das aulas. Não havia reclamações, pelo menos não na minha frente. Usamos o campo de futebol na frente do prédio do curso para fazer medições com passos, trena, bússolas e teodolito. A visita ao IBGE local como aula de campo foi o ponto culminante da disciplina e me deu um pouco de alívio.

Uma vez consegui um ônibus para levar os meus alunos a um lugar mais longe de Fortaleza. Embarcamos em um daqueles “amarelinhos”, ônibus escolares doados ao Governo do Ceará pelos Estados Unidos, rumo ao Maciço de Baturité. O nosso objetivo era subir até Guaramiranga e escolher um lugar para fazer as nossas medições. Portanto, tivemos que mudar os nossos planos no meio do caminho porque o ônibus não conseguiu subir mais na estrada. Decidimos estacionar em uma curva no caminho. Sem querer, encontramos um lugar perfeito para o nosso trabalho: uma paisagem bonita com rochedos no leito de um riacho, até com uma cachoeirinha se eu me lembro corretamente.

Desembarcamos e montamos nossos teodolitos e posicionamos nossas estacas. Embora não tenha sido uma experiência prática perfeita, os alunos gostaram bastante da aula de campo, também pelo fato de que qualquer lugar que não seja uma sala de aula monótona quase sempre enriquece a aprendizagem. Pelo menos vi apenas rostos felizes na foto do grupo (Figura 13.2).



Figura 13.2 - Foto da aula de campo da disciplina de Topografia da UECE (ca. 1998). Acervo particular

Em retrospectiva, eu me pergunto como, apesar de tudo, minhas aulas corriam razoavelmente bem. Diferente da variedade e das opções de hoje, não tinha muito material didático além de alguns livros básicos e defasados emprestados de colegas e vários textos xerocados. Como era possível dar aulas de uma hora e meia e envolver os alunos?

Com algumas poucas semanas no semestre, alguém no departamento descobriu que eu tinha também uma formação em antropologia cultural. Não havia professor para essa disciplina e “ganhei” mais aulas. Sempre tive um fascínio por culturas diferentes. De certa forma, estava vivendo isso não apenas como professor, mas também como estrangeiro no Brasil. Fiquei mais à vontade nessa disciplina. Havia mais livros na biblioteca e conseguia envolver estudantes em discussões sobre cultura. De certa

forma, a antropologia cultural também me ajudou a refletir sobre as minhas próprias tradições culturais, sempre lembrando o perfil do viajante na previsão do I Ching.

Muitas vezes, comecei o semestre com um texto de Hans Staden, mercenário e aventureiro alemão do século XVI que foi capturado e escravizado pelos Tupinambás e ia terminar como prato principal da tribo. No seu livro “História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens...”, Staden não apenas apresenta uma descrição detalhada da vida cotidiana dos índios, mas também inclui uma série de gravuras com cenas de canibalismo. Depois da leitura em voz alta na aula, provoquei os alunos perguntando se esse ritual não parecia um pouco com o churrasco que se faz nos finais de semana no Brasil. Entendi que era preciso "relativizar" a cultura.

Aulas de campo também faziam parte dessa disciplina. Levei os alunos ao museu do Dragão do Mar para refletir sobre a cultura do Sertão, fiz um passeio de barco nos mangues da Barra do Ceará na esperança de falar com pessoas da aldeia dos Tapebas (não deu certo) e fui à casa da indigenista Maria Amélia Leite para aprender sobre os Tremembés de Almofala no litoral norte do Estado. Um dos momentos mais gratificantes foi a minha visita ao acervo histórico do Mucuripe organizado pela líder comunitária Verinha Miranda. Para a aula, eu podia ir a pé do meu apartamento no Papicu. Verinha coletava e colecionava memórias sobre o bairro e converteu a sua casa no Mirante em um museu. Por um tempo, eu brincava com a possibilidade de montar um projeto de doutorado sobre a comunidade de pescadores e os impactos da especulação imobiliária em Fortaleza, mas como professor temporário e sem bolsa de estudo para a Inglaterra, tive que desistir da ideia. Na nossa aula de campo, Verinha nos con-

tou sobre os desafios no Mucuripe, desabafava sobre os problemas (o aumento de violência e crime) e convidou os alunos a mergulhar nas fotografias e nos recortes de jornal. Mais uma vez, vi muitos rostos felizes (Figura 13.3).



Figura 13.3 - Aula de campo na casa da Verinha no Mucuripe (ca. 1998). Acervo particular

Fiquei na UECE por quatro anos. Tive que fazer concurso para professor substituto duas vezes para garantir meu emprego, mas em 2002, decidi prestar concurso para professor efetivo na Universidade Regional do Cariri (URCA) em Crato no extremo Sul do Estado do Ceará, minha casa acadêmica oficial até 2015. Em 2006, tive a oportunidade de ir para os Estados Unidos para um doutorado em geografia na Louisiana State University que concluí em 2010. A minha nova rede de contatos na América do Norte abriu caminhos futuros para mim, e em fevereiro de 2015,

uma universidade no Meio Oeste americano, a Ball State University, me convidou para uma entrevista para uma posição de professor na área de cartografia. Saí de Fortaleza sentindo o calor de 30 graus Celsius e cheguei ao Estado da Indiana enfrentando temperaturas de vinte graus negativos. Converti temperaturas de Celsius para Fahrenheit e ainda hoje costumo brincar sobre a queda extrema de temperatura de 80 a zero graus Fahrenheit. Um dos meus futuros colegas me emprestou um casacão bem quente. No Ceará não havia necessidade de ter roupa para o inverno.

Comecei meu novo emprego nos Estados Unidos em agosto de 2015 ensinando cartografia e geografia cultural, mas falar dessas novas experiências inusitadas seria outro capítulo e iria relatar histórias fora da rota Brasil-Europa. De qualquer maneira, minha impressão é que, por enquanto, o viajante do meu I Ching não mudará de lugar tão cedo apesar de sentir um pouco de cansaço diante dos invernos frios e longos no Meio Oeste americano.

Capítulo 14. Descobrindo a Pérola do Atlântico e Ressignificando o Descobrimento em mim (Jornada Afetiva)

Hemetério Segundo Pereira Araújo

Como abertura deste capítulo, escolhi uma imagem que representa a grandiosidade do desafio enfrentado para o cumprimento de minha jornada que, em sentido literal, foi de tirar o fôlego, pois tive que abrir mão de inúmeras coisas e reestruturar minha vida pessoal, acadêmica e profissional para estudar no exterior, realidade que nem em minhas melhores previsões existia, ainda mais em se tratando de um mestrado na Europa.

Assumir essa oportunidade foi como ultrapassar todas as minhas perspectivas de futuro e desbravar um mundo novo, sensação apenas comparada ao dia em que, inacreditavelmente, dirigindo um carro, ultrapassei as nuvens, exatamente como me disseram antes da subida e eu não acreditei; a seguir a prova que fiz questão de trazer registrada, para além da memória, vista na Figura 14.1 no Pico do Areeiro³⁷, olhando para o horizonte e contemplando mais esta conquista em minha vida, de tantas que já tive e que, igualmente, agradeço e compartilho.

³⁷ Pico do Areeiro, situado na Ilha da Madeira/Portugal, possui 1.818 metros de altitude sendo o terceiro mais alto da ilha, ultrapassado somente pelo Pico das Torres e pelo Pico Ruivo respectivamente. Marca a divisão entre o conselho de Câmara de Lobos, Santana e Funchal e o acesso se dá por estrada asfaltada que, em seu trecho final, ultrapassa a altitude das nuvens.



Figura 14.1 - Término da estrada de acesso ao Pico do Areiro (Arquivo Pessoal)

Grandes navegações

Tudo tem um começo, mas, sem dúvida, tudo tem seu tempo e, realmente, foi assim que aconteceu comigo quando, em 2009, decidi dar um novo rumo em minha vida acadêmica e profissional e, ao longo dos anos que se sucederam até 2013, busquei, para além das especializações, um aprofundamento em meus estudos educacionais; contudo, mesmo após várias tentativas, nas mais distintas Universidades aqui do Ceará, mesmo tendo obtido aprovações em várias etapas nesses processos, os ventos não sopraram a meu favor.

Desta feita, quando meus mapas de navegação já estavam quase sendo lançados no mar das desilusões, eis que surge em minha frente, literalmente, largado em cima da mesa da sala dos professores de uma das Instituições que trabalhava na época, um folder de divulgação de uma assessoria educacional que, mais do que me abrir uma porta, mostrou-me um oceano à minha frente, a possibilidade de estudar na Europa e, claro, não pensei duas vezes antes de me lançar de corpo e alma nesta empreitada.

O mar revolto de incertezas deu lugar a um turbilhão de sensações quando finalmente fui aceito na Universidade da Madeira em Portugal, como aluno regular do Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação em 2013, cumprindo regularmente as disciplinas do curso, aproveitando e dando prosseguimento aos meus estudos e, mais ainda, obtendo êxito nas respectivas avaliações.

Tudo era novidade, inclusive a linha de pesquisa que ingressei, fiz meus estudos na área de Inovação Pedagógica para deleite profissional, não por coincidência, mas por consequência, pois, inovar no trabalho com meus alunos diante do conhecimento sempre foi objeto de minhas buscas educacionais e me acompanhou nas sucessivas jornadas em salas-de-aula, coroando assim minhas comemorações de quinze anos dedicados ao ensino, na época, podendo aliar minhas duas paixões, o teatro e a educação, e estampar com orgulho, para que o mundo pudesse vê-las, na capa de meu projeto de pesquisa, como visto a seguir na Figura 14.2.



Figura 14.2 - Capa da minha pesquisa aprovada na qualificação (Arquivo Pessoal)

Até aqui, tudo já se concretizava, em meio a um turbilhão de sensações, como na realização de um grande sonho, mas, contrariando radicalmente a lei de Murphy³⁸, uma grata e generosa surpresa me aconteceu e, confesso, não pensei que conseguiria ou mesmo que daria tempo para tal articulação, fui contemplado em um edital de intercâmbio internacional.

Lembro que na correria da viagem para Portugal rumo à efetivação de minha matrícula na Universidade da Madeira e a consequente validação das disciplinas e dos créditos para a minha formação no Mestrado em Ciências da Educação, não fazia ideia de como bancaria a viagem, a hospedagem e todos os gastos inerentes a um pleito como este, estudar na Europa.

Minha maior preocupação na época foi, para além de honrar todos os meus gastos regulares no Brasil, mais especificamente na minha cidade querida Fortaleza, conseguir realizar um investimento profissional e, porque não dizer, de vida em Euro, pois, realmente, com as condições que eu tinha, não conseguiria bancar sozinho ou sem algum tipo de ajuda esta importante empreitada.

Assim, motivado pela preocupação de não perder esta inquestionável oportunidade, comecei a buscar saídas para resolver minha dificuldade financeira; tentei empréstimo, financiamento, ajuda de amigos e familiares, mas nenhuma condição me agradava, até que, dentro dessas várias portas que tentei abrir, uma luz me chamou atenção, estava aberto um edital de intercâmbio in-

³⁸ Edward Murphy, capitão da Força Aérea Americana que, segundo minhas pesquisas, sendo um dos engenheiros responsáveis por um projeto que testava os efeitos da desaceleração rápida em pilotos de aeronaves em 1949, foi chamado para consertar uma pane no equipamento e proferiu o célebre adágio "Se alguma coisa tem a mais remota chance de dar errado, certamente dará".

ternacional, promovido pelo Ministério da Cultura, por meio do Fundo Nacional da Cultura.

A minha frente surgia, literalmente, uma luz no fim do túnel, uma política pública de incentivo à qualificação acadêmica e profissional, voltada a pesquisas que aliassem as áreas de educação e cultura que, graças ao cuidado e a sensibilidade do Governo Federal para com artistas e professores, oriundos ainda nos mandatos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), pelo Partido dos Trabalhadores/PT, salvaria minha jornada.

Naquela ocasião, em pleno ano de 2013, queria o destino que, durante o mandato da primeira mulher a assumir a liderança máxima do nosso país, a Presidenta Dilma Vana Rousseff (2011-2016), também pelo Partido dos Trabalhadores/PT, um cearense ousasse ser mais e ser melhor desbravando o velho mundo, mostrando que nada é impossível quando se acredita e luta por um objetivo maior, uma educação de qualidade que transcenda os muros da escola.

Li na íntegra o edital, pesquisei tudo sobre as edições anteriores e as condições que estavam sendo postas, corri atrás de toda documentação e fiz minha inscrição, depositando ali todas as minhas melhores esperanças, foi quando o resultado saiu e fui aprovado, mas, em meio às condições do certame, uma delas determinava que eu fosse à Europa, cumprisse todos os trâmites acadêmicos, trouxesse todos os comprovantes de tudo que o edital contemplava (passagens, hospedagens, despesas acadêmicas e alimentação) e, só então, no retorno ao Brasil, após a prestação de contas, todo o investimento seria ressarcido.

Mesmo com todo receio, absolutamente aceitável em tais condições, apostei no futuro e me lancei ao mar de possibilidades que se abria diante de mim, cumpri tudo, guardei todos os com-

provantes, inclusive de coisas que nem precisava, pois queria garantir o ressarcimento, principalmente porque, quando retornasse ao Brasil, teria que pagar todos os cartões de crédito que usei para pleitear essa aventura de tirar fôlego e assim fui, vivi e venci.

Contudo, um detalhe extremamente importante precisa ser registrado, pois deu todo o sentido a minha aventura em terras Lusitanas, a saga de quebrar o protocolo da Universidade da Madeira/UMa, em pleno velho mundo, para estampar nos slides da minha qualificação e no trabalho impresso entregue à biblioteca, a bandeira do nosso país e, claro, todos os créditos devidos ao edital de intercâmbio.

Uma das cláusulas, muito justa por sinal, mas que me rendeu uma série de intensas negociações com a coordenação do curso e com a direção da própria Universidade, exigia que, após a defesa, no ato da entrega do trabalho impresso à biblioteca, os créditos ao intercâmbio constassem na contracapa de meu projeto de pesquisa, como visto a seguir na Figura 14.3.

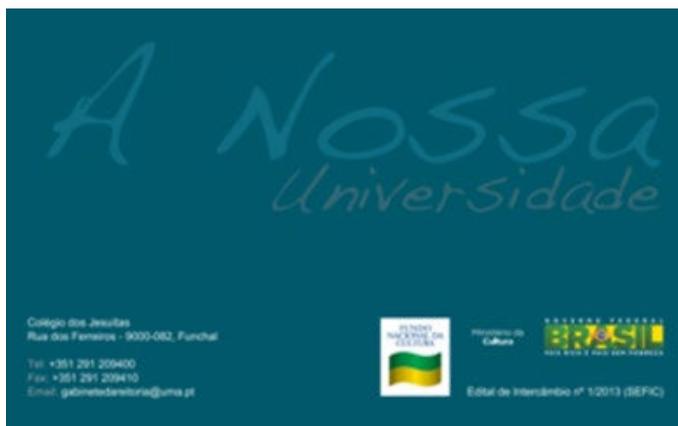


Figura 14.3 - Contracapa da minha pesquisa aprovada na qualificação (Arquivo Pessoal)

Outra cláusula, tão justa quanto a anterior e que também tive que enfrentar a hierarquia portuguesa e a sisudez europeia, exigia que, durante a minha defesa, no ato da qualificação, os créditos ao intercâmbio constassem nos slides do meu projeto de pesquisa, o que fiz com muita honra e sem arrependimentos, como visto a seguir na Figura 14.4.



Figura 14.4 - Registro da minha qualificação com o layout dos slides (Arquivo Pessoal)

Dessa forma, mas não menos importante, em se tratando de uma aventura além mar, permito-me rememorar a célebre frase atribuída ao escritor português Fernando Pessoa, mas historicamente proferida por Pompeu³⁹, “navegar é preciso, viver não é preciso” e, assim, reafirmo a importância de se acreditar nos sonhos, desbravar novos mundos e navegar, ainda que tenhamos de

³⁹ Pompeu, general romano que, segundo o historiador Plutarco, por volta de 70 a.C., incumbido de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, em virtude dos riscos oriundos das limitações tecnológicas e dos vários ataques piratas, proferiu originalmente a referida frase.

enfrentar mares bravios, ainda que corramos perigo, pois à frente sempre existe o horizonte e, depois dele, a certeza da vitória.

Terra à vista

Não há como se pensar ou mesmo ouvir falar na Ilha da Madeira sem remeter à primeira impressão que temos desse lugar, ainda dos céus, no avião, ou mesmo do mar, em um navio, quando nossos olhos são arrebatados por uma vista de tirar o fôlego que, inquestionavelmente, faz jus a sua denominação mais que merecida, a pérola do atlântico.

Segundo pesquisas, tal denominação se refere à rara beleza da ilha, onde predomina a fusão do azul do céu e do azul do mar, abrigando, em um único espaço de origem vulcânica, miradouros naturais, florestas de vegetação exótica, jardins repletos de flores e suas cores fortes, paisagens deslumbrantes e picos de grande altitude, onde, incrivelmente, em um mesmo dia, podemos ir do chão do calçadão ao nível do mar até o céu, acima das nuvens e, o mais incrível, tudo isso em carro de passeio.

A Região Autônoma da Madeira, como é conhecido o arquipélago português, é constituída de um conjunto de quatro ilhas: Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens, sendo apenas as duas primeiras habitadas, as demais são verdadeiras reservas naturais. A Ilha da Madeira⁴⁰ está a quase 1.000km de distância do continente europeu e a quase 500 km do continente africano, sofrendo variação de temperatura entre 17°C no inverno a 25°C no verão.

⁴⁰ A Ilha da Madeira foi descoberta pelos navegadores Tristão Vaz Teixeira, Bartolomeu Perestrelo e João Gonçalves Darco e, em 2019, completou 600 anos deste importante marco; na Ilha foi implementado o sistema de capitânicas hereditárias, servindo de experiência para sua implementação no Brasil.

Pela capacidade do Aeroporto, não tendo voo direto de outros países, é preciso ir para Portugal, assim, no meu caso, durante, aproximadamente, cinquenta minutos de voo de Lisboa ao arquipélago, a ansiedade da chegada deu lugar ao encanto, proporcionado pelo azul do mar e pelo impacto visual do conjunto rochoso visto na aproximação da aeronave em Funchal, principal cidade e capital da Ilha, para aterrissagem no Aeroporto Internacional da Madeira, um espetáculo à parte⁴¹, também conhecido como Aeroporto Cristiano Ronaldo, por ser sua terra natal e este ser uma importante personalidade mundial.

Tudo na ilha é um encanto e, obviamente, recomendo muito a visita, principalmente em alguns pontos que são de encher os olhos, tanto pela imponência natural que se apresenta a todos os momentos e para onde quer que a vista alcance, quanto pela exotividade de lugares e sensações que nos fazem ver uma Europa diferente, distante da arquitetura antiga e conscientemente preservada, daquela que a representa na maior parte das vezes.

A cidade é pequena e genuinamente aconchegante, ao seu redor e acima estão outras cidades e vilarejos; sua localização passa a impressão de que, a qualquer momento, em caso de perda de rumo ou rota, basta descer para se reencontrar, pois qualquer rua ou avenida que leve a parte inferior da Ilha, inequivocamente te levará de volta aos braços de Funchal, cuja referência é sempre o

⁴¹ Trata-se de um aeroporto peculiar que, pela carência de espaço, tem parte da pista suspensa, construída em uma laje sobre o mar, assentado em 180 pilares, com uma área de lazer e convivência na parte inferior; a pista é considerada uma das mais difíceis e perigosas para aproximações e aterragens do mundo, por conta dos ventos descendentes e ascendentes que, mais próximo ao solo, são incrementados pelas frequentes rajadas de vento laterais.

porto e os grandes navios de cruzeiro, rotineiramente presentes, como visto a seguir na Figura 14.5.



Figura 14.5 - Registro da cidade tendo o porto como referência (Arquivo Pessoal)

Na cidade grandes casarões e pequenos sobrados de arquitetura única, cortada de cima a baixo e de um lado a outro por ruas e vielas no meio de uma vegetação preservada e cuidadosamente incorporada às construções, tudo parece recorrer ao alto, mas sem nunca perder o mar e o céu, em múltiplos contrastes de azul, como testemunhas da vida na Ilha, como visto a seguir na Figura 14.6.



Figura 14.6 - Registro da cidade e de sua arquitetura predominante (Arquivo Pessoal).

Na capital da ilha, mais precisamente no centro da cidade, é inevitável se deparar com as tradicionais casas de vinhos que, cumprindo seu propósito, tornam a bebida um espetáculo cenograficamente real, amarrando os visitantes pela boca com a degustação gratuita, permitindo a experimentação de sensações e sabores do produto que, diga-se de passagem, é de fabricação própria, como visto a seguir na Figura 14.7.



Figura 14.7 - Registro de uma casa de vinhos no centro de Funchal (Arquivo Pessoal)

Na maioria das vielas, ruas, avenidas da cidade, vê-se o cuidado em preservar a estrutura natural da Ilha, vê-se a atenção com a vegetação nativa e, pontuando alguns desses inúmeros cruzamentos dessas muitas vias de acesso e saída, somos brindados por verdadeiros pontos de encontro de um cotidiano que também é histórico, as praças da cidade, observadas do alto pelo restante da Ilha, como visto a seguir na Figura 14.8.



Figura 14.8 - Registro de uma das inúmeras praças da cidade (Arquivo Pessoal)

Quando tratamos de acesso, a Ilha da Madeira possui características próprias, principalmente quanto temos em vista a articulação da necessária preservação de sua geografia montanhosa e o enfrentamento civilizatório que carece em avançar, daí surgem os túneis, alguns extremamente longos, cortados pelo que chamam de vias rápidas, onde a velocidade mínima é de 80km, como visto a seguir na Figura 14.9.



Figura 14.9 - Registro da entrada de um dos túneis de via rápida da Ilha (Arquivo Pessoal)

Vale registrar que a formação montanhosa da Ilha impõe à engenharia soluções inventivas e igualmente desafiadoras que aliadas às vias rápidas proporcionam, aos que gostam de dirigir, uma sensação única de liberdade atrelada à obrigatoriedade de atenção e responsabilidade, como visto a seguir na Figura 14.10.



Figura 14.10 - Registro de um viaduto com via rápida da Ilha (Arquivo Pessoal)

Como alternativa de transporte turístico que, diga-se de passagem, permite contemplar boa parte da Ilha e sua vastidão de encantos e, claro, permitiu a maioria dos registros fotográficos desta sessão, temos o teleférico panorâmico que leva os visitantes do centro da cidade para a região montanhosa, causando sensações inesquecíveis com a altura, com o balanço da cabine pelo vento e com a vista permitida pelo vidro, como visto a seguir na Figura 14.11.



Figura 14.11 - Registro da cabine do teleférico panorâmico da Ilha (Arquivo Pessoal)

Contudo, não podemos falar de altura sem lembrar do Cabo Girão e de seu miradouro, considerado o maior promontório⁴² da Europa, com 589 metros de pura adrenalina; situado na localidade de Câmara dos Lobos, possui um pequeno complexo turístico e de observação que não deixa a desejar a nenhum outro, principalmente pela plataforma de vidro que ultrapassa os limites naturais da montanha e permite a vista do mar pelo piso transparente, como visto a seguir na Figura 14.12.

⁴² Trata-se de uma massa elevada de terra que se projeta em uma planície, tendo se formado, em sua maioria, a partir de uma crista de rocha que resistiu às forças erosivas ou a terrenos altos que permaneceram entre dois vales de rios, formando uma confluência.



Figura 14.12 - Registro da plataforma de observação do Cabo Girão (Arquivo Pessoal)

Na mesma seara, tendo o céu como limite, mas ultrapassando todas as expectativas em termos de altitude, o arquipélago causa muitos outros suspiros com suas grandes formações rochosas, aqui representadas pelo Pico do Areiro, terceiro mais alto da Ilha, com 1.818 metros de altitude, ultrapassado somente pelo Pico das Torres e pelo Pico Ruivo respectivamente, mas tão arrebatador quanto os demais, tanto que, mesmo abrindo esta sessão, merece mais este registro acima das nuvens, porque vale muito a pena conferir, como visto a seguir na Figura 14.13.



Figura 14.13 - Registro da vista no topo da montanha, acima das nuvens (Arquivo Pessoal)

Finalmente, depois de muito sol, vento e frio, é chegada a hora de voltar para a realidade, de respirar mais aliviado e sentir o chão mais de perto; seguindo a regra de localização da Ilha, descer é preciso e, pasmem, na descida ainda podemos contemplar a natureza exótica da região, com o sol se pondo por entre as árvores dessa floresta incrível, como visto a seguir na Figura 14.14.



Figura 14.14 - Registro da floresta na estrada do Pico do Areeiro (Arquivo Pessoal)

Não poderíamos, eu e minha esposa, Ana Patrícia Amaro da Silva, minha companheira de aventuras que divide comigo os créditos de todos os registros fotográficos desta sessão, irmos embora sem experimentar a sensação de entrarmos no mar e sentir a água e as ondas, porém, para nossa surpresa, como a Ilha é de origem vulcânica, as praias não tem areia, são todas formadas por pedras e, somente em Porto Moniz tivemos acesso ao mar, graças às piscinas de águas naturais e geladas, mas que em nada comprometem a beleza rara do lugar, como visto a seguir na Figura 14.15.



Figura 14.15 - Registro das piscinas naturais de Porto Moniz (Arquivo Pessoal)

Vale a dica para, tendo tempo e um pouco mais de folga no orçamento, desbravar esse pedacinho da Europa, pois valeu muito a pena conhecer a Ilha da Madeira e suas tantas possibilidades que, sequer tínhamos ouvido falar, mas que foram maravilhosas; sem mencionar a sensação inigualável de devolver, de certa forma, o nosso “descobrimento”, descobrindo a Pérola do Atlântico.

Independência ou morte

Engana-se quem pensar que, ao longo da minha jornada para cumprir as obrigações acadêmicas do Mestrado em Educação na Europa, mais especificamente em Portugal, na Universidade da Madeira/UMa, só existiram flores pelo caminho, muito pelo contrário, na maioria das vezes os espinhos verdadeiramente se sobressaíram.

Desde o início, ainda cumprindo as disciplinas do curso, era nítida a perspectiva colonialista no trato por parte da maioria dos professores, era notória a impressão, proposital ou não, da existência de uma distância, nem sempre necessária, com os alunos, principalmente conosco, alunos brasileiros.

Era como se houvesse, de alguma forma, ainda que subliminarmente, a reprodução obrigatória de traços da colonização portuguesa, onde os colonizadores se sobressaem sempre frente aos povos colonizados, onde até mesmo nas referências acadêmicas, europeus determinassem a linha do pensar, mesmo que em terras estrangeiras, recém conquistadas, muitas vezes, descredenciando a cultura local, seu pensar e seus pensadores.

Vários foram os embates, muitos necessários, outros nem tanto, mas todos importantes a nível de formação, principalmente quando entendemos que toda soberania é limitada pela necessidade, que toda autonomia é cerceada pelos limites dos que estão no poder, ainda que momentaneamente.

Podemos até entender certas posturas, atitudes e, até mesmo, omissões como reflexos culturais, como registros de dominação, ainda que inconscientes, mas, certamente, não podemos descredenciá-las, não podemos fechar olhos e ouvidos para não identificar o que nos afeta, até porque, em certos momentos, só isso não basta, é preciso abrir a boca para não sermos engolidos ou mesmo anulados.

De todos os problemas vivenciados e enfrentados, o descaso foi sem dúvida o pior, mais do que a questão financeira, pois ratificava, com requintes de sadismo, a distância abissal entre colonizadores e colonizados.

Lembro muito bem de quando tudo começou, logo após minha qualificação, as reservas financeiras que tinha definharam e

não consegui mais bancar as despesas, o que não foi nenhuma surpresa, mas foi de uma tristeza sem fim, pois nunca fui de família rica, nem nunca tive dinheiro de sobra para me dar o luxo de viver para os estudos.

Na ocasião, literalmente no início de 2014, tive que abandonar o curso e guardar apenas as lembranças do caminho, mas sempre com a esperança de um dia retomar e terminar o que, tão bem havia começado.

O tempo passou, a realidade bateu a porta e a vida seguiu, praticamente virada de cabeça para baixo, pois muita coisa aconteceu e mudou, ainda que eu não quisesse ou não entendesse; aqui, sinceramente, pensei estar encerrada a minha jornada, imaginei estar enterrada a minha luta por titulação e por melhores condições.

Porém, anos depois, sem que eu sequer pensasse, quis o universo que a oportunidade mais uma vez me sorrisse, ainda que fosse por e-mail; recebi a convocação da Universidade para regularizar minha situação e concluir meus estudos, inclusive com a informação de prazo limite para meu desligamento do programa, o ano era 2018, estávamos na segunda metade do ano, aproximadamente cinco anos depois da minha volta ao Brasil com o fim das minhas reservas.

Literalmente, não acreditei, mas estava escrito na tela do meu computador, claro, arquivei o e-mail para não correr o risco de perder e não pensei duas vezes, corri para resolver todas as pendências necessárias a tempo para a minha readmissão no programa que, como bem dizia no e-mail, seria a minha última chance.

Resolvidos os trâmites legais e acadêmicos retomei os estudos e os trabalhos para a conclusão da minha dissertação, en-

quanto quitava as dívidas pendentes com a Universidade, mas, para o meu espanto, o que já estava encaminhado, transformou-se em pesadelo, pois as comunicações de orientação acabaram e a Instituição exigia que a efetivação da defesa se desse apenas em comum acordo com a orientação e, neste momento, meu prazo estava quase encerrado, o ano era 2019, quase um ano depois da minha readmissão no programa, precisava resolver ou perderia de vez o que havia reconquistado.

Foi então que, na busca para encontrar uma saída para o meu problema, uma luz me apareceu, a professora Jesus Maria Sousa que, embora pertencesse ao programa como professora catedrática da Universidade, tem uma história de resiliência, pois nasceu em Moçambique, ainda quando colônia portuguesa, sob o regime de Salazar e, mesmo sendo negra, não se conformou com o destino que havia à sua frente, dedicando-se aos estudos e galgando lugares importantes em sua trajetória acadêmica e de vida.

A partir daquele momento, sabendo da minha saga em detalhes, pois foi uma das minhas professoras no curso, assumiu minha orientação, direcionou meus trabalhos e, após as devidas idas e vindas para ajustar minha dissertação dentro do que a Universidade exigia, autorizou a minha defesa, ainda em 2019, abrindo caminho para a composição da minha banca de avaliação final, como visto a seguir na Figura 14.16.



Figura 14.16 - Registro da minha banca de avaliação final⁴³ (Arquivo Pessoal)

Foi então que tudo mudou, toda a minha saga e, principalmente tudo o que vivi e sofri nesta última fase do curso rumo a minha titulação, ganhou um novo significado, foi como se, finalmente, eu pudesse respirar e sentir que todo o esforço e tudo que tive que abrir mão valeu a pena, pois minha história acadêmica e de vida não poderia seguir sem essas experiências que, inquestionavelmente, serviram para me fortalecer e ver o mundo ao meu redor sob outras perspectivas.

⁴³ Estão presentes na foto, da esquerda para a direita, a Prof(a). DSc. Maria Gorete Rocha Pereira (Presidente da Banca), Prof(a). DSc. Ana Maria França Freitas Kot-Kotecki (Debatadora Convidada) e, ao meu lado, Prof(a). DSc. Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa (Orientadora da Dissertação).

Posso dizer com toda certeza que há em mim que, após a minha defesa, em janeiro de 2020, enquanto ouvia os membros da banca tecerem suas considerações a respeito do resultado final do meu trabalho e da minha apresentação, um filme passou na minha cabeça, como em uma verdadeira retrospectiva, o que me deixou bastante emocionado.

Pude sentir naquele momento o gosto de uma efetiva ressignificação que, tomadas as devidas proporções, regenerava em mim todo o sofrimento do nosso povo e, porque não dizer, de tantos outros que, a exemplo do Brasil, sentiu na pele a angústia de ser dominado pelo estrangeiro, o horror de não poder reagir e, obviamente, a mordação imposta por meio das armas de nossos “descobridores”, o que me deu um orgulho sem tamanho de poder vencer em terras lusitanas, mas, desta vez, e diferente dos que em nosso país chegaram, combatendo o bom combate, de cabeça erguida e de alma lavada.

Assim, termino esta sessão e minha participação nesta obra de valor inestimável, sem mágoas ou ressentimentos, mas com a sensação de dever cumprido, agradecendo a todos que, de alguma forma combateram e combatem os injustos e as injustiças, reforçando a necessidade de se acreditar no sonho que se tem e de lutar para que ele se realize e, da mesma forma, agradecendo a todos que me deram a mão quando eu mais precisei e, dessa forma, resgataram-me o ânimo para continuar e vencer, aqui representados em um registro cheio de significado e emoção, ainda nos corredores da Universidade da Madeira/UMa, momentos antes da minha entrada para a sustentação oral perante a banca avaliadora, como visto a seguir na Figura 14.17.



Figura 14.17 - Registro anterior à minha apresentação final⁴⁴ (Arquivo Pessoal)

⁴⁴ Estão presentes na foto, da esquerda para a direita, eu, minha querida e incansável Prof(a). DSc. Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa (Orientadora da Dissertação) e minha amada Ana Patrícia Amaro da Silva, parceira de todas as horas.

Capítulo 15. Como não Planejar uma Viagem

Fabia Jannefer do Carmo Reis

Em outubro de 2015, fazia mais de um ano e meio que eu tive um estalo, absolutamente do nada, de ir fazer um intercâmbio. Nunca tive nenhuma pretensão de sair do país, minha vida estava tranquila, estava no quarto ano do curso dos meus sonhos, na universidade dos meus sonhos, com meus 21 anos, namorado, amigos e família.

Cursava arquitetura na Universidade Federal do Ceará, naquele tempo, muitos colegas de curso estavam aproveitando as bolsas do governo federal para ir para todos os continentes, eu tinha colegas na América do norte, na Austrália, Europa e por aí vai. Até que um dia, conversando à toa com uma colega, que na época também não via graça nesses intercâmbios - me pergunto até hoje o que se passava na nossa cabeça - a gente se perguntou algo que com certeza mudou a nossa vida. Por que não!?

E assim, dias depois nos inscrevemos para tentar uma bolsa de intercâmbio e após muita burocracia, testes de proficiência, processo seletivo na universidade e meses de preparação lá estava eu, sozinha, sem celular, com um mapa do Google maps impresso na mão dentro de um avião, saindo pela primeira vez do Brasil com destino a Londres.

O destino em nenhum momento foi motivo de dúvida pra mim, eu sempre amei Londres só de foto. Quando fui aprender inglês, já na faculdade, fiz um curso voltado para o inglês britânico. O sotaque, as músicas e a cultura inglesa me fascinavam, me

identificava muito com tudo aquilo, o que não tornou o processo de adaptação mais fácil. No fim das contas Londres foi tudo que eu imaginava e um bocado mais e vez ou outra cai uma lágrima quando vejo algum take da cidade na tela do cinema.

Pois bem, muitos meses depois, já habituada ao local, tendo conhecido diversos países e completado todas as matérias que precisava cursar no intercâmbio. Lá estava eu pronta para enfrentar um novo desafio, tinha conseguido um estágio em uma construtora francesa em um canteiro de obra absurdamente grande, com um projeto milionário (£) em construção. Porém, este trabalho iria ocupar boa parte do meu tempo até o dia que eu voltaria pro Brasil, ou seja, o intercâmbio estava acabando e eu precisava aproveitar o tempinho que me restava.

Fiquei ponderando e pensando em como fazer melhor proveito do que tinha disponível, que lugares ainda não conhecia e pá - Grécia - desde criança lia histórias num livrinho sobre mitologia grega, amava assistir o desenho do hércules, um dos meus sonhos era conhecer as ruínas antigas da grécia. Fui de cara pesquisar passagens, porém eu só tinha disponível uns três dias até começar meu trabalho ainda naquela semana, e quem entende um pouco de finanças sabe que fazer qualquer coisa em cima da hora sai caro, ainda mais viagem.

Pensei em me presentear, olhei as passagens e 300 libras - isso, só uma passagem era 300 libras - era o que eu tinha guardado na minha conta. Esse valor para você ter uma idéia, era 10 vezes maior do que boa parte das passagens de avião que eu havia pago para visitar outros países. Uma das minhas primeiras viagens custou 5 libras, numa promoção, para copenhagen.

Uma verdadeira situação de agora ou nunca, coloquei o peso que seria fazer a mesma viagem estando no Brasil, o tempo pouco

que tinha antes de voltar e gastei o que tinha economizado da bolsa até ali, contando que assim que virasse o mês, no dia da viagem, eu usaria o dinheiro para pagar hotel comida e transporte em Atenas.

Compra feita, tudo organizado, pronta pra viajar. Estava indo sozinha, por motivos óbvios. Chego na estação Victoria, centro de Londres, para pegar um trem até o aeroporto. Um fato curioso é que com exceção de um, todos os aeroportos da cidade são extremamente longe, fora da cidade em alguns casos. A essa altura já tinha reservado uma caminha no hostel e estava pronta para sacar o dinheiro no caixa eletrônico, pois precisava trocar em Euro, eu uso meu cartão, olho pra telinha e leio - saldo inexistente.

Cerca de duas horas para decolar e eu não tinha nenhum dinheiro na conta, pronta para ir para um lugar onde eu não ia conseguir sacar, já que meu cartão não funcionava lá, e tendo gasto todas as minhas economias numa passagem sem reembolso, FERROU.

Meu desespero começou naquele momento, liguei pra atendente do banco - sua conta está normal senhora deve ser o caixa eletrônico - corro pra outro caixa, mesma mensagem, sem dinheiro minha filha, se vira. Ligo novamente e explico pra atendente - senhora a sua conta está normal. Paro e penso comigo:

- O que é mais sensato de fazer?!
- Como que eu faço pra perder menos dinheiro?!
- Não posso remarcar, pois só tenho esses três dias pra viajar, não vão me devolver o dinheiro da passagem. Arrisco ir pra grécia e ficar lá sem provável moradia e fome!?

No fim, defini que eu iria até o aeroporto e tentaria uma última vez no caixa eletrônico lá e durante os 30 minutos de trem eu veria alguma alternativa.

E lá vai ligar pro meu pai, falar com os amigos, ligar para atendente de novo, dessa vez com uma nova resposta - senhora, estamos com um problema e várias pessoas estão ligando pelo mesmo motivo, pode ser que normalize em duas ou três horas - o desespero a essa hora tinha tomado completamente conta de mim. Meu pai não poderia me ajudar, pois a transferência demoraria muito tempo e eu precisava pagar o Hostel na entrada. Meus colegas estavam em situação parecida com a minha, não conseguiriam me ajudar.

Foram 30 minutos de ansiedade e chegando no aeroporto já estava perdendo a esperança. Faltava pouco pro meu voo e nada tinha se resolvido com o SAC do banco, naquele momento eu teria que fazer um salto de fé ou amargar a maior perda de dinheiro da minha vida. Fui caminhando até um caixa eletrônico que já sacava no Euro, era dum tipo que cobrava uma taxa alta para usar, era a opção que tinha.

Coloquei meu cartão... processando... tá lá, meu dinheiro. Eu não estava nem acreditando, magicamente meu dinheiro apareceu lá. Mais do que rápido eu saquei uma quantia e corri pra pegar meu voo. Três horas depois eu chegava num país de alfabeto diferente, quentinho - depois de muito tempo morando em um lugar frio como Londres, era bom estar num lugar quentinho como meu Ceará - e então tive uma das melhores viagens da vida (Figuras 15.1 e 15.2).



Figura 15.1 e 15.2 - Acrópolis de Atenas (Arquivo Pessoal)

Capítulo 16. Histórias de um Casal Cearense Morando na França

Otávio Alcântara de Lima Júnior

O cheiro do queijo

Um casal de cearenses hospedados em um hotel no interior da França.

Marido — Cadê o queijo que comprei?

Esposa — Aquele queijo redondo? Ele tava podre, joguei fora.

Marido — Podre? Eu comprei hoje. Era um queijo *Cambert* ou *Camembert*, sei lá. Era um queijo bom.

Esposa — Eu tirei da embalagem e tinha cheiro de água sanitária. Quando dei conta, tava a geladeira podre.

Marido — Égua! Não consegui nem provar

Tempos depois, eles descobriram que aquele era mesmo o cheiro do queijo.

A arrumadeira

Esposa no mesmo hotel, sem saber falar francês. A arrumadeira bate à porta do quarto.

Arrumadeira — *Bonjour, madame.*

Esposa — *Bonjour, ça va?*

A arrumadeira diz mais algumas frases que a esposa não entende, exceto a palavra *ménage*.

Esposa — *Non*, ninguém quer fazer *ménage* aqui não, minha senhora — e fecha a porta.

Tempos depois, ela descobre que a expressão *faire le ménage* em francês significa fazer uma limpeza e nada além disso.

Cassius Clay

O marido e a esposa estão em frente a porta principal do prédio que moram. Ao lado aparece uma velhinha pequenina com um cão enorme.

Marido — *Bonjour, madame!* A senhora quer entrar?

Madame — *Oui, monsieur* — percebendo que o casal está com medo do cachorro ela completa — ele é mansinho.

A esposa ensaia um carinho na cabeça do cachorro, que para surpresa era realmente muito manso.

Esposa — Qual é o nome dele?

Madame — “*Cachos*”

Marido — “Cachos”? Eu não entendi.

Madame — “Cachos” Clay como *le boxeur*.

A madame entra no prédio seguida pelo cachorro.

Esposa — Não entendi o nome do cachorro.

Marido — Eu acho que era *Mohamed Ali*.

O ticket

Um casal de brasileiros entra num trem de rua pela primeira vez.

Marido — Onde eu valido o *ticket*?

Esposa — Tem uma maquininha ali.

O marido coloca o *ticket* na máquina, que o engole e logo em seguida o cospe. Ele tenta de novo, depois de novo e de novo. A máquina continua cuspidindo o *ticket* sem validar.

Esposa — Tenta de novo, vira do outro lado. Assim não, do outro lado.

Marido — Não precisa mais, chegamos na parada.

Tempos depois, eles descobrem que a multa por não validar o *ticket* era apenas cinquenta euros.

O jantar

Jantar na casa da orientadora do marido. Mesa cheia, muito vinho e crepes. A esposa observa a conversa quando de repente reconhece a expressão “*femme de ménage*”.

Esposa sussurrando — Hey, você ouviu?

Marido — Oi? Que foi?

Esposa sussurrando mais baixo — Eles tão falando sacanagem.

Marido — Que nada! Eles estão falando sobre coisas de casa.

Esposa ainda sussurrando — Eles tão falando de *femme de ménage*. Tá vendo? De novo, falou de novo!

Marido — Eita, é mesmo!

Femme de ménage é empregada doméstica em francês e nada, além disso.

Monsieur Lapin

A esposa no curso de francês.

Professor — Eu leio alguns autores brasileiros.

Esposa — Sério? Quais o senhor gosta?

Professor — Eu já li alguns do “*Paulô Coelho*”.

Esposa — Legal, ele é bem conhecido no Brasil.

Professor — O que significa o nome dele, “*Coelhô*”?

Esposa — *Lapin*.

Marido — *Alors, c’est Monsieur Lapin!*

Senhor Coelho

O casal na feira em frente a barraca que vende assados.

Marido — Olha lá! Aquilo é um coelho?

Esposa — Onde?

Marido — Ali, ao lado das batatas.

Esposa bastante surpresa — Eles comem coelho assado?

Marido — Vamos levar um?

Esposa — Deus me livre! Eu não vou comer coelho.

Algum tempo depois, já em casa.

Esposa — Tem gosto de galinha.

Capítulo 17. O Sonho de Ganhar o Mundo

Ana Lídia Miranda

“A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão que somos.”

Fernando Pessoa

Nasci e cresci numa cidade pequena no interior de Minas Gerais, mas desde pequena, apesar de amar muito as minhas raízes e, até hoje manter uma relação muito próxima com elas, sentia que eu não cabia na minha cidade. Precisava ir além, conhecer e explorar novos mundos.

Aos 18 anos, me mudei para o Rio de Janeiro para fazer faculdade e a cidade maravilhosa ganhou meu coração. Nos quase quarenta anos que vivi lá, morei em vários bairros e também trabalhei por 24 anos em Angra dos Reis, cidade do sul do Estado, região da Costa Verde, que foi uma das fases mais importantes da minha vida.

Com essa pequena introdução, já dá para perceber o meu espírito nômade, a minha inquietude, o meu desejo de estar em movimento.

Morar fora do Brasil, sempre foi um projeto de vida para mim. Sempre tive interesse em conhecer e vivenciar outras culturas, lugares diferentes e viajar é minha grande paixão. Mas nunca me contentei com as viagens rápidas, de férias, sempre que conhecia um país ou lugar novo, o meu desejo era viver ali, por um tempo, para conhecer melhor a vida naquele lugar. E esse, é o meu objetivo, poder viver em vários lugares, mas sem pressa, para poder explorar e conhecer, de fato, esse novo lugar.

E o meu estilo de vida, no Brasil, era uma demonstração desse desejo. Estava sempre me mudando, vivendo em novos bairros, o que é diferente de somente passear por eles. Assim, eu conseguia me realizar um pouquinho, enquanto o meu projeto principal ficou suspenso, pela necessidade de priorizar outros projetos, também importantes, até para que eu pudesse, um dia, conseguir colocar em prática esse desejo antigo de ganhar o mundo.

Foi então, com a minha aposentadoria, que eu comecei a planejar e, efetivamente, colocar em prática esse projeto. A primeira experiência foi em 2017, alguns meses depois que me aposentei, em Londres, onde vivi por 7 meses, fiz um intercâmbio para estudar inglês.

A escolha de Londres foi por eu já ter visitado a cidade algumas vezes, e ter me apaixonado por ela. E os meses que eu vivi lá, só aumentaram essa paixão. Mas, morar lá não seria um projeto viável, visto que o meu objetivo é viver dos recursos financeiros da minha aposentadoria e, o custo de vida em Londres, não me permitiria viver com a qualidade de vida que eu almejo. Além das dificuldades para viver legalmente no país, esse foi o grande entrave (Figura 17.1).



Figura 17.1 - Londres 2017/2018 - Foto acervo pessoal

Depois dessa experiência, de volta ao Brasil e com a certeza de que esse era o meu objetivo para essa minha fase de vida, comecei a pesquisar sobre países que ofereciam possibilidade de visto de residência para aposentados e, em que países eu poderia viver com qualidade e tranquilidade.

Um ponto importante, é que apesar de ter visitado algumas cidades de países da América Latina, das quais gostei muito, como Buenos Aires (Argentina), Santiago (Chile) e Lima (Peru), é o continente europeu que mais me encanta. Visitei além da Inglaterra, França, Escócia, Itália, Holanda e Espanha, mas escolhi morar em Portugal, país que nunca havia visitado, mas que tinha ótimas referências sobre a qualidade de vida e, pela facilidade de viver de maneira legal no país, principalmente sendo aposentada. Outro detalhe importante, é que sendo Portugal um país da Europa, eu poderia circular livremente por outros países do mesmo continente e assim, explorá-lo melhor.

Durante o meu planejamento, pesquisei sobre as melhores cidades para viver em Portugal e, pelo meu estilo de vida, por ter vivido a maior parte da minha vida no Rio de Janeiro, escolhi a cidade de Lisboa.

Apesar de ter planejado a minha mudança para o início do ano de 2020, a pandemia me obrigou a adiar os meus planos. E então, em 15 de Janeiro de 2021, eu estava desembarcando em Lisboa (Figura 17.2). Logo na minha chegada, um imprevisto, era o primeiro dia de lockdown no país! Tudo fechado, só os serviços essenciais funcionavam, e foi assim até meados de Abril.

Não foi fácil, sozinha, inverno, a cidade vazia, tive momentos em que achei que não fosse conseguir... Mas, por outro lado, foi uma oportunidade para explorar uma Lisboa diferente dos tempos normais. Com as ruas vazias, pude observar melhor a

arquitetura, que tanto me encanta, andar com calma e explorar todos os cantinhos da cidade e tirar belas fotos, o que é mais complicado quando a cidade está cheia de turistas.



Figura 17.2 - Lisboa durante o Lockdown (2021) – Fotos acervo pessoal

A partir de Abril, as coisas ficaram melhores, a temperatura ficou mais agradável e a vida, apesar de ainda com restrições, começou a voltar ao normal. A cidade voltou a ter vida, os turistas voltaram e o verão foi maravilhoso.

A minha adaptação tem sido muito boa, como eu previa, a minha vida, aqui, é muito parecida com a que eu tinha no Rio de Janeiro, porém, com uma melhor qualidade de vida. Tenho tudo que eu gosto, muitos parques e lugares para caminhar, belas praias próximas à cidade, ótima gastronomia, muitos museus, muita história e, uma coisa que para mim tem sido o grande diferencial, a liberdade de andar com segurança, sem a preocupação e o medo da violência, coisa que, infelizmente, não é mais possível no Rio de Janeiro e em muitas cidades do Brasil.

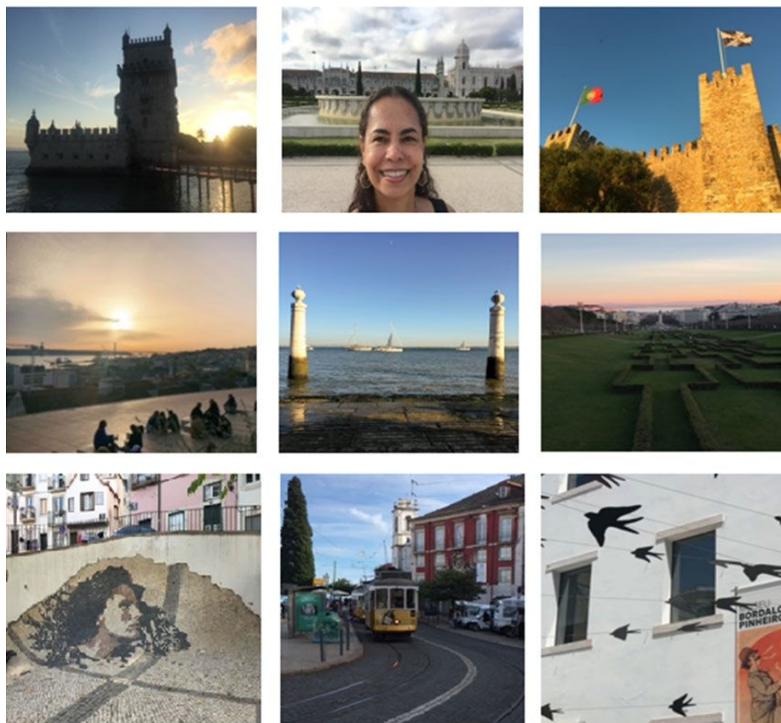


Figura 17.3 - Lisboa – Fotos de acervo pessoal

Apesar da língua não ser um problema, pois a nossa matriz é a mesma, a língua portuguesa, surgiram e ainda acontecem alguns perrengues. Coisas simples, como ir ao banco para fazer um saque, opa, não é saque, é levantamento. Procurar um açougue, não existe, é talho. Pedir um café, curto ou longo? Uma média, é meia de leite, ônibus é autocarro, trem é comboio... E por aí vai, são muitas expressões desconhecidas para nós brasileiros e, muitas que nós usamos, desconhecidas para os portugueses. Algumas engraçadas, outras nos fazem passar por alguns constrangimentos.

Para não negar o meu espírito nômade, em 1 ano, já morei em três lugares diferentes da cidade. Comecei pelo Bairro Alto, um bairro que fica na parte histórica e muito turística da cidade,

onde morei por três meses. Depois fui morar em Alfama, também um bairro muito turístico da parte histórica, por seis meses e, por fim, hoje estou em Campo de Ourique um bairro tradicional da cidade, muito charmoso, que eu estou adorando explorar, sentar nos cafés e pastelarias para observar os locais, principalmente idosos, que se encontram para conversar enquanto apreciam um cafezinho.

Durante esse ano, também pude conhecer algumas cidades da região metropolitana de Lisboa, como Cascais, Sintra, Óbidos, Mafra, Ericeira, Setúbal e Palmela. Além de Comporta e Porto Corvo no vale do Alentejo e Porto, ao norte (Figura 17.4) (Figura 17.5) (Figura 17.6) (Figura 17.7) (Figura 17.8).

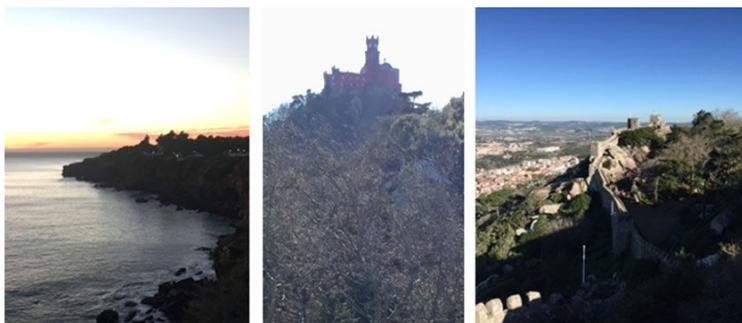


Figura 17.4 - Respectivamente Cascais, Sintra (Palácio do Pena) e Sintra (Castelo dos Mouros)



Figura 17.5 - Respectivamente Sintra (Cabo da Roca), Sintra (Praia da Ursa) e Sintra (Azenhas do Mar)



Figura 17.6 - Respectivamente Óbidos, Ericeira e Ericeira



Figura 17.7 - Respectivamente Mafra (Palácio de Mafra), Porto Corvo (Alentejo) Praia da Comporta (Região do Alentejo) e Porto



Figura 17.8 - Porto (Fotos acervo Pessoal)

Bom, agora que as coisas estão começando a ficar mais otimistas em relação à pandemia, estou retornando ao meu projeto inicial e planejando novos destinos. Qual será a minha próxima parada?

Capítulo 18. Pela Estrada Amarela

Gilvandenys Leite Sales

Iniciei a escrever este texto dentro de trens na Europa durante meu período de pós-doutoramento na Universidade do Minho (UMINHO) em Braga/Portugal. Em minhas idas e vindas de Aveiro, onde me hospedei. E o concluí a mais de 300km/h no sul da França, experimentando os trens TGV, entre Toulouse e Lourdes. Em Toulouse, tive a satisfação de conhecer o túmulo de São Tomás de Aquino e em Lourdes, de encontrar o Padre Fábio de Melo com uns 50 brasileiros em excursão, para quem me apresentei como francês e depois revelei que era um cearense e rimos muito. Enfim, 30 + 30, assim escrevi meu discurso a ser lido no dia de meu aniversário.

Chego aos meus 60 anos com uma certeza, a estrada amarela da vida é dourada e coberta de diamantes. E mesmo que, em alguns ou vários momentos, a sua estrada não reluza, continue a andar. Não pare! São os planos do Senhor dos Anéis em sua vida. Acredite, você é fênix: foi forjado para renascer, para envergar, para suportar o fogo e não para virar cinzas. Eu, você, somos frutos do movimento, ora acelerado, ora desacelerado, de uma criação divina, cíclica, findável, com princípio, meio e fim. Senhor das certezas e das incertezas, a quem dou graças a cada manhã. Obrigado, meu Deus, por tudo!

Chego aos meus 60 anos com a incerteza de onde vai dar a estrada amarela, e isso é bom! O homem de lata tinha convicção de que nela encontraria um coração. O espantalho tinha a certeza

de que encontraria um cérebro e o Leão, a coragem. Em ‘O Mágico de Oz’, esses personagens pensavam que encontrariam suas respostas, realizariam seus desejos, mas foram enganados e descobriram que, o mais importante de tudo, são as experiências vividas e compartilhadas ao longo da estrada amarela.

O coração representa a sua fé, suas emoções. Nestes 60 anos bem vividos, entendi que ele é flexível e moldável, tudo suporta, tudo absorve. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao amanhecer. Nele não há espaço para mágoas: quebrante seu coração e perdoe! Rasga esta lata de tua armadura e deixa pulsar um coração novo.

Nestes 60 anos aprendi a controlar minha mente e acertar o ponteiro fiel do equilíbrio, mesmo em situações em que o cérebro, muitas vezes fraquejando, pendia para o lado negro da força e a razão era quase sufocada, uma força divina me guiava, sempre senti a presença de anjos me conduzindo de volta à estrada amarela, mesmo quando dela me desviei.

E por fim, nestes meus 60 anos, a coragem de ancorar o novo, o desconhecido, e apostar numa nova estrada amarela foi minha candeia. Temos que ter a coragem de completar a travessia, não se pode ficar no meio do rio ou da ponte. Coragem para mudar, mas com valentia e convicção, com responsabilidade e pé no chão.

Coragem do pequeno David para vencer o grande Golias, afinal, nossos problemas não são maiores do que o nosso Deus. Por isso, nunca temi! Então creia: coração, cérebro e coragem, ou emoção, razão e valentia é algo que está em nós, não está na estrada amarela, nem em algo ao longo dela, nem em falsas promessas de enganadores. Para viver bem e ser feliz: descubra isso dentro de você!

Capítulo 19. Pelo Caminho de Santiago de Compostela: Desafios, Belezas e Descobertas

Maria do Socorro Maia Silva

A peregrinação

Todos os anos milhares de pessoas do mundo inteiro vão à Europa com o intuito de percorrer o Caminho de Santiago de Compostela. É possível fazer o Caminho por diferentes rotas com distintos pontos de partida, diferentes distâncias, tempo de duração e nível de dificuldade. O elemento comum de todas essas rotas é o destino final: Santiago de Compostela, na Espanha, onde está localizada a Catedral de Santiago de Compostela.

Dentre os diferentes Caminhos que podem nos levar a Santiago de Compostela estão o Caminho Português, o Caminho Primitivo, a Via de la Plata e o Caminho Aragonês. Entre todos, o mais clássico e também mais estruturado é o Caminho Francês que tem início em Saint-Jean-Pied-de-Port no sul da França, e vai até Santiago de Compostela, cruzando o norte da Espanha (Figura 19.1). Este é também um dos percursos de maior trajeto, percorrendo aproximadamente 800 quilômetros de distância.



Figura 19.1 - Um caminho, muitos percursos – Fotos de acervo pessoal

Embora concebido originalmente como uma tradição religiosa cristã, a peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela é realizada atualmente com diferentes objetivos e formatos. Dentre os propósitos pode-se destacar a atividade de esporte de aventura, o desafio físico pessoal, os fins religiosos e místicos ou mesmo a vivência de diferentes experiências culturais e históricas que o percurso oferece.

Considerada uma das maiores rotas de peregrinação cristã do mundo, o Caminho tornou-se motivo de inspiração de escritores e temática de filmes e documentários, a exemplo do livro “O Diário de um Mago” do autor Paulo Coelho, o filme “*The Way* (O Caminho)” escrito e produzido por Emílio Estevez e

tantos outros que nos apresentam a trajetória pelo Caminho de Santiago de Compostela como uma busca de significado maior para a vida, experiência de profunda conexão consigo mesma, ou ainda oportunidade de refletir e superar os próprios limites pessoais, quer sejam físicos ou emocionais.

Há uma frase atribuída ao poeta cubano José Martí que nos diz que a realização de um indivíduo consiste em conseguir fazer três coisas ao longo de sua existência: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Em algum momento comecei a refletir se tal concretização faz o mesmo sentido para todas as pessoas. E porque não reinventar e deixar o nosso marco na estrada da vida de modo particular e significativo? Certamente, percorrer a pé os quase 800 quilômetros do Caminho de Santiago de Compostela foi para mim a consumação de um desses momentos que dão mais significado e sentido à vida.

Os Desafios do Caminho

A vontade de percorrer o Caminho de Santiago de Compostela já habitava meus pensamentos há alguns anos quando fui convidada por um amigo a me juntar a um grupo que planejava realizá-lo dali a dois anos. A decisão ocorreu no período em que eu iniciava o curso de mestrado no ano de 2015, e veio acompanhada de uma sucessão de indagações e questionamentos que via de regra estavam relacionadas à minha motivação pessoal e à capacidade física e psicológica de encarar tal desafio. Ao contrário do que pode parecer, essa escolha não precisa necessariamente estar rodeada de crenças místicas e/ou espirituais, e no meu caso, bastou o desejo de me desafiar e a vontade de mergulhar numa experiência absolutamente diferente de tudo o que eu já havia experimentado.

Agrela (2013) compartilha conosco suas impressões do Caminho de Santiago como um lugar peculiar e compara o trajeto com uma versão resumida da vida, onde nos deparamos com felicidade, tristeza e dúvidas, no entanto, ao percorrer cada etapa aprendemos muito mais sobre nós mesmos. Para tanto, uma preparação física básica e o planejamento de um roteiro de viagem são aspectos fundamentais para a consecução do trajeto com o mínimo de imprevistos possível (GONZÁLEZ; LÓPEZ, 2012; JONER; AMBONI, 2020).

Os dias ao longo do percurso são constituídos de muitas horas de caminhada, e cada pessoa ou grupo se organiza de acordo com suas condições objetivas e o tempo previsto para chegada ao final da Jornada. Diariamente eu percorria em média de 20 a 24 quilômetros, com algumas alternâncias para mais ou para menos, considerando-se a localização das hospedagens que podem ser encontradas em todo o Caminho, denominadas de albergues de peregrinos.

Me deparei com provações pessoais e fiz novas descobertas a cada dia de caminhada. Foi surpreendente perceber que o desafio diário não é determinado pela extensão da distância a ser percorrida, pois no Caminho o tempo e a distância têm significado particular para cada pessoa. Pequenas semelhanças ou diferenças podem não significar exatamente o que parece. Caminhar 20 quilômetros pode ser intensamente mais exaustivo do que caminhar 28 quilômetros, isso vai depender do quão disponível o indivíduo está para apreciar o momento, da intensidade do frio ou do calor e algumas vezes da chuva persistente, da altitude, da paisagem e até dos lugares incríveis descobertos durante o deslocamento (Figura 19.2).



Figura 19.2 - Caminhante – Fotos de acervo pessoal

As primeiras horas de caminhada no frio primaveril antes que o sol despontasse nas manhãs, eram verdadeiramente instigantes, entretanto, a diversão dos percursos e a beleza natural e arquitetônica com que me deparava no Caminho compensavam o desgaste físico (Figura 19.2). O cansaço, com o passar dos dias foi se naturalizando e chegou muitas vezes a ficar quase imperceptível. É possível afirmar que o corpo vai se adaptando à dinâmica dos percursos, à diferença de horário, às distâncias do deslocamento e ao clima, tornando-se uma rotina tranquila e prazerosa.

Desenvolvi naqueles dias a percepção de que o trajeto no caminho é impulsionado pelo desejo de superação, pela necessidade de encontrar com o que está por vir e, especialmente pela vontade de chegar ao destino final, não restando espaço de destaque para prováveis dores, fadiga, desconforto ou medo.

Das Belezas do Caminho

Encontros e reencontros comigo mesma e com os outros também fizeram parte dos percursos do Caminho. Longos trajetos na solidão dos meus pensamentos e sentimentos propiciaram reflexões e descobertas diversas. Em algumas ocasiões, estive rodeada de uma multiplicidade inimaginável de pessoas de diferentes origens, idiomas, faixas etárias, culturas e especialmente uma variedade de percepções de mundo.

À medida que diminuía a distância do destino final e aumentava a proximidade de Santiago de Compostela, o número de pessoas parecia aumentar significativamente no percurso e, de algum modo, se intensificaram o simbolismo e o misticismo. Algumas pessoas cantavam, outras rezavam ou conversavam e muitas silenciavam de forma absoluta. Ao mesmo tempo, se impunha uma beleza inigualável das casas de pedra, das igrejas, do canto dos pássaros, flores e a sinalização que indicavam os muitos quilômetros a seguir.

Existem diferentes perspectivas do caminho. Embora tenha se originado de uma peregrinação religiosa cristã séculos atrás, existem muitas manifestações presentes nos percursos diários. Além das igrejas seculares que se apresentam como parte da história da Espanha, é possível conhecer templos, castelos e museus de beleza e valor imensurável no contexto cultural do país. Também tive a oportunidade de assistir a uma celebração litúrgica em canto gregoriano, numa igreja toda esculpida na pedra.

A verdade é que no transcorrer dos dias e estradas, percorremos diferentes caminhos em um só, várias paisagens. Caminhos de pedra, de flores e árvores, estradas de lama, de sol e de céu, veredas de areia, de folhas, arbustos e galhos. Trilhas de ladrilhos, de água e de casas, rota de desafios, risos e diversão. Um conjunto

de trechos sortidos que me levariam ao mesmo destino: a Catedral de Santiago de Compostela.

Em alguns trechos do Caminho, o mais importante é não ter pressa, estar atenta a tudo o que acontece ao redor e especialmente ter disponibilidade para viver todos os momentos. Dialogar e compartilhar a experiência com outras pessoas pode ser muito enriquecedor.

Sensações do caminho

O sol só raiava duas ou três horas após iniciado o trajeto, trazendo consigo os diferentes tons da natureza que se misturavam ao colorido das capas de chuva presas nas mochilas dos peregrinos que seguiam o caminho adiante (Figura 19.3). Quanto menor era a distância e mais plano o terreno, mais leve parecia a jornada. Muitos sons, cores e peculiaridades que tornam o trecho ainda mais bonito.



Figura 18.3 – Capas de chuva – Fotos de acervo pessoal

Em muitas ocasiões tive a sensação de que a intensidade da beleza das paisagens está em detalhes que não podem ser captados numa fotografia. Em uma extensa parte do percurso, belas paisagens beiravam o Caminho, com flores variadas e vegetação nativa. Diferentes tons de verde compunham enormes tapetes de grama-do que no ritmo do vento formavam ondas contínuas sob os raios do sol e longos campos florais davam um colorido especial. Lindo de se ver!

A cada passo, a visualização de um lugar que remonta a cena de um filme ou trecho de um livro. Quisera eu ter a capacidade de retratar ou descrever a boniteza do lugar, a riqueza da fauna e da flora e todas as sensações vivenciadas.

Existem simbolismos diversos que me causaram muitas sensações. As setas e os sinais que sinalizam a direção a ser seguida por todo o Caminho, lindas fontes naturais ou artificiais, algumas delas com requinte arquitetônico, nas quais os peregrinos apanham água potável para saciar a sede, missas e bênçãos direcionadas aos caminhantes, marcos que tornam o caminho ainda mais apaixonante!

A chegada

Ao alcançar a distância de menos de 50 quilômetros até Santiago de Compostela, a ansiedade inicial para chegar ao destino, cedeu lugar a uma estranha saudade do que nem sequer chegou ao final (Figura 19.4). Fui tomada por uma estranha nostalgia que me fazia querer saborear cada instante dos últimos momentos da caminhada.



Figura 19.4 - Últimos quilômetros – Fotos de acervo pessoal

O último dia do trajeto iniciou-se muito cedo e ao término da primeira hora de percurso, ainda não havia amanhecido. A ansiedade e o contentamento por estar finalizando o caminho não podem ser descritos em palavras.

Santiago de Compostela foi fundada no Século IX, é a capital da comunidade autónoma da Galícia e está localizada na província de *Logrunho*. A cidade é constituída por uma parte moderna e uma parte histórica, onde se concentram dezenas de igrejas, seminários e conventos. Internacionalmente conhecida como lugar de peregrinação cristã, sua popularidade só é menor que a de Roma em Jerusalém. A principal atração é a Catedral onde está o túmulo do apóstolo Tiago, discípulo de Jesus, considerado o marco final da peregrinação.

A sensação de chegar em Santiago de Compostela é incomparável! Após adentrar a cidade, caminha-se ainda cerca de meia hora até chegar ao centro histórico e avistar a Catedral do Apóstolo Tiago, um imenso e suntuoso templo. Ali, independente de motivações religiosas é difícil não se deixar envolver pela emoção que paira no ambiente. Alguns Peregrinos ajoelham-se em frente à igreja para fazer preces e agradecer, ou demonstram todo o cansaço do percurso, e outras pessoas contemplam a chegada de muitos e muitos peregrinos recebidos por cantantes.

O fim da jornada me propiciou uma infinidade de sentimentos. A superação do desafio pessoal de andar dia-a-dia até alcançar o destino, sem esmorecer e experimentando a alegria de (re)descobrir novas capacidades em mim mesma. Partilhar da exuberância das sensações místicas e espirituais das quais o Caminho está repleto e por fim, sentir a fascinante emoção de percorrer o Caminho de Santiago de Compostela e poder contemplar a Catedral de Santiago de Compostela com toda sua tradição e fé.

Certificação

Após a conclusão da jornada é chegado o momento de cumprir o ritual de finalização do Caminho: o recebimento da Compostela. Esse é o documento que atesta a conclusão da jornada e pode ser adquirido em um local denominado de Oficina do Peregrino, que fica nas proximidades da Catedral de Santiago de Compostela. Trata-se de uma certificação emitida pelas autoridades eclesíásticas que comprova o cumprimento do percurso por motivação religiosa ou espiritual.

Para receber o certificado, a pessoa necessita ter percorrido o mínimo de 100 quilômetros, no caso de ter feito o percurso a pé ou a cavalo, e 200 quilômetros se houver realizado o trajeto de bicicleta e, comprovar que percorreu tal distância. A comprova-

ção é feita por meio da Credencial do Peregrino, obtida no início do trajeto em *Saint-Jean-Pied-de-Port*, na França.

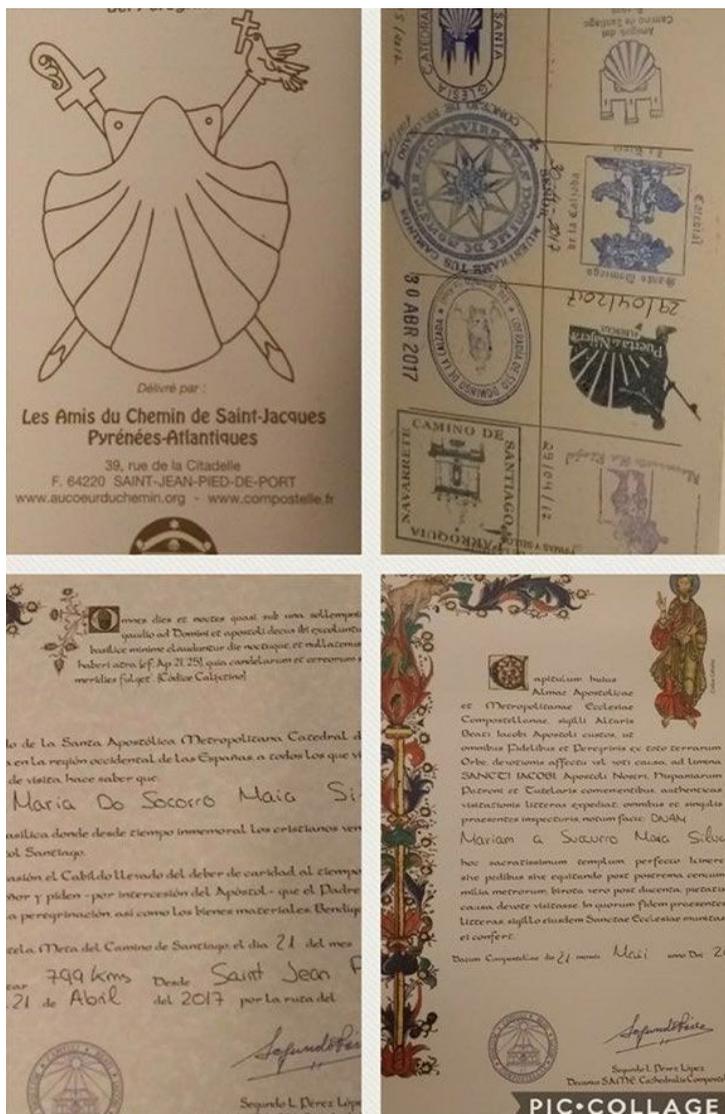


Figura 19.5 - Credencial e certificado – Fotos de acervo pessoal

A Credencial é uma espécie de identidade do Peregrino, traz os dados de identificação pessoal e muitos espaços em branco onde se marca com carimbos e datas todos os lugares visitados ao longo da caminhada como igrejas, museus, vendas, restaurantes, albergues e tantos outros. O recolhimento diário dos carimbos torna-se um hábito divertido no decorrer dos percursos, uma vez que de certo modo os carimbos contam a história, trazem personagens ou imagens dos santos católicos, e concorrem entre si em beleza e criatividade.

Após receber a certificação está formalmente concluída a jornada de peregrinação. Uma parte de mim estava satisfeita por alcançar o êxito desse feito, pela superação de muitas limitações pessoais e por ter vivido essa experiência única. Por outro lado, a certeza de que a pessoa que retornaria para casa já não era a mesma e uma saudade incomum que me fazia acreditar que em algum momento da vida eu estaria novamente percorrendo aqueles caminhos que passaram a fazer parte de mim e da minha história.

Capítulo 20. 700 Chambres: Les Riches Et Les Misérables

*Solonildo Almeida da Silva
Patricia Campêlo do Amaral Façanha*

O presente capítulo traz reflexões importantes sobre uma entrevista cordialmente cedida pelo professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Solonildo Almeida da Silva, sobre sua última viagem à França realizada durante às férias nos meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

Inicialmente, ele falou sobre algumas viagens que fez à Europa, como as de 2019 e 2020 e discorreu sobre a última realizada durante as férias nos meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Então, Solonildo abordou sobre o emblemático Palácio de Versalhes, cuja visita ao local ocorreu ainda no período de pandemia, e inverno na França, em que observou a cidade de Versalhes bem esvaziada, com poucos frequentadores nos museus e entretenimentos turísticos tanto por conta do inverno como da própria pandemia pelas restrições definidas pelos governos para evitar a disseminação no novo coronavírus. As imagens a seguir relatam essas experiências.



Figura 20.1 - Em Wissembourg, comuna francesa na região administrativa de Grande Leste, no departamento Baixo Reno, 2019. Fonte: Autor, 2019.



Figura 20.2 - Paris, 2020. Véspera de pandemia de Covid-19. Fonte: Autor, 2020.



Figura 20.3 - Galeries Lafayette, dezembro de 2021.
Fonte: Autor, 2020.



Figura 20.4 – Imagem do Palácio de Versalhes.
Fonte: On the List, 2022.

“A cidade de Versalhes fica próxima de Paris, aproximadamente a 30 km de trem, sendo a estação de trem bem próxima da entrada principal do castelo que apresenta uma arquitetura que causa admiração desde seus portões dourados e as gravuras do rei

Sol, além da riqueza, exuberância e eternidade do que se vê, o que fez pensar sobre a construção da história da França e da Europa sobre a concentração de riqueza e a forma como viviam os palacianos, o luxo e em contrapartida a dificuldade dos trabalhadores”, disse o professor. Após essa referência refletiu-se sobre a situação dos trabalhadores da época durante a construção do castelo e dos atuais que muitos sofrem pelas consequências financeiras decorrentes da pandemia.



Figura 20.5 – Portões dourados do Palácio de Versalhes.
Fonte: Canstockphoto, 2022.

O palácio de Versalhes, ou Château de Versailles, é um castelo real localizado na cidade de Versalhes, uma aldeia rural à época de sua construção, e atualmente é considerada um subúrbio de Paris. Esse castelo surgiu como uma residência rural para caça usada pelo rei Luís XIII. Em 1682, Luís XIV, o Rei Sol, se mudou de Paris para a referida cidade e a residência oficial da

monarquia francesa só retornou à capital francesa em 1789, quando Luís XVI foi obrigado a se mudar com a esposa, Maria Antonieta, durante a Revolução Francesa (BORGES, 2020).

A localização do palácio foi considerada estratégica para atender à exigência de Luís XIV, que queria ficar perto de Paris e longe dos conflitos que ocorriam na Cidade Luz. Portanto, por 107 anos a Corte de Versalhes, com mais de 6 mil pessoas, foi o centro do absolutismo francês e o castelo é um símbolo da ostentação dos monarcas franceses. Hoje é considerado Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco. A construção é dividida em três seções: o palácio propriamente dito, os jardins e as propriedades anexas ligadas a Maria Antonieta (SILVA, 2022).

A visitação do castelo apresenta isenção de taxas para estudantes e há três tipos de taxas. Além do francês e inglês há outros idiomas de atendimento, como o próprio português (no caso o de Portugal). Na entrada do palácio é oferecido um guia automático, via rádio, chamado autoguia, podendo o visitante escolher o idioma (11 no total) que achar melhor. Para ter a explicação do guia, é só digitar o número referente ao espaço de visita e há descrição e relato sobre o local desejado”, dicas importantes trazidas pelo entrevistado, o que traz muita praticidade aos visitantes, ainda mais no atual momento de pandemia.



Figura 20.6 – Visita ao Castelo de Versalhes em 2022.
Fonte: Autor, 2022.

Continuando a bela descrição, o entrevistado diz que “A riqueza do palácio aos olhos de quem está visitando chama a atenção pelos detalhes, ainda mais pela construção e arquitetura de diferentes espaços como o quarto da rainha e do rei. O quarto do rei dava uma sensação de escuridão, mistério e negatividade, enquanto o quarto da rainha era muito iluminado, bonito, parecendo ser mais rico, positivo, mais seguro e protegido. Lembrando que os reis Luiz XIV, XV e outros ali habitavam, o que torna essa observação bem intrigante quando se observa e imagina como eram os rituais que ali ocorriam. Outro espaço muito belo é o da Sala dos Espelhos, com a exuberância de cada espelho e da vista que se tem pela janela, trazendo reflexões sobre a história que ocorreu ali e também sobre essa estrutura que representa, na visão da França, as batalhas de ideais”.



Figura 20.7 – Quarto do Rei, 2022.
Fonte: Autor, 2022.



Figura 20.8 – O quarto da Rainha, 2022.
Fonte: Autor, 2022.



Figura 20.9 – A Sala dos Espelhos, 2022.
Fonte: Autor, 2022.

As obras de ampliação em Versalhes estenderam-se durante todo o reinado de Luís XIV e seguiram mesmo após sua morte. Foram construídos em Versalhes, durante o reinado de Luís XIV, locais como a Galeria ou Sala dos Espelhos, o Grande Trianon, as alas norte e sul do palácio, a Capela Real, etc. Fora o palácio propriamente dito, há também a imensidão de jardins localizada nos fundos da mansão. O estilo barroco do castelo fica bem representado nos aposentos da rainha e do rei. A Sala dos Espelhos representa bem a essência da monarquia francesa com sua altura de 12 metros de altura, decorada com 400 mil folhas de ouro, mais de 370 espelhos e 1.000m² de afrescos no teto (SILVA, 2022).

Para elaborar o projeto de construção dos jardins, Luís XIV contratou André Le Nôtre. Essa construção arrastou-se por várias décadas e só foi finalizada durante o reinado de Luís XVI (SILVA, 2022).

Por curiosidade, Solonildo disse que procurou algumas informações para entender melhor a construção do palácio, encontrando uma série chamada Versailles que é dividida em 3 temporadas, na Netflix, que trás detalhes sobre a transformação de uma casa de campo em um castelo por Luís XIV que depois viria ser a sede de seu reinado. Essa série foi gravada no próprio palácio e remonta essa construção, a partir de uma ficção histórica, que narra movimentos políticos e pessoais de Luís XIV.

O palácio apresenta algumas curiosidades como o fato de ter 700 quartos (chambres), 2 mil janelas, 67 escadas e mais de mil lareiras, além de 357 espelhos, possuindo seu complexo 67 mil m² (SILVA, 2022).

“A quantidade de trabalhadores que morreram a cada metro quadrado, soldados que voltaram da guerra e outros trabalhadores que prestaram serviço na construção do palácio sem segurança,

morreram nos escombros, de frio, representando muitas vidas”, discorreu Solonildo.

Trabalharam sempre simultaneamente em Versalhes mais de 30.000 homens, muitos dos quais não eram pagos ou executavam trabalhos forçados. As condições em que trabalhavam e viviam provocavam epidemias que vitimaram centenas deles. Eram frequentes os acidentes mortais na construção dos edifícios, e as febres consequentes dos pântanos causavam pesadas baixas (CAPPELLUTO; ARANHA, 2022).

O entrevistado também disse que esteve em regiões periféricas de Paris, lugares onde moram trabalhadores, áreas mais industriais onde percebeu uma quantidade maior de moradores de rua, passando frio, em barracas improvisadas (principalmente quando comparada às duas últimas visitas à cidade que o professor tinha realizado em outros anos), percebeu uma maior visibilidade da pobreza e lembrou que essa cidade é uma das mais caras do mundo para viver, trabalhar. Falou que ver ainda pessoas morando na rua lhe lembrou o romance *Os Miseráveis* (*Les Misérables*), em que Jean Valjean por roubar pão para alimentar seus sobrinhos foi preso e enviado para as galés por muito tempo, romance traduzido e publicado em muitas línguas, ainda permanece atual considerando a atual relação entre riqueza e pobreza no mundo e em especial com o que viu na França.



Figura 20.10 - Les ponts du Canal de l'Ourcq - Paris 19e.
Le Quartier Villette - Pont de Flandre. Fonte: Autor, 2022.



Figura 20.11 - Próximo da *La rue de Crimée*. Moradia improvisada em uma praça. Imagem registrada pelo autor em 2022.

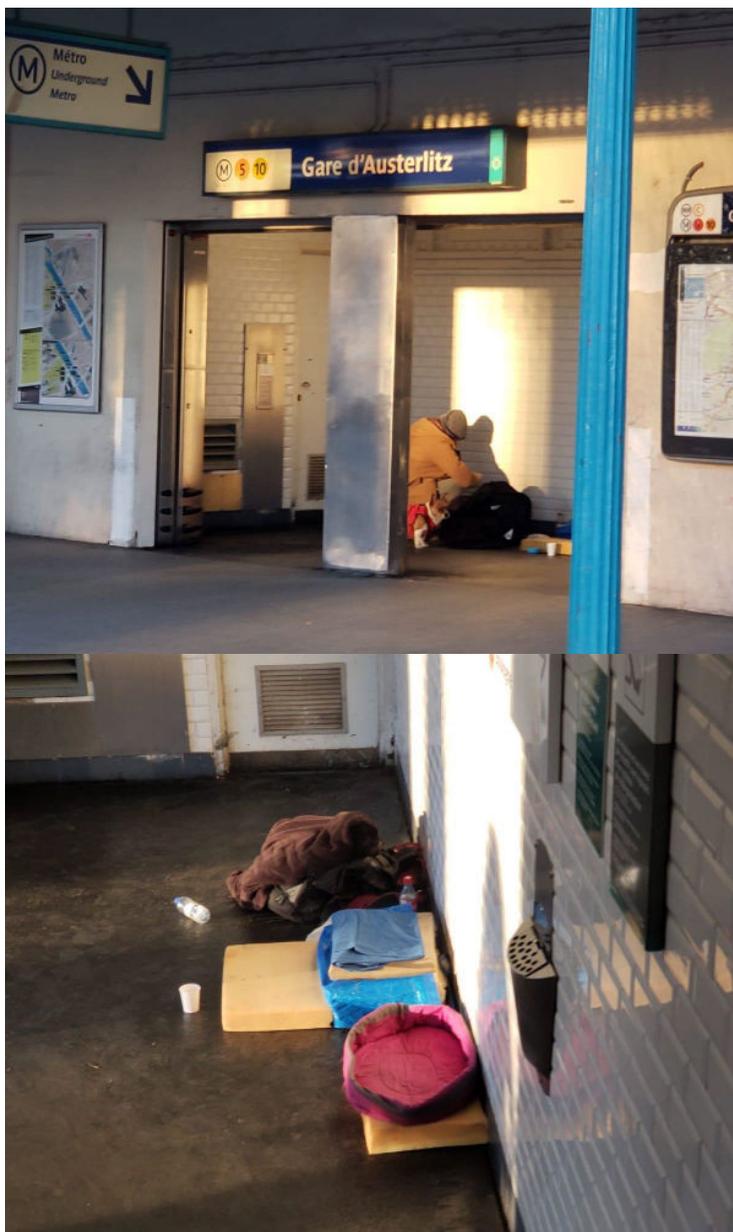


Figura 20.12 - Gare SNCF de Paris Austerlitz. Morador de Rua. Imagens do autor. 2022

O livro *Os Miseráveis* foi escrito por Victor Hugo e publicado em 1862. Essa obra retrata uma época de extrema desigualdade social na França e tem como personagem principal Jean Valjean, um miserável, que perdera seu emprego e por necessidade roubara pão para alimentar sua família, o que lhe trouxe como punição a prisão com trabalhos forçados, a partir desses fatos a trama se desenvolve.

Portanto, o título em francês, *700 chambres: les riches et les misérables*, traz a caracterização da viagem realizada pelo entrevistado ao Palácio de Versalhes na França. O referido castelo possui 700 quartos e é caracterizado pela suntuosidade e riqueza, o que contrasta com a pobreza observada em Paris e no mundo, sendo preciso refletir sobre a desigualdade social e os prejuízos que a mesma causa às nações, sendo elas desenvolvidas ou não.

Capítulo 21. Alemanha – Uma Jornada em Busca de Inovações

Anderson de Castro Lima

Sou o professor Anderson de Castro, do IFCE Campus Maracanaú e no período de 2016 a 2021, apesar da minha formação em Telemática, me dediquei ao empreendedorismo e nesse período surgiu um edital para um curso na área de gestão da inovação promovido pelo ministério da educação em parceria com uma instituição de ensino alemã a Steinbeis-Sibe, como parte da formação os alunos ficarão por duas semanas visitando empresas e universidades na Alemanha. A minha ida foi normal, pegamos um voo do aeroporto internacional de Fortaleza direto para Amsterdã na Holanda, de lá uma conexão para *Stuttgart* na Alemanha, onde foi a base da capacitação. Chegando na cidade tivemos que ir para o hotel, mas não tínhamos ninguém esperando no aeroporto, tivemos que pegar o transporte coletivo para chegarmos ao hotel, por sorte um dos alunos falava um pouco de alemão, mesmo assim tivemos que pedir informações a uma passageira que estava na estação e para surpresa de todos, essa passageira nos explicou como chegar e ainda nos deu as passagens e assim conseguimos chegar ao nosso hotel.

O período de julho e agosto faz parte do verão europeu e as temperaturas são altas, acima do que os nordestinos estão acostumados, mas o pior é que quase não existe ar-condicionado nos imóveis na cidade, o grupo passou mais calor do que se estivesse no sertão do Ceará. Diferente do Brasil, você pode tomar água da torneira, mas se quiser comprar água mineral, só encontrará com gás.

A jornada na Alemanha durou duas semanas, assim o grupo teve um final de semana livre para poder conhecer o que quisesse no país, alguns tinham feito planejamentos antecipados, alugado carros e foram visitar as cidades turísticas, mas eu alguns outros não sabíamos um dia antes do final de semana, foi aí que um grupo inusitado se uniu, composto por 3 cearenses, me incluindo, e 2 cariocas, decidimos ir para Berlim, cerca de 632 km de *Stuttgart* e assim embarcamos nessa jornada. Detalhe, alugamos o carro, mas não reservamos o local que iríamos dormir, isso foi feito dentro do carro durante o trajeto e não foi fácil pois maioria dos locais que tentamos via *AirBnB* não estavam aceitando, só conseguimos fechar quando faltavam menos de 100km para chegarmos.

Em Berlim, uma das primeiras coisas que nos deparamos foi a parada do orgulho LGBTQIA+, lá vi de tudo, desde pessoas com fantasias até pessoas sem nada, desfilando pelas ruas na maior naturalidade, coisa que infelizmente no Brasil não aconteceria com essa mesma tranquilidade.

Outro momento marcante em Berlim foi a visita ao memorial do Muro de Berlim, trouxe até um pedaço do muro de lembrança, vi o quanto o egoísmo e a fome pelo poder podem prejudicar um povo, pode separar e trazer guerras. Felizmente esse período se passou, não existe mais o muro, apenas uma lembrança para que no futuro, não se cometam os mesmos erros.

A passagem por Berlim foi curta, um final de semana apenas, mas cheio de informações que ficarão para sempre na memória. A volta foi tão emocionante quanto a ida pois viemos por uma via chamada Autoban, nela não existe limite de velocidade e os carros alemão tem muita tecnologia, segurança e velocidade, isso nos permitiu trafegar com velocidades atípicas em relação ao

Brasil, eu mesmo consegui com muita cautela atingir 200 km/h, alguns colegas conseguiram mais, mas antes que alguém pense que fomos irresponsáveis, volto a destacar a segurança da via e do veículo, a sensação era de está trafegando a 120 km/h, mas na realidade era 200km/h. Não tenho coragem de fazer isso no Brasil, primeiro que não é permitido pela legislação e segundo, não tem vias adequadas como na Alemanha.

Por fim, após duas semanas de estudos, visitas a fábricas, faculdades e centros de inovação, posso falar que o que falta no Brasil para atingir o mesmo patamar de inovação da Alemanha é a interação entre o governo, as universidades e o setor privado, a chamada tríplice hélice, sem ela todas as nossas ações enfrentarão desafios muito mais difíceis de serem superados do que se essas mesmas ações fossem feitas na Alemanha, assim nossa cultura deve ser aprimorada de modo a que nossas pesquisas tenham como foco principal o mercado e que o mercado com o auxílio do governo possa investir nisso, motivando e valorizando todo o corpo docente e discente das nossas instituições.

Capítulo 22. Minha História na Europa

Maria Dulce Silveira

Em 1990, minha irmã mais nova, Ana Mary, foi para a Alemanha com uma amiga, trabalhar como cuidadora de crianças. Ela sempre teve como desejo levar toda a sua família. Então, eu uma de suas irmãs, tive quatro filhos. Uma de minhas filhas se chama Germana que tinha por volta dos 18 anos nesta época, ela era a mais nova e era muito linda, mas infelizmente aqui no Brasil era uma jovem de pouca sorte, trabalhava muito e era muito assediada por adolescentes da mesma faixa etária. A partir disso minha irmã mais nova Mary viu potencial, tentou ajudar e perguntou: "Você quer conhecer a Alemanha?"

Com a resposta positiva, comprou as passagens e foram as duas de avião. Eu senti tantas saudades, minha filha Germana mesmo sem nem falar a língua, foi morar na casa de uma amiga da minha irmã, lá na Alemanha, minha filha dizia que arranjaría um rapaz bom e que não tivesse vícios. Diante disso, a amiga da minha irmã que hospedou minha filha tinha um namorado da Holanda, e um dia ele levou um amigo, que tinha todas as qualidades no qual minha filha esperava, sem vícios e que ainda falava português, então eles se conheceram, casaram e foram morar na Holanda. Em 2000 tiveram sua primeira filha, e eu com muitas saudades, decidi ir à Holanda pro nascimento da minha neta passar dois meses.

Depois que minha neta nasceu, minha irmã Mary, me chamou para a casa dela na Alemanha. Eu perguntei a minha irmã

como eu iria para a casa dela, pois não conhecia nada, e nem mesmo falava a língua, como nenhuma outra. Ela falou que não havia problemas, e que os trens da Europa não atrasavam, ela me pediu para marcar no meu relógio a hora em que o trem chegaria e entrasse nele, na hora certa em que ela havia me dito, e ela também afirmou que eu iria a encontrar. E assim eu fiz, como ela me disse. Só que ao contrário do que ela me disse, o trem atrasou e eu desci em uma parada antes do que ela estava. Foi uma experiência sinistra para mim, fiquei na estação do trem umas duas horas parada, sem saber falar com ninguém, não sabia falar nem inglês, a todo momento sentia que ia morrer ali. Então eu pensei "no próximo trem que vier eu vou entrar para ir não sei aonde". Então o trem chegou e quando eu estava prestes a entrar, já na porta, graças a Deus minha irmã gritou pelo meu nome com todas suas forças, e foi assim que eu nasci novamente. Foi uma experiência inesquecível.

Recapitulando, a minha neta Hanneke, filha da Germana que falei mais acima, hoje tem 21 anos, é poliglota, fala um pouco de português como seus pais, trabalha em um canal de televisão holandesa e ainda tem mais dois irmãos menores que falam apenas holandês.

E foi assim que brasileiros, alemães e holandeses se uniram, graças a Deus e também a minha irmã mais nova que se chama Ana Mary, que também é casada com um alemão chamado Thomas. Palavras da minha irmã Mary: "Quem vai para a Europa jamais quer voltar para o Brasil". Ela já levou cerca de 23 familiares ou amigos(as) para conhecer a Europa, e todos(as) despertaram o interesse de viver na Europa.

Capítulo 23. Jesus na Porta do Sol e Visita a Alcobaça, Portugal

*José George Vinhas Gonsalves
Sandra Moreira Gonsalves*

Jesus na Porta do Sol

Primavera de 2013. Depois de uma passagem sentimental por Portugal, terra do meu avô paterno, cheguei a Madri em um domingo gelado. No começo da noite, saí com Sandra, minha esposa, para explorar a imponente capital espanhola.

Nós tínhamos apreço pela língua espanhola. Ela a tinha estudado no curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, período em que viu e se encantou pelas imagens dos principais cartões postais de Madri. Quanto a mim, não saía da minha memória a aula de História da América, na mesma universidade, em que o professor disse que o espanhol era a língua ideal para se falar com Deus.

Como cristãos evangélicos, tínhamos o domingo como um dia especial: era o Dia do Senhor, aquele em que nos reuníamos com nossos irmãos para adorar. Naquele dia saímos em direção a um lugar icônico da cidade: a Porta do Sol, uma praça movimentada. Quando lá chegamos, em meio a tantas vozes, distinguimos um cântico. Pessoas reunidas em um círculo cantavam alegremente músicas evangélicas. Não podíamos acreditar nesta oportunidade: tínhamos a chance de participar de um culto em plena capital madrilena. Discretamente, nos juntamos ao grupo. Bate-mos palmas, glorificamos a Deus e ouvimos com atenção um

jovem, que com ousadia, se colocou no centro do grupo e passou a anunciar o evangelho.

Fiquei observando o contraste: enquanto estávamos envolvidos naquele culto público, pessoas passavam pelo local sem sequer se dar conta do que estava ali ocorrendo. Não nos importávamos: ninguém ia tirar de nós aquele momento de adoração.

Ao terminar a reunião, conversamos com os “irmãos” que ali estavam. Descobrimos que havia pessoas de várias nacionalidades: colombianos, brasileiros e até ... espanhóis. Nos sentimos acolhidos. Eles nos falaram dos desafios em evangelizar em cidade tão cosmopolita e cética. Nos disseram, inclusive, que havia muitos na cidade que praticavam feitiçaria e que os evangélicos eram poucos.

Nos despedimos e fomos para o hotel com o coração aquecido, cheio de alegria. Inesperadamente, havíamos encontrado Jesus na Porta do Sol (Figura 23.1).



Figura 23.1 - Encontro com os irmãos em Cristo

Visita a Alcobaça, Portugal

Alcobaça é uma cidade de Portugal e nela estão os túmulos de D. Pedro I e Inês de Castro, no Mosteiro de Alcobaça. Em dezembro de 2019 estive nesta cidade impulsionada pela história contada por meu professor de Literatura Portuguesa, na faculdade, no final dos anos 90.

O príncipe D. Pedro de Portugal mantinha um romance com Inês de Castro, dama de companhia de sua esposa Constança. O rei D. Afonso IV e toda corte reprovavam tal relacionamento, mesmo após a morte de Constança (1345). O rei tentou separá-los de todas as maneiras. Mas Pedro e Inês permaneciam juntos e tiveram quatro filhos. Insatisfeito, o rei enviou três homens para matar Inês e em janeiro de 1355 ela foi decapitada. Pedro, quando soube do ocorrido, armou-se contra o pai mas persuadido por sua mãe prometeu nada fazer até a morte do pai. Quando tornou-se rei em 1357, perseguiu e matou dois dos assassinos de sua amada e coroou-a Rainha, fez cortejo e ordenou que toda a corte beijasse a mão de Inês de Castro. Enquanto o cortejo seguia, muitos diziam: "agora é tarde, Inês é morta", expressão que se popularizou.

A história contada por meu professor me fez lembrar de minha infância em que ouvia de minha avó a expressão "agora é tarde Inês é morta" e ela passou a ter um rosto. Confesso que nunca pensei em conhecer Alcobaça e tampouco os túmulos de D. Pedro e Inês. Porém em dezembro de 2019 tive a oportunidade de ir a Portugal e um dos meus objetivos foi conhecer o Mosteiro de Alcobaça. Eu e meu esposo planejamos cuidadosamente a visita ao mosteiro. Fomos de ônibus de Lisboa a Alcobaça. Do terminal rodoviário até o Mosteiro, o percurso estava cheio de referências ao casal: laços vermelhos, coração esculpido nos bancos, Jardim do Amor com 2 silhuetas representando Pedro e Inês...

Chegamos ao Mosteiro e a emoção foi grande! Ao final da visita, na igreja, lá estavam os túmulos. Um de frente ao outro, pedido feito por D.Pedro, para que no dia da ressurreição dos mortos, ele fosse o primeiro a ver Inês e ela a ele. Os túmulos, ricos em detalhes, estavam praticamente perfeitos! As expressões dos rostos traziam serenidade. Eu me senti parte da história diante deles!

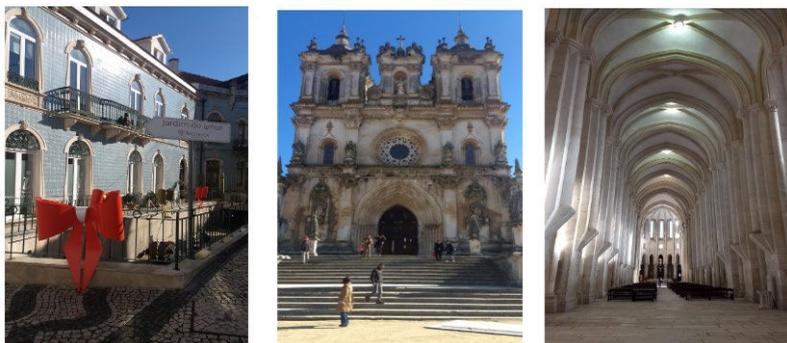


Figura 23.2 - Respectivamente: Laços em Alcobaça, fachada do Mosteiro de Alcobaça e interior da Igreja do Mosteiro.



Figura 23.3 - Interior do Mosteiro



Figura 23.4 - Mais laços espalhados pela cidade de Alcobaça

Capítulo 24. Um Velho do Rio em Portugal: Estudos, Vinhos e um dos Invernos Mais Frios dos Últimos Cem Anos

Erivanildo Lopes da Silva

Um Pós-Doutorado na Europa foi uma das experiências mais interessantes vividas por mim, sempre que tenho oportunidade procuro falar do que aconteceu em Portugal, país onde fiquei por quase seis meses. Como professor universitário sempre que possível relato algumas das situações vivenciadas por lá, mas sempre no contexto acadêmico. Fora desse meio, por exemplo, tomando uma cerveja com amigos, pouco comento pelo que passei do outro lado do Atlântico. Eis que agora tenho a oportunidade de “falar” numa espécie de interface entre o universo acadêmico e um momento descontraído de um bom boteco.

Sou o professor Erivanildo Silva, nasci no interior da Paraíba, numa cidade chamada Sousa e logo fui para São Paulo, lá eu estudei até obter o grau de mestre. Prestei concurso e fui lecionar em uma Universidade Federal na Bahia, a UFBA, centro formador no qual consegui alcançar o título de Doutor. Contudo, após mais um concurso me fixei na Universidade Federal de Sergipe, a UFS.

Já como professor da UFS pude ter a primeira experiência internacional. Em 2013 fui para um congresso na cidade de Girona, Espanha. Fiquei uma semana na localidade Catalunha, uma experiência interessante, mas infelizmente não tenho muitas coisas para falar de Girona, isso porque estava imerso no evento. No retorno lembro que passei por Barcelona onde peguei o avião até

Portugal, exatamente para a capital Lisboa, ali passei horas no aeroporto, momento que lembro muito bem tive a sensação de que voltaria a Lisboa, estava certo. Em 2016 voltei a visitar a cidade, mais uma vez de passagem, pois tinha planos de ir para um congresso na cidade de Aveiro, ocasião na qual pude conhecer a Universidade de Aveiro (UA), o centro formador que seria palco de minhas principais vivências, as quais vou apresentar nesse texto.

Nessa viagem de 2016, após firmar parcerias, pude planejar um período de pós-doutorado na UA, o que me proporcionou mais uma ida para Aveiro, agora com meses para ficar em Portugal e poder conhecer mais daquele país. No ano seguinte já me sentia em casa, ainda mais sendo a melhor época para ir a Portugal, mais uma vez pude chegar no mês setembro, temperatura agradável, na verdade já achava tudo agradável por lá, menos os bares que aceitam fumantes. Pois é, por onde eu ia sempre tinha alas para fumantes e não fumantes, mas enfim, pensei não ser isso um problema. Durante essa estadia em Aveiro tive que retornar rapidamente ao Brasil para resolver algumas questões e passar as festas com minha família, ou seja, acabei saindo do país antes de chegar a temporada mais gelada, sendo assim tudo foi só alegria: muito estudo, vinho e comida boa, embora muita fumaça de cigarro também.

Para concluir o pós-doutorado planejei voltar para Aveiro logo no início de janeiro de 2018, sendo que na véspera de viajar eu estava no calor de uma zona rural próxima da cidade de Sousa, só para lembrar, esta cidade fica na Paraíba onde tem o Vale dos Dinossauros, mas não importa muito neste momento falar do lugar onde estão as pegadas dos “Titãs de Sousa”. No início de janeiro fiquei muito feliz ao avistar o Estádio da Luz em Portugal, mas posso afirmar tenho zero simpatia pelos times da cidade,

Sporting e Benfica, me identifico com o Porto, porém a visão do estádio é de encher os olhos. Na saída do avião fui recepcionado pelo frio enregelante de janeiro, rapidamente coloquei meu moletom felpudo, isso mesmo, um moletom. Percebi que não bastou para esquentar, assim coloquei uma jaqueta de lã de carneiro que tinha comprado há uma década em São Paulo o que me ajudou a chegar bem.

Já conhecia Aveiro, mas não sua versão a -4°C (quatro graus negativos), isso fez com que na primeira semana eu comprasse roupas mais adequadas, para minha sorte estava bem na época dos saldos, uma espécie de período de promoções nas lojas, só que verdadeiras. Sobre as roupas, digam-se adequadas, pois não passava frio, por exemplo, tive que comprar uma meia de lã para usar nas noites de sono, algo que me era inimaginável principalmente para dormir. Com o local para permanecer em Aveiro, como já estava matriculado na UA, tudo estava tranquilo, reuniões com o supervisor do pós-doutoramento, minha sala de trabalho e um apartamento da própria universidade, ambos com aquecedores, uma maravilha! Mas de início, no primeiro fim de semana, houve tempestades pelos lados do Algarve, a Tempestade Felix, esse nome Felix me remontava ao divertido desenho do gato Félix. Contudo, mesmo Aveiro distante do Algarve as orientações das autoridades locais foram para ficarmos o máximo possível protegidos em nossas casas o que me levou a ficar um fim de semana inteiro no pequeno apartamento da UA bem quentinho e tomando vinho, que alegria! Foi alegria até chegar a conta do gás para pagamento no final de janeiro.

Após pagar o valor das contas passei a não utilizar o aquecedor do apartamento, afinal dava para dormir bem com as roupas apropriadas, dois cobertores e minha meia de lã. Meu único cui-

dado à noite era não ficar para fora das cobertas. A rotina semanal era acordar com o primeiro vão de claridade no quarto, lá pelas oito da manhã, um banho quente e correr para tomar um café na lanchonete do prédio de Educação e Psicologia da UA. Lugar estratégico, pois poderia aproveitar e conversar alguns minutos com o supervisor do pós-doutorado, momento que falávamos não somente do projeto, mas sobre Brasil e Portugal também.

Tinha em mente aproveitar os fins de semana para conhecer outras cidades portuguesas, até mesmo lugares fora de Portugal, mas conforme o frio se acentuava eu acabava saindo muito pouco. Logicamente pude ir a várias cidades sim, mas nada como planejava. Lembro de Coimbra, Fátima, Porto, Braga, Lisboa, Pão de Açúcar e Santarém, sendo que nesta última cidade pude conhecer o Rio Tejo, em um lugarejo chamado Vila Nova da Barquinha, então me dei conta que estava na região do Alentejo, lugar dos melhores vinhos portugueses, há quem entenda desta forma e me incluo nela. Numa dessas viagens estava tão frio que sentia os dedos dos pés congelando, justifica-se, minhas meias de lã ficaram no apartamento, só lembro bem que foi nessa ocasião que usei meu All Star pela última vez em Portugal.

Em outra ocasião fui à Praia da Barra, em Ilhavo, vi o Atlântico lindo com águas bem transparentes, coloquei as pontas dos dedos na água, então não tive dúvidas, optei por não entrar de jeito nenhum, ainda lembrei das praias de Aracaju, bem que a água da Barra poderia ser quentinha como as que banham a Praia do Mosqueiro do outro lado do Atlântico. E foi vivendo momentos assim que, com o passar dos meses, foi batendo cada vez mais a saudade do calor sergipano e com essas experiências com o frio português que os cabelos e barba cresceram, nem uma tosada, nada. Lembro que numa viagem ao Porto, já próximo de retornar

ao Brasil, eu parecia o Velho do Rio⁴⁵ nos aspectos barba e cabelo (Figura 24.1).



Figura 24.1 - O Velho do Rio

Na cidade do Porto em uma ocasião, já parecido com o Velho do Rio, eu estava na Ribeira tomando um café, comendo uma bifana (nada mais que um pão com bife de carne suína) e olhando para o Rio Douro, quem conhece sabe que o lugar é muito bonito. Então ali na Ribeira mirando Gaia, ou melhor Vila Nova de Gaia, sem meus tênis All Star e vestido com duas blusas novinhas, já tinha esquecido meu moletom felpudo quando presenciei uma cena muito engraçada: uns jovens brancos e altos bebiam cervejas, fumavam e falavam alto, diga-se de passagem

⁴⁵ Velho do Rio foi um personagem da telenovela brasileira Pantanal da extinta Rede Manchete, escrita pelo autor Benedito Ruy Barbosa.

que em Portugal essas características mencionadas são normais, mas para mim foi uma surpresa eles entraram somente de cuecas no Rio Douro, foi uma gritaria generalizada na Ribeira, pensei comigo que fazendo aquele frio arretado, iria embora, não arriscaria sem saber se jogar terceiros e desconhecidos na água gelada era costume.

Próximo do meu retorno ao Brasil o frio já não parecia tão intenso, acho que eu já estava adaptado a ele, comecei a restringir os passeios mais ainda e passei a intensificar meu tempo nos trabalhos do Pós-Doutoramento, afinal queria retornar com um artigo pronto para enviar a uma revista de destaque. No máximo ia em alguns lugares próximos comer chocos, uma iguaria local que parece uma lula e que gostei muito, mais até que bacalhau. Ainda sentia algum frio, nada como antes, mas como já estava perto do meu retorno, pensei em deixar para cortar os cabelos e barba no Brasil.

Voltando a falar da UA, como destaquei a lanchonete da Universidade, eu me alimentava quase que diariamente no estabelecimento, comida de qualidade e balanceada, tinha até bacalhau com grão de bico. Em paralelo sempre praticava umas caminhadas, embora nada num perfil atlético, e por conta dessa mudança de vida acabei emagrecendo uns 10 kg, entre meus familiares teve quem falasse que eu passei a parecer mais ainda com o Velho do Rio, só faltava as vestimentas.

Nas últimas semanas de abril, quando estava me despedindo de Portugal, passei a usufruir um pouco mais das comidas e bebidas locais, pois sempre tinha uma despedida com os amigos que conhecera, sobretudo brasileiros. Numa dessas ocasiões tive a oportunidade de visitar um restaurante que nunca tinha visitado no centro de Aveiro por meio de um convite do supervisor do

Pós-doutorado, um lugar muito bacana e com os preços de acordo com a qualidade do lugar. Como era hora do almoço fomos eu, o supervisor e uma amiga brasileira que se encontrava com o mesmo vínculo que eu com a UA. Lembro que o professor pediu um bacalhau e um vinho tinto da casa, como ele havia pedido achei deselegante olhar preços.

Admito, que maravilha de almoço! Como era meio que uma despedida, todos nós bebemos umas duas ou três taças de vinho além do habitual, o que ocasionaria num valor maior que o normal. Na hora de irmos embora meu supervisor recebeu a pasta porta contas e rapidamente pediu a máquina de pagamentos, nesse momento não titubeamos, vamos dividir, mas informo que esse debate não se deu nem por dois segundos. Posso afirmar que por uma confluência dos astros naquele dia ele não aceitou dividir, disse que tinha nos convidado e por isso pagaria integralmente todo o valor da conta. Sobre esse episódio somente posso falar que teria sido a mesma situação do uso do aquecedor no apartamento da UA, talvez passasse a não ir em restaurantes em Portugal até o dia de partir.

Falando em partir, o grande dia chegara e eu já estava com muitas saudades dos meus familiares. À época da volta, em abril de 2018, tinham lá umas ameaças de terrorismo pela Europa, mas nem me preocupei. Na véspera fui ao supermercado local e comprei vinhos, presuntos, molhos diversos e mais alguns itens. Pela madrugada iniciei minha volta ao Brasil trazendo uma mala grande e a mochila nas costas com meu notebook. De trem fui até a cidade do Porto e cheguei antes das sete da manhã já clareando o dia, rapidamente estava no aeroporto com destino a Madrid, na Espanha.

No aeroporto na cidade do Porto tive que abrir a mala e justificar porque estava levando tantos molhos, tranquila a justifica-

tiva, os molhos portugueses são ótimos. Enfim fui para sala de embarque com meus molhos todos na mala já despachada. Me sentei na sala de embarque e fiquei falando com conhecidos e familiares do Brasil, nesse meio tempo me deu vontade de tomar um café, levantei e deixei a mochila na cadeira, pois a cafeteria era do lado de onde eu estava, lembro que nesse tempinho algumas pessoas me olhavam, mas nem liguei, imaginei que eles deveriam estar se perguntando sobre os motivos que levam alguém a deixar sua mochila largada no banco de um aeroporto.

Estava eu no avião de Porto com conexão em Madri, já pensava como seriam as nove horas de voo para Salvador. Na conexão, lembro que na cabine da Policia em Madri, o homem que confere o passaporte ficou olhando para mim, olhando para o passaporte, olhando para mim, então me perguntou na língua local, o que mais gostou em Portugal, como havia entendido a pergunta, respondi que tinha gostado muito de chocos e ele continuou olhando para mim. Sei que a autoridade do aeroporto de Madri averiguou todos os documentos que eu tinha numa pasta, absolutamente todos, principalmente minha carteirinha de identificação da UA. Então veio o desfecho, uma última pergunta somente, por que não fazes a Barba senhor? Não vou dizer aqui qual foi minha resposta, apenas garantir que o Velho do Rio chegou em Salvador caracterizado!

Já se passaram quase quatro anos desde que voltei dessa última viagem a Portugal, penso em retornar para mais estudos e experiências muito em breve, mas de certeza, numa fase do ano em que eu não passe tanto frio e assim não precise virar o Velho do Rio.

Capítulo 25. Experiência Multicultural a Serviço da Universidade Federal do Ceará

Reseda Streb

Esse material sobre experiências no Brasil foi baseado na entrevista para o site do DAAD Brasil com entrevista realizada por Fabíola Gerbase do DAAD Brasil.

Em minha terceira temporada de estudos e trabalho no Brasil, estou como professora visitante do DAAD na Universidade Federal do Ceará (UFC). Tenho experiência nas áreas de línguas e literatura românicas, antropologia cultural e comunicação, e assumi três tarefas principais em Fortaleza: o ensino de língua, literatura e cultura alemãs na universidade, o aconselhamento de estudantes e pesquisadores interessados em realizar intercâmbio com universidades na Alemanha, e a coordenação cultural da Casa de Cultura Alemã.

A vivência de diferentes culturas e línguas começou cedo em minha vida por ter nascido e crescido em Frankfurt, meu lugar de origem que é uma cidade que vive o multicultural e transcende barreiras intercontinentais com o aeroporto internacional. Também é o polo bancário e de feiras internacionais, abrigando profissionais do mundo todo. Essa experiência em Frankfurt foi reforçada com semestres de estudos no exterior, em universidades na Itália e no Brasil.

Concluí o “Magister” (equivalente ao mestrado) em Língua e Literatura Românicas, com foco nas seguintes áreas de estudo: língua, literatura e cultura italianas, linguística românica compa-

rada, estudos latinoamericanos, antropologia cultural e etnologia europeia. O doutorado também foi feito na área de linguística românica e se concentrou no estudo do contexto escolar ítalo-germânico. Com o aprofundamento da análise da aprendizagem bilíngue (alemão e italiano), acabei entrando em mais uma área: ensino do alemão como língua estrangeira/segunda língua, experiência que agora divido com os estudantes da UFC.

Quero desenvolver diferentes pontos dentro da minha gestão do leitorado em Fortaleza. Meu foco principal será em intercâmbio internacional, formação de professores e desenvolvimento de projetos culturais, no contexto de expansão da língua e cultura alemãs. Um exemplo de projeto na Casa de Cultura Alemã é a visita da dramaturga Christiane Mudra, que desenvolverá uma peça com o grupo Teatro Máquina (sediado em Fortaleza). Planejamos essa visita para novembro deste ano.

Meus conhecimentos por enquanto se limitam ao contexto universitário, onde observei especialmente na área tecnológica e artística um grande interesse pela troca de experiências em nível profissional com a Alemanha. O aspecto cultural vem ganhando uma imagem mais diversificada por meio de nossos projetos de cooperação, rompendo estereótipos criados por ambos os países.

Tive a oportunidade de cursar um semestre no curso de Letras da própria UFC em 2004, com uma bolsa do DAAD. Já na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, ministrei em 2015 um minicurso com o título “Plurilinguismo na escola” na pós-graduação, dentro do curso “Estudos de linguagem”. Isso foi possível graças ao programa PROBRAL (convênio entre o DAAD e a CAPES), estabelecido entre a UFF e a Universidade de Frankfurt/Oder. O programa financiou minha estadia como pós-doutoranda. Já fazendo turismo, conheci, por exemplo, Manaus e

Salvador, mas quero ainda conhecer muitos outros destinos deste lindo Brasil.

Trabalhei por cinco anos como colaboradora na Universidade de Frankfurt/Main (Goethe Universität) e atuei como conselheira na área de intercâmbio acadêmico, especialmente com as universidades na Itália. Nesse contexto pude perceber que o papel do DAAD não se limita à questão financeira, mas também tem grande importância no quesito organizacional, tanto para os estudantes quanto para as parcerias entre as universidades.

Acredito que ainda seja cedo para opinar, mas estou buscando ganhar noções desse desenvolvimento para não somente firmar parcerias entre Brasil e Alemanha, como também aprofundá-las. No final de março deste ano, tive a oportunidade de participar da fundação da rede REBRALINT (Rede Brasil-Alemanha Internacionalização do Ensino Superior) no Rio de Janeiro, onde o Prof. Fernando Antunes usou sua vasta experiência na parceria Brasil-Alemanha atuando pela UFC para enriquecer o desenvolvimento do projeto. Acredito que essa rede representa uma ferramenta valiosa para futuras parcerias entre os dois países.

Além disso, considero Fortaleza uma cidade com muitas belezas naturais e culturais. Adoro atividades esportivas ao ar livre e, nas minhas horas vagas, aprecio uma boa música ao vivo em diversos estilos.

Capítulo 26. De Jeri para os Lençóis Maranhenses

Joachim Roger Thomas

Sou professor aposentado de piano e flauta doce. Além de amar a música, também amo viajar. Desde muito jovem eu adoro mapas, especialmente mapas de ruas. Isso pode ter algo a ver com o fato de viajar com meus pais muito cedo com três anos de idade.

Meus pais, que por sinal também gostavam de viajar, tiveram uma infância sofrida, pois passaram a infância e o início da juventude na Segunda Guerra Mundial. Em 1945, quando a guerra acabou, minha mãe tinha 14 anos e meu pai 16 anos. Nesse período, a Alemanha foi completamente destruída e os anos seguintes foram marcados pela fome, privações e muito trabalho, realmente muito trabalho. A Alemanha teve que ser reconstruída. Somente após 13 anos que a Segunda Guerra Mundial acabou, que meus pais puderam viajar pela primeira vez, para conhecer um pouco fora da Alemanha depois de anos de destruição e medo.

Nesse contexto, eu fui autorizado a ir, que sorte. No verão passei três meses no Mar do Norte na Holanda. Nessa época, eu podia brincar na praia o dia todo. Desde quando comecei a escola aos 6 anos, sempre nas férias de verão de 6 semanas, eu estava na praia da Holanda. Era maravilhoso.

Voltando para os mapas, acho que meu interesse surgiu desde essa época da primeira infância. Estudar um roteiro era sinônimo de viajar e aproveitar a vida.

Muitos anos depois, em 2002, estive pela primeira vez de excursão em Jericoacoara. Quando conheci essa praia paradisíaca,

fiquei vislumbrado. Por esse motivo, voltei a Fortaleza um ano depois, em 2003, pois queria muito mostrar Jeri para minha namorada, na época, chamada Kristina. Nesse ano, alugamos um carro porque queríamos seguir viagem até o Delta do Parnaíba, depois São Luís do Maranhão e até os Lençóis Maranhenses, outro local paradisíaco.

Por causa dessa viagem de carro, eu comprei o Guia Quatro Rodas Praia e fiquei fascinado. O Guia mostrava todas as praias do Brasil, do Rio Grande do Sul ao Amapá como mapas de satélite e com dados exatos de distância em quilômetros. Fantástico, pois não existia GPS para pessoas comuns naquela época. No período que antecedeu nossa viagem, eu havia estudado cuidadosamente a rota e sabia exatamente para onde queríamos ir.

Estacionamos o carro Gol em um estacionamento vigiado em Jijoca e passamos 3 dias maravilhosos em Jeri. Na véspera de nossa viagem, expliquei ao dono da pousada, um suíço, que queríamos passar por Granja indo pela costa do Piauí até o Delta do Parnaíba. "Não funciona!", disse ele. "Você precisa de um carro com tração nas quatro rodas para esta rota!" Eu estava surpreso. Eu tinha visto no mapa que a estrada para Granja não era pavimentada, e o suíço disse que também havia muitas dunas. Mesmo assim, continuei relutante em abandonar meu plano. Perguntei ao suíço se não havia essa possibilidade. Ele pensou: "Você precisa de um guia, alguém que conheça o caminho. Não há sinalização. Sem guia, você não consegue encontrar a estrada mesmo com um carro 4x4 e pode ficar atolado na areia com seu Gol." Guia! Isso soou bem.

O suíço telefonou e 20 minutos depois chegaram 2 homens numa moto. Combinamos um preço de R\$30 na época até a cidade de Granja.

Depois da conversa, voltamos com nossa bagagem para Jijoca, pagamos o estacionamento e partimos para Granja. Eu dirigi com um dos guias no banco do passageiro, e seu colega no apoio atrás de nós numa moto.

No início, dirigimos em uma estrada de terra, mas fora de Jijoca o caminho foi ficando cada vez mais arenoso. Praticamente percorremos a costa do litoral pelas dunas. Nunca mais vi uma paisagem de dunas tão grandes e naturais como nesta viagem. Muito raramente havia uma casa ou uma fazenda com animais. Mesmo vislumbrado com a paisagem, eu tinha que me concentrar. A estrada exigia realmente total concentração e quanto mais durava a viagem, mais nervoso ficava o guia ao meu lado. Suas pernas tremiam cada vez mais rs. Finalmente ele explodiu: "Agora eu vou dirigir!" Fiquei surpreso, afinal ele era o guia e não o motorista e o carro era alugado. Então, eu o deixei dirigir.

O guia dirigiu realmente mais rápido do que eu. Em um determinado momento, o chassi do carro tocou em uma duna e as rodas giraram livres no ar. O carro não ia nem para frente nem para trás, ou seja, atolamos no meio do nada. Saímos do carro e tentamos remover a areia debaixo do carro com as mãos. O colega na moto ajudou. Em vão! O guia de moto partiu para procurar uma pá. Estava muito quente. Por sorte tínhamos água suficiente. Depois que a pá chegou, nós nos revezamos removendo a areia debaixo do carro. Foi um momento muito complicado. Conseguimos sair desse atolamento horas depois e a partir daí a viagem até os Lençóis Maranhenses foi inesquecível e ocorreu como o planejado.

Depois dessa viagem inesquecível de 2003 voltei ao Brasil, especificamente para Fortaleza, todos os anos durante minhas férias e em todas as férias eu tenho lembranças de momentos

maravilhosos de viagens e amigos que fiz no Brasil. Em uma dessas férias, conheci o pianista Arthur Moreira Lima que fez um concerto em Fortaleza com o projeto Piano na Estrada e isso foi matéria da Revista Contigo como ilustrado na Figura 26.1.



Figura 26.1: Matéria da Revista Contigo sobre o Projeto Piano na Estrada

Agora que estou aposentado e morando por um período em Fortaleza, pois me sinto bem com o calor e com os laços de amizade que criei e continuo criando nessa cidade.

Capítulo 27. Semana do Dia dos Namorados em Lisboa

*Ana Cecília Esmeraldo Barreira de Almeida
Adriano Motta de Almeida*

Sáímos de Fortaleza-Ceará-Brasil, rumo a Lisboa, eu, Ana Cecília e meu esposo, Adriano, na nossa primeira viagem à Europa, passamos a noite viajando. Chegando no hotel, guardamos as malas e já fomos conhecer a cidade. Estávamos muito empolgados. Paramos no primeiro bar/lanchonete que estava aberto, para comer alguma coisa. Já queríamos comer bolinho de bacalhau, afinal de contas, estávamos na terra do bacalhau. Era cedo ainda, mas bolinho de bacalhau pede cerveja, e não café para acompanhar. Não desanimamos, pedimos uma cerveja e nos deliciamos com esse desjejum fora do comum.

Após o desjejum, fomos até a praça do comércio e pegamos um elétrico (bondinho) para dar uma volta e ter a primeira noção de como se situar na cidade. Voltamos ao ponto inicial. Passamos pelo Arco da Augusta e, como a fome já batia à porta, procuramos um restaurante para comer nosso prato predileto, um bom bacalhau. O interessante dessa região é que os carros transitavam para o estacionamento dos prédios, ao lado das pessoas, sem problemas maiores. Alguns restaurantes montam suas mesas no meio da rua. Achamos bem diferente.

Havíamos escolhido o restaurante e já escolhemos o prato. Adriano, com a carta de vinhos na mão, consulta o garçom, pedindo uma sugestão: - Qual vinho você sugere para acompanhar

este prato que escolhemos? De pronto o garçom responde: - O que preferires, ora pois! Não satisfeitos com a resposta, explicamos que alguns vinhos são mais indicados para harmonizar com determinadas refeições, insistimos mais uma vez na pergunta, e, mais uma vez, escutamos a mesma resposta. Neste momento, começamos a entender as diferenças culturais. Pedimos um dos vinhos e nos deliciamos. Até hoje, quando um está em dúvida e pergunta a opinião do outro, lembramos e falamos: - O que preferires, ora pois!

Continuamos o passeio até a praça do Rossio, encantados com a cidade, depois fomos para o hotel descansar. No outro dia, à noite, resolvemos ir a uma casa de fado, na Alfama, uma das áreas mais antigas de Lisboa. Pensamos em assistir um show de fado com jantar. Saímos do hotel, pegamos o metrô até Alfama. Logo que saímos do metrô, um rapaz se aproximou e falou rapidamente com Adriano, não entendi. Continuamos caminhando. Quando nos distanciamos dele, perguntei o que havia acontecido. Adriano disse que ele estava oferecendo drogas. Achei estranho, não estou acostumada com isso.

Alfama é o bairro onde fica a Igreja da Sé e a Igreja de Santo Antônio. Caminhamos pelas ruas tranquilas, fomos passeando e conhecendo tudo na região. Sabem o que aconteceu? Pois é, perdemos a hora. Chegamos à casa de fados e o jantar já havia começado, o serviço iria parar para que os cantores iniciassem a apresentação. Estávamos com fome e perguntamos: - Não podemos pedir nada neste momento? A pessoa responsável informou que não, precisávamos aguardar o fado terminar para que os garçons voltassem a servir. Acabamos desistindo de ficar lá.

Andamos mais um pouco e encontramos outra casa de fados, essa mais popular, entramos, comemos e nos divertimos. Em

determinado momento, um dos cantores veio conversar conosco, ele havia conhecido o Brasil, batemos um bom papo e, para nossa surpresa, ele improvisou um fado conosco, até nós cantamos um trechinho. Que noite divertida!

No dia seguinte, pegamos o ônibus na rodoviária e fomos fazer uma peregrinação em Fátima, local das aparições de Nossa Senhora às crianças pastorinhas, Lúcia, Francisco e Jacinta. Uma bênção poder conhecer o Santuário de Fátima, rezamos na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, tivemos a oportunidade de assistir a uma Missa na Basílica da Santíssima Trindade, visitamos a Capelinha das Aparições, pudemos vivenciar momentos maravilhosos ali.

Pegamos um trenzinho, que nos levou ao início da Via Sacra, fizemos todo o caminho que os pastorinhos faziam. Depois nos levou até a Vila de Aljustrel, para visitarmos as casas de Francisco e Jacinta, e a de Lúcia. Visitamos também o Museu, onde pudemos perceber o modo simples como os moradores da época viviam. Ao final do dia, fomos para Porto, onde passamos alguns dias, até voltarmos para Lisboa.

Na véspera do dia de Santo Antônio, é comemorado o dia dos namorados, e lá estávamos nós, vivendo esse momento em Lisboa. A cidade estava em festa, ruas enfeitadas, muita gente transitando, barracas de comidas nas ruas, como se fosse uma grande quermesse. Estávamos muito cansados dos passeios e ficamos com receio de ir à noite para a festa na rua. Vimos pela televisão.

No outro dia, fomos para Alfama, passeamos pelas ruas movimentadas em festa, queríamos subir até o Castelo de São Jorge, onde vislumbramos uma vista perfeita da cidade. Este trajeto foi recheado de atrações, casas enfeitadas, barracas de comidas e be-

bidas, pudemos nos deliciar com uma sangria, mas o ponto alto, foi o sanduíche de sardinha. Pedimos ao rapaz da barraca, um sanduíche de sardinha. Ele, mais que depressa, colocou a sardinha assada inteira no pão e nos entregou. Eu e Adriano nos entreolhamos e saímos, mais na frente, desmontamos o sanduíche para retirar a cabeça e as espinhas, mas olhamos ao redor e todos comiam com tudo. Foi bem diferente, acabamos ficando com cheiro de sardinha nas mãos.

Ao cair da noite, já estávamos indo jantar, num restaurante que fomos algumas vezes, onde trabalhava um garçom chamado Fábio, que entendia bem os Brasileiros. Logo no primeiro dia que fomos neste restaurante, Adriano fez a mesma pergunta sobre a sugestão de vinho para acompanhar o prato escolhido, Fábio, logo deu duas opções. Gostamos tanto do atendimento que sempre que estávamos por perto, fazíamos as refeições lá.

Chegando no restaurante, no dia de Santo Antônio, tudo lotado, pedimos ao Fábio que nos conseguisse uma mesa e ficamos aguardando. Seria nossa noite de despedida, voltaríamos pra Fortaleza no outro dia. Uma mesa encerrou a conta e as pessoas saíram. Havia ao lado, duas garotas, que logo sentaram. Fábio foi até elas e pediu que levantassem, pois nós havíamos solicitado a ele uma mesa. Ele veio nos comunicar que elas iriam sair para que nós sentássemos. Falamos que elas já estavam ali, próximo à mesa, quando chegamos, e que elas deveriam ficar e nós aguardaríamos outra mesa, mas ele insistiu, falando que elas não haviam solicitado a ele e não seria justo que elas sentassem.

Entendemos que ele se sentiu ofendido por não ter sido consultado pelas moças. Acabamos sentando, mas percebemos que uma senhora que estava na mesa ao lado o chamou para reclamar. Não nos sentimos à vontade, mas ele insistiu que o certo seria

como nós fizemos. Relaxamos e curtimos. Pedimos nosso vinho e resolvemos experimentar moluscos, que desde o primeiro dia víamos as pessoas comendo e se deliciando, mas não havíamos tido coragem para comer. Não podíamos ir embora sem saber que gosto tem esses moluscos. Gostamos. Quando o vinho acabou, perguntamos ao Fábio se podíamos abrir um vinho nosso, pois tínhamos comprado o mesmo vinho que ele nos sugeriu. Ele permitiu e abriu o vinho para nós. Comemos e bebemos um pouco mais. A noite foi muito divertida. Fechamos com chave de ouro nossa estada em Lisboa. Pretendemos voltar.

Capítulo 28. Um Encontro Multicultural para a Vida Toda

*Ana Mary Silveira Weidmann
Thomas Weidmann*

Nasci em Fortaleza e meu sonho de conhecer novas cidades e novas culturas, surgiu desde muito cedo. Eu saí de Fortaleza com 16 anos para entrar no convento. Fiz quatro meses de postulante, seis meses de juvenato e dois anos de noviciado, e com 19 anos já era freira, professora de 14 salas de aula e coordenadora de projetos artesanais em uma cooperativa agrícola de Guaraciaba do Norte-CE. Depois de quatro anos, deixei de ser freira e resolvi ir para Sobral para fazer curso universitário na UVA e lá encontrei uma amiga de bairro chamada Isabel, com a qual fiz uma forte amizade.

Quando voltamos para Fortaleza, ela viu muita gente na Reitoria da UFC e me chamou para fazermos também aquela inscrição, achando que era para algum concurso de emprego na UFC, eu fui com ela e eu vi que era para cursos de línguas, mesmo assim ela me motivou a me escrever para estudar alemão na Casa de Cultura Alemã (CCA) da UFC. o resultado não foi o esperado, mas sobrou vaga e a coordenadora da CCA na época telefonou e disse que sobrou vagas e nós poderíamos nos inscrever.

Depois de entrar na CCA em 1989, eu comecei a ler revistas e encartes e vi uma chamada de inscrição para *Au pair Mädchen*, ou seja, babá na Alemanha. Pedi à Professora Dorotéia para enviar uma carta pedindo o formulário de inscrição. Continuei estu-

dando alemão, o formulário chegou e nos inscrevemos. Fomos aprovadas para o programa de *Au pair Mädchen*, com a alegria da aprovação veio a tristeza de como arranjar o dinheiro da passagem para Alemanha que era em dólar e só tinha uma única agência de viagem no Palácio do Progresso no centro de Fortaleza. Como era muito caro a passagem, eles aceitaram parcelar a passagem com a assinatura de um fiador. Entre idas e vindas procurando um fiador, entrei em contato com uma amiga chamada Mirna para interceder com o Dr. Luis, o pai dela, para ser fiador da passagem. Ele aceitou e eu comprei a passagem para pagar a prestação. Um fato interessante, é que a minha amiga Mirna, hoje é minha vizinha em Karlsruhe, porque ao me visitar, muitos anos depois em 2015, conheceu o chefe do meu marido Thomas, que trabalhava na parte administrativa do Metrô de Karlsruhe, e agora estão casados. Nesse contexto, entre idas e vindas, moro na Europa desde 1990, e desde o ano de 2020, entre Alemanha e Portugal, já ajudei cerca de 23 familiares ou amigos(as) a conhecer a Europa, e alguns desses despertaram o interesse de voltar e outros continuam vivendo na Europa.

Eu, Thomas, nasci em 1957, meu pai nasceu em 1911 e minha mãe, mostrada na foto da Figura 28.1, nasceu em 1918. Eles cresceram em uma comunidade agrícola de Weinberg com muitas dificuldades no período depois da primeira guerra mundial, durante e depois da segunda guerra mundial. Eles tiveram três filhos. Durante a segunda guerra, os homens da comunidade, com exceção de meu pai que tinha um problema no pé, tiveram que sair do vilarejo para participar da guerra. Assim, os dois irmãos do meu pai foram para a guerra, um morreu e o outro teve decretado o estado de desaparecido. Nesse período, as mulheres tiveram que cuidar de todas as tarefas, inclusive das plantações e dos animais.



Figura 28.1: Foto na casa da minha mãe em Weinberg em 2011

Depois que cresci na comunidade de Weinberg, trabalhando desde criança no cultivo de uvas para fabricação de vinho, fiz um curso profissional de desenho técnico e alguns anos mais tarde entrei para trabalhar na repartição administrativa do metrô da cidade de Karlsruhe, onde trabalhei até me aposentar. Minha mãe e alguns familiares continuaram morando no vilarejo de Weinberg e, até o fim da vida com 99 anos de idade, ela e meus familiares tiveram uma plantação de uvas para fabricação de vinho, e todo final de semana, que eu podia, eu viajava para lá de carro para ajudá-los com o cultivo das uvas. Sou pai de três filhos adultos e casados, que nasceram todos dentro de um período de quatro anos através de um relacionamento que tive em Karlsruhe, antes de me casar com Ana Mary em 2006.

Conheci a Ana na tradicional Festa do Vinho Weinfest em Karlsruhe. Hoje nós temos residência na Alemanha e em Portu-
268

gal, um novo país que aprendemos a conhecer juntos, onde nos agrada bastante morar próximo do mar e onde, desde 2020, estamos vivendo a maior parte do tempo.

Capítulo 29. Lisboa para Estudar e para se (Re)Conhecer: A Experiência de uma Amazonense/Cearense em Portugal

Isabel Conceição

Ir para Lisboa para estudar sempre foi um sonho duplo. Primeiro, por estar na terra de meu avô paterno e, além disso, conhecer a universidade de personalidades que são referências na área da educação, como Antônio Nóvoa e Rui Canário. A notícia da possibilidade de fazer o doutorado na Universidade de Lisboa (Figura 29.1) chegou por meio de uma colega de trabalho. A escola onde eu trabalhava estava financiando esse intercâmbio por meio de uma agência. Então, veio a pandemia de Covid-19! E o sonho foi arquivado.

Em 2020 e 2021, apesar do sonho, eu tinha dúvidas sobre ir para a Europa por receio de adoecer (de Covid) em um outro país e o medo de deixar minha filha e ela adoecer aqui no Brasil, eu estando longe. Além disso, “banciar” a viagem não era algo tão acessível frente ao contexto de crise, causado pela pandemia. Porém, como dizia minha mãe: “o que é seu, está guardado. Ninguém tira!”. E a oportunidade de viajar chegou!

Em janeiro de 2022, em pleno inverno europeu, aportei em solo lisboeta! Não era a primeira vez na cidade, mas, confesso, dessa vez seria diferente, eu sentia!



Figura 29.1: Hall de entrada da Reitoria da Universidade de Lisboa

Do aeroporto direto para a sala de aula de número 13 (sorte?) no primeiro andar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Eu já conhecia a professora, pois tivemos encontros online durante o segundo semestre de 2021, assim como alguns colegas de doutorado ou doutoramento, como chamam. Estar no lugar de aprendiz, no ambiente de uma universidade secular e numa época de frio tornaram aquele momento especial. Seria sonho mesmo?

Estar na Universidade de Lisboa é estar numa instituição que nasceu em 1290 com o nome de Estudo Geral de Lisboa. Em 1537 foi transferida para Coimbra e somente no século XVIII retornou para a capital. Em 2013, a Universidade de Lisboa, que chamam de ULisboa, passou por uma fusão com a Universidade Técnica de Lisboa, tornando-se a maior do país e uma das 300 melhores instituições do mundo, de acordo com *QS World University Rankings*⁴⁶. Toda essa história pode ser vista na “Cidade

⁴⁶ Em 2022 a ULisboa ocupa a posição 356. Consultar: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2022>.

Universitária”, que agrega um conjunto de faculdades e institutos, lugar que passei a frequentar diariamente.

Estar em Lisboa como estudante é diferente de estar como turista. No lugar de visitar os cartões postais, das compras e passeios, pude viver a cidade e a caminhar com a multidão que se desloca nas “baldeações” do “metro” (e não metrô, como chamamos aqui no Brasil) (Figura 29.2) e comprar um pão francês para o jantar na padaria, no caminho de volta.

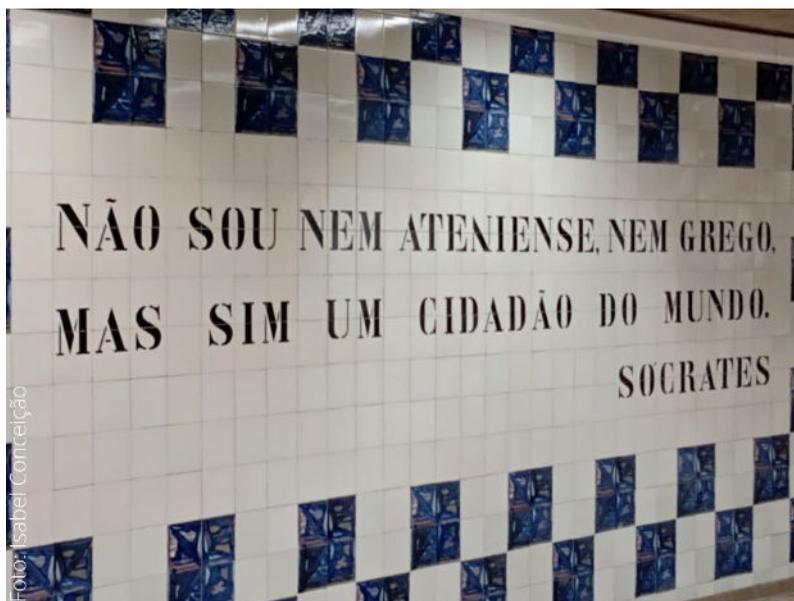


Figura 29.2: Inscrição no metrô de Lisboa. Linha Amarela. Estação “Cidade Universitária”.

Estar em Lisboa, vivendo o dia a dia da cidade como estudante foi a oportunidade de conhecer o lugar de origem do meu avô paterno, Francisco da Conceição, e de entender a influência de sua nacionalidade na educação do meu pai, que, por sua vez, me influenciou enormemente: a culinária, os hábitos, a integridade de caráter!

Meu avô paterno deixou sua aldeia nas imediações da cidade do Porto (Portugal) no começo do século XX em busca de novas oportunidades em um país que anunciava para o mundo o sonho de riquezas com a extração da borracha. E escolheu o interior do Amazonas (Brasil), quase na fronteira com o Peru, onde conheceu minha avó, filha de um cearense da cidade de Camocim. Foi um homem simples, mas tem seu nome gravado na história de Eirunepé (AM), deixando 14 filhos, muitos netos e bisnetos; um seringal e uma padaria.

Não conheci meus avós, mas cresci ouvindo meu pai contar os “causos” envolvendo meu avô e seu irmão, o “seu” Manoel, um solteirão que veio morar com ele no Brasil. Cresci aprendendo a gostar de bacalhau com bastante azeite de oliva, batata e cebola; de ouvir o fado de Amália Rodrigues e de ver (e comer) os pães e bolos maravilhosos que meu pai aprendeu a fazer com meu avô: bolo de pão, torta de banana, cozido de carne e tantas outras delícias de inspiração portuguesa.

Na minha estadia em Lisboa, a culinária foi uma experiência marcante, pois pude fazer as refeições nos restaurantes (RU's) das diversas faculdades e institutos da Cidade Universitária e, junto com os colegas de doutoramento, degustar a verdadeira culinária portuguesa (Figura 29.3)! Cada dia escolhemos um restaurante diferente e o preço variava bastante. O destaque é para o cardápio: nada de arroz, feijão, farofa e carne (ou frango). Geralmente, o prato era composto de uma proteína (carne bovina ou suína, frango ou peixe), uma salada de legumes (a batata nunca faltava) ou verduras (alface, tomate e cenoura ralada). Quem quisesse poderia incluir pão integral (ou torrada), uma sopa (que era maravilhosa para me esquentar do frio), sobremesa e um suco. O arroz era um possível acompanhamento, por isso nem sempre era servido. E quem quisesse acrescentar o arroz no prato? Ouvia das

pessoas que serviam: “você já tem sua dieta...”. Infelizmente, nem sempre a simpatia fez parte do cardápio! Traumático foi o dia que serviram coelho no cardápio! Como eu poderia comer o “coelhinho da Páscoa”? Com certeza, fui para outro RU.



Figura 29.3: Refeição servida em um dos restaurantes da ULisboa.

Os valores das refeições dos RUs eram variados: no restaurante da Faculdade de Letras, chegava a 7 euros. Mas, onde eu geralmente almoçava a refeição, com os acompanhamentos, custava 3,90 euros.

As tardes eram dedicadas ao café (Figura 29.4) e aos quitutes da cantina do Instituto de Educação. Essa experiência gustativa teve um personagem muito importante: uma das atendentes, uma senhorinha de meia idade com expressão sempre tristonha e preocupada no rosto, mas que assumiu o lugar de “anfitriã doceira”, pois todos os dias me indicava um doce diferente para provar. Destaco o bolinho de arroz, uma receita simples feita com açúcar, manteiga, farinha de trigo e farinha de arroz, que é uma marca da doceria portuguesa.



Figura 29.4: Bolinho de arroz e cafezinho degustado na cantina do Instituto de Educação da ULisboa.

Quanto ao turismo, só nos fins de semana. Mas, foram passeios especiais a cidades próximas de Lisboa. Fátima, Óbidos e Nazaré são lugares muito visitados pelos brasileiros. Também visitei Tomar, Alcobaça e Peniche, lugares que recomendo para quem gosta de castelos, mosteiros e a história medieval dos reis e do clero europeu. Destaco Tomar, com seu castelo e o Convento de Cristo que guarda relíquias da Ordem de Cristo dos Cavaleiros Templários. Fundado em 1160, esse conjunto arquitetônico é Patrimônio Mundial pela UNESCO e Monumento Nacional. A atmosfera do lugar é surpreendente e, quem tiver sorte, verá um cavaleiro templário na entrada recebendo os visitantes (Figura 29.5)!



Figura 29.5: Homem vestido de cavaleiro templário recebe os turistas na entrada do castelo. Ao lado, detalhe de um dos corredores do Convento de Cristo (Tomar - Portugal)

Estar em uma universidade secular e multilíngue foi um presente. Várias vezes, quando eu estava na cantina do Instituto (que, para mim, era o lugar mais “quentinho” da Universidade), observei grupos de estudantes com ou sem professores produzindo textos em inglês ou conversando em francês e em italiano. Além disso, tinha a presença de estudantes africanos, que conversavam em seus dialetos.

Os estudos do doutoramento foram intensos e, algumas vezes, solitários. Nossa tarefa para esse período, como estudantes, foi produzir as Intenções de Pesquisa e aprimorar esse documento com a participação em seminários. Tive “sessões” (aulas) com professores (as) das três especialidades: Educação de Adultos, História da Educação e Administração e Políticas Públicas. Um “mundo” de conhecimentos se abriu para mim. A diferença de perspectiva epistemológica entre a escola europeia e a escola americana ficaram evidentes. A influência francesa parece dominar a

produção científica portuguesa e, como já tinha afirmado Tardif⁴⁷, no que se refere às pesquisas sobre os professores, sua subjetividade é vista de maneira mais ampla do que na escola americana, “englobando toda a história de vida dos professores, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção crença e valores pessoais”. Ao contrário, as pesquisas feitas na América do Norte colocam em foco os processos mentais que regem o pensamento do professor, portanto, um viés muito mais cognitivista. A partir dessa perspectiva, iniciei meus estudos e a reformulação de minha Intenção de Pesquisa.

Passado o primeiro período de estudos intensivos, de volta ao Brasil, a tarefa é ler, ler, ler e escrever, escrever, escrever. Em julho de 2022 deverei retornar para Lisboa para mais um período de descobertas e aprendizagens.

Esse foi um pouco do que vivi e que partilho porque acredito que cada experiência é única, mas quando compartilhada, aproxima as pessoas e permite que possamos nos conhecermos e reconhecermos como seres de história e cultura.

⁴⁷ Tardif, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. São Paulo: Vozes, 2002, p. 232.

Capítulo 30. Aprendendo Português de Portugal

Gabriel Sousa Cavalcante

Existe uma barreira linguística quando se chega em Portugal. Muitos brasileiros podem pensar que essa afirmação não é verdadeira, pois os nossos parentes lusitanos também falam português. Então podem me perguntar como essa barreira pode existir? Bem, eu tive essa experiência. Como a grande maioria dos brasileiros, nunca tive contato com portugueses antes de chegar em Portugal, apenas ouvia-se falar em piadas ou novelas brasileiras.

No entanto, quando um brasileiro chega em terras lusitanas pode perceber que o sotaque de um português de verdade não se compara com o sotaque demonstrado em diversas novelas da Globo. A realidade é um pouco diferente e é comum para um recém chegado brasileiro ter uma frase que não vai sair da ponta da língua: “Ám?”. Sim, essa palavra, se é que podemos chamar de palavra, com uma indagação simples foi a frase que mais utilizei no meu primeiro mês vivendo em Portugal.

Não é preciso ir muito longe para perceber isso. A primeira pessoa que tive relação, uma conversa, depois que cheguei em Portugal foi o motorista que iria me levar até o hotel que a empresa tinha reservado para mim. Como um bom português, ele era simpático e gostava de falar sobre as cidades ao redor e das paisagens. No entanto, o problema em questão era eu entender o que ele estava dizendo. Ao decorrer do caminho perdi a conta de quantas vezes ele tinha de repetir as frases para a conversa fluir de ambas partes. Mas o mais impressionante era ele entender tudo que eu dizia, até mesmo se eu falasse algumas gírias típicas do Brasil!



Figura 30.1 - Foto da entrada do hotel que fiquei hospedado em Oliveira de Azeméis

Depois de conversar com outros portugueses nos meus primeiros dias, comecei a reparar que eles entendem perfeitamente o português dito no Brasil. Uns portugueses relataram que isso é um fator cultural, pois eles consomem diariamente muita cultura brasileira, atualmente com músicas virais do Tiktok, por exemplo. E ainda nas décadas passadas assistem as novelas da Globo

com a família reunida em casa. Então temos uma mão de via única em relação a barreira linguística, eles nos entendem bem, mas nós temos que quebrar essa barreira para nos adaptarmos.

Claro que nos passeios iniciais que fiz quando cheguei no país essa barreira não era um problema e chegava a ser divertida. Eu imaginava que a mesma não existia. E se alguém comentasse isso comigo eu podia pensar que era invenção dessa pessoa. No entanto, comecei a sentir a diferença de sotaque maior quando se iniciaram os meus dias de trabalho presencial.

Nos primeiros dias tive diversas reuniões, muitas delas de apresentação de equipe e outras de apresentação de projeto e empresa. Nessas reuniões mais sérias e com muita informação eu perdia o foco por não entender algumas palavras e ao mesmo tempo tentava me concentrar bastante para não deixar nenhuma frase passar. Chegou um momento que eu não conseguia mais manter a atenção, pois internamente eu ficava rindo por tentar entender e por ter vergonha de pedir para repetir duas vezes a mesma frase. Mas consegui passar por tudo isso pensando o seguinte: vou perguntar pelo canal de mensagens (*Slack*), pois escrito é mais fácil. Hoje em dia lembro-me de tudo isso sorrindo. Depois de duas semanas a um mês, consegui realmente me adaptar a esse novo português.

Atualmente acho bem divertido ver um brasileiro passando pelo que eu passei. Como o meu cunhado que, depois de dois anos morando aqui em Portugal, veio fazer uma visita para minha esposa. O engraçado dessa visita é que toda vez que pedimos algo no restaurante e o garçom fala a opção do cardápio, ele se vira pra mim, de forma tímida para disfarçar, falando: “Não entendi nada que ele disse...”. Fico apenas rindo e lembrando de tudo que eu já passei e penso como é legal viver esse tipo de experiência.

Capítulo 31. Realizando Sonhos (e Perrengues)

Frederico Pereira Moura

Desde criança, nascido no Rio de Janeiro em 1981, fui acostumado a pequenas viagens interestaduais com minha mãe. Cresci com a vontade de viajar mais longe, de desbravar outros lugares, de me aventurar pelo desconhecido. Na época que eu cursava Física na Universidade Federal do Ceará tinha uma visão ao longe do aeroporto de Fortaleza e frequentemente via aviões chegando ou partindo. Ficava imaginando: *de onde vinham? Para onde iam? O que aquelas pessoas estavam indo fazer?* Nessa época, início dos anos 2000, essas viagens eram para mim um sonho muito distante. Mesmo assim eu sonhava!

De tanto sonhar comecei a planejar e, com o avanço da internet, pesquisar todas as formas de viajar, tentando reduzir os custos para que coubessem no meu orçamento. Li muitos relatos de outros viajantes, reuni diversas informações e dicas. Em 2013 consegui finalmente começar a concretizar meus sonhos, consegui comprar passagens aéreas para uma viagem ao Peru. Porém, quis o destino que a primeira viagem internacional fosse para o Velho Continente, e em junho de 2013 fui selecionado para participar de uma formação de física de partículas em Portugal e na Suíça. O curso seria só em agosto, dois meses após a divulgação da seleção, mas seriam os meses mais longos da minha vida, com muita ansiedade, medos, planejamentos, etc.

A viagem acabou acontecendo e se tornando um marco da minha vida. Eu percebia que dava para viajar por outros países

sem dominar outros idiomas, que é um grande receio de muitas pessoas que pensam em fazer viagens internacionais. Na Suíça eu tive problemas com o ar seco, provocando queimaduras nos lábios. *E agora, como pedir ajuda?* Eu precisava comprar um simples batom de manteiga de cacau, mas eu não sabia como dizer “batom” em inglês, alemão ou francês (línguas faladas naquela região). Encontrei uma pessoa que me ajudasse e por meio de mímicas consegui resolver o problema.

Depois dessa primeira viagem vi que era possível me aventurar ainda mais. Passei a planejar viagens mais longas, mais distantes e mais “arriscadas”. Me aventurei por países que eu mal sabia as saudações principais (Alemanha, Polônia, República Checa, dentre outros). Em alguns lugares as pessoas faziam o possível para ajudar, compreendendo que nem todo visitante teria habilidades de comunicação em seus idiomas. A seguir (Figura 31.1), registro de um transporte público na cidade de Moguilov na Bielorrússia, lugar que ficou marcado para sempre em minha memória, pois me chamou atenção por sua cultura social; e em seguida (Figura 31.2) uma fotografia pessoal feita na cidade de Kiev, na Ucrânia.



Figura 31.1 - Moguilov -Bielorrússia

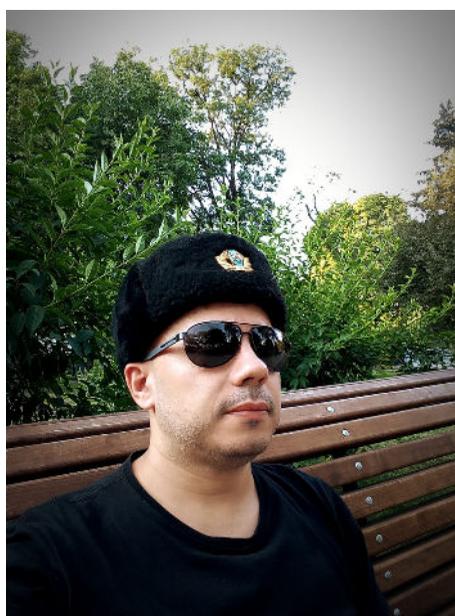


Figura 31.2 - Praça em Kiev - Ucrânia

Entre tantas viagens, só na Europa foram 15 países, acredito que as situações mais inusitadas ocorreram no Leste Europeu, especialmente nos países de língua russa ou similares (Ucrânia, Belarus e a própria Rússia). A presença de turistas nesses lugares, principalmente em Belarus, ainda é algo novo para eles. A maioria das pessoas não fala inglês, então tive que passar um ano estudando russo e a cultura deles. Mesmo assim ainda tive várias dificuldades, inclusive na imigração de alguns países. Em 2019 ao cruzar de ônibus a fronteira da Ucrânia com a Belarus, eu sendo o único não europeu do ônibus, tive uma abordagem bem diferente dos demais por parte da polícia da imigração. Naquele momento me senti naqueles filmes da Guerra Fria, com direito a KGB e tudo mais. A policial verificou meu passaporte de todas as formas possíveis: olhou página por página, analisou todos os carimbos, olhou de lado, de frente, passou no infravermelho e em luz ultravioleta. Depois pediu um seguro saúde, começou a fazer várias perguntas em bielorrusso e eu só consegui dizer a frase que eu mais tinha ensaiado: “Я говорю плохо по русски!” (Eu não falo bem o russo). Ela fez uma expressão de descontentamento e mandou chamar outra policial que falava inglês para ajudar na comunicação.

Enquanto isso, os outros passageiros do ônibus estavam impacientes, pois o motorista não poderia seguir viagem enquanto eu não fosse liberado ou enviado de volta. Por fim, fizeram várias perguntas sobre estadia, objetivo da viagem, visto (que não precisava) e pediram um seguro saúde específico para Belarus. Tudo resolvido, para alívio de todos, seguimos viagem rumo a Minsk, capital do país. Passei apenas dois dias por lá, me arrependi de não ter dedicado mais tempo, mas valeu a experiência.

Capítulo 32. Diário de uma Estudante na Europa

Grasiany Sousa de Almeida

Uma viagem internacional é muito importante para a trajetória acadêmica de uma estudante de pós-graduação, não só porque favorece a avaliação dos programas, mas para a própria formação. Afinal, conhecer outros modos de pensar e fazer pesquisa sempre é enriquecedor. Mas como primeira viagem para outro país, essa viagem foi particularmente especial. Apesar da viagem ter objetivo acadêmico, o que chamou minha atenção para narrar essa experiência foi a parte cultural e turística que foi vivenciada distante da minha realidade.

O motivo da viagem seria para apresentar trabalhos acadêmicos nas Universidade do Minho em Braga, Portugal, e na Universidade de Corunha, na Espanha como bolsista de mestrado acompanhada de meu marido e orientador. A viagem iria durar quinze dias e precisei conhecer o máximo de lugares possíveis, pois foi a minha primeira viagem para fora do país.

Como dito, e talvez possa ficar evidente para os leitores desse relato descritivo dessa viagem, foi mais marcante as belezas arquitetônicas, culturais, pontos turísticos que a experiência acadêmica, objetivo principal da viagem. Convido a você leitor a passear comigo por esses caminhos que percorri. Um desses caminhos não é uma metáfora.

Primeira parada: Lisboa, Portugal

Quando cheguei à cidade de Lisboa em Portugal observei um clima frio e aconchegante. Ainda no avião, no processo de

aterrissagem, foi possível observar a historicidade presente na arquitetura da cidade. Algo que ainda não tinha vivenciado nas poucas viagens que fiz no Brasil. O plano era permanecer nessa cidade por três dias e, atividades turísticas.

Não me enganei, Lisboa é uma cidade arquitetonicamente muito bonita. Conhecemos vários locais lindos (Ver figura 32.1). O primeiro ponto turístico que conhecemos foi o Castelo de São Jorge localizado na freguesia de Santa Maria, um local enorme, algumas de suas partes estavam em ruínas e outras apresentavam reforma bem recente.

Preservado durante muito tempo recebeu vários nomes por inúmeros povos até receber o último por devoção a São Jorge padroeiro das cruzadas. Sobre suas torres, ponto característico dos soldados guardavam o castelo, podemos observar a cidade de Lisboa uma visão lindíssima e fiquei apaixonada. Continuando o circuito turístico partimos para a cidade de Belém.

Fiquei encantada com o Mosteiro dos Jerónimos, uma das sete maravilhas do mundo, localizado na freguesia de Belém um lugar extremamente belo e que possui uma característica única; sua fachada é enorme e em seu entorno a um grande jardim com muitas flores, árvores como os pinheiros que são bastantes comuns em Portugal.

Em Belém existe um delicioso doce chamado “Pastel de Belém”, uma tradição nesta freguesia. Seu gosto lembra muito um bolo mole que minha sogra faz, entretanto, carrega uma leve textura e sua base é folheada e crocante. O Local onde são preparados é bastante peculiar, assim como em quase toda Portugal, revestido de azulejos azuis com imagens e frases gravadas.

Outro ponto turístico exuberante é o Arco do Triunfo. Esse dia estava bastante quente e observei como esse lugar é tranquilo

tanto para quem mora quanto para turistas. Lá quase não percebemos o tempo passar. Estava muito quente, porém, tinha uma brisa forte, pois a sua frente estava as águas geladas do mar.



Figura 32.1 - Lisboa, Portugal

Segunda parada: Corunha, Espanha

Após esses dias em Lisboa, viajamos de ônibus durante 10 horas para Corunha na Espanha. Nessas cidades as atividades foram predominantemente acadêmicas, mas conseguimos algum tempo para conhecer a cidade. Participei com apresentação de trabalho científico no XV Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia que ocorreu na Universidade de Corunha. Chegando na cidade fomos deixar nossas bagagens no apartamento alugado para nossa estadia. No mesmo dia que che-

gamos, fomos para a abertura do evento. Decidimos ir caminhando para economizar dinheiro e conhecer um pouco a cidade. Fizemos isso durante os 3 dias de congresso. Andávamos bastante, cerca de 2.000 km para chegar à Universidade. Foram dias de experiências incríveis tanto em relação às informações acadêmicas quanto a pequena e belíssima Corunha (Ver figura 32.2).

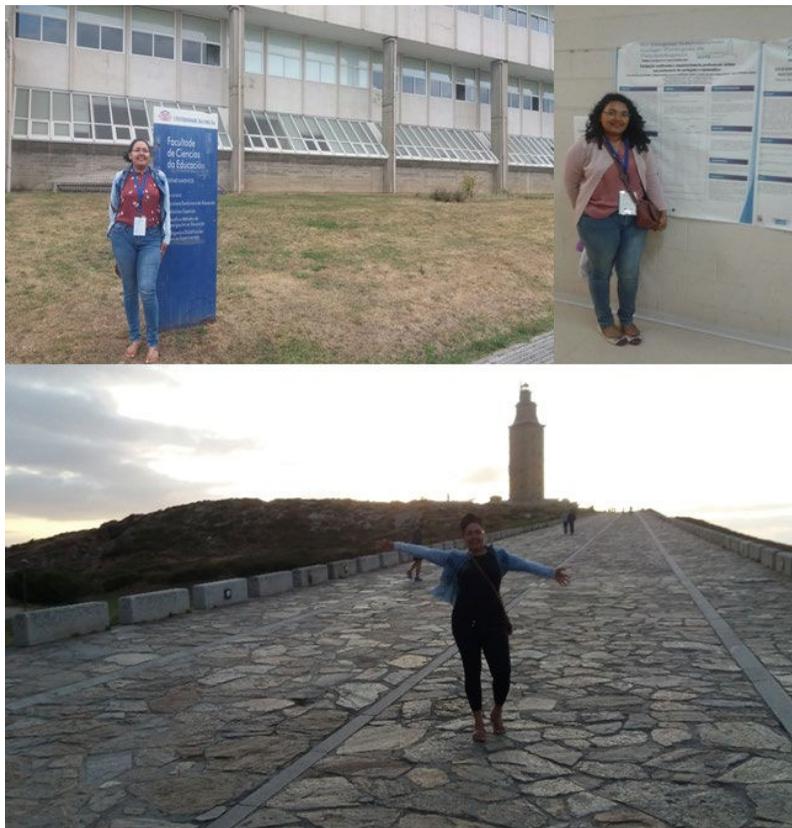


Figura 32.2 - Corunha, Espanha

No último dia fomos conhecer melhor a cidade, pois não podíamos perder nenhum momento. O principal ponto turístico

que fomos conhecer foi a Torre de Hércules, o único farol romano existente no mundo que ainda cumpre sua função. O caminho até a torre é fantástico a noite: todo de calçado em pedra e iluminado. Deixo a dica para quem passar em Corunha.

Terceira parada: Santiago de Compostela, Espanha

Finalizado o congresso em Corunha fomos para Santiago de Compostela, ainda na Espanha. Cidade pequena, tranquila e muito bonita. O objetivo de ir para esta cidade era participar de um encontro internacional de pesquisadores. Encontro que reunia pessoas de Brasil, Espanha e Portugal. Ao finalizar o encontro, fomos convidados por um professor português a percorrer um dos trechos dos famosos Caminhos de Santiago, o caminho português. Gente!! Um lugar inexplicável e magnífico. Para descrever esse lugar um livro não seria capaz de explicar tamanha robustez desse paraíso. Mas vou tentar maximizar pois muito me encantou tanto a língua espanhola, como as pessoas receptivas e a limpeza dos lugares que é impecável.

Os caminhos de Santiago de Compostela representam para muitos fiéis peregrinos um lugar sagrado no qual ficam as relíquias do apóstolo Santiago Maior. O sepulcro do apóstolo se encontra na catedral de Santiago de Compostela. Os caminhos existentes consistem em vários, porém, o maior caminho é o Francês que segue por cerca de 800 km até a catedral. Nesse percurso ficam albergues que acolhem esses peregrinos com comidas e bebidas. Geralmente para concluir esse caminho dura em média uns 40 dias. Ao longo do trecho os peregrinos levam uma espécie de passaporte que são carimbados em igrejas, albergues e locais públicos durante a caminhada.

Fizemos o último trecho do caminho português, que tem em torno de 20 km. Saíram um grupo de aproximadamente 20 pessoas por volta das 5:00h de uma capela na região da Galícia, ainda em Santiago (Ver figura 32.3). O trecho é muito lindo, tinham casas que parece que estávamos na idade média todas de pedras muito conservadas e sempre com jardins de rosas de todas as cores. Passei por baixo de um vinhedo e por várias igrejas antigas que eram mais velhas que o Brasil. Simplesmente suas arquiteturas nunca vista antes em outros locais. Existem também alguns lugares até chegarmos ao destino final que podemos comer e beber. O caminho foi muito importante rezar um rosário em agradecimento por conhecer tantas maravilhas. Levamos em média umas 5 horas para concluir esse percurso até chegar à catedral.



Figura 32.3 - Santiago de Compostela, Espanha

Conversei bastante com pessoas de Portugal e da Espanha do jeito cearense mesmo (risos) e foi gratificante. Ficavam muitas vezes encantados com nosso sotaque, assim, como gostávamos dos deles. Quando avistamos a catedral, uma emoção tomou conta pelo alívio de está quase ao fim do percurso.

Ao adentrar a cidade passamos por um jardim antes de chegar à catedral que é maravilhoso com praças e parquinhos e muitas árvores em sua volta. Logo a frente do jardim começa as vilas

com restaurantes, lojinhas de lembrancinhas, pessoas tocando e muitos peregrinos de todo o mundo. Fiquei impressionada com o tamanho da catedral, uma graciosidade pela sua estrutura. Nesse dia a catedral estava em reforma, mas consegui entrar e por dentro é ainda mais encantador. Infelizmente, não pude tocar a relíquia de Santiago Maior, que é o grande objetivo dos peregrinos, pois já havia uma fila enorme esperando. Muito cansados, fomos descansar para irmos ao próximo destino, Braga, Portugal. Partimos bem cedo no dia seguinte.

Quarta parada: Braga, Portugal

Como falei anteriormente, não temos tempo a perder (e dinheiro também). Conseguimos uma carona com uma colega que conhecemos no evento em Santiago de Compostela. A viagem durou 2 horas de carro. A ansiedade era grande para chegar à cidade e fiquei admirada pelas estradas (não têm um buraco como as que eu ando no Brasil – risos).

Em Braga, o objetivo era apresentar trabalhos acadêmicos em um evento científico na Universidade do Minho (Ver figura 32.4). Diga-se de passagem, linda universidade. Passei uns cinco dias nesse evento e participei de cursos e palestras que envolviam os temas da minha dissertação de mestrado. Ao fim do evento, tivemos um novo convite para percorrer uma trilha passando por igrejas nos montes de Braga, além de igrejas na própria cidade. Braga é uma das cidades com mais igrejas em Portugal.



Figura 32.4 - Braga, Portugal

No caminho passamos pela igreja Santuário do Bom Jesus do Monte, sua arquitetura como podemos ver na foto é espetacular, possui 200 degraus até chegar ao pátio. Na subida até o monumento existe as capelinhas da via-sacra com imagens em tamanho real e três espaços que se chamam, respectivamente, de escadório do Pórtico, primeira parte onde se encontram as armas dos responsáveis pela construção; na segunda podemos ver Escadório dos Cinco Sentidos, que são fontes que representam os sentidos "Visão", "Audição", "Olfato", "Paladar" e "Tato"; por fim, o Escadório das Três Virtudes a Fonte da Fé, a Fonte da Esperança e a Fonte da Caridade.

O Santuário é divino, um lugar de vasta paz, muito arejado pois se encontra a um desnível de 116 metros da cidade. E passando por esses lugares que deixa “um gostinho de quero mais”.

Depois de contemplar o santuário continuamos a rota que estava programada. Subimos vales e montes, passamos por várias igrejas até chegar à cidade (onde conhecemos mais igrejas) até terminar o percurso. Levamos quase 5 horas de caminhada. Retornando para o local de hospedagem, dormimos e acordamos no dia seguinte para uma nova jornada. Eu sei que foi cansativo mas valeu muitíssimo a pena.

Quinta parada: Fátima, Portugal

Para fechar essa viagem com chave de ouro viajamos para Fátima em Portugal. Foi um dia muito importante pra mim que sou devota de Nossa Senhora e fiquei mais ainda. Viajamos de Braga para Fátima de madrugada para chegar bem cedo, participar da santa missa e conhecer o Santuário.

Quando chegamos deixamos nossas malas em um local pago na rodoviária. E seguimos para o Santuário de Fátima. Parecia um sonho estar lá, tinha muitos peregrinos, devotos, romeiros e gente de todo o mundo. Antes da missa iniciar compramos algumas lembranças para nossos familiares e amigos.

Os sinos da capela já soavam para o início da santa missa e ao final a primeira imagem pela a visão dos pastorinhos de Fátima vinha em procissão em um belíssimo andor ornado de rosas brancas para a Capelinhas das Aparições (Figura 32.5). Realmente um momento único que sensibilizou aquelas pessoas que buscavam curas e traziam seus agradecimentos.



Figura 32.5 - Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Portugal

Volta para casa

Depois de 15 dias intensos de atividades acadêmicas e turísticas. Depois de conhecer algumas cidades em Portugal e Espanha, voltamos para casa. Em um primeiro momento com um choque positivo de cultura. De vivenciar, ainda que por pouco tempo, outra cultura. Foi uma experiência muito interessante e rica de conhecimentos. O desenho agora é explorar mais outros lugares.

Capítulo 33. Uma Trajetória de Imigração para a Holanda

Flávia Germana Silveira de Zwaan

Em agosto de 1998, aos meus 18 anos, viajei para a Alemanha no intuito de morar na casa da minha tia, em Neheim. Cheguei a aprender o idioma alemão e com muita dedicação aprendi o básico, achava tudo lindo, tudo que tinha haver com outra cultura e outro idioma. Gostava muito de comer batata frita, tortas de amoras e pão com Nutella rsrsrs. Também o frio pra mim era algo novo mas consegui me acostumar. Depois de pouco tempo, fui morar em Eslohe, na casa de uma amiga, através dela conheci o meu futuro marido. Depois de algumas semanas, voltei a morar em Neheim, dessa vez na casa de outra amiga, uma boa amiga da família. Com muito amor e carinho fui acolhida e tratada lá por todas elas, agradeço a Deus pela a vida de cada uma e vejo a mão de Deus pois até aqui nos ajudou o Senhor.

Em outubro, o meu marido que veio da Holanda, foi me buscar na Alemanha para passar uma semana com ele e conhecer o país. Nossa como fiquei encantada, as cidades como Amsterdã e Leiden, os canais, aquelas pontezinhas, moinhos, tudo plano e bem calculado, casinhas bem juntinhas umas das outras, parecendo casa de boneca, muitas bicicletas e um povo tão acolhedor. Na primeira semana conheci os meus futuros sogros, fomos no *Flora Holland* (um lugar lindo com todo tipo de flores) e conheci vários brasileiros, inclusive Holanbreses (Holandeses que moram no Brasil Holambra) tudo isso era novo pra mim pois não sabia

nem que a Holanda existia, nem a Holambra. Voltei para a Alemanha, mas logo depois o meu marido foi me buscar para morar com ele definitivamente pois queríamos muito construir um futuro juntos, nos casar e ter os nossos filhos.

O meu marido morava num apartamento em cima de um shopping na cidade de Alphen aan den Rijn. Todos os dias ele me ensinava o holandês e passei a amar o idioma, estava muito aberta para aprender e o fato de ter aprendido o alemão também tinha facilitado muito. Conheci vários desafios naquela época quando o meu marido ia trabalhar, tinha que fazer compras, cuidar da casa, cozinhar e aprender o idioma porque queria muito me integrar na sociedade. Lembro que assistia programas de criança para aprender o holandês.

Em fevereiro de 2000 nos casamos em Fortaleza e pouco tempo depois descobrimos que esperávamos a nossa primeira filha.

Quando voltamos para a Holanda, os desafios começaram com a preparação da chegada da nossa filha. Todos os meses tinha o controle pré-natal e tudo era muito intenso, principalmente o fato de ter o parto em casa já programado. Aqui na Holanda era normal o parto em casa principalmente porque tudo estava ocorrendo normal e se eu quisesse ir ao hospital teríamos que pagar tudo do nosso próprio bolso. Mas eu tinha confiança e fé em Deus e com a presença da minha mãe, que veio do Brasil para nos ajudar, e meu marido, consegui ter a nossa filha em casa na minha própria cama. Ela nasceu muito saudável com 4 kg e 220 gramas. Uma menina, um presente de Deus.

No mesmo ano passei a estudar o holandês duas vezes por semana na escola. Gostava muito de estudar, conheci várias pessoas de outros países e achava tudo muito legal. Depois de dois

anos de estudo, recebi o meu diploma chamado NT2 (*Nederlands Taal* nível 2) sendo o básico que você precisava para trabalhar.

Comecei a trabalhar numa loja bem tradicional Holandesa chamada HEMA. E lá me desenvolvi bastante dentro da cultura e no idioma, aprendi vários ditados típicos e costumes, também comidas típicas e os dias de festas passaram a ter mais sentido pra mim. Dentro da empresa fiz o meu curso profissionalizante por três anos e tirei o meu diploma como vendedora nível 2 na área de vendas.

Em 2003, achamos a nossa igreja onde podemos crescer espiritualmente e isso foi muito importante para nós como família.

No ano de 2004, nasceu o nosso segundo filho, uma benção, um menino lindo e meigo. Com dois filhos me pareceu prático tirar a carteira de motorista e foi mais uma conquista alcançada em 2006.

Depois de nove anos trabalhando na HEMA, resolvi trabalhar em outra loja que vendia comidas típicas holandesas como vários queijos, vários tipos de carnes e refeições. Lá não fiquei muito tempo pois logo veio o nosso terceiro filho, em 2010 nasceu o nosso caçula, um sonho realizado, a nossa família ficou completa.

Com três filhos a minha vida estava corrida, mas foram dias inesquecíveis. Sempre envolvida nas atividades da escola dos meninos, as amigas que de vez em quando vinham nos visitar, tanto brasileiras como holandesas. Pra mim passou a ser uma nova família, pelo fato da minha família morar no Brasil. Um tempo valioso e muito bom de lembrar.

Quando o meu terceiro filho foi à escola com 4 aninhos, passei a estudar novamente para trabalhar como cuidadora de idosos. Depois de dois anos estudando, tirei o meu diploma de

assistente social nível 2 na área de saúde e passei a trabalhar no mesmo lugar onde trabalho até hoje, no hospital da nossa cidade. Escolhi essa função por ser um trabalho muito humano e recompensador. Hoje, graças a Deus, tenho uma família unida e sou feliz na Holanda.

Capítulo 34. Seres Humanos sem Bandeiras

Janile Gadelha Rocha

Depois de umas idas e vindas, a gente percebe que há beleza em todos os povos e em cada paisagem. Tudo é uma questão de “olhar”. De perspectiva. De reconhecer e respeitar as diferenças e as semelhanças culturais e individuais. Mas, no fim das contas, somos todos os mesmos.

Fomos brasileiras na Europa tanto quanto fomos mulheres e turistas, solteiras e enamoradas, deslumbradas e saudosistas, encantadas e assustadas, perdidas e achadas.

Ao pensar em momentos inusitados, a primeira cena que vem à memória é minha irmã urinando num copo de Starbucks, na beira do Tâmsa, de frente pra London Eye (Figura 34. 1), na hora dos fogos de réveillon, no meio da multidão, depois de desistir da fila gigantesca para o banheiro. Em qualquer cultura, em qualquer estação, não é recomendável passar o dia todo bebendo e guardando o melhor lugar ao ar livre para ver o show pirotécnico. Mas Fernando Pessoa tem razão: “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Lembro também da minha mãe, como posso dizer? “chapa-da”, meio sem querer, porque pedi pra ela me ensinar a tragar um cigarro no café de Amsterdã. Foi muito bom ouvir o sermão misturado a gargalhadas incontroláveis. Recomendo! Recomendo uma mãe livre, leve e solta, rindo à toa! Recomendo a experiência nos cafés da Holanda tanto quanto recomendo os bares da Rua do Forró em Jeri.



Figura 34. 1 - London Eye, Londres (Arquivo pessoal)

Aproveito para recomendar “cuidado” na hora de dizer o nome da sua cidade ao taxista português, caso você seja de Fortaleza. Diga que é do Crato. Eles se lembram da chacina de 2001 na Praia do Futuro. Eu sei que não foi sua culpa. Nem minha. Mas evite portugueses zangados. Sabe o Seu Lunga? Ou seu pai irritado? Na última vez que deixei um tuga com raiva, ele me abandonou no Porto e voltou pra Lisboa. Mas aí é outra estória. E raiva é raiva. E o sentimento contra injustiça ou crueldade é o mesmo em qualquer parte do planeta.

Melhor lembrar da carona com os estranhos de Peniche. Um casal de africanos que morava em Lisboa pediu para eu fazer uma foto deles em Berlengas e, depois de uma conversa rápida, lá estava a gente jogando Uno na casa dos três primos do cara, tudo com 2m de altura, depois jantamos num rodízio e cheguei no hostel, na capital, meia-noite. Mantivemos contato pelas redes

sociais. Povo lindo! Lembrei que papai dava carona a desconhecidos de Limoeiro para Fortaleza. Que também peguei carona com estranhos em São Luís e Noronha.

Mas sei que o mundo anda violento e que hoje em dia é complicado esse lance de carona. Talvez por isso fiquei tão como-vida com a grega que viu duas perdidas no metrô e se ofereceu para nos levar à melhor praia de Atenas. Era longe, pra desespero da mamãe que desconfiou da gentileza. Mas era realmente linda a praia, pra nossa alegria e alívio. A verdade é que fomos acolhidas por uma moça da Grécia no estilo nordestino de ser.

Inigualável é a primeira vez no velho continente. Agi como uma adolescente apaixonada. Beijei o chão da Torre Eiffel (Figura 34.2). Fizemos um piquenique no Champ de Mars. Bebemos muito champanhe. Entramos no Moulin Rouge e no dia seguinte chegamos em Veneza (Figura 34.3) daquele jeito...pura ressaca e enjôo. Para compensar, na segunda vez em Veneza rolou um romance. Mas o final não foi tão feliz. A recepcionista italiana, gastando o inglês, perguntou se usamos a banheira, porque o quarto do andar inferior ficou com infiltração. Ironicamente era época de Acqua Alta. Enfim, erramos em todas as línguas. *Scusa*. Desculpa. *Sorry*.



Figura 34. 2 - Torre Eiffel vista de Montmartre, Paris (Arquivo pessoal)



Figura 34.3 - Veneza (Arquivo pessoal)

Impressionantes são as infinitas espécies de cervejas e os chocolates da Bélgica. A batata frita! É fácil ter uma tarde feliz em centros históricos. Lembrei do Pelourinho, da Bahia, um dos melhores lugares do mundo pra comer, beber, etc, francamente.

Lembrança impactante mesmo é a do dinamarquês elegante e descontente com nosso atraso. Frio como aquela terra escandinava. Chateado como um príncipe que cai do cavalo. Ressalte-se que esse atraso não é típico de brasileiro. Até porque, acredite em mim, sou mais pontual do que o chá das cinco da Rainha. Foi culpa da empresa aérea. De qualquer maneira, ele entregou a chave de casa aos seus clientes *Airbnb*. Com tudo dentro. Devo confessar que fiquei surpresa com os relógios e perfumes no banheiro, roupas no quarto, bebidas na cozinha, como se estivesse emprestando a casa para o irmão... Confiança é tudo. Nesse ponto, tenho que admitir que ainda não vi nada parecido nas casas de temporada no Brasil.

Impactante igual foi o medo dos russos. A fila para carimbar o passaporte é tensa. Silêncio total. Postura rígida. Mas depois é só ser feliz. Pedimos informações de localização a um guarda local (ou militar?) com cara de bravo e ele abriu o sorriso, emprestou o celular, ofereceu a senha do wifi. Duas adolescentes muito simpáticas tentaram ajudar. Adolescentes! Veja só. A Rússia é o novo Brasil depois da Copa. Não sei. O Brasil também não anda lá essas coisas.

Bizarro é o sentimento ao visitar um campo de concentração na Alemanha. Nunca mais quis voltar.

Inusitado é ter um guia grego na Grécia e um guia turco na Turquia e conhecer os dois países numa viagem única. Você assimila todas as informações turcas e tudo cai por terra em Atenas. Aí é lembrar que são férias e a mente pode ignorar as contradi-

ções. Mas se estamos falando de diferenças culturais, ali é excelente para pesquisa de campo.

Ah! Sabe aquele *réveillon* em Londres? Aí teve o show do U2 e também o 14 de julho em Paris. Três cenas com algo em comum: lotação absoluta. Não vou negar o quão impressionante é a educação das pessoas. No fim, na direção da saída, na entrada do metrô, toda a gente andava calmamente, sem sequer tocar um ombro em outro, ao estilo romaria, numa energia tranquila, felicidade e paz. Sem empurrões. Sem correria. Sem tensão. Sensacional. Mas vamos combinar: virada de ano em Londres? Festa Nacional em Paris, em julho? É um caldeirão cultural! Dá gente de todos os lugares. De todas as idades. De todos os estilos. De todas as crenças. Recomendo tudo e todos. Regionalidades à parte, somos da mesma espécie, cheia de defeitos e qualidades, cheia de coisas pra contar, daqui ou dacolá.

Capítulo 35. Visitas à Holanda: Vacas, Placas e Baldeação

Helton Moreira

Minha irmã mais velha vive na Holanda há quase duas décadas e eu já fui visitá-la várias vezes ao longo desse tempo. Primeiro, fui ao seu casamento, depois ao nascimento do primeiro filho, e por aí vai. Tornou-se um itinerário tão familiar que nem posso mais pisar na Europa sem passar por lá. Da última vez, estava passeando em Londres e ela disse: “O quê?! Você está na Inglaterra e não veio aqui me ver?” Tive que mudar o itinerário do passeio e voar até lá.

Com algumas idas e vindas, criei uma relação de carinho muito grande com as lembranças desse pequeno país, afinal foi minha primeira viagem internacional e o primeiro choque cultural a gente nunca esquece. Inclusive, logo no primeiro voo eu pude literalmente ver esse choque. Uma brasileira, no melhor estilo “piriguete”, passeava pelo corredor do avião paquerando descaradamente um holandês, que estava com sua esposa e filhos. Nada aconteceu – pelo menos nada que eu tenha presenciado –, mas ver a passividade e elegância com a qual a esposa holandesa lidou com a situação já me deu uma boa dica de como os holandeses eram diferentes. Eu apenas conseguia sentir vergonha alheia.

Fora o choque cultural, também sofri um choque linguístico. Até então, apenas tinha tido contato com ingleses, americanos e franceses durante a faculdade. Em comparação, a língua holan-

desa era muito bizarra. Parecia bastante com o alemão, mas passei a perceber a diferença com o tempo. Num dos primeiros passeios, minha irmã e cunhado iam me ensinando as palavras que eu perguntava. Estávamos indo de carro para uma cidade alemã fronteira com o norte da Holanda, chamada Leer, para comprar alguma coisa específica para a casa dela. Nossa mãe também estava conosco. No caminho, passamos por uma cidade holandesa chamada Bunde. Li a placa e meu cunhado pronunciou corretamente. Eu e minha irmã rimos, pois ele falou “bunda”. Até esse ponto, nada demais. A triste coincidência foi logo depois passarmos por uns enormes campos de pastagem com muitas vaquinhas, as tradicionais vaquinhas holandesas, e eu perguntei como se dizia “vaca” em holandês. Não me atrevo a escrever aqui a pronúncia, mas basta saber que se escreve *koe* e rima com “tu”. Desnecessário dizer que a risada foi ainda maior. Era muita indecência para um primeiro dia de passeio em família.

Falando em indecência, não podemos esquecer que a Holanda é famosa pelas políticas com a prostituição. Todo mundo tem uma história para contar sobre o aclamado Distrito da Luz Vermelha de Amsterdam. Porém, o curioso é que não é só lá que o negócio anda solto, com o perdão do trocadilho. É possível se deparar com pequenos refúgios de prostituição legalizada pelo país e eu descobri isso sem querer.

Um belo dia, eu e a minha irmã estávamos pelas ruas de Groningen, uma cidade grande ao norte da Holanda, pois fomos fazer compras. Como ela vivia numa pequena cidade vizinha, a charmosa Hoogezaand, pegamos um trem e da estação partimos a pé. É uma cidade universitária e culturalmente ativa, cheia de museus, bares e gente jovem nas ruas do centro. Aqueles típicos canais holandeses cortam a cidade e, para quem não mora lá, são

muito parecidos um com o outro. Inclusive eu poderia ter fechado os olhos e imaginado que estava no centro de Amsterdam. Daria na mesma para mim.

Eis que na volta para a estação de trem, com bastante sacola nas mãos e cansados de andar, eu tive a brilhante ideia de pegar um atalho, ou pelo menos o que parecia ser um atalho na minha cabeça “genial”. Sempre confiei no meu senso de direção, mas não tinha ideia de que a lógica dessas cidades europeias era circular, como no centro de Paris ou Londres. Eu achava que seriam como em Fortaleza, com quadras realmente quadradas ou retangulares e ruas paralelas, com poucas exceções. Isso foi por volta de 2007, então nada de *smartphones* com mapas para auxiliar. Acho que eles já existiam, mas não eram ainda populares.

Enfim, o que interessa é que minha irmã confiou em mim e pegamos umas ruazinhas mais estreitas para tentar cortar caminho. Não tínhamos medo de assalto ou coisa parecida, afinal não estávamos no Brasil. Aliás, lembro que essa é sempre a melhor sensação quando estou turistando por lá. Enfim, entramos numa rua com uns tocos, como se fossem cones de trânsito, talvez para evitar entrada de veículos. Uma rua muito charmosa, para variar, com aqueles bloquinhos polidos ao longo dela, e as casinhas de tijolos com telhados pontiagudos, como vemos muito na Bélgica também.

No entanto, achei estranho alguns ornamentos nas janelas daquelas casinhas. A maior parte das janelas era de vidro e sem abertura, como se fossem uma vitrine, e os objetos de decoração expostos por lá eram, digamos, fâlicos demais para combinar com aquele clima. Eu imaginava que aquele tipo de casinha abrigasse alguma senhorinha simpática ou um casal de velhinhos fofos, mas a decoração não combinava muito com minhas expectativas.

Um ou outro rapaz passava por nós na rua com semblantes suspeitos e desviando os olhares, mas eu não tinha dado atenção a isso. O fato é que não compreendi o que estava acontecendo até tomar um leve susto: uma mulher com seus quarenta e poucos anos, usando pouquíssima roupa, surgiu na porta de uma das casas ao meu lado enquanto eu passava. Ela balbuciou alguma coisa em holandês e gesticulou para mim, como se me convidasse para entrar. Apenas aí minha ficha caiu. Minha irmã e eu nos entreolhamos surpresos por uma fração de segundo, mas logo caímos na gargalhada e apressamos o passo. Não queríamos atrapalhar os negócios por ali.

Enquanto passávamos, pude ver outras mulheres em outras casas, algumas com *lingerie*, outras fazendo *topless* ou manuseando brinquedos de *sex shop*. O mais incrível disso tudo é que não vimos placa nenhuma na entrada da rua avisando, como de costume em Amsterdam. Parecia tudo tão naturalmente inserido na paisagem da cidade de Groningen, que me fez pensar em como lidamos com tabus de formas tão variadas.

E por falar em placas de aviso, lembro de outro momento no qual uma placa estragou meus planos numa estação de trem. Dessa vez, já era 2010. Minha irmã acabara de dar à luz seu primeiro filho e eu fui com nossa mãe para conhecer a criança. Dessa vez, planejei ir para ficar quase dois meses, que foi a pausa que o trabalho na época me permitia. Pode não parecer muito tempo para morar, mas para turistar é uma eternidade. Já passei mais de duas semanas inteiras na mesma cidade e isso esgotou as possibilidades de turismo local. Imagina quase dois meses.

De qualquer forma, eu vi que uma banda holandesa de metal que eu adorava iria fazer um show em Zaandam, uma cidadezinha colada com Amsterdam ao norte. Era o show deles mais

próximo de onde eu estava, e nos dias que eu estaria por lá. Não pensei duas vezes. Comprei o ingresso *online* e imprimir. Comprei as passagens de trem de ida e volta e parti. Estava muito animado com tudo isso. Como seria minha primeira vez à noite em Amsterdã, planejei certinho os horários de volta do trem, inclusive, para poder retornar de madrugada sem precisar arranjar um local para passar a noite. Estava tudo arranjado.

Da cidade onde eu estava, o trajeto misturando trem e ônibus demoraria umas três horas aproximadamente. Saí com pouca antecedência, mas peguei o trem com tranquilidade. Fiquei atento às estações de trem para não perder a estação central de Amsterdã. O problema é que esqueci de fazer a troca de trem numa determinada estação, que é conhecida como baldeação pelos paulistas. O que aconteceu foi que eu fiquei no mesmo trem e fiz a “baldeação” conhecida pelos cearenses, que é, na verdade, uma trapalhada.

O azar é que a estação seguinte seria também em Amsterdã, mas não a central, e sim a estação Sul. Eu ouvi a voz no trem avisando que estava chegando na estação Amsterdã-Zuid. Logo me levantei e desci feliz, sem perceber o detalhe. Saí da estação e fui a pé, que seria o meu percurso até o próximo transporte. Entretanto, as coisas estavam estranhas. Tudo parecia tão diferente. Mas como nunca tinha visto Amsterdã à noite, pensei que fosse esse o estranhamento.

Depois de pouco tempo andando em ruas desconhecidas, percebi o equívoco e perguntei aos poucos transeuntes onde estava. Eles confirmaram e eu corri de volta para a estação. Comprei nova passagem para a estação Amsterdã Central. Eu estava tão transtornado, preocupado em me atrasar muito, que não conseguí encontrar as plataformas de embarque. Retornei à moça do

caixa, esbaforido, para confirmar o local de embarque, mas ela não me ajudou muito. Usou um inglês muito ruim e entrou numa portinha atrás da cabine. Desapareceu.

Naquele momento, já deveria ser umas 18:00h. Apesar disso, não havia muita gente na correria do *rush* e os poucos que eu via estavam realmente apressados e oblívios a minha presença. Imagino que naquela área as pessoas não usem muito o trem para trabalhar. Resolvi então procurar por conta própria o embarque, o que sempre é uma péssima decisão para um turista! Foi quando vi a bendita plaquinha com o desenho do trem e uma seta. Isso porque havia plaquinhas com desenho de ônibus, outras de banheiro, outras de restaurante, e por aí vai. Era uma estação enorme! Quem conhece os grandes aeroportos europeus, como Heathrow em Londres, ou o próprio Schipol de Amsterdam, sabe como são gigantescos e você precisa de uns três a cinco minutos caminhando para chegar até o banheiro mais próximo. As próprias plaquinhas já avisam o tempo que leva, para se ter uma ideia. Pois bem, essas estações de trem são menores, mas muito semelhantes na complexidade.

Fui então seguindo as plaquinhas com o desenho de um trem e finalmente cheguei à plataforma de embarque. Segui as setas, passei por uma escada rolante e acessei sem mais problemas a plataforma. Fiquei bem feliz, pois o show deveria estar prestes a começar ainda, então daria tempo de chegar na estação central e pegar um ônibus ou táxi ou qualquer coisa até o local e curtir boa parte do show. O “trem” chegou e eu entrei.

Entretanto, percebi logo de cara algo de diferente na disposição das cadeiras. Eu agora sentava de lado, em grandes e compridos bancos. E a paisagem pelas janelas não existia mais. Na verdade, eu estava dentro de um metrô, mas não tinha percebido

ainda! Ele estava indo para a estação correta e isso era tudo que me interessava no momento. Porém, pior que isso é que na estação de trem não havia uma catraca barrando a entrada das pessoas. Talvez por haver uma integração dos tipos de transporte nessas estações, você não precisa de catraca para entrar, mas precisa para sair. E foi exatamente o que acabou com minha noite.

O metrô chegou na estação central e eu corri para a saída. Havia uma catraca na saída da estação e meu ticket, claro, não funcionou. Como um perfeito idiota, continuei tentando várias vezes e não consegui. Consegui apenas chamar a atenção de uns guardas da estação e pedi ajuda quando um deles me abordou. Ele tentou passar meu *ticket* na catraca e não conseguiu até que ele leu e me disse: “Esse é um ticket de trem, não de metrô”. Aquelas palavras me fizeram passar um filme dos últimos acontecimentos na cabeça. A plaquinha de trem que eu segui era, na verdade, de metrô! Na escada rolante que peguei para acessar a plataforma havia um totem para validação do ticket para o metrô, mas eu passei despercebido. Aquele aperto, os bancos de lado, o subterrâneo, tudo me atacou e eu pus a mão na testa.

Eu estava devastado! Estava perdendo o show da minha banda holandesa preferida simplesmente por não ter lido corretamente uma mísera plaquinha de metrô! Mas o pior ainda estava por vir. O guarda me falou: “Você não pode pegar metrô com passagem de trem, então vai ter que assinar um termo e pagar uma multa”. A multa era de aproximadamente uns 63 euros naquela época! Um valor indigesto e exorbitante, que nem valia a pena ser convertido para o câmbio – que é a primeira coisa que um turista faz para saber se algo está caro.

Naquele ponto, eu não conseguia mais nem raciocinar. Levantei a mão aos céus por pelo menos sempre andar precavido e

ter sempre bastante dinheiro sobrando para emergências. E aquilo certamente era uma emergência. Ainda expliquei minha situação ao guarda, enfatizando as plaquinhas imprecisas e a falta de uma catraca na troca de tipos de transportes e o quanto isso era confuso para um estrangeiro. Ele foi até compreensivo, mas disse que assim era a lei e que era seu dever cumpri-la, e arrematou com uma pergunta: “Você é inglês?”

Eu neguei, confuso pela pergunta aleatória. O guarda apontou para um rapaz, com uma mala e uma mochila, sentado na cabine, conversando com o outro guarda: “Então, você não está com aquele inglês ali?” Eu neguei novamente e perguntei o porquê. O guarda respondeu: “Porque ele também disse a mesma coisa que você. Confundi o trem com o metrô e foi barrado na catraca. Agora está tentando entrar em contato com o amigo que mora aqui para pagar a multa dele”.

Não posso negar que saber daquilo até me aliviou um pouco a raiva que estava começando a sentir naquele momento. Ali estava um inglês que, em tese, teria uma cultura mais aproximada da holandesa que eu e uma vivência mais semelhante com aqueles meios de transporte que também existiam em seu país. Ele deveria saber melhor que eu. Afinal, eu vinha de uma cidade que apenas tinha ônibus como transporte coletivo. Fortaleza tem só um metrô atualmente e possui apenas uma linha. As outras linhas estão em construção... há uns trinta anos! Em Amsterdam existe metrô, trem e bonde, além do ônibus. Todos muito parecidos e com placas muito parecidas.

Finalmente, ao pagar a multa e assinar o termo em duas vias, perguntei ao guarda: “É frequente isso acontecer?”

“Sim, o tempo todo”.

Capítulo 36. A Falta do Cursinho de Inglês

Paula Parente

Viajar é sempre bom. Para o exterior, então, é maravilhoso. Tudo é diferente: pessoas, hábitos, cultura, culinária, mobilidade urbana, organização dos lugares e, principalmente, a língua. Esta é, inclusive, a protagonista de toda história de viagem que eu tenho para contar. Isso porque sempre fui preguiçosa para aprender idiomas. Comecei alguns cursos de inglês, mas nunca terminei nenhum. Sei que para viajar para fora do país, o mínimo que você tem que ter ou saber é o inglês. Estou ciente disso, mas nunca aprendi muito. A ironia é que eu tenho um esposo que é professor de inglês – e eu poderia me aproveitar disso para aprender. Mas sabe como dizem: casa de ferreiro, espeto de pau.

Em 2015, recém-casados, eu e meu esposo viajamos para a Holanda para visitar minha cunhada, que mora lá há alguns anos. Estava muito feliz porque era minha primeira viagem internacional e estava com um pouco de medo também por conta desse probleminha da língua, de não dominar o inglês. De fato, eu estava bastante apreensiva porque, uma vez que pisasse em solo estrangeiro, dependeria do meu esposo para tudo. E literalmente foi o que aconteceu. Logo ao chegar na Holanda, tenho a primeira provação: uma entrevista na alfândega. A sorte é que não foi individual, eles permitiram que eu ficasse com meu marido. Assim, meu esposo pôde responder a todas as perguntas por mim e por ele.

Foi aí que percebi que era um pouco constrangedor ficar numa rede de conversas e as pessoas falando em inglês ou até

mesmo em holandês e eu me sentia um peixe fora d'água porque não conseguia me comunicar. Eu até entendia muita coisa do que eles estavam falando, queria inclusive participar da conversa, só que não conseguia me expressar de forma alguma. Nos cursos que eu não concluí até aprendi a formar algumas frases, mas, por insegurança e nervosismo, eu nunca falava, nunca me expressava. Até mesmo a sós com meu marido, eu perguntava a ele se aquela conversa era sobre isso ou sobre aquilo, se estavam falando e rindo disso ou daquilo, e ele confirmava tudo. Enfim, eu compreendia bem, mas não expressava nada. Portanto, naturalmente morria de medo de ficar sozinha e ter que me virar com meu pouco conhecimento da língua inglesa – e nenhum conhecimento da holandesa.

Em um determinado momento da viagem, estávamos indo de Amsterdam para Groningen de trem e eles têm uma voz gravada que avisa sempre a mudança de estação. Sempre que estamos próximos a uma estação, a gravação comunica aos passageiros em holandês, claro. Por motivos de lotação e para meu completo desespero, sentei longe do meu esposo. Acho que ficava estampado em minha testa que eu não falava holandês, pois tinha uma holandesa sentada de frente para mim que percebeu meu desconforto. Com a gentileza de uma anfitriã, ela me perguntou, em inglês, se eu queria que ela traduzisse a voz do comando do trem. Eu entendi que me perguntou isso, mas não consegui responder. Tentava explicar que não sabia falar, mas me embananei todinha, muito nervosa, e só apontava para meu esposo que estava lá na frente, dizendo alguma coisa como “*my husband is there*”. Ela claramente percebeu que eu entendi o que ela disse, mas como não respondi coisa com coisa, ela ficou sem me entender e acabei passando por mal-educada e estúpida com ela, que só queria me ajudar enquanto eu negava o auxílio dizendo coisas sem sentido.

Ainda na mesma viagem, chegando ao centro de Groningen, fomos a uma loja de jogos de tabuleiro que meu esposo queria visitar. O vendedor nos atendeu e eu apenas fiquei no “Hi!” e me sentei num banquinho que havia lá, rezando para que ninguém mais se aproximasse. Em pouco tempo, o vendedor e meu esposo saíram pela loja conversando e olhando as prateleiras de jogos. Aquele receio me atacou novamente, mas continuei rezando.

As minhas preces nunca pareciam ser atendidas, pois já avistei um outro vendedor vindo em minha direção. Quanto mais ele chegava, mais eu rezava, mas não tinha jeito. Ele chegou perguntando como eu estava, se precisava de algo, se tinha interesse em algum jogo, se queria ajuda. Fui capaz de entender isso tudo, mas a única coisa que me veio à cabeça foi: “*No, I’m sorry. I don’t speak English very well*”. Por um segundo, até me senti confiante por ter me expressado tão bem, mas comecei a rir sem graça por algum motivo, daí aponte para meu esposo e só saía aquela mesma frase: “*My husband is there*”. Acho que compreendeu meu inglês e entendeu que eu estava apenas acompanhando. Eu agradei e ele se retirou. Voltei para o Brasil decidida a engajar meus estudos na língua inglesa, mas não aconteceu.

Logo no ano seguinte, em 2016, visitamos o Reino Unido. Eu continuava com os mesmos medos de ficar desacompanhada de meu esposo a toda hora, pois alguém poderia me parar para falar alguma coisa. Ele continuava sempre resolvendo tudo para mim e eu me sentia uma bebezinha sendo cuidada o tempo todo. Uma vez, estávamos indo pegar um trem para a Escócia, e meu esposo, claro, precisou usar o banheiro em determinado momento – para meu desespero. Tive que ficar com a bagagem na plataforma, num banquinho, guardando nossas duas mochilas. Comecei a rezar pedindo para que ninguém se aproximasse de mim para perguntar nada nem pedir nada. Geralmente, as pessoas lá

fora não gostam muito de ficar puxando assunto como aqui no Brasil. Quem anda muito de ônibus sabe do que estou falando, que as pessoas começam a conversar na parada de ônibus, a puxar assunto. Lá fora não tem muito disso e eu esperava que realmente se mantivesse dessa forma enquanto eu estivesse sozinha. Rezei em vão, mais uma vez.

Estava sentada nesse banco esperando meu marido, mas o trem não chegaria tão cedo. Como chegamos cedo e havia essa folga de tempo, eu estava morrendo de medo de meu marido decidir demorar muito por lá ou até se perder. “Aí eu estaria lascada mesmo”, pensei. Estava lá, olhando para o lado, para as pessoas, e logo percebi um homem andando para lá e para cá meio desorientado, nervoso. Ele perguntava coisas às pessoas e ninguém parecia poder ajudar. Nisso, foi perguntando aqui e acolá e chegando mais perto de mim. E mais perto, e mais perto. Cada vez mais, eu pensando: “Meu deus do céu, que esse homem não chegue perto de mim perguntando nada, porque não vou saber responder”. Mas eis que só acontece o contrário.

Ele vem até mim e chega me perguntando alguma coisa sobre seu trem, me dando uma numeração e mostrando um ticket. Eu não saberia responder sobre o meu trem, imagine o dele! Disse alguma coisa como “*I’m sorry, I don’t know. I’m sorry, I don’t know*”. Repeti algumas vezes. Esse homem, então, saiu com muita raiva porque eu não consegui explicar. Fiquei na dúvida se ele entendeu que eu não sabia dizer ou se interpretou que eu não queria dar atenção ao que perguntava, como alguém que o quisesse enxotar ou menosprezar. Agora ele estava não só perdido e desorientado, como também chateado, e saiu falando alguma coisa.

Voltei daquela viagem em 2016 com a promessa de que faria um curso de inglês para não ficar mais dependendo do meu marido para me comunicar com as pessoas. Até hoje.

Capítulo 37: Na Fila da Imigração

Ysrael Garcia

A fila da imigração seguia em ritmo lento, mas a cada passo dado a frente eu ficava um pouco mais ansioso. Efeito da primeira viagem à Europa. o frio na barriga só não era maior do que aquele fora do aeroporto. A primavera londrina me reservava ainda muitas emoções durante cinco dias.

Por trás e adiante da minha posição na fila a babel de vozes e línguas me dava uma noção da cidade cosmopolita que eu estava prestes a conhecer. Não era a primeira vez que eu saía do país. Mas no máximo eu tinha ido aqui do lado, visitar nossos “hermanos” chilenos, argentinos e paraguaios.

À medida que a caminhada progredia a porta do velho mundo se agigantava diante de mim. Mistura de euforia e curiosidade. Como será que eles vivem, moram, trabalham, estudam, se alimentam?

Um observador cearense externo talvez me chamasse “matuto”, tanto que eu olhava ao redor e para o comportamento das pessoas que me cercavam. Ou, tanto que eu tomava cuidado com minha bagagem. Trauma de brasileiro? Só Freud poderia explicar. e olha que tratava-se apenas de uma mochila esportiva, uma carteira e um smartphone. Sem contar, é claro, o passaporte! Ah, esse eu guardava a sete chaves no bolso da frente da calça. Caso o extraviasse, eu sabia que a viagem seria dada por encerrada ali mesmo.

Mas entre mim e a porta de saída do aeroporto havia um obstáculo a ser transposto. Algo que colocaria a prova, finalmen-

te, seis semestres de curso básico em inglês na adolescência, além de um ano do tal *advanced english*. Talvez eu também precisasse relembrar as saudosas aulas de geografia da sétima série, com a professora Socorro. Época em que a geopolítica ainda dividia o planeta em primeiro, segundo e terceiro mundo.

Chegada a minha vez, lá estava ele, o temível oficial de imigração inglês. Apenas em olhá-lo já tive a leve impressão de que comunicar-me com ele em inglês não seria nem um pouco parecido com as provas orais do meu curso avançado. e o pressentimento se confirmou. com um ar levemente sisudo e desconfiado, ele parecia analisar atentamente até minha expressão facial. Então interpelou-me:

- *"For what purpose did you come to england?"*

Minha resposta foi tímida e suscinta:

- *"tourism, sir"*

Era a resposta que minha voz ainda embargada me permitia pronunciar naquele momento. Ingenuamente achei que seria o suficiente. Que seria o fim da tortura dos nervos. Ledo engano. Meu momentâneo algoz prosseguiu em sua inquirição:

- *"What tourist attractions do you want to see?"*

Embora a pergunta fosse simples, a tensão e a pressa turvaram meu raciocínio por um breve instante. e precipitado, disparei:

- *"The queen, sir!"*

Ao que ele inevitavelmente retrucou, em risos:

- *"Would you like to see the queen, man?"*

Foi o suficiente para eu cair em si, o que aquele funcionário iria pensar de mim agora? Divaguei. Seria eu posto em suspeita de espionagem? Ou pior, sugestionado como uma ameaça terrorista? Mil teorias da conspiração na cabeça. Recusava-me a acreditar naquilo que tinha saído da minha boca.

Mas a realidade é que ali estava eu, sendo arguido por um oficial estatal, sozinho, em um país estrangeiro e tentando explicar minhas sinceras intenções turísticas usando um inglês “arrastado”. Por um instante, imaginei-me detido no aeroporto e sendo notícia no ceará!

O agente então fez sinal ao seu companheiro de trabalho para que se aproximasse e o ajudasse na consideração do caso. Enquanto detinham-se em diálogo perceptivelmente jocoso, aproveitei para tentar retomar a calma e minha lucidez. Refazer as sinapses da memória. dizia eu a mim mesmo: pensa, pensa... e lembrando de súbito minhas pesquisas no google antes da viagem, acrescentei:

- “*Buckingham Palace, London Eye and Big Ben, sir*”.

Todavia, ainda não satisfeito, o burocrata pediu comprovação do meu roteiro de viagem. Como precavido marinheiro de primeira viagem, de pronto mostrei-lhe a papelada impressa e guardada por ordem em uma pasta (passagens, hospedagem...), conforme amigos tinham me recomendado. Isso me deu a confiança que precisava para travar melhor a comunicação.

Aos poucos fui conquistando créditos perante aquele zeloso súdito da rainha e por fim, ele retirou as barbas de molho e liberou minha entrada em seu país. Liberdade, ainda que tardia!

Ainda comemorando, parti para a esteira de bagagens. Presumi inadvertidamente que havia superado meu maior obstáculo de comunicação. Todavia, deparei-me com um novo desafio logo em seguida: sair do aeroporto de Londres via metrô. detive-me ali por cerca de uma hora, pedindo informações e lendo placas. Até que, enfim, compreendi que o que de fato eu estava procurando não era o “*subway*”, mas o “*underground*”! Bem, mas isso já é assunto para uma próxima história.

Capítulo 38. Sinônimos de Inusitado Devidamente Aplicados em Solo Europeu

Natacha Gadelha Rocha

Arrepia. Tem coisa que vivi há 13 anos no continente europeu que lembro mais que o que fiz no final de semana que passou. É possível imaginar que um intercâmbio de dois anos na França durante a faculdade seja terreno fértil para muitos causos. Só que não tem idade pra situações inusitadas (e todos os seus sinônimos aplicáveis). Elas continuam, mesmo com a chegada do que eu prefiro chamar de “maturidade”. Seguem alguns.

Sinônimo: Estapafúrdio (As malas!)

Imagine a cena. Toulouse, França. Época do Natal. Naquele ano, tinha até nevado na Ville Rose (nome dado pelos tijolinhos rosa partout), uma cidade acolhedora para uma jovem estudante de vinte e pouc(quíssimos!) anos. Estava há um ano sem ver mãe e irmã, com o coração vibrando de alegria e um salmão feito no tal “*papillote*” (no microondas mesmo, receita de uma francesa!) para a celebração natalina em família. Minha cena de filme de Hollywood na vida real tinha finalmente chegado! Quando abri a porta, minha mãe estava aos prantos. Emocionada com a cena, pensei: “depois de um ano sem ver você, é normal sua mãe desabar em lágrimas de saudades. Que fofa!”. O momento fofura não durou dois segundos. Foi lindamente quebrado pela frase que veio depois: “você não sabe o que sua irmã me aprontou!”. E entrou no meu apartamento, nitidamente sem paciência para as

malas. O que um orçamento apertado, o medo e uma pitada de falta de senso de direção não fazem. Eu pedi tanto pra minha irmã pagar o táxi ou pegar o metrô, “é só uma linha, não tem erro”, mas o receio da corrida em euros e de se perder no subsolo foram maiores. Minha irmã já tinha estado lá, conhecia o bucólico caminho margeando o canal. Ela decidiu ir a pé. Com duas malas de 32kg, minha mãe com seus já mais de cinquenta anos, cansadas do ônibus de quase cinco horas de Barcelona, ELA DECIDIU IR-A-PÉ. Só que o “logo ali” que ela disse pra minha mãe, na verdade dava mais de meia hora andando. Pra completar, ela se perdeu! Numa total falta de orientação espacial, fez minha mãe percorrer uma passarela pra atravessar o rio, subindo escadas com as malas. Depois, percebeu o engano e, veja só, teve que atravessar a passarela de volta. Nesse momento, pelo que me foi contado, as malas já estavam sendo arrastadas naquele teco teco que você já deve ter feito na vida quando não aguenta mais carregar o peso. Pra aumentar a situação estapafúrdia, minha mãe caiu sobre as malas e entendi que, ali, as duas começaram a rir, porque, né, não adiantava chorar. Enfim, chegaram. Até hoje, a gente ri só de lembrar dessa confusão toda. E não cai mais nessa de economizar com transporte (pelo menos não nas viagens com elas duas, eu sigo sendo mão de vaca)

Sinônimo: Esdrúxulo (Benditas malas 2)

Por essa, você já deve ter passado. Companhias *low cost* na Europa tem suas vantagens (e grandes! Que coisa barata ir de um país a outro!). Mas, não se engane, você vai pagar até pra respirar no seu vô. Ora, a gente economizava cada centavo naquele tour-de-toda-a-europa-em-15-dias que minha irmã decidiu fazer na primeira vez que foram me visitar, como se o mundo fosse acabar

e nunca mais fosse ser possível colocar os pés de novo em solo europeu. Tanto canto, que eu nem lembro em que aeroporto foi. Enfim, cena clássica: três pessoas sentadas no chão, no meio do aeroporto, com as malas abertas tentando dar um jeito de passar pela checagem sem precisar despachar a bagagem. “Mãe, ainda tem muito peso, tem que vestir mais roupa”. E lá fomos. O *check-in* deu certo, mas não se esqueça, sempre tem o raio x. Lá estava minha mãe (vou retomar a questão da idade, porque ela não merecia mais passar por esses perrengues a essa altura da vida. Fazer o quê.). Nervosa com a verificação, apertada por pelo menos três camadas de roupas, sem falar nada além de português. O negócio alarmou. As camadas que ela vestiu tiveram que ser tiradas, uma por uma, pra ver o que tinha feito o apito tocar, em meio àquela correria que a gente bem sabe que é a fila do raio x. Foi e voltou, apitou. Foi e voltou, apitou. Se agoniou, alarmou de novo e eu achei que em um dado momento ela ia jogar tudo pro alto, literalmente. Depois de se vestir, desvestir, lá estava ela tendo que se revestir pra entrar no avião. Hoje a gente ri, mas na hora, foi só sufoco. E seguimos levando coisas demais nas malas mundo afora.

Sinônimo: Ímpar (Benditas malas 3, a gente não aprende!)

Um ano depois do episódio das camadas de roupa, a gente estava “crente” que estava “levando pouca coisa dessa vez”. Paris, que alegria! Ir pra terra do *croissant* sempre vai ser um charme, não importa quantas vezes você vá. “Vamos matar a saudade. E vamos ser espertas dessa vez: vamos pedir um táxi.” Hum-rum. Se taxista já tem aquela fama boa de atendimento exemplar, imagina um taxista francês. Pois é. Depois de uma bela fila de espera, chegou a nossa vez. O *monsieur* olhou para as três malas, cruzou

os braços e, com aquela simpatia cultural característica, disse “não cabe”. “Mas moço, posso pelo menos tentar?”. “*Si vous voulez, mais je ne vous aide pas*”. Eu nem pedi ajuda mesmo, só queria tentar, mas, de antemão, muito obrigada por tanta gentileza. Eu coloquei de um jeito, coloquei de outro, tirei, encaixei... E ele tinha razão. E, claro, fez questão de jogar na minha cara expressamente com um “eu avisei”. Olhei pro colega taxista próximo da fila, já sem esperança, dada a mesma postura de braços-cruzados-nem-adianta-falar-comigo. Eis que surge um milagre em forma de taxista francês, de uma posição mais atrás na fila, dizendo “eu levo vocês”. Já aliviada, agradecendo ao universo e a esse ser maravilhoso, adivinha o que me acontece? O colega do lado de braços-cruzados-etc-etc decide arrumar uma confusão “porque eu nem falei com ele e ele era o próximo”. Só me lembro de não ter forças nem pra argumentar, entrar no carro do anjo milagroso e ir embora pensando “começamos bem hein França”. Saúdo alegremente os motoristas de aplicativo com suas balinhas e gentilezas dez anos depois.

Sinônimo: Estrambólico (ainda sobre malas, mas agora com correria)

Se você já foi a Pisa, sabe que é minúscula. É um tal de tira-foto-assim-assado na instagramável torre e segue viagem. Pois bem. Ainda na economia-de-cada-centavo, tive uma ideia brilhante (para sequer pagar o *locker* na estação): chegar do trem com as malas, pegar um ônibus até a Torre com as malas, tirar as fotos com as malas, voltar andando com as malas e pegar o trem pro próximo destino, tudo isso arrastando as malas. Só que o plano desandou depois das fotos. O tempo voou e quando vimos, já era hora de voltar pra estação e pegar o próximo trem. Segui-

mos no plano de voltar a pé. “Dá tempo”, a gente sempre pensa no calor da emoção. Quando vi, não ia dar. “Corre!”. Lá estávamos as três (sim, incluindo minha mãe que vocês já conhecem), correndo nas ruas de Pisa pra tentar entrar no ônibus (porque a pé não ia dar mesmo!), naquele desespero de quem vai ter um prejuízo muito maior se perder o trem. Conseguimos. Entramos no ônibus, minha mãe ainda sem fôlego, sem conseguir nem brigar comigo. Paramos na estação, atravessamos a plataforma ainda no pique. “O trem já vai chegar”. #SQN. Depois de quase matar nós três (honestamente, eu também estava quase morrendo sem ar), o trem ainda ia levar uns minutos e não precisaria ter tido essa sangria desatada toda pra chegar. Elas queriam me matar, mas ainda tinha mais dias de viagem pela frente, então, eu acho que a gente se acertou.

Sinônimo: Bizarro (correria 2)

Já se arrependeu de um esquema de viagem? Olha, eu não nunca fui fã de pacotão de excursão, mas até tento entender quem curte. Tanto tento, que aceitei a proposta de irmos as três para mais um tour-da-europa-em-15-dias, dessa vez com agência (parece que o tour independente que eu preparei um ano antes foi meio traumatizante). Só que eu me arrependi, amargamente, e tive essa certeza quando chegamos na Bélgica. “Bizarro de sem noção”, foi o que pensei quando o guia nos deu duas (D-U-A-S) horas para “aproveitar Bruges”. Mas, gente, a lista de coisas que eu pretendia fazer incluía: beber uma cerveja, comer as batatas fritas, provar do chocolate, bater perna curtindo o clima de cidadezinha pequena, tirar fotos pela cidade, quem sabe até paquerar uns belgas, e, claro, ir até os famosos moinhos de vento. “Dá tempo”, ignorei o recado bem claro do guia de que seríamos dei-

xadas para trás em caso de atraso (nem sabia que agência podia fazer isso com turistas!). Pois bem. Primeira parada: cerveja (cada um com suas prioridades). Demorou pra vir e, pra dar certo nosso plano mirabolante, decidimos pular a parte de “apreciar os sabores” e viramos o copo sob o olhar arregalado do garçom abismado com tamanha velocidade para três donzelas. Engolimos a batata frita, tiramos as mil fotos e, já cansadas do ritmo, chegamos aos moinhos. Faltava só o chocolate. O guia tinha sido muito enfático sobre o “*Rolls-Royce*” dos chocolates, que era sensacional e imperdível. Só que restava muito pouco tempo. Resultado: lá estamos eu e minha irmã, correndo – literalmente - nas ruas de Brugges, um tanto tontas da cerveja, cheias das batatas e esgotadas da caminhada, mas determinadas a achar o tal chocolate. Agora me pergunte, eu lembro do gosto do chocolate? Não! Mas eu lembro dessa cena linda de duas loucas esbaforidas que não aceitam nada menos que “tudo” quando se trata de viagens.

Sinônimo: Extraordinário (ainda sobre pressa)

“Extraordinário! Agora que eu nunca mais vou esqui”, foi o que pensei nesse caso. Andorra é um país minúsculo, mas, a que tudo indica, muito bom para esqui, principalmente pra quem não quer deixar um rim ao pagar para praticar o esporte. Eu só tinha esquiado uma vez treze anos antes, mas tinha uns dias de férias, não sabia o que fazer nessa folga, era no caminho de Barcelona de onde eu pegaria meu vôo, por que não? “Só vou andar nas pistas fáceis, nada de risco”, me convenci, concordando comigo mesma que não valia a pena quebrar uma perna na véspera de embarcar para o Brasil com minha passagem-que-custou-o-olho-da-cara. Já tinha até ficado amiga do argentino que organizava a fila daquele típico teleférico de cadeirinha das estações de

esqui. Fui tantas vezes nele, já que só andava na mesma pista fácil, que estava me sentindo relaxada e segura. É só deslizar pra frente, a cadeirinha bate no seu poposão, você senta meio que sem escolha com o impacto que te derruba, tenta dar conta de segurar os bastões ao mesmo tempo que luta pra encaixar o esqui no apoio pro pé, reza pra nada cair do seu bolso e foca em não pensar em cair lá embaixo enquanto o tempo passa incrivelmente lentamente até o ponto em que você desce, também meio que sem escolha empurrado pela cadeirinha, fazendo de tudo pra não desequilibrar e desmoronar na neve, atrapalhando todo o resto de gente que vem atrás de você. Mas eu já tinha ido tantas vezes! É aí, quando a confiança sobe à cabeça, que o cara gente boa decide me colocar numa cadeirinha que estava com o banco levantado, que ele mal consegue baixar a tempo de eu sentar, e que, quando eu sento - naquela coisa em que não tem mais jeito de sair, ele percebe que o bastão de segurança que ele ia baixar - aquele negócio que prende você pra garantir que seu medo de cair lá embaixo não vai se concretizar, não estava baixando. Pois é. Só que isso acontece em um espaço de poucos segundos, é tudo muito rápido. E eu estava confiante, ou seja, não tinha pendurado os bastões de esqui pela cordinha na mão pra não escorregarem, estava animadíssima ouvindo “*Bella Ciao*” com o celular na mão.. e, isso tudo, com a proteção sem baixar! Eu não sei como, eu consegui levantar uma mão, segurando - também não sei como - os bastões de esqui na outra, não lembro nem onde coloquei o celular, e me segurei na proteção, que continuou sem baixar. Segui, por alguns dos minutos mais longos da minha vida, tentando me segurar para não escorregar, avaliando se a queda na neve lá embaixo me mataria, equilibrando todos os apetrechos e de olhos arregalados pensando naquela cena que você já deve ter visto de

uma pessoa pendurada pela calça no teleférico. Não caí, não desequilibrei na descida, mas falei pro cara gente boa da chegada que “se eu tinha medo, agora eu ia ter pavor”. Isso deve explicar o porquê de o argentino gente boa que me colocou nessa fria não estar mais lá quando, inesperadamente corajosa, decidi subir mais uma vez.

Sinônimo: Extravagante (na linha de falar sobre erros e riscos)

Que existem diferenças culturais, a gente sabe. O que eu não esperava encontrar era a figura de um “inspetor da promo⁴⁸” na minha faculdade de engenharia na França. Era tipo um “bedel”, com o papel de dar ordem ao caos, garantir o bom andamento das coisas e, teoricamente, de ser um apoio para os alunos. Ah-tá! Nosso inspetor (Pierre Dupont – e olha que eu sou péssima com nomes!), eu nunca vou esquecer. Eu e a B*** tínhamos perdido a primeira chamada da prova, e (e eu vou me privar de enfatizar esse ponto da nossa cultura) deixamos a inscrição para a segunda chamada para a última hora. Bom, realmente, para a última hora. Para ser bem clara, chegamos alguns minutos depois do dia-hora marcados como limite para solicitar a inscrição. Só que não fazer a prova não era uma opção. Duplo-diploma envolve receber um segundo diploma, cujo recebimento é obviamente condicionado a aprovação nas disciplinas. Batemos na porta do Monsieur Dupont minutos depois. Ele quis mesmo foi bater a porta na nossa cara. Só que, do nosso lado, bateu o desespero. E aí a gente tentou bater um papo com ele. Não rolou. Começou o drama. Co-

⁴⁸ Promo. Abreviação de *promotion*. Como os franceses chamam a turma que entra junta na faculdade.

meçou o choro. Começou o monsieur a se impacientar repetindo que tivemos muito prazo e que o perdemos. Quando eu vi, estava a B*** aos prantos. O M. Dupont tinha agarrado ela pelo braço. Agora imagine a cena. Ela, com seus menos 1,60m, branquinha que só ela, com aquele jeito meio emburrado, sendo arrastada pelo corredor com as lágrimas caindo. Uma adulta (ou quase), na faculdade, sendo a-r-r-a-s-t-a-d-a c-h-o-r-a-n-d-o pelo corredor. Em frente a todos os outros alunos. O M. Dupont queria mostrar o quadro pra ela. Mostrar não, esbravejar em frente ao quadro apontando para o comunicado. O comunicado onde estavam marcados dia-horário que nós não cumprimos. Me lembro de ele gritar ao falar do prazo, olhando pro bendito quadro. Mas gente(!). Eu dou risada agora lembrando disso, mas na hora, só dava graças por não ter sido eu. E pensa que ele se sensibilizou? Ah o jeitinho brasileiro! Na França, não tem não.

** A gente se formou. Mas pra conseguir passar nessa disciplina, tivemos que pedir apoio a outro professor com mais compaixão para interceder por nós. Luc, também lembro o nome dele.

*** Sigo chocada com a necessidade da existência de tal figura no ensino superior francês (pelo menos naquele em que tive formação!)

Sinônimo: Esquisito (ainda sobre erros e riscos)

Be-Ne-Lux. Já ouviu falar? Não falo do grupo no contexto político-econômico. Falo de um dos trios de países mais famosos para serem conhecidos em conjunto em viagens. Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Um trio de países e dez brasileiros viajando em dois carros por suas cidades. O caso aconteceu em Bruxelas e, na sequência, Amsterdam. Carro roubado, levaram tudo (mas a Eu-

ropa não é segura?!). Todas as nossas coisas estavam no carro (para fazer o checkout e não precisar pagar mais uma diária no albergue!). Algumas, conseguimos recuperar na grama do parque onde foram descartadas. BO feito na polícia, carro trocado em Rotterdam e mil histórias entre “minhas calcinhas jogadas na grama enxarcada da chuva”, “foto com os policiais” e “jura que tu deixou o passaporte no carro, Augusto?”. Chegamos em Amsterdam. Sempre fiz o gênero *nerd*, certinha. Cheguei de cara na rua vermelha (se não ouviu falar, pesquisa(!), sem conseguir nem levantar o olhar para as vitrines, com as roupas do corpo molhadas da chuva, as que eu consegui recuperar na grama do parque, sujas, um rombo na conta bancária pelo seguro do carro, fome e cansaço. Não posso dizer que a “Veneza do Norte” me encantou de cara. Eis que entramos no que julgamos ser um albergue aceitável quando reservamos. Éramos dez. A reserva era de um quarto para oito e duas pessoas iriam para um quarto compartilhado de vinte camas. Sobrou pra mim. O recepcionista veio nos mostrar. Subi as escadas, reparando nas paredes pixadas a cada degrau, me assustando com a nada escondida falta de higiene, remoendo a péssima escolha que tínhamos feito. Viramos e vi a cena: o quarto, vinte camas, uma mesa com quatro moças mal-encaradas, lápis de olho escorrido até a bochecha, jogando cartas, com certeza sob efeito de entorpecentes, cervejas espalhadas por todo lado. Pensei “não fico aqui de jeito nenhum”. Foi quando o recepcionista apontou pro meu quarto. Não era esse das moças. Era uma versão masculina disso. Propus levar o colchão para o quarto de oito e dormir com meus amigos lá. Não teve jeito. Mais uma vez, o jeitinho brasileiro não teve vez. Fui pra lá mesmo assim. Uma alma caridosa se ofereceu pra ficar no saco de dormir no chão e me cedeu a cama, e, assim, escapei.

Sinônimo: Excepcional (duplo diploma também tem diversão)

Ah as férias! Depois do primeiro ano sofrido na École Centrale Paris, sobrevivido às custas de muitas lágrimas, física quântica e o escambau, as primeiras grandes férias foram como a liberdade depois de muito tempo na prisão. A gente queria curtir. Curtir muito! E, se você ainda não sabe, se quiser farra, vá pra Grécia no verão. E não estou falando de se posicionar se esmagando entre mil pessoas para ver o inesquecível pôr do sol nos muros brancos de Santorini não. A gente queria farra! E lá estávamos nós. Quatro jovens, solteiros, de férias, em cenários paradisíacos, com gente bonita e uma quantidade razoável de bebida. Só uma coisa não era abundante: a gente era estudante e sobrevivia de bolsa de estudos. Chegamos em Mykonos sem reservar hotel (albergue, no caso). Até hoje me pergunto por quê. Era alta estação e, teoricamente, o Caio era um bom planejador de viagens. O que eu esqueci é que ele também era sem juízo e aventureiro, talvez em excesso. Então, ele faz a proposta: vamos dormir na praia! Nós, os outros três, ainda cedo da tarde, ainda sob efeito de bebida e deslumbre, concordamos. Quando foi anoitecendo, a gente seguia deitado nas cadeiras de praia, a vontade de tomar um banho batendo, e acabamos concordando em pegar um lugar. Não lembro se não tinha mais vagas ou se a gente escolheu isso mesmo. Fato é que acabamos a noite deitados os quatro, em duas camas “juntadas”, com os pés pra fora, sem espaço, mas felizes, e ainda tirando fotos dessa maravilha chamada “tá tudo bem, somos jovens e aguentamos tudo”. Aguentamos inclusive o trajeto de catamarã “à la Titanic”. Um trajeto feito sob um céu azul, num dia lindo de sol, mas cheio de vento. E, se tem vento, tem onda! O negócio balançou tanto que minha amiga segurou na

minha mão tentando driblar o medo. Só que depois de as coisas das prateleiras começarem a cair no chão com chacoalho e o cara da manutenção passar, eu também já não estava tão destemida assim. O barco todo vomitou, meus amigos passaram o tempo todo no banheiro, e, quando chegou nossa hora de descer, parte das pessoas que iam seguir viagem até o próximo destino já não queria voltar pra embarcação. Se for pra lá, fique espert@! O passeio de barco pode assustar!

Sinônimo: Singular (duplo diploma também tem diversão 2)

Ah as férias! O sistema de folgas era bem diferente na França. As disciplinas não seguem todas juntas do primeiro ao último dia do calendário e tem umas pausas de uma ou duas semanas no meio do semestre. Eu adorava. Enfim, quando dava, a gente explorava novos destinos. Era dezembro e a gente se juntou pra ir caçar a aurora boreal na Islândia, a Terra do Gelo e do Fogo. Carro alugado, os sabichões decidiram ir à caça sem guia. Pra resumir, ficamos por muitas horas, com o carro parado no meio do nada, pescoço doendo de ficar pro olhando pro céu, passando frio (eu não sabia se me esquentava e ficava com medo⁴⁹ sozinha no carro ou se congelava e me juntava ao grupo na mata). Até hoje, tem gente que jura que viu alguma coisa. Pode ter sido o cérebro congelado ou o álcool pra esquentar. Eu mesma, não vi nada e sigo com essa pendência na vida. O que eu vi, e isso eu tenho certeza - e fui a única a ver na hora - foi o cara, numa rua cheia de bares nessa mesma Islândia, que quebrou uma garrafa de cerveja de vidro e arrastou pela orelha do Ed, abrindo uma ca-

⁴⁹ Só pra esclarecer: a Islândia é o país mais seguro do mundo.

choeira de sangue (bem que dizem que é a terra das cachoeiras também!) e fazendo ele levar sei lá quantos pontos. Pois foi. O bonito decidiu que era legal paquerar uma mulher acompanhada e o acompanhante dela decidiu que podia se defender como queria. Quando vimos, estávamos batendo na porta de desconhecidos, pedindo socorro. Conseguimos um pano pra estancar e depois de ajuda de gente que se comoveu com a situação, e umas ligações, ele foi levado de ambulância para o hospital. Segundo ele, o frio ajudou a não sentir dor. No outro dia tava lá, procurando a aurora boreal.

Sinônimo: Especial (pra fechar com andanças – parte 1)

Eu queria ir pra Noruega pra fazer muitas trilhas e, por isso mesmo, escolhi viajar na época do tal sol da meia noite. Mas a gente nem sempre tem tudo o que quer! E meus parceiros de viagem só toparam duas delas: Trolltunga e Preikestolen. Trolltunga tem cerca de 20km ida e volta, subindo quase 1000m. Pra gente, levou 13 horas no total. Nos primeiros metros, meu ex, sedentário, obeso e orgulhoso (sem ofensas!), passou mal. Vomitou e quase desmaia. Mas eu sabia que ele não ia dar o braço a torcer e voltar pro hotel, então, desci o que já tinha subido, e acompanhei ele lá de baixo para seguirmos juntos, passo a passo (parece que isso não rolou no casamento! Haha). Peguei a mochila dele, coloquei por cima da minha (sim, uma mochila por cima da outra), e seguimos. Fomos sem guia e ainda tinha neve. Lembro de me assustar quando vi um cara pular num trecho, achando que era terra, e afundar na água até o joelho. No cansaço, a gente se entregou e decidiu escorregar de bunda mesmo na neve em uma descida. Pelo menos com a água a gente não precisava se

preocupar, era só abastecer nos rios/riachos e beber ela pura e geladinha ali mesmo. Depois de muita motivação dos outros trilheiros - que já estavam voltando, chegamos na tal língua de Troll. Já viu foto dos fjords? São incríveis. E são altos. Eu quase não fui pro abismo tirar a famosa foto. O medo de altura é grande demais. Mas fui. Arrastando no chão, mas fui. Na volta, erramos o caminho, o que no fim foi uma baita sorte, porque, apesar de ficar maior, pelo menos o caminho era menos íngreme e meu joelho conseguiu aguentar até o fim. Quando a gente chegou no estacionamento, ele estava fechado e, por alguns instantes, até encontrar o local correto para abrir a cancela, eu já estava achando que íamos dormir por lá mesmo. Chegamos no hotel e pensei “vamos comemorar”. Mas meus parceiros me abandonaram, não por escolha. Um foi pro banheiro vomitar e o outro teve uma crise de tremedeira que quase não para. Acho que foi puxado demais. No outro dia, o ex, já sem orgulho (sem ofensas!), disse que não ia fazer a trilha de 13km. Mas a minha parceira que não me abandona nunca estava lá, nem tão firme, nem tão forte, mas comigo.

Sinônimo: Especial (pra fechar com andanças – parte 2)

Eu sempre quis fazer o caminho. O caminho, com O maiúsculo. Aí, um dia, eu nem lembro como, veio mais um “bora!”. Você já quis fazer e ainda não foi? Vá! Foi uma das melhores experiências da minha vida. Andar e andar, se desconectar e se conectar. Os pelos arrepiam da cabeça aos pés só de lembrar. A gente emendou um feriado e decidiu fazer “só” os 100km necessários para o certificado de peregrino na chegada a Santiago de Compostela. Como minha irmã já tinha feito o caminho francês,

o português pareceu uma boa opção pra nós duas (e, se quer um conselho, escolha bem a época, pro caminho não se tornar um passeio com turistas – a não ser que esse seja seu objetivo, claro!). Bom, chegou o dia e eu já cheguei doente. Passei o vôo colocando a alma pra fora e me perguntando “como eu vou colocar uma mochila nas costas e andar por cinco dias se eu mal fico de pé?”. A gente também não tinha treinado e tampouco estávamos na melhor forma. Mas eu já estava a caminho, nem cogitei desistir. No primeiro dia, nós só atravessamos a fronteira Portugal-Espanha. Atravessar a pé uma fronteira é tão bobo como interessar-se, quanto legal como experiência. A coisa ia começar mesmo no dia seguinte. Acordamos e saímos. Minha irmã com meu mochilão e eu com uma mochila super equipada uma boa amiga emprestou. Lembro de tudo parecer bem tranquilo no começo. “Vai ser mole”. A gente tinha um planejamento, mas não reservou os albergues “só por via das dúvidas”. Que decisão sábia! Lembro bem da subida final nesse primeiro dia. Já era fim de tarde e a gente não conseguia dar mais nem um passo. As minhas costas estavam um caco. Já tínhamos colocado música animada, dançando na empolgação achando que as forças tinham voltado - pra logo depois sentir o cansaço pesado de novo. A gente já tinha trocado os sapatos, passado pomada entre os dedos. Já tínhamos parado à beira de um riacho pra relaxar os pés na água gelada, e quase perdido minha papete na correnteza em um descuido meu que minha irmã agilmente conseguiu reverter. A gente estava só o pó. E estava no “meio do nada”. Olhando pra cada casa na esperança que fosse um albergue de peregrinos. Não íamos nem cogitar completar a quilometragem que havíamos planejado para o primeiro dia. No fim da subida, apareceu um lugar. Ufa! Eu já não conseguia dar mais nem um passo. Minha irmã se sentou na

escada na entrada que dava pra rua e eu lembro de dar a volta às custas de muita dor pra achar a recepção. Tinha vaga! Que sorte, porque sinto que a gente ia deitar no asfalto mesmo. Quando entramos no quarto, depois de um jantarzinho mequetrefe - pra quem esperava um banquete depois da exaustão, eu lembro de pensar que seria impossível continuar no dia seguinte. Tomamos remédio pra dor. Passamos pomada pra relaxamento muscular. Fiz massagem nos pés da minha irmã. Alongamos. E capotamos. Exaustas. No outro dia, eu tinha certeza que a gente nem ia se mexer de tanta dor. Pra nossa surpresa, acordamos bem. Recuperadas! Um peregrino francês ajustou minha mochila. A massagem, parece que fez efeito pra minha irmã. E saímos. Prontas pra continuar pelo caminho

Capítulo 39. Indo Logo Ali em Portugal

Sherley Romeiro Freire

Começo este relato de experiência de viagem dizendo que sempre sonhei em viajar para o exterior, mas, por questões dos destinos da vida ou receios, sempre havia uma barreira. Isso deixou de acontecer quando me inspirei numa frase de Paulo Freire, onde ele dizia que “O mundo está nas mãos daqueles que têm a coragem de sonhar e de correr o risco de viver seus sonhos”.

Começou ali a minha libertação das amarras do “não posso, tenho medo e não dá pra mim”, pois acreditei no meu sonho se realizando. Claro que o “sonhar” anda de mãos dadas com o “planejar”, e isso se confirmou na minha primeira viagem para o exterior em 2013, mas neste relato vou me deter à segunda, que aconteceu em 2019.

Para a segunda viagem internacional, que ocorreu em julho, escolhi ir a Portugal e, dentre vários motivos (idioma, custo, segurança e outros), destaco o sentido comemorativo: celebrar os 80 anos da minha mãe que tinha um imenso desejo de conhecer a terrinha além-mar. Aproveitando o ensejo, o país já era uma questão de interesse meu, também, pois passei toda minha vida, desde tenra idade, no Rio de Janeiro (nascimento em Natal e aos 06 meses em diante na minha cidade carioca), rodeada de portugueses. Tinham membros na família, tinham vizinhos, amigas/os e até namorados. Enfim, o clima português sondava meus caminhos e vivências.

Voltando ao assunto do sonho, ele caminha com o planejamento mesmo, e assim iniciei a busca por preços, período de

datas que estivessem nas minhas férias, além das operadoras de turismos pela simples comodidade na estrutura montada (hotel, seguros, passeios, traslado), já que havia uma pessoa idosa junto (viajamos eu, meu irmão e minha mãe).

Se atentar aos detalhes em ir numa viagem com crianças ou idosos, é fundamental, também, para tirar dúvidas e ver a melhor opção com as operadoras ou companhias aéreas. Quando decidimos pela operadora de turismo, fechamos o famoso Pacote de Viagens, o seguro e a assistência de viagem (importantíssimo ter, pois as coberturas são de acidentes, doenças, extravios de bagagem, indenizações e outras coberturas a depender da escolhida. E os planos de saúde brasileiros não servem lá). Vale a pena reforçar que existem o seguro viagem e a assistência de viagem, onde a diferença é a questão de quem desembolsará o pagamento (você ou a seguradora contratada). Daí o cuidado e a atenção de forma antecipada em ver tudo isso ou algo a mais, como o caso de exigir ou não o certificado de vacinação (exemplo da Pandemia que os países pedem a da COVID-19, atualmente).

Como a viagem foi planejada oito meses antes, foi possível verificar essas coisas, além de pensar na economia para os gastos. Quanto às várias formas de realizar a viagem, a variedade inclui ter guia (os pacotes das operadoras já oferecem) ou não, e se prefere ir por conta própria. Neste último caso, há até a possibilidade de contratar um guia quando se chega lá, se preferir. Esses fatores definem valores e se seria interessante ser um pacote de viagem. Assim, a opção por pacote de viagem com operadora de turismo foi uma escolha familiar, e o roteiro decidido foi todo Portugal Clássica, que incluía Lisboa, Albufeira, Beja, Évora, Marvão, Portela, Coimbra, Povoas das Quartas, Porto, Alijó, Óbidos e Batalha.

Cada cidade tem um significado para o seu nome, e lá não é diferente. Como exemplo soube que Coimbra se refere a castelo, fortaleza. E Marvão significa filho do galego, referente ao seu fundador à época. É a magia de ser turista, pois em cada olhar e explicação tem uma estória por trás. É interessante observar as diferenças da língua portuguesa, pois poderá ser levado a situações engraçadas ou constrangedoras. Farei referências neste texto a algumas palavras.

Pela experiência da viagem há sete anos atrás, tive a atenção de: levar as medicações rotineiras com receituário, meias de compressão (se foi prescrita) devido o tempo no avião e ônibus, ir ao médico se precisar por algum motivo (no meu caso tinha enjoo, tensão em viagens longas, aí recorri a uma consulta médica), deixar ciente sempre alguém da família ou amigos no Brasil e ter várias opções de pagamentos para os gastos (cartão pré-pago, moedas do país, cartão de crédito). A última opção é o cartão de crédito, que precisa ser de bandeira internacional, pois o susto da fatura não valerá a pena, tanto pelo valor da conversão da nossa moeda como pela não possibilidade de parcelamento. Tudo o que você adquirir virá em uma única fatura. Alguns bancos informam que se parte das compras for realizada após a data de fechamento da fatura, pode vir no máximo em duas parcelas. Fique alerta nisso, pois, na viagem de 2013, o atendente de uma loja onde comprei um celular (telemóvel), disse que podia ser em duas vezes. No cupom vinha o parcelamento, uma sensação estranha me fazia desconfiar daquilo, e por vezes indagando a ele, o mesmo repetia, foi feito e virá na sua fatura. Caracas, aprendi no susto que não acontece parcelamento. Na fatura daquela época veio o valor cheio da compra. Mesmo assim, levei em 2019 o cartão de crédito, porque é uma forma de moeda de extrema

emergência (vai que perco tudo lá ou acontece algo fora minhas outras opções já faladas aqui).

Finalmente, chegou o dia do embarque, e de forma antecipada, chegamos no aeroporto com a famosa duas horas antes do horário do voo, por recomendação pelo site da empresa aérea e pela operadora do pacote. E devemos fazer isso mesmo, pois pode haver imprevistos no trajeto até o aeroporto, ou até ficar no tão temido overbooking. Ao chegar fui direto para o balcão do check-in, realizar os trâmites: checagem dos *tickets* de voo, mostra dos passaportes, despachar as bagagens e mostrar as de mãos.

Em se tratando dos tickets de voo, fizemos o check-in online, pois facilita muito, e os assentos já estavam reservados. Falando em assentos, tem a opção gratuita de não marcar. Como estávamos em três pessoas, marquei logo para ficarmos juntos. Precisa verificar quando cada empresa aérea libera o check-in online antecipadamente. Sobre o peso máximo das bagagens, as nossas foram 23 kg para cada pessoa. As de mão foram peso e controle de dimensões. Assim, vale a pena acessar o site da empresa aérea e se informar desses trâmites, até porque dependerá da classe de voo comprada. Após esse passo, os seguintes foram: inspeção de segurança onde há os detectores de metais, cabine da emigração e já no salão, aguardar o embarque.

E lá se foram eternas 08 horas de voo, pelo menos para mim. Ao chegar em Portugal, precisamente Lisboa, um serviço de traslado para o hotel já estava à espera. Tive a precaução de antes de sair do aeroporto, de comprar um chip de lá, pois, mesmo conseguindo usar o meu chip brasileiro (habilitado para isso), já havia pesquisado que era muito caro o valor cobrado da operadora de celular. Até experimentei usar o *whatsapp* antes de fazer isso, e não consegui.

No primeiro dia, após deixar as malas no hotel, tivemos um tour pela cidade de Lisboa, com registro próprio na figura 39.1 da torre de Lisboa, e a tarde livre para conhecer melhor o local. Aliás, todos os hotéis de cada hospedagem ficaram bem localizados, pois eu perguntei muita coisa antes de fechar o pacote e isso era uma preocupação, caso quisesse turistar sozinha pela cidade.



Figura 39.1: Cartão postal de Lisboa, Torre de Belém

No dia seguinte, iniciou-se a excursão terrestre em ônibus (autocarro), e já descobri que o país é dividido em regiões (conjunto de Estados), distritos (como Estados), concelhos (sessões administrativas dos distritos), freguesias, vilas e aldeias (estes últimos seriam como bairros). Confunde um pouco quando explicam na hora, porque como exemplo tem a região Lisboa com o distrito Lisboa e concelho de Lisboa. Vale retornar ao país para entender isso melhor, o que é meramente um motivo meu, por

ter se apaixonado pela terrinha. Enfim, Portugal e Brasil têm sim suas diferenças.

O total de dias da excursão foram nove e, falando em quantidade de dias, percebi que o primeiro é estarmos literalmente dentro do avião, e o último voltando nele. Considere, então, a sua atenção na escolha da quantidade de dias da viagem. E isso levou a outra situação, as saídas dos hotéis para seguir o roteiro de viagem foram muito cedo, geralmente às 07h ou às 6:30h, aí em algumas saídas dos pernoites, o café foi servido muito em cima da hora. Imagine a correria. Aos passageiros, foi permitido se serviram de algo do pequeno almoço (como chamam o café da manhã), após conversarmos com o guia, e assim levar ao ônibus. E não é ato só de brasileiro, viu.

E, assim, seguiram-se as paradas da excursão:

- Albufeira que fica ao sul do país, região linda do Algarve. Encontrei como destaque a praia e as escadas rolantes que existem como acesso à ela;
- Beja, região do Alentejo. A atração que mais me chamou a atenção foi o castelo de Beja com ares góticos. A figura 39.2, de registro próprio, foi no castelo de Mértola, no distrito de Beja;

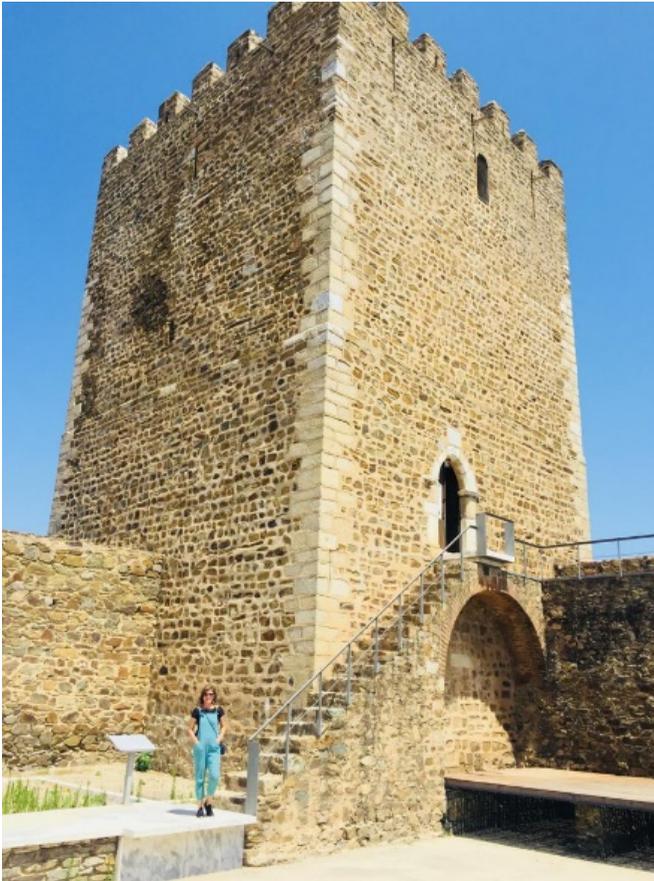


Figura 39.2: O marcante Castelo de Mértola em Beja

- Évora, no coração da região do Alentejo, teve como destaque a catedral da cidade e a capela dos ossos, numa mistura de medo e curiosidade. São ossos de monges enterrados e estruturados na composição da capela;
- Marvão ainda na região do Alentejo, é verdadeiramente uma cidade dentro de muralhas. Foi impactante estar no seu castelo com a sensação de uma visão estratégica de todo o entorno da área. A figura 39.3, de registro próprio, a seguir, é logo na entrada do castelo:



Figura 39.3: A marca da entrada para o Castelo de Marvão

- Portela, que fica no distrito de Lisboa, com destaque para a igreja do Cristo Rei;
- Coimbra, região central do país, é uma cidade adorável, com muita arborização e onde está localizada a linda universidade de Coimbra e sua apaixonante biblioteca barroca Joana. Tem uma canção de Amália Rodrigues chamada “Coimbra é uma lição”. A figura 39.4, de registro próprio, mostra a canção gravada na parede do quarto do hotel Coimbra, que fiquei hospedada;



Figura 39.4: Registro da canção que enaltece a linda Coimbra

- Povoas das Quartas, pertencente ao distrito de Coimbra, tem como destaque ser pequena e possuir paisagens voltadas para a encosta da Serra da Estrela;
- Porto, é uma cidade charmosa, e conhecida pelas imponentes pontes que cruzam o famoso rio Douro. Possui muitos atrativos, como passeios de barco passando por debaixo da ponte Luis I, no Cais da Ribeira, há bares, restaurantes e uma feirinha com preços bons e variedade de lembranças do país;
- Alijó, que fica na região do Douro, conhecida por abrigar as quintas do vinho do Porto;
- Óbidos, que é no Distrito de Leiria, é uma vila medieval cercada por muralhas. Andar observando sua estrutura nos remete a estar literalmente numa época medieval;
- Batalha, que é no Distrito de Leiria, é uma vila onde ocorreu um dos cenários mais importantes de Portugal, a Batalha de Aljubarrota. Um destaque a mais é visitar o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, considerado Patrimônio Histórico pela Unesco e uma das Sete Maravilhas de Portugal. Ao final, voltamos a Lisboa de onde embarcaríamos ao Brasil.

Os preços das lembranças variam muito de lugar para lugar, e a comida, também. Uma dica boa é saber onde os guias irão se alimentar, porque geralmente são os melhores lugares para isso. Eu mesmo descobri pequenos restaurantes com preços bons e comida muito farta. E as lembranças são mais em conta nas feirinhas.

Esta experiência foi muito marcante para mim e minha família. Considero um país lindo e de costumes encantadores. Há diferenças sim e devemos nos informar antes para não termos constrangimentos nas viagens. Uma outra dica muito valiosa é que os portugueses de lá não gostam muito de repetir as coisas já explicadas por eles, e percebi isso assim que tivemos uma tarde livre na chegada. Os mais velhos, então, nem respondem.

Mas a viagem em si foi muito boa e marcante. As diferenças dos costumes e do idioma não atrapalharam muito, porque os guias nos explicavam o que podia ser dito, feito ou não. Um exemplo disso, foi o uso da palavra *moça*, a qual tem sentido pejorativo em Portugal, como *rapariga* no nordeste brasileiro. Aliás *rapariga* se usa como menina, mulher jovem, lá.

Deixo registrado que devido a possibilidade de sua bagagem ser vistoriada no aeroporto, não é liberado trazer certas coisas como comida em geral, pois tivemos o dissabor de perder verdadeiras cerejas portuguesas na alfândega. Uma tentativa brasileira em vão. Se atente que a cota máxima de isenção trazendo coisas de outro país é US \$500, mas se for pelo *Duty Free* na volta aí sobe este valor.

Observe sempre o que pode levar e o que trazer, inclusive para não correr o risco de pagar excesso de bagagem.

E assim fomos logo ali à terrinha além-mar. Se depender de mim, volto sempre.

Considerações Finais

Ana Christina de Sousa Damasceno

Nesta obra são contadas experiências e histórias de vida das viagens realizadas por brasileiros e europeus em forma de capítulos. Dando continuidade à série de livros temáticos livres e gratuitos, em que foi abordado no primeiro livro e e-book, disponível em <https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Livro-Plataforma-Produtos-Educacionais-A5.pdf>, que são capítulos curtos sobre recursos didáticos e produtos educacionais interdisciplinares e interinstitucionais, temos a grata satisfação de compartilhar também, para a comunidade em geral, experiências pessoais cotidianas inusitadas, como também diferenças culturais e linguísticas vividas por europeus no Brasil ou brasileiros na Europa.

Esse e-book também foi idealizado pelo Grupo de Pesquisa em Inovação de Recursos Didáticos, Produtos Educacionais e Tecnológicos (GREPET), que participou também de outras obras, entre elas, podem ser citadas ALVES et al. (2020), SILVA et al. (2020), JUCÁ et al. (2020), CANDIDO et al. (2020), JUCÁ E PEREIRA (2018), JUCÁ e PEREIRA (2017), PEREIRA ET AL. (2015), JUCÁ et al. (2014) e JUCÁ e CARVALHO (2013).

Vale salientar que esta obra foi idealizada antes das tensões e ameaças de invasão na Ucrânia por parte da Rússia. Esperamos que, em breve, a paz volte a predominar no continente europeu.

Referências

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. *Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas*; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. G1 São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>>. Acesso em: fevereiro de 2022.

AEROPORTO DA MADEIRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikimedia Foundation*, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aeroporto_da_Madeira&oldid=62104880. Acesso em: 10 fevereiro de 2022.

AGRELA, Daniel. *O guia do viajante do Caminho de Santiago: uma vida em 30 dias*. Évora, 2016.

ALVES, A. B; JUCÁ, S. C; SILVA, M. V.; DA SILVA, S. A.. *Plataforma Ciberliteratura: Inserção das TICS no ensino de língua portuguesa*. 2019. Disponível em: <<https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Livro-Plataforma-Ciberliteratura-site.pdf>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORGES, Rafaela. *Palácio de Versalhes: tudo que você precisa saber antes de visitar*. 2020. Disponível em: <<https://vemcomigo.fr/descobertas/franca/guia-palacio-de-versalhes/>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

BRASIL ESCOLA. *Guerra da Bósnia*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-bosnia.htm>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2022.

CANDIDO, F. G.; JUCÁ, S. C. S.; SILVA, S. A. *Entre a História e a Memória*: acervo online sobre o processo histórico do Instituto Federal do Ceará. 1. ed. Rio de Janeiro: POD Editora, 2020. 232p. Disponível em: <https://podeditora.com.br/produto/entre-a-historia-e-a-memoria-acervo-online-sobre-o-processo-historico-do-instituto-federal-do-ceara> .

CAPELLUTO, M.; ARANHA, I. *Palácio de Versalhes França*. Disponível em: <<http://www.sabercultural.com/template/especiais/PalacioDeVersalhes.html>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESTÊS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcelos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EDWARD A. MURPHY. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikimedia Foundation*, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Edward A. Murphy&colid=55716875>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

FERRARI, Murillo. *Assassinatos de negros no Brasil crescem 11,5% entre 2008 e 2010*. CNNBRASIL. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/assassinatos-de-negros-no-brasil-crescem-11-5-entre-2008-e-2018/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

GONZÁLEZ, Rubén C. Lois; LÓPEZ, Lucrezia. *El Camí de Santiago*: una aproximació al seu caràcter polisèmic des de la geografia cultural i del turisme. *Documents d'anàlisi geogràfica*, v. 58, n. 3, p. 459-479, 2012.

IFCE FORTALEZA. *Memória e história do IFCE ganham acervo online*. 2019. Disponível em: <<https://ifce.edu.br/fortaleza/noticias/>>

[memorias-e-historia-do-ifce-ganham-acervo-on-line](#)>. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

IFCE MARACANAÛ 10 ANOS. *Entrevista de Renata Pereira*. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Uc1Ny63m5zE>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

ILHA DA MADEIRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikimedia Foundation*, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ilha_da_Madeira&oldid=63022954. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

JONER, Lais Perito Abel; AMBONI, Graziela. *Aspectos Psicossociais que Envolvem o Caminho de Santiago*. Inova Saúde, v. 10, n. 1, p. 17-40, 2020.

JUCÁ, S. C.; DA SILVA, J. F.; LEMOS, P. B. S.; ALVES, P. T. A., CAPISTRANO, J. G. G. *Plataforma com acervo progressivo de produtos educacionais e tecnológicos*. 2021. Disponível em <<https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Livro-Plataforma-Produtos-Educacionais-A5.pdf>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

JUCÁ, S. C. S.; SILVA, S. A.; ALVES, F. R. V.; LIMA, J. Q. *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*, vol. 2. 1.ed. Rio de Janeiro-RJ: Pod Editora, 2020. Disponível em: <<https://podeditora.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Livro-Narrativas-de-Si-vol-2-site.pdf>>

JUCÁ, S. C. S. *Memorial Descritivo*. Disponível em <<http://sanusb.org/ifce/memorialsandrojuca.pdf>>. 2020. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Campinas – SP. N. 19, jan fev mar abr. 2002. Trad. João Wanderley Geraldi.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PICO DO AREEIRO (MADEIRA). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikimedia Foundation*, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pico do Areeiro \(Madeira\)&oldid=62177969](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pico do Areeiro (Madeira)&oldid=62177969). Acesso em: 15 fevereiro de 2022.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p.200-215, 1992.

POMPEU. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: *Wikimedia Foundation*, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pompeu&oldid=62913920>. Acesso em: 17 fevereiro de 2022.

PPGER IFCE. *Parceria Internacional*: Universidad de Cádiz, Espanha, 2020. Disponível em <<http://ppger.ifce.edu.br/parceria-internacional-universidad-de-cadiz-espanha/>>. Acesso em 17 de julho de 2021.

PROMONTORY. In: WIKIPÉDIA, *The Free Encyclopedia*. *Wikimedia Foundation*, 2021. Available at: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Promontory&oldid=1050991438>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

SANUSB. Acervo Online: *Entre a História e a Memória do IFCE, 2019*. Disponível em <<http://ifce.sanusb.org/historia/>>. Acesso em 17 de julho de 2021.

SILVA, J. F. ;LIMA, J. Q.; JUCÁ, S. C. S. *Projetar*: Projeto Arquitetônico Auxiliado pela Realidade Aumentada. 1. ed. Fortaleza-CE: Editora: Próprio autor, 2020. Disponível em: <http://sanusb.org/arquivos/projetar.pdf>.

SILVA, D. N. Palácio de Versalhes. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/palacio->

[versalhes.htm#:~:text=Essa%20obra%20foi%20iniciada%20em,se%20em%20um%20pequeno%20pal%C3%A1cio.>](#). Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

TV CEARÁ. Programa Diálogo. *Entrevista de Sandro César sobre Tecnologia*. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yIw2mhyMio8>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

TV IFCE. *Entrevista sobre Plataforma WEB sobre Memórias on-line do IFCE*. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GbbRqk_AoM4>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

www.podeditora.com.br
contato@podeditora.com.br

2022